

Rudolf Steiner

O Evangelho segundo João

Considerações esotéricas
Sobre suas relações com os demais Evangelhos,
Especialmente com o Evangelho de Lucas

Catorze conferências proferidas em Kassel (Alemanha),
de 24 a 7 de julho de 1909

Tradução:

Jacira Cardoso
Prefácio de Marie Steiner

Passo a passo, Rudolf Steiner nos conduz a penetrar cada vez mais nos mistérios do cristianismo. O primeiro fundamento foi dado naquelas conferências sobre o Evangelho de João proferidas em Munique¹, Basileia² e Hamburgo³ e, depois, em Estocolmo.⁴ Para a estrutura daquelas conferências, pronunciadas sem base escrita, dois pontos foram avaliados: o nível de conhecimento já atingido por uma parte da platéia e a circunstancial consideração das premissas para o entendimento dos demais ouvintes.

Assim, também as presentes conferências devem ser vistas como algo surgido da colaboração viva entre doador e receptor. Elas estão condicionadas pelo momento histórico em que o Cristo vivente teve de ser reconquistado para a humanidade, bem como pela circunstância de a narração daquele portentoso acontecimento ter necessitado adaptar-se à possibilidade da gradativa compreensão dos homens em cujas almas haveria de consumir-se pela primeira vez essa conquista da consciência para, a partir de então, permear cada vez mais a consciência humana geral.

É nesse sentido que encontramos, nestas conferências, um amoroso aprofundamento nas bases formativas da compreensão – uma infra-estrutura que, por meio da Ciência Espiritual, nos leva a compreender o aspecto especificamente cristão. Nós somos conduzidos ao Mistério de Deus, do qual nascemos, e aprendemos a entender o que é a morte. Passamos a compreender o mistério da superação da morte pelo morrer em Cristo, e aprendemos a entender a vida. A Cruz Cósmica emersa das águas universais recebe, na Terra, uma realidade física e é embebida e transiluminada pelo sangue do Cristo, tornando-se um poderoso signo da Ressurreição. A Terra, que recebe a substância óssea e o sangue derramado do Cristo, transforma-se assim em seu corpo, num novo centro de radiação; a partir da atuação do feito do Cristo, é plasmado um envoltório espiritual radiante, um novo Sol: o Espírito Santo.

O conteúdo das conferências reproduzidas neste livro nos leva até o limiar desse mistério.

Um estremecimento percorre nossa alma, pois o que as especulações filosóficas mais avançadas, as dissertações teológicas mais sutis, com suas finas tramas mentais, não permitiram realizar – a transposição do tecido mental para a vida, para o ser, para a realidade espiritual – ocorre aqui com alguns golpes espirituais tão poderosos quanto a força de vôo da águia. O Sol nos é trazido para bem perto em sua essencialidade; nós vemos seu surgimento, sentimos sua atuação, somos elevados até ele; ele nos abrange, nós o penetramos, ele se nos torna como que palpável.

Por outro lado, há o suceder terrestre, tal como se desenrola – imagens da História: concílios, exigências autoritárias da Igreja, veneráveis patriarcas eclesiásticos com hábitos e barbas ondulantes, conflitos em torno de interpretações, separação dos príncipes da Igreja, a luta das várias concepções e do pensamento puro com as esferas estabelecidas da autoridade. Pai, Filho e Espírito Santo, os três aspectos do *Logos*, perdem paulatinamente sua vida original no âmbito da luta entre sofismas dialéticos.

¹ Quatro conferências (22/4 a 15/5/1907), cujo conteúdo anotado por ouvintes consta em *Aus der Bilderschrift der Apocalypse des Johannes*, GA-Nr. 104a (Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1991). (N.E.)

² *Das Johannes-Evangelium*, oito conferências (16-25/11/1907) em *Menschheits-entwicklung und Christus-Erkenntnis*, GA-Nr. 100 (2ª ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1981). (N.E.)

³ *Das Johannes-Evangelium*, doze conferências de 18 a 31/5/1908, GA-Nr. 103 2ªed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1995). (N.E.)

⁴ Sobre o tema constam conferências em 4/4 e de 7 a 21/7/1908 em Cristiânia (atual Oslo). Veja Hans Schmidt, *Das Vortragswerk Rudolf Steiners* (2ª ed. Dornach: Philosophisch-Anthroposophischer Verlag, 1978). (N.E.)

Surtem os dogmas apontando para a absoluta submissão e, em seu imediato cortejo, frios e cruéis resoluções conciliares, condenações de hereges, fogueiras. Fisionomias perspicazes, astutas, ávidas de poder, impassíveis lançam seu olhar de dentro do hábito e sob o chapéu cardinalício, ordenando, julgando e condenando. Ardem as chamas das fogueiras.

Ora, forças convincentes não residem nesses métodos. A corrente oposta não se deixa mais conter. Surge inicialmente o pensar puritano, depois o pensar racional, libertando-nos paulatinamente do dogma e até mesmo da fé, colocando-nos em seguida diante do antagonismo e finalmente diante do Nada.

Esse Nada contém o absurdo — e também a morte espiritual. A esta só se podia escapar caso, emergindo do Nada, se descobrisse o Tudo. Encontrá-lo só seria possível com aquelas forças anímicas a serem adquiridas de forma nova: com as forças do conhecimento, que não geram limites para si próprias.

Essas forças no seio da humanidade esperavam pelo aperfeiçoamento, pela orientação, pela educação; queriam não só subtrair-se ao dogma científico, mas também ao dogma eclesiástico, transformando a fé em saber. O limiar do século XX se tornou, para a humanidade, aquele grau limítrofe que leva a ultrapassar as fronteiras até agora estabelecidas para o conhecimento em direção ao domínio das novas possibilidades cognitivas.

Fronteiras são sempre guardadas, cercadas, litigadas. Por elas se luta com todos os meios. E não há exatamente meticulosidade no uso desses meios. Mas o Espírito da Época é poderoso, e quando os homens se lhe opõem, também ele escolhe fortes meios para romper a oposição.

Muita coisa indica que os comoventes acontecimentos pelos quais a humanidade teve de passar⁵ deram-lhe o impulso que rompeu a mais forte petulância. É fato que ainda existe oposição, comodidade intelectual e medo. Prefere-se antes entrar na insensibilidade do que no estado de alerta para a responsabilidade. Mas numa parte da humanidade se faz sentir, sem resistência, a vontade em direção ao conhecimento.

O que ainda permanece diante das forças cognitivas do homem, como denso véu, é seu intelecto. Na atividade pensante, tão ligada ao cérebro que este a usa como um aparelho refletor, espelha-se o conteúdo exterior do pensar, para daí ir novamente ao encontro do homem. Pode-se senti-lo como um ser próprio, mas ele possui apenas uma vida reflexa. Isto se torna claro à medida que se atinge o outro lado do espelho, lá onde a vida flui. Pode-se acompanhar o pensamento, deixando-se levar por ele. Chega-se então ao outro lado, atrás da alegoria refletida pela parede espelhada do cérebro. Usando-se das forças localizadas além deste, ilumina-se o pensar com o fogo espiritual que flui através do cerne eterno do homem, tornando-se a força de seu eu. A árvore do conhecimento é transformada em árvore da vida. A morte se transforma em agente despertador pela união com o Eu Divino. Nós captamos o indício que nos torna uma vivência consciente o fato de o morrer em Cristo se transformar em novo cintilar do vir-a-ser. A árvore da vida nos sussurra o mistério que quer inclinar-se em nossa direção de forma nova: aquele que, da urna do elemento físico, quer ressurgir em nós como nosso próprio ser pela força do Cristo para uma nova vida, é o mesmo Eu Divino que falou, da distância do espaço estelar, do fogo do Sol, do raio e do trovão dos elementos, do sangue santificado do Filho do Homem — é a vida sagrada, una, sob três aspectos: o do Verbo Criador, o do Verbo Redentor e Unificador e o do Verbo Atuante. Nós o perdemos e devemos captá-lo de novo; o conhecimento nos reconduziu a nós mesmos. Ao decifrar o Verbo Sagrado, nós vivenciamos a comunhão espiritual, o Cristo.

⁵ Primeira Guerra Mundial. (N.T.)

Este aspecto supremo, que pode ser dado à humanidade no ponto de retorno do caminho de seu destino – onde, ao redor de sua personalidade, lutam hostes espirituais –, chega-lhe na paulatina revelação do Evangelho de João. Daí, se erguem os degraus para aquele átrio da compreensão onde a vida interior ativada capta o ser no conhecimento.

Luz divina,
Cristo-Sol,
aquece nossos corações,
ilumina nossas cabeças,
para que seja bom
o que, a partir dos corações,
quisermos fundar;
e o que quisermos,
a partir das cabeças,
retamente conduzir. [Rudolf Steiner]

1 24 de junho de 1909

A anunciação do Mistério do Cristo

Numa grande parte da humanidade que aspirava a algo superior, ocorria, justamente neste dia do ano, a celebração de uma determinada festividade. E aqueles que aqui, nesta cidade, se denominam conosco amigos do movimento antroposófico, consideraram de certa importância que esta série de conferências pudesse iniciar-se justamente neste dia de São João. O dia do ano assim denominado era uma festividade já na antiga cultura persa. Celebrava-se então, num dia correspondente ao presente dia de junho, a festividade do chamado ‘Batismo pela água e pelo fogo’. Na antiga Roma se celebrava, num dia similar de junho, o Festival da Vesta, que era novamente uma festividade do batismo pelo fogo. E se retrocedermos à civilização européia antes do cristianismo, e àquelas épocas anteriores à sua divulgação, encontraremos novamente tal festa de junho, coincidindo com a época em que os dias se tornaram mais longos e as noites mais curtas, recomeçando os dias a diminuir e o Sol a perder, portanto, uma parte da força que irradia sobre todo crescimento e toda prosperidade da Terra.⁶ Aos olhos dos nossos antepassados europeus, esse festival correspondia a uma retirada e ao gradual desaparecimento do deus Baldur – que em suas mentes estava associado ao Sol. Na era cristã, esse mesmo festival de junho tornou-se gradualmente a festa de São João, o precursor do Cristo Jesus. Desta forma, pode igualmente ser o ponto de partida para as considerações a que nos dedicaremos, durante os próximos dias, sobre o mais importante de todos os acontecimentos na evolução da humanidade – o evento do Cristo Jesus. Assim, o assunto do presente ciclo de conferências será esse fato, sua importância para evolução da humanidade e como é apresentado primeiramente no mais significativo documento cristão – o Evangelho de João – e depois, em comparação com este, nos outros evangelhos.

O dia de São João nos lembra que essa suprema individualidade que participou da evolução da humanidade teve um precursor. Com isto, abordamos igualmente um importante ponto que devemos colocar também, qual uma espécie de precursor, como consideração no ponto de partida de nossas palestras. No decorrer da evolução humana repetem-se acontecimentos profundamente importantes, irradiando uma luz mais

⁶ O conferencista se refere ao Hemisfério Norte. (N.E.)

intensa que outros. De uma época para outra, vemos como tais acontecimentos essenciais são relevantes na História. E repetidamente nos é comunicada a existência de homens que, em certo sentido, podem sabê-los antes e anunciá-los. Com isto, fica simultaneamente esclarecido que esses acontecimentos não são arbitrários: quem vê em profundidade todo o sentido e todo o espírito da história da humanidade sabe como tais acontecimentos devem advir, e como ele próprio tem de fazer um trabalho preparatório para que possam ocorrer.

Durante os próximos dias, teremos freqüentemente a oportunidade de falar sobre o precursor do Cristo Jesus. Hoje, vamos considerá-lo do ponto de vista de sua pertinência aos que, em virtude de dons espirituais especiais, têm uma visão mais profunda do contexto da evolução humana e sabem que existem momentos eminentes dessa mesma evolução. Daí sua capacidade para preparar a vinda do Cristo Jesus. Mas, ao olharmos para o próprio Cristo Jesus a fim de chegar rapidamente ao principal assunto de nossas considerações, vemos claramente que a divisão cronológica das épocas anteriores e posteriores a seu aparecimento na Terra não é sem boa razão. Aderindo a esta divisão, uma grande parte da humanidade demonstra ser sensível ao significado incisivo do Mistério do Cristo. Porém, tudo o que é real e verdadeiro deve repetidamente ser proclamado de formas e maneiras novas, pois as necessidades da humanidade alteram-se de uma época para outra. Nossos tempos necessitam também, em certo sentido, de uma nova anunciação para o maior dos acontecimentos na história do homem; e é o propósito da Antroposofia ser esta anunciação.

Essa anunciação antroposófica do Mistério do Cristo é nova apenas no que respeita à sua forma: seu conteúdo, assunto destas conferências, foi ensinado durante séculos, em círculos íntimos, também em nossa civilização e nossa vida espiritual européias. A única diferença entre a presente anunciação e aquela anterior é que esta pode ser dirigida a um círculo mais lato. Os pequenos círculos onde estes ensinamentos foram ouvidos durante séculos reconheciam o mesmo símbolo que aqui está perante os Senhores – a Rosa-cruz. Este pode, portanto, tornar-se o símbolo da mesma anunciação, agora que ela se encaminha a um público mais amplo. Desejo agora descrever figurativamente os fundamentos sobre os quais esta anunciação rosa-cruz do Cristo Jesus se apoiava.

Os rosa-cruzes são uma comunidade que desde o século XIV cultivou um cristianismo genuinamente espiritual na esfera da vida espiritual européia. Essa Sociedade Rosa-cruz, que à parte de todas as formas históricas exteriores procurou revelar a seus adeptos as verdades mais profundas da cristandade, sempre os chamou também de ‘cristãos joanitas’. A compreensão desta expressão ‘cristãos joanitas’ nos permitirá, ainda que não seja explicar com nosso intelecto, pelo menos absorver com nossa aspiração o espírito e o conteúdo das conferências seguintes.

Todos conhecem as primeiras palavras do Evangelho de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus.”

O Verbo ou *Logos* estava, pois, no princípio com Deus. E é dito ainda que a Luz irradiava na escuridão, mas a escuridão não a compreendia; e essa Luz estava no mundo e entre os homens, mas destes apenas poucos eram capazes de compreendê-la. Então apareceu o Verbo em carne como homem – num homem cujo precursor foi João Batista. E agora vemos como aqueles que, até certo ponto, haviam compreendido o significado desta aparição do Cristo sobre a Terra, estão-se esforçando agora para esclarecer a natureza real do Cristo; como o autor do Evangelho de João indica, sem qualquer dúvida, que a entidade mais profunda vivente em Jesus de Nazaré não era outra senão aquela da qual se originaram todos os outros seres à nossa volta; era *o Espírito vivo, o Verbo vivo, o próprio Logos*.

Mas também os outros evangelistas se esforçaram, cada qual à sua maneira, para descrever o que realmente surgiu em Jesus de Nazaré. O autor do Evangelho de Lucas, por exemplo, tenta explicar como algo muito especial apareceu quando, pelo batismo do Cristo Jesus por João Batista, o Espírito se uniu ao corpo de Jesus de Nazaré. O mesmo escritor continua demonstrando como Jesus de Nazaré é um descendente de uma linha de antepassados que remonta muito longe. Aí nos é relatado que a árvore genealógica de Jesus de Nazaré se estende de Davi a Abraão, a Adão e mesmo ao próprio Deus. Vemos, claramente indicado, que Jesus de Nazaré era o filho de José; José era o filho de Eli; a seguir: o qual era filho de Davi – e mais adiante: o qual era filho de Adão, e Adão era filho de Deus! Isto quer dizer que o autor do Evangelho de Lucas dá ênfase especial ao fato de que de Jesus de Nazaré, sobre o qual desceu o Espírito no batismo por João, pode ser seguida uma linha direta de ascendência até Aquele que ele denomina o Pai de Adão – Deus. Estes fatos devem ser tomados de maneira absolutamente literal.

No Evangelho de Mateus faz-se a tentativa de conduzir a ascendência de Jesus de Nazaré até Abraão, a quem o próprio Deus se revelou.

Por isto, e também por muitos outros aspectos, por muitas palavras que podemos encontrar nos Evangelhos, a individualidade portadora do Cristo – e todo o advento do Cristo – representa não só um dos maiores, mas o maior fenômeno da evolução da humanidade. Com isso fica incondicionalmente expresso o que pode ser traduzido, por simples palavras, da seguinte forma: – Se o Cristo Jesus era visto, por aqueles que pressentiam sua grandiosidade, como a figura mais importante da humanidade na Terra, tem de existir uma ligação entre esse mesmo Cristo Jesus e o que há de mais sagrado, mais íntimo no próprio homem. Tem de existir dentro do próprio homem algo que corresponda diretamente ao acontecimento do Cristo. Se o Cristo Jesus, como é relatado nos Evangelhos, representa realmente o maior acontecimento na evolução da humanidade, não deverá então existir em todas as coisas, bem como em cada alma humana, um elo de união com o Cristo Jesus?

Na verdade, o ponto mais importante e essencial aos olhos dos cristãos joanitas das comunidades rosa-cruzes era precisamente o fato de existir em cada alma humana aquilo que diz respeito e está ligado aos acontecimentos ocorridos na Palestina por meio do Cristo Jesus. E se o Cristo pode ser considerado o acontecimento supremo da humanidade, *aquilo que na alma humana corresponde ao evento Crístico* tem de ser a característica suprema do homem. O que poderá ser isso? A resposta dos discípulos dos rosa-cruzes a esta pergunta era que toda alma humana está aberta a uma experiência expressa nas palavras ‘despertar’, ‘renascimento’ ou ‘iniciação’. Veremos o que querem dizer tais palavras.

Quando olhamos, à nossa volta, para as várias coisas que nossos olhos vêem e nossas mãos tocam, observamos como elas surgem e se decompõem. Vemos como as flores desabrocham e murcham, como toda a vegetação do ano ganha vida e depois morre. E apesar de haver no mundo coisas como montanhas e rochas, aparentemente desafiando os tempos, o provérbio “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” sugere à alma humana um pressentimento de que as rochas e montanhas, em toda a sua majestade, estão sujeitas às leis do mundo temporal. O homem sabe: tudo o que se forma a partir dos elementos cresce e se desfaz, e isto diz respeito não só à sua corporalidade, mas também ao seu próprio ‘eu temporal’. No entanto, os que sabem como se pode alcançar um mundo espiritual também estão conscientes de que, apesar de os olhos, ouvidos e todos os outros sentidos não servirem para tal fim, o homem pode, no entanto, entrar no mundo espiritual pelo despertar, pelo renascimento ou iniciação. E o que é que renasce?

Ao olhar para seu próprio íntimo, o homem chega finalmente à conclusão: “O que encontro em meu íntimo é aquilo que chamo de ‘eu’.” Esse eu é distinto, já por seu próprio nome, das coisas do mundo exterior. Toda coisa exterior pode ter um nome comum: a mesa todos podem chamar de ‘mesa’, o relógio de ‘relógio’. A palavra ‘eu’, no entanto, nunca pode soar aos nossos ouvidos referindo-se a nós próprios, pois ‘eu’ só pode ser proferido no íntimo. Para todos os outros seres, nós somos um ‘tu’. Já por isso o homem é capaz de distinguir entre esta entidade-eu e todo o resto existente nele e ao seu redor.

Porém, a isto se acrescenta algo que os pesquisadores espirituais de todos os tempos frisaram repetidamente, de suas próprias experiências em prol da humanidade: dentro desse eu nasce um outro eu, um Eu Superior, tal como a criança da mãe.

Considerando o ser humano conforme se nos apresenta em vida, vemo-lo primeiro como uma criança desajeitada a olhar as coisas no mundo à sua volta; vemos como gradualmente ele aprende a compreender as coisas e vai despertando em sua inteligência; como sua vontade e seu intelecto crescem, e como ele aumenta em força e energia. Mas há indivíduos que avançam igualmente em outro sentido: atingem um desenvolvimento superior, além do normal, chegando a encontrar como que um ‘segundo eu’, que diz ‘tu’ ao primeiro da mesma forma como o eu normal diz ‘tu’ ao mundo exterior e ao seu próprio corpo.

Assim, esse ideal colocado diante da alma humana pode tornar-se realidade para os que, seguindo as instruções do pesquisador espiritual, dizem a si próprios: “O eu de que tive conhecimento até agora participa do mundo exterior e desaparece com ele. Porém, um *segundo eu* dormita em mim – um eu do qual os homens não têm consciência mas podem vir a ter – um eu que está unido ao eterno da mesma forma como o primeiro está ligado ao transitório e temporal.” Com o renascimento, o Eu Superior pode olhar para dentro de um mundo espiritual tal como o eu inferior pode penetrar no mundo sensorial por meio dos sentidos. Este assim chamado despertar, renascimento ou iniciação é o acontecimento supremo para a alma humana, também do ponto de vista dos chamados seguidores da Rosa-cruz. Eles sabiam que a esse renascimento do Eu Superior, que olha para o eu inferior tal como o homem olha para o mundo exterior, tem de estar ligado o evento do Cristo Jesus. Isto significa que assim como o homem individual pode viver a experiência do renascimento no decurso de sua evolução, o Cristo Jesus trouxe um novo renascimento para toda a humanidade. O que, para o homem individual, se realiza como um acontecimento místico-espiritual íntimo ao nascer seu Eu Superior, foi cumprido para toda a humanidade, como um fato histórico do mundo exterior, por intermédio do Cristo Jesus na Palestina.

Como se apresentou esse acontecimento, por exemplo, a alguém como o escritor do Evangelho de Lucas? Ele poderia dizer a si próprio: a genealogia de Jesus de Nazaré estende-se a Adão e ao próprio Deus. A humanidade que hoje existe desceu outrora de alturas divino-espirituais para habitar o corpo humano físico; ela nasceu do Espírito – estava outrora com Deus. Adão foi aquele que se deixou conduzir das alturas espirituais para a matéria; ele é, neste sentido, o *Filho de Deus*. Houve, pois, outrora – segundo o autor do Evangelho de Lucas – um reino espiritual divino que se adensou, por assim dizer, formando o reino terrestre transitório: surgiu Adão. Ele era a imagem terrestre do Filho de Deus; dele descende todo homem que habita um corpo físico. E em Jesus de Nazaré viveu, de uma maneira especial, não só algo que vive em todo e qualquer homem – nele vive algo que só poderá ser encontrado em sua verdadeira natureza se estivermos cômnicos de que a parte essencial do homem descende do Divino. Em Jesus de Nazaré ainda há algo evidente desta origem divina. Por isso o escritor do Evangelho de Lucas sente-se compelido a dizer: “Olhai para aquele que foi batizado por João. Ele traz

características especiais da fonte divina da qual descende Adão. Esta fonte divina pode renovar-se nele. Tal como o ser divino desceu até a matéria e, como divindade, integrou-se na raça humana, assim ele reaparece agora. A humanidade pôde renascer, em sua natureza mais íntima, divina, em Jesus de Nazaré!” O escritor do Evangelho de Lucas queria dizer o seguinte: se seguirmos a ascendência de Jesus de Nazaré até sua origem, reencontraremos nele a origem divina e os atributos do Filho de Deus, numa forma renovada e em maior grandeza do que a humanidade poderia possuir até então.

O escritor do Evangelho de João realçou ainda mais nitidamente que algo divino vive no homem, manifestando-se em sua forma suprema como Deus ou o próprio *Logos*. Deus, que por assim dizer havia sido enterrado na matéria, renasce como Deus em Jesus de Nazaré: eis o significado pretendido pelos escritores ao prefaciarem seus Evangelhos.

E os que pretendiam continuar a sabedoria dos Evangelhos – os cristãos joanitas –, o que diziam? Diziam o seguinte: – Para cada homem individual existe um grande, um portentoso acontecimento que pode ser denominado renascimento do Eu Superior. Assim como a criança nasce de sua mãe, também o Eu Divino nasce do homem. A iniciação, o despertar é possível, e uma vez consumado – assim diziam os entendidos –, passam a ter importância coisas diferentes das que tinham antes. O que se torna importante será evidenciado por uma comparação:

Suponhamos termos diante de nós um homem na casa dos setenta anos – porém um homem iniciado que tenha recebido seu Eu Superior; e imaginemos que tenha vivenciado o renascimento, o acordar de seu Eu Superior aos quarenta anos. Quem pretendesse escrever sobre sua vida nessa ocasião teria podido dizer: “Aqui está um homem em quem nasceu o Eu Superior. Ele é o mesmo que conheci em determinada situação há cinco anos e em outra há dez anos!” E se ele quisesse mostrar-nos a identidade deste homem com referência ao ponto de partida especial que fora seu nascimento, os quarenta anos iniciais de sua existência física seriam pesquisados e descritos segundo a Ciência Espiritual. Aos quarenta anos, contudo, nasceu nesse homem um Eu Superior, que desde então irradia sua luz sobre todas as circunstâncias da vida. Esse é agora um novo homem. O que antecede este acontecimento é agora menos importante; estamos sobretudo empenhados em saber como o Eu Superior cresce e se desenvolve de ano para ano. Na altura do septuagésimo ano desse homem, deveríamos informar-nos sobre qual teria sido o percurso *de seu Eu Superior* dos quarenta aos setenta anos de idade. E para nós seria importante ser o verdadeiro Eu Superior esse que se nos apresenta aos setenta anos, se realmente reconhecêssemos nele aquele nascido na alma desse homem aos quarenta anos de idade.

Assim procediam os escritores dos Evangelhos, e igualmente os cristãos joanitas adeptos da Rosa-cruz, com relação ao ser que denominamos Cristo Jesus.

Os evangelistas empenharam-se primeiramente em demonstrar que o Cristo Jesus provém do Espírito original do mundo, ou seja, do próprio Deus. A divindade até então oculta em todos os homens manifesta-se proeminentemente no Cristo Jesus. Trata-se do mesmo Deus que em João se afirma ter estado presente no início. E foi o objetivo dos evangelistas mostrar que aquele Deus, e nenhum outro, estava em Jesus de Nazaré. Contudo, aqueles cuja missão foi continuar a sabedoria de todos os tempos, mesmo até nossa época, estavam empenhados em mostrar como o Eu Superior da humanidade, o Espírito Divino da humanidade, nascido em Jesus de Nazaré pelos acontecimentos na Palestina, permaneceu o mesmo e foi preservado por todos os que na verdade o compreendiam.

Como no caso descrito acima, em que o Eu Superior nasceu num homem aos seus quarenta anos, os evangelistas descreveram o Deus no homem até os acontecimentos na Palestina: como esse Deus se desenvolveu, como renasceu e assim por diante. Os

continuadores dos evangelistas, contudo, tiveram de mostrar que os acontecimentos assim descritos tratavam do renascimento do Eu Superior, e que de então para cá apenas nos interessa o aspecto espiritual, que agora irradia luz sobre todo o resto. Os cristãos joanitas, cujo símbolo era a Rosa-cruz, diziam o seguinte: foi precisamente aquilo que renasceu como o mistério do Eu Superior da humanidade que se preservou intacto. Esse mistério foi preservado por aquela comunidade restrita que teve início no movimento Rosa-cruz. Essa comunidade é simbolicamente relatada na lenda do cálice sagrado denominado ‘Santo Graal’, do qual Cristo Jesus comeu e bebeu e no qual o sangue que jorrou de suas feridas foi recolhido por José de Arimatéia. Esse cálice, segundo se diz, foi trazido por anjos para a Europa. Foi-lhe construído um templo, e os rosa-cruzes tornaram-se os guardiães de seu conteúdo – daquilo que constituía a verdadeira essência do Deus renascido. O mistério de Deus renascido reinava na humanidade: eis o mistério do Santo Graal. Esse é um mistério apresentado como um novo Evangelho, e do qual se diz: “Elevemos o olhar para o sábio escritor do Evangelho de João, que pôde dizer: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.’ O mesmo que estava no princípio com Deus renasceu naquele que vimos sofrer e morrer no Gólgota, e que ressuscitou.” Essa continuidade do Princípio Divino através de todos os tempos e sua ressurreição é o que quis descrever o autor do Evangelho de João. Porém todos os narradores destes fatos sabiam: o que existia desde o princípio havia sido preservado.

No princípio era o mistério do Eu Superior humano; este foi mantido no Graal e ao Graal permaneceu unido; e no Graal vive o Eu que está unido ao eterno e imortal, assim como o eu inferior está unido ao transitório e mortal. Quem conhece o mistério do Santo Graal sabe que do lenho da cruz surge a essência da vida, o Eu imortal simbolizado pelas rosas na madeira escura. Desta forma o mistério da Rosa-cruz pode ser visto como uma continuação do Evangelho de João, e nesta conformidade podemos realmente dizer as seguintes palavras:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram criadas por Ele, e nada foi criado sem Ele. Nele estava a Vida, e a Vida era a Luz dos homens. E a Luz irradiou na escuridão, mas a escuridão não a compreendeu.

Apenas alguns, nos quais vivia algo não nascido da carne, compreendiam a Luz que irradiava na escuridão. Então, a Luz se tornou carne e viveu entre os homens na forma de Jesus de Nazaré.

Ora, no sentido do Evangelho de João se poderia dizer: – E no Cristo que viveu em Jesus de Nazaré estava o Eu Superior Divino de toda a humanidade, do Deus renascido, que se tornou terreno em Adão, criado à sua imagem. Esse Eu humano renascido teve continuidade como um mistério sagrado; foi preservado sob o símbolo da Rosa-cruz, e é anunciado hoje como o mistério do Santo Graal, como a Rosa-cruz.

O Eu Superior, que pode nascer em toda alma humana, provém do renascimento do Eu Divino na evolução da humanidade por meio do acontecimento da Palestina. Tal como o Eu Superior nasce em todo ser humano, o Eu Superior de todos os homens, o Eu Divino, nasceu na Palestina. Isto foi preservado e mais desenvolvido por aquilo que se oculta no símbolo da Rosa-cruz. Porém, ao considerarmos a evolução humana não vemos apenas este grande acontecimento, o renascimento do Eu Superior: há uma quantidade de acontecimentos menores.

Antes de a alma poder elevar-se a esta experiência sublime (o nascimento do Eu imortal dentro do mortal), certas etapas preliminares, de profunda natureza, devem ser percorridas. O homem deve preparar-se de muitas e múltiplas maneiras. E após esta grande experiência, que lhe permite dizer “Agora sinto algo dentro de mim; estou ciente

de que algo em mim baixa o olhar para o meu eu habitual do mesmo modo como meu eu habitual baixa o olhar para os objetos sensíveis. Agora sou um segundo ser dentro do primeiro; elevei-me às regiões onde estou unido aos seres divinos”, depois disso existem outras etapas diferentes e superiores às preliminares, e que devem ser atravessadas.

Temos, assim, o grande e único acontecimento do nascimento do Eu Superior em cada homem individual, mas também um nascimento similar para toda a humanidade – o renascimento do Eu Divino. Para isso existem os passos preparatórios, e outros que devem suceder-se a esse acontecimento decisivo. A partir do evento Crístico vemos, em retrospectão, os passos preliminares. Vemos outros grandes acontecimentos na evolução humana. Vemos como o evento do Cristo se aproximou gradualmente, e como disse Lucas: “No princípio havia um Deus, um ser espiritual nas alturas espirituais. Ele desceu ao mundo material e tornou-se homem, tornou-se humanidade.” Podia-se perceber facilmente a origem divina do homem, mas o próprio Deus não podia ser visto quando a evolução humana era olhada meramente com olhos físicos. Deus estava, por assim dizer, por detrás do mundo físico-terrestre; e aí o viam apenas os que sabiam onde Ele estava e podiam ver seus reinos.

Retrocedamos à primeira civilização após uma grande catástrofe – à civilização primordial da Índia. Aí encontramos sete grandes e santos mestres, conhecidos como os Santos *Rishis*. Eles apontavam, no alto, um ser superior do qual diziam: “Com toda a nossa sabedoria, podemos apenas pressentir—mas não conseguimos ver esse ser sublime!” Os sete Santos *Rishis* viam muito; no entanto esse ser elevado, a quem chamavam *Vishva Karman*, situava-se além de sua esfera. Esse ser realmente preenchia o mundo espiritual, mas localizava-se além do alcance da visão clarividente daquela época. Então veio o período de civilização conhecido pelo nome de seu grande iniciador Zaratustra. Aqueles a quem teve por missão dirigir, Zaratustra disse: “Quando os olhos clarividentes se fixam nas coisas do mundo – os minerais, as plantas, os animais e o homem –, vêem diversos seres espirituais em todas as coisas. Mas o ser espiritual a quem o homem deve sua própria existência e que, em tempos vindouros, deverá viver na mais íntima natureza do homem – esse ser ainda não pode ser visto quando se olha para as coisas do mundo, seja com olhos físicos ou clarividentes.” Mas quando elevava ao Sol seu olhar espiritual, Zaratustra não via apenas o Sol. Dizia que, assim como a aura do homem pode ser vista envolvendo-o, também a grande aura solar, *Ahura Mazdao*, pode ser vista no Sol. E foi a grande aura do Sol que produziu o homem de uma forma a ser descrita mais adiante. O homem é a imagem do Espírito do Sol, *Ahura Mazdao*, mas *Ahura Mazdao* ainda não habitava na Terra.

Chega então a época em que, em sua visão clarividente, o homem começa a ver *Ahura Mazdao* em seu ambiente terrestre. Iniciou-se o grande momento de ocorrer o que ainda não fora possível na época de Zaratustra. Nos trovões e relâmpagos terrestres não viam os olhos clarividentes de Zaratustra o grande Espírito do Sol, *Ahura Mazdao*, o arquétipo da humanidade; mas quando se voltava para o Sol, lá via ele *Ahura Mazdao*.

Tendo Zaratustra encontrado em Moisés seu sucessor, os olhos clarividentes de Moisés se abriram e ele pôde ver, na sarça ardente e no fogo do Sinai, aquele Espírito que se proclamou o *ejuh asher ejeh*, o “Eu sou aquele que era, que é e que será”, Javé ou Jeová. Que havia acontecido?

Desde os tempos pré-históricos, desde a aparição de Zaratustra e antes de Moisés surgir entre os homens, o Espírito que anteriormente só habitava no Sol havia-se dirigido a Terra. Luziu na sarça ardente e no fogo do Sinai; estava nos elementos terrestres. Algum tempo depois, o Espírito que os Santos *Rishis* pressentiram mas não puderam ver em estado de clarividência – o Espírito que Zaratustra procurou no Sol, que se proclamou a Moisés no trovão e no relâmpago –, o mesmo aparecia sob forma humana

em Jesus de Nazaré. Assim foi o curso da evolução: do mundo cósmico ele desceu primeiro para os elementos físicos, em seguida para um corpo humano; o Eu Divino, do qual o homem emergiu e ao qual o escritor do Evangelho de Lucas atribui a ascendência de Jesus de Nazaré, voltava a nascer. Com isto se consumava o acontecimento sublime do renascimento de Deus no homem.

Rememoremos as etapas preparatórias que a humanidade igualmente atravessou. Os antigos guias que participavam do progresso geral da humanidade também estiveram sujeitos a passos preliminares, até que um deles avançou o suficiente para tornar-se o portador do Cristo. Vemos assim como a evolução da humanidade se apresenta a uma observação espiritual.

E há ainda outro fato importante. O ser venerado pelos Santos *Rishis* como *Vishva Karman*, por Zaratustra como *Ahura Mazdao* do Sol, por Moisés como *ejeher asher ejeher*, apareceu num determinado homem, Jesus de Nazaré, na limitada condição humana terrestre. Mas antes de chegar ao ponto em que esse ser sublime pudesse habitar um homem como Jesus de Nazaré, múltiplas preparações foram necessárias. Neste sentido, o próprio Jesus de Nazaré teve de elevar-se a um alto grau de evolução. Um homem qualquer não poderia ser o portador do ser que descia à Terra da forma descrita.

Ora, nós que nos acercamos da Ciência Espiritual conhecemos a realidade da reencarnação. Devemos, assim, dizer que Jesus de Nazaré – e não o Cristo – havia passado por muitas encarnações e suportara muitas provas em tempos anteriores, antes de poder vir a ser Jesus de Nazaré. Em outras palavras, Jesus de Nazaré teve de tornar-se um alto iniciado antes de poder receber o Cristo.

Quando nasce um alto iniciado, como se distinguem seu nascimento e sua vida subsequente do nascimento e da vida subsequente de um homem comum? De um modo geral, podemos assumir que, ao nascer, o homem está formado, ao menos aproximadamente, a partir dos resultados de uma encarnação anterior. Com o iniciado, contudo, não é isso o que ocorre. O iniciado não poderia ser um guia de homens se sua vida interior apenas se adaptasse às circunstâncias exteriores. O homem deve constituir seu exterior de acordo com as circunstâncias à sua volta. Quando nasce um iniciado, em seu corpo tem de penetrar uma alma elevada, que tenha tido grandes experiências no mundo em vidas anteriores. De tais homens se diz que seu nascimento se dá em circunstâncias diferentes do que sucede com outros homens. Por que e como?

Já abordamos a razão dessa diferença: porque um Eu abrangente, um Eu que vivenciou coisas extraordinárias, une-se ao corpo; no entanto este não consegue conter, nos primeiros tempos, o ser espiritual que procura encarnar nele. Assim, quando um alto iniciado desce para um corpo mortal, necessariamente o Eu que se reencarna transcende a forma física para além do que seria o caso num homem comum. Enquanto a forma física de um ser humano comum pouco após o nascimento se parece e corresponde à forma espiritual ou aura humana, a aura do iniciado que se reencarna é irradiante. Ela é a parte espiritual que anuncia haver aqui algo mais do que é visto no sentido comum. O que anuncia ela? Que, além do nascimento de uma criança no mundo físico, teve lugar um acontecimento no mundo espiritual! Esse é o significado das lendas ligadas à reencarnação de todos os iniciados: não é apenas uma criança que nasce no corpo físico – também nas regiões espirituais nasce algo que não pode ser abrangido pelo que está nascendo lá na Terra! Mas quem reconhece isto? Apenas aqueles cujos olhos são clarividentes e abertos ao mundo espiritual. Por isso nos é relatado que, ao nascer o Buda, um iniciado reconheceu estar ocorrendo um acontecimento mais importante que o nascimento de um homem. E por isso nos é relatado de Jesus de Nazaré que sua vinda foi, em primeiro lugar, prenunciada pelo Batista.

Quem possui a visão do mundo espiritual sabe do advento e do renascimento de um iniciado, e que isso constitui um acontecimento no mundo espiritual. Assim o sabiam os três reis do Oriente que trouxeram oferendas pelo nascimento de Jesus de Nazaré; e o mesmo foi expresso pelas palavras do sacerdote iniciado no templo⁷: “Agora posso morrer contente, pois meus olhos viram Aquele que será a salvação dos homens!”

Vemos, pois, ser necessária aqui uma clara distinção. Temos um alto iniciado renascido em Jesus de Nazaré, de cujo nascimento deve ser dito: — Uma criança nasceu. Com essa criança surge algo que não pode ser abrangido por seu corpo físico! — E com esse Jesus de Nazaré temos igualmente, no mundo espiritual, algo significativo que gradualmente desenvolve o corpo até o ponto de este se tornar apto para esse Espírito. Atingido tal ponto, acontece que João Batista se aproxima de Jesus de Nazaré e um Espírito superior desce, unindo-se a este último: é quando o Cristo penetra em Jesus de Nazaré. É então que João Batista, como precursor de Jesus Cristo, pode dizer: “Eu vim ao mundo e fui aquele que preparou o caminho para um ser superior. Com minha boca exterior anunciei que o Reino de Deus, o Reino dos Céus está próximo, e que os homens devem modificar sua atitude interior. Vim para o meio dos homens e pude dizer-lhes que um novo impulso entrará na humanidade. Tal como na primavera o Sol sobe mais alto nos céus proclamando o nascimento de algo novo, assim eu venho proclamar aquilo que está germinando como o Eu renascido da humanidade!”

Quando o caráter humano em Jesus de Nazaré atingiu seu ápice e seu corpo se tornou a expressão de seu espírito, estava ele também pronto a receber o Cristo pelo Batismo de João. Seu corpo estava tão desenvolvido quanto o Sol irradiante no dia de São João, em junho. Isto fora profetizado. O Espírito deveria nascer da escuridão tal como o Sol aumenta em força e cresce até o dia de São João para, em seguida, começar a diminuir.⁸ Esta foi a missão de João Batista: anunciar como o Sol ascende com esplendor cada vez maior até o momento em que ele, João Batista, pode dizer: “Aquele que os antigos profetas anunciaram — aquele que foi denominado pelos Reinos Espirituais como seu Filho — ele apareceu!” Foi até este ponto que João Batista atuou. Mas quando os dias se tornam mais curtos e a escuridão de novo aumenta, por meio de preparações a luz espiritual interior deve reluzir e tornar-se cada vez mais brilhante, tal como o Cristo reluz em Jesus de Nazaré.

Assim observou João a vinda de Jesus de Nazaré, cujo crescimento ele sentiu como seu próprio decréscimo e como o aumento do Sol. “Agora decrescerei”, disse ele — tal como o Sol diminui após o dia de São João —; “mas ele, o Sol Espiritual, crescerá e sua luz irradiará da escuridão!” Assim falou ele de si próprio. Assim se iniciou o renascimento do Eu da humanidade, do qual depende o renascimento de cada Eu Superior individual.

Com isto está caracterizado o importante acontecimento na evolução do homem individual: o renascimento do ser imortal que pode originar-se do eu habitual. Este fato está ligado ao maior de todos os acontecimentos, o evento do Cristo, ao qual dedicaremos as próximas conferências.

21 25 de junho de 1909

Jesus de Nazaré e o advento do Cristo

⁷ Simeão, o homem justo e piedoso que, segundo Lucas, veio ao templo de Jerusalém por ocasião da apresentação do menino Jesus por seus pais. (N.T.)

⁸ Trata-se aqui do solstício de verão no Hemisfério Norte, no mês de junho. (N.E.)

Quando se fala sobre um tema como este do ponto de vista da Ciência Espiritual, não se pode utilizar como base qualquer documento surgido no decorrer da evolução da humanidade com o fim de, sob a autoridade dessa prova escrita, trazer luz sobre fatos decorridos. Isto não acontece na Ciência Espiritual. Pelo contrário, esta investiga os fatos e ocorrências da evolução do homem independentemente de quaisquer documentos; o pesquisador espiritual não consulta dados documentados antes de haver investigado e verdadeiramente saber descrever os fatos em questão por meios independentes de documentos ou tradições. Se recorrer a dados documentados, será para examinar se estes coincidem com o resultado de sua investigação independente. Portanto, estas conferências não conterão qualquer declaração, sobre qualquer acontecimento, baseada apenas em evidência bíblica – ou seja, nos quatro Evangelhos –, e sim em resultados de pesquisa espiritual independente de todos eles. Porém em todas as oportunidades se indicará o fato de tudo o que pode ser constatado e observado pelo investigador espiritual estar reproduzido nos Evangelhos, em especial no Evangelho de João.

Há uma expressão notável do grande místico Jakob Boehme – expressão que só surpreende os que estão fora do âmbito Ciência Espiritual. Jakob Boehme chamou a atenção por falar das eras passadas da evolução humana (por exemplo, da personalidade de Adão) como experiências a que estivesse intimamente associado. Diz ele: “Alguém poderia perguntar: “Então você estava presente quando Adão viveu na Terra?” ‘Sem dúvida estava!’, seria minha resposta.” Essa é uma expressão notável – pois a Ciência Espiritual está realmente em posição de observar uma ocorrência do passado, por mais remota que seja, com os olhos do espírito. Eu gostaria de indicar em linhas gerais, na introdução, como isto vem a acontecer.

Tudo o que acontece no mundo físico-sensorial tem sua contra-imagem no mundo espiritual. Quando se move uma mão, ocorre não só seu movimento visto pelos olhos. Atrás da mão em movimento e de sua imagem está, por exemplo, meu pensamento e minha vontade: a mão deve mover-se. Algo de espiritual sucede por trás. Enquanto a impressão visual do movimento desaparece, a contra-imagem espiritual permanece gravada no mundo espiritual e deixa infalivelmente um rastro – de tal forma que, quando se nos abrem os olhos espirituais, podemos seguir os rastros remanescentes de suas contra-imagens espirituais. Nada pode acontecer no mundo sem deixar esses sinais.

Suponhamos que o pesquisador espiritual lance um olhar retrospectivo aos dias de Carlos Magno, aos tempos romanos ou ainda à Grécia antiga. Tudo o que aconteceu nessas eras está preservado no mundo espiritual pelos rastros deixados por seus protótipos espirituais, podendo aí ser observado. Essa observação chama-se ‘ler na Crônica do Akasha’. Tal escritura viva existe realmente, e pode ser vista com os olhos espirituais. Assim, quando o investigador espiritual descreve os acontecimentos da Palestina ou as observações de Zaratustra, suas descrições não provêm da Bíblia ou do *Gathas*; ele descreve o que conseguiu ler na Crônica do Akasha. Depois de haver concluído sua investigação oculta, ele volta aos documentos tradicionais – no caso presente, aos Evangelhos – e constata se estes confirmam seus resultados. A posição da pesquisa espiritual em relação aos documentos tradicionais é, pois, de total independência, e por tal razão essa pesquisa se torna competente para julgar tais documentos sob todos os aspectos. E quando encontramos nos documentos tradicionais os mesmos fatos que estamos em condições de acompanhar na Crônica do Akasha, esta coincidência prova-nos que esses documentos são verdadeiros – e mais ainda: que seu autor também podia ler na Crônica do Akasha. Muitos dos documentos religiosos e outros da humanidade são reconstruídos desta forma pela Ciência Espiritual. Ilustremos agora este fato baseados num capítulo especial da evolução humana, nomeadamente no Evangelho de João e em sua relação com os outros Evangelhos. Os Senhores não devem

imaginar, no entanto, que a Crônica do Akasha – essa história espiritual que se abre aos olhos do clarividente – seja como um texto da vida comum. Ela é como uma escritura viva, e tentaremos ilustrar isso com o seguinte exemplo:

Suponhamos que o clarividente retroceda, digamos, aos tempos de Júlio César. Os atos de César, no tocante ao plano físico, foram presenciados pelos seus contemporâneos. Todo ato deixou sua marca na Crônica do Akasha, e quando o clarividente olha retrospectivamente é como se uma sombra espiritual ou arquétipo dos atos estivesse presente. Pensem no movimento da mão. A imagem visual não pode ser captada pelo clarividente, mas a intenção de mover a mão, as forças invisíveis que produziram o movimento, podem sempre ser vistas por ele. Da mesma forma, tudo o que viveu nos pensamentos de César torna-se visível, fosse sua intenção a de tomar uma certa medida ou de conduzir uma determinada batalha. Tudo o que seus contemporâneos presenciaram originou-se de seu impulso volitivo e efetivou-se pela ação de forças invisíveis situadas atrás da imagem visível. Mas o que está atrás das imagens visíveis é realmente como o verdadeiro César, vivendo e movimentando-se – é como uma imagem espiritual de César, visível ao clarividente na Crônica do Akasha. Ora, alguém pouco experiente nestes assuntos poderá objetar: “Quanto à sua narrativa dos tempos antigos, parece-nos pura fantasia, pois seu conhecimento dos atos de César provém da História, e sua imaginação fértil o faz acreditar ver uma espécie de imagens Akasha invisíveis.” No entanto, quem está familiarizado com tais coisas sabe que quanto menos o clarividente souber, pela História exterior, sobre o assunto das suas investigações, mais fácil se lhe tornará a leitura da Crônica do Akasha. A História exterior e seu conhecimento é justamente um obstáculo à investigação oculta. Quando atingimos uma certa idade, ficamos sob influência da cultura de nossa época. O clarividente também traz consigo a educação de seus dias, até o ponto em que lhe nasce o eu clarividente. Ele estudou História, tendo também obtido conhecimentos tal qual lhe foram fornecidos pela Geologia, Biologia, História da Civilização e Arqueologia. Na realidade, tudo isto perturba sua visão e poderá influenciá-lo quando da leitura na Crônica do Akasha. Na História exterior não pode ser esperada a mesma objetividade e certeza possível na decifração da Crônica do Akasha. Pensem em que condições um fato ou outro se torna ‘histórico’. Certos documentos relacionados com um determinado acontecimento foram preservados, enquanto outros – talvez os mais importantes – terão desaparecido. Um exemplo mostrará quão incerta pode ser a História.

Entre os muitos ensaios poéticos deixados por Göethe, e que são um lindo complemento à grande obra que ele nos legou em forma acabada, existe um poema fragmentado sobre Nausícaa. Porém existem apenas alguns esboços demonstrando como ele tencionava completar esse poema. Ele procedia freqüentemente assim – tomando nota de algumas frases –, e em geral só muito pouco foi preservado. Assim também ocorreu com *Nausícaa*. Houve dois homens que tentaram completar este fragmento: Scherer, historiador da literatura, e Herman Grimm. Mas Grimm foi mais que um pesquisador – ele era um pensador com grande imaginação: foi o mesmo que nos legou *A vida de Michelângelo* e um estudo sobre Göethe. Grimm lançou-se ao trabalho tentando identificar-se com o espírito de Göethe, e perguntou-se: como teria Göethe, sendo quem era, concebido uma figura como a Nausícaa da *Odisséia*? Em seguida, com um certo desprezo por esses documentos históricos, reconstituiu o poema no sentido das idéias de Göethe. Scherer, no entanto, obcecado por fatos documentados, ‘preto no branco’, afirmou que a Nausícaa de Göethe não poderia ser reconstruída exceto com base em material existente. E se propôs também construir uma *Nausícaa*, mas seguindo as anotações ao pé da letra. Então comentou Herman Grimm: “Suponhamos que o criado de Göethe tenha retirado algumas folhas (quem sabe as mais importantes) para acender a

lareira! Existe alguma garantia de que as folhas existentes tenham algum valor, comparadas com aquelas que talvez tenham sido queimadas?”

Tal como neste exemplo, também poderá ocorrer com toda história que tiver como origem fatos documentados. E isto ocorre frequentemente. Quando se constrói algo com base em documentos, nunca se deve esquecer que precisamente os mais importantes podem ter desaparecido. Na realidade, a História nada é senão uma *fable convenue*. Quando os fatos revelados pela Crônica do Akasha diferem muito da História convencional, o clarividente encontra dificuldade em acreditar na imagem do Akasha. E seria imediatamente atacado pelo público externo se, com base na Crônica do Akasha, relatasse qualquer fato de forma diferente. Por isso, quem tem experiência em tais assuntos prefere falar dos tempos arcaicos – de fases remotas da evolução terrestre, sobre as quais não existem documentos ou tradição. Nestes casos, em que a História exotérica interfere o mínimo, o relato da Crônica do Akasha é o mais fiel possível. Destas observações os Senhores podem concluir que ninguém familiarizado com tais coisas poderia conceber que as descrições da Crônica do Akasha pudessem ser apenas um eco dos fatos já sabidos pela História convencional.

Se investigarmos na Crônica do Akasha aquele grande acontecimento cujo significado foi abordado ontem, descobriremos os seguintes pontos principais:

Toda a raça humana que vive na Terra tem sua origem num plano espiritual e descende de uma existência espiritual divina. Podemos dizer o seguinte: antes que existisse a possibilidade de um olho físico ver – ou uma mão física segurar – um corpo humano, o homem já existia em forma de entidade espiritual, e em épocas mais remotas como parte de seres espirituais divinos. Como ser, o homem nasceu de seres espirituais divinos. Os deuses são, por assim dizer, os antepassados dos homens, e estes são descendentes dos deuses. Os deuses necessitavam de homens como seus descendentes, pois sem estes não poderiam descer ao mundo físico-sensorial. Continuando sua existência em outros mundos, os deuses trabalharam do exterior sobre o homem para que ele se desenvolvesse gradualmente na Terra.

Agora os homens teriam de ultrapassar, passo a passo, os obstáculos surgidos da vida na Terra. Que obstáculos eram esses?

O essencial, para os homens, é que os deuses hajam permanecido espirituais e eles, como seus descendentes, se hajam tornado físicos. O homem, cuja natureza espiritual era apenas a parte interior, tendo-se tornado físico em seu ser exterior, tinha agora de ultrapassar os obstáculos oferecidos pela existência física. Dentro do mundo físico, ele tinha de continuar seu desenvolvimento. Desta forma, avançando de grau em grau em desenvolvimento e maturidade, foi-lhe cada vez mais possível voltar-se novamente para os deuses de cujo ventre nascera. Uma descendência dos deuses seguida de uma reascensão e uma paulatina reunião com eles – eis o caminho do homem através da vida terrena. Para tornar possível esta evolução, certos indivíduos humanos tiveram de ultrapassar os outros e tomar a dianteira a fim de tornar-se os guias e mestres dos homens. Tais guias e mestres tiveram seu lugar entre os homens e encontraram, por assim dizer, o caminho para os deuses mais cedo que o resto da humanidade. Desse modo, podemos dizer que num determinado período os homens atingem um certo grau de evolução; aí talvez apenas pressintam o retorno aos deuses, mas ainda têm muito a caminhar antes disso. Há neles uma centelha do divino, porém nos guias existe sempre algo mais. Eles estão mais perto do âmbito divino que o homem mais tarde deverá atingir. E aquilo que reside nesses guias da humanidade é visto, por quem tem os olhos abertos para as coisas do espírito, como seu atributo principal e essencial.

Suponhamos que um grande guia da humanidade se encontre perante outro homem que, se bem não seja de seu mesmo grau, no entanto seja superior à média dos seres

humanos. Esse homem, suponhamos, tem uma viva sensação de que o outro é um grande guia, e de que a natureza espiritual que o resto da humanidade ainda tem de adquirir já está presente nele em alto grau. Como tal homem descreveria esse guia? Ele diria: “À minha frente está um homem – um ser humano num corpo físico, como todos os outros. Mas o corpo físico é o menos importante nele; não entra em consideração. No entanto, quando lhe dirijo meu olhar espiritual, vejo unido a ele um ser espiritual majestoso, um ser divino-espiritual. E isto é tão importante que eu dedico toda a minha atenção a esse ser divino e desprezo o aspecto físico que ele tem em comum com outro homem.” Portanto, o clarividente vê num guia de homens algo que transcende o resto da humanidade, devendo ser descrito de forma completamente diferente. O clarividente descreve o que seus olhos espirituais vêem.

Os que atualmente têm voz ativa na vida pública certamente achariam ridícula a idéia de um guia transcendente da humanidade. Vemos como alguns homens cultos já começam a tratar as grandes figuras da raça humana do ponto de vista psiquiátrico! Ele seria reconhecido apenas pelos que houvessem aperfeiçoado seu olhar espiritual. Estes, porém, saberiam não se tratar de um louco ou fanático, nem mesmo de um ‘homem dotado’, como pessoas benevolentes talvez o designassem, e sim de uma das maiores figuras da vida humana no sentido espiritual. Assim ocorreria nos dias de hoje. Mas no passado seria bastante diferente, e também num passado ainda não tão distante de nós.

Sabemos que a humanidade, com respeito à sua consciência, passou por várias metamorfoses. Todos os homens possuíram, outrora, uma clarividência semiconsiente. Mesmo na época do Cristo a clarividência ainda estava desenvolvida até certo ponto, e em séculos anteriores ainda mais, embora fosse apenas uma mera sombra do que havia sido nos tempos da Atlântida e logo a seguir. Pouco a pouco a consciência clarividente desapareceu de entre os homens. Contudo, existiram sempre indivíduos isolados que a possuíam, e mesmo hoje se encontram pessoas ‘clarividentes naturais’, cuja clarividência nebulosa consegue distinguir os elementos da natureza espiritual do homem.

Voltemos ao tempo do surgimento do Buda para o povo da antiga Índia. Naquela época ainda não era como hoje. Hoje em dia esse aparecimento de um Buda, principalmente na Europa, não seria especialmente respeitado. Mas na época do Buda era diferente, pois muitos eram capazes de ver o que estava realmente acontecendo: o nascimento de Buda fora muito diferente de um nascimento comum. Nas escrituras do Oriente, e precisamente naquelas que tratam do assunto com a mais profunda compreensão, o nascimento do Buda é descrito, como se poderia dizer, em grande estilo. Aí é relatado que a rainha Maya era a ‘Imagem da Grande Mãe’, tendo-lhe sido predito que ela daria à luz um majestoso ser. E esse ser veio a Terra por nascimento prematuro.

Esta é uma maneira freqüente de um ser notável ser enviado ao mundo: ocorre um nascimento prematuro, porque o ser humano em que está encarnado o ser elevado liga-se menos à matéria do que após plena maturidade.

Nas importantes escrituras do Oriente relata-se ainda que no momento de seu nascimento o Buda foi iluminado, abrindo imediatamente os olhos e dirigindo-os aos quatro pontos cardeais da Terra – norte, sul, leste e oeste. E depois é dito que ele deu imediatamente sete passos, cujas marcas permaneceram gravadas no solo onde ele o fez. E logo ele também falou, dizendo as seguintes palavras: “E esta a vida em que eu me transformo de Bodhisatva em Buda, a última encarnação que eu devo percorrer nesta Terra.”

Por estranhos que estes relatos possam parecer ao pensador materialista de hoje, e por impossível que seja interpretá-los de uma forma materialista improvisada, sua verdade é compreendida por quem é capaz de ver as coisas com olhos espirituais. E

naqueles tempos existiam ainda pessoas que, em virtude de seu dom natural de clarividência, podiam ver espiritualmente *o que* viera ao mundo com o Buda. São estranhos os dizeres que eu lhes citei das escrituras orientais sobre o Buda. Hoje em dia se diz que são sagas e mitos. Mas quem compreende estas coisas sabe que nelas estão contidas verdades espirituais. E acontecimentos como o nascimento do Buda não significam apenas algo dentro dos estreitos limites da personalidade então nascida; eles têm significado universal, irradiando qual forças espirituais. E aqueles que ainda viveram nesses tempos de maior receptividade espiritual puderam realmente ver a irradiação de forças espirituais por ocasião do nascimento do Buda.

Seria muito justo alguém perguntar: por que tais coisas não sucedem mais hoje? Ora, também hoje existem atuações nesse âmbito, mas só um clarividente consegue vê-las – pois não basta existir alguém que irradie essas forças, mas também alguém que as receba. Nos tempos em que os homens ainda eram mais espirituais, eram também mais receptivos a tais irradiações. Por isso existe uma profunda verdade em se dizer que no nascimento do Buda atuaram forças de natureza curativa e conciliadora. Não se trata de uma lenda, pois grandes verdades estão contidas na afirmação de que, ao nascer o Buda, os que antes se odiavam uniram-se em amor, os que estavam em luta reconciliaram-se, e assim por diante.

Aos olhos do clarividente, a evolução humana não aparece como a estrada plana vista pelo historiador, na qual se eleva, no máximo, um pouco das figuras aceitas como históricas. Que existam elevações e montanhas nessa estrada as pessoas não querem admitir – elas não suportam isso. Mas quem tem uma visão espiritual abrangente do mundo sabe que existem portentosas elevações e montanhas sobrepondo-se ao caminho da humanidade restante: são justamente os guias da humanidade.

Em que consiste tal direção da humanidade? Em levar o homem a perfazer paulatinamente os passos que o conduzam aos mundos espirituais. Otem mostramos um dos passos como sendo o mais importante: o nascimento e o Eu Superior, do Eu Espiritual. Falamos também da existência de passos preparatórios e passos posteriores. De nossa explanação os Senhores podem ver que o que denominamos o evento Crístico é o ápice da evolução humana, tendo sido necessária uma longa preparação antes de o Cristo poder encarnar-se em Jesus de Nazaré. Para se compreender estas preparações, devemos examinar um pouco o mesmo fenômeno em menor escala.

Suponhamos que um homem entre no caminho do conhecimento espiritual em determinada encarnação, isto é, pratique alguns exercícios (dos quais falaremos mais tarde) que plasmem a alma cada vez mais espiritualmente, tornando-a receptiva ao que provém do espírito e levando-a ao ponto de fazer nascer o Eu Superior imperecível, capaz de contemplar o mundo espiritual. Até então, o homem passa por muitas experiências. Ora, não se deve imaginar que uma pressa excessiva seja possível em assuntos espirituais. O processo tem de ser cumprido com paciência e perseverança. Suponhamos que um homem inicie tal desenvolvimento. Sua meta é o nascimento do Eu Superior. No entanto, ele só avança até certo grau – atinge apenas certos estágios preliminares para esse nascimento. Então morre e volta a nascer. Há agora duas possibilidades, caso tal homem renascido haja cumprido certa disciplina espiritual numa encarnação. Ele pode sentir-se compelido a procurar um guia que lhe mostre como repetir em pouco tempo o que já aprendeu e como atingir os passos seguintes; ou então, por uma razão ou outra, não procura seguir por esse caminho. Mesmo neste caso, sua vida apresentará características diferentes do que a de outro homem. A vida de um homem que já iniciou os primeiros passos no caminho do conhecimento trará, por si própria, experiências que se evidenciam como efeitos do grau de conhecimento atingido por ele em sua encarnação anterior. Ele vivenciará tudo de forma diferente, e as

vivências lhe trarão uma impressão diversa da que causam em outras pessoas. E com isso ele atingirá novamente o ponto alcançado outrora por seu esforço. Na encarnação anterior ele tivera de progredir passo a passo à custa de esforço ativo. Na encarnação seguinte, quando a própria vida traz a recapitulação de seus esforços anteriores, algo se aproxima dele, por assim dizer, a partir do exterior, e é possível que ele reviva os resultados de sua encarnação anterior de forma bastante diversa. Assim, pode suceder que já na infância uma determinada experiência lhe provoque uma impressão tal que as forças adquiridas por ele na encarnação anterior venham a ressurgir. Suponhamos que tal homem haja atingido, numa encarnação, determinado grau no desenvolvimento da sabedoria. Na encarnação seguinte ele renasce como uma criança qualquer.

Mas aos sete ou oito anos acontece-lhe uma experiência penosa. Isto o afeta de tal maneira que a sabedoria adquirida anteriormente volta a aparecer, de forma que ele agora se situa no grau atingido antes, podendo avançar para estágios superiores. Imaginemos ainda que ele se esforce por progredir em alguns graus. Então morre de novo. Na encarnação seguinte, o mesmo processo pode repetir-se. Novamente uma experiência exterior pode ocorrer-lhe e testá-lo, por assim dizer, trazendo à luz os frutos de sua penúltima e em seguida de sua última encarnação, e então ele pode de novo ascender para um grau acima.

Os Senhores vêem, portanto, que só se compreende a vida de um homem que atravessou várias etapas de evolução levando-se em conta tais fatos. Existe, por exemplo, um grau que é logo atingido quando um sério esforço é feito no caminho do conhecimento: é o estágio do assim chamado ‘homem sem pátria’ – aquele que supera preconceitos imediatos ao seu redor, eliminando todos os possíveis constrangimentos advindos do meio ambiente. Isto não o torna necessariamente impiedoso; ele pode até tornar-se mais piedoso. Contudo precisa libertar-se dos laços que o ligam à vizinhança. Tomemos a situação em que um homem assim morre após conseguir a condição de alguma liberdade e independência. Então nasce de novo, e relativamente cedo um acontecimento revive nele o sentido de liberdade e independência. Geralmente isto sucede com a perda do pai ou de alguém a quem ele é ligado; ou pelo fato de o pai não se relacionar bem com ele, talvez repudiá-lo, ou pior. Estas verdades nos são contadas nas lendas sinceras dos vários povos, pois em tais assuntos os mitos ou lendas contêm realmente mais sabedoria do que a ciência dos nossos dias. Um caso típico, muito freqüente, é aquele em que o pai ordena que o filho seja abandonado; a criança é socorrida por pastores, sendo nutrida e educada por eles, e finalmente reconduzida à sua condição normal – como, por exemplo, Aquiles, Rômulo e Remo. A fim de fazer ressurgir os frutos das vidas anteriores, eles deviam ser abandonados à própria sorte, sendo expulsos de seu lugar natal. Também a história do abandono de Édipo pertence a este caso.

Se um homem já experimentou o nascimento de seu Eu Superior ou ultrapassou este estágio, podemos imaginar que, quanto maior for seu desenvolvimento, tanto mais rica será sua vida em experiências para que ele possa atravessar uma experiência nova, nunca vivida antes.

Aquele em quem haveria de encarnar-se aquela majestosa entidade que denominamos Cristo não podia, naturalmente, assumir essa missão numa época qualquer de sua vida. Para tal devia, primeiramente, tornar-se cada vez mais maduro. Nenhum homem comum poderia realizá-la – apenas quem houvesse atingido altos estágios de iniciação através de muitas vidas. A Crônica do Akasha nos relata fielmente o ocorrido, mostrando como, durante muitas vidas, uma individualidade se esforçou para atingir, passo a passo, altos estágios de iniciação. Então ela renasceu, tendo passado agora, nesta encarnação terrestre, por experiências de natureza preparatória. Porém nesse homem reencarnado já viveu uma individualidade que percorreu elevados graus. Tratava-

se de um iniciado destinado a, num período posterior de sua vida, receber a individualidade do Cristo. As primeiras experiências desse iniciado são a repetição de seus estágios iniciáticos anteriores. Por isso é buscado em sua alma tudo o que foi anteriormente alcançado por ela.

Ora, sabemos que o homem consiste nos corpos físico, etérico, astral e num eu. Sabemos também que no decurso da vida humana o corpo físico é o único que nasce, de início, por ocasião do nascimento físico. Até o sétimo ano, o corpo etérico do homem está envolto por uma espécie de invólucro etérico materno; e no sétimo ano, com a troca dos dentes, esse invólucro é rejeitado da mesma forma como o ventre materno quando o corpo físico nasce para o mundo exterior. Posteriormente, na puberdade, um manto astral é rejeitado de modo similar, nascendo então o corpo astral. Por volta dos 21 anos nasce então o eu, mas também gradativamente.

Após termos atravessado o nascimento do corpo físico, o do corpo etérico aos sete anos, o do corpo astral aos catorze ou quinze, temos de levar em conta igualmente um nascimento da alma da sensação, da alma do intelecto e da alma da consciência; e, de fato, por volta dos 21 anos nasce a alma da sensação, aos 28 a alma do intelecto e em torno dos 35 anos a alma da consciência.

Agora veremos que a entidade do Cristo não pôde encarnar-se num ser humano na Terra, não pôde ser acolhida nesse homem antes que a alma racional estivesse inteiramente nascida. Isto nos é mostrado também pela pesquisa espiritual. A individualidade que surgiu na Terra como um grande iniciado tinha entre 28 e 35 anos de idade quando nele entrou o Cristo; então sob o esplendor, sob a luz irradiante desse grande ser, desenvolveu-se tudo o que os homens normalmente desenvolvem sem esse esplendor e essa luz: os corpos etérico e astral e as almas da sensação e do intelecto. Podemos, pois, dizer o seguinte: até o ano de sua vida em que ele é chamado a receber o Cristo, deparamos com um grande iniciado percorrendo gradualmente as experiências que, no final, evocam todas as conquistas feitas e elaboradas por ele, em encarnações anteriores, no mundo espiritual. Surge-lhe então a possibilidade de dizer: “Eis-me agora aqui. Ofereço tudo o que possuo. Doravante renuncio a ser um eu independente! Faço de mim o portador do Cristo. Ele viverá em mim e doravante estará todo em mim!”

O momento em que o Cristo se encarnou numa personalidade da Terra foi indicado pelos quatro Evangelhos. Por muitas diferenças que contenham, os quatro apontam o momento em que o Cristo, por assim dizer, se insere no grande iniciado: é o batismo por João. Naquele instante, tão claramente indicado pelo autor do Evangelho de João ao dizer que o Espírito desceu em forma de pomba e uniu-se a Jesus de Nazaré – naquele momento temos o nascimento do Cristo, o nascimento do Cristo na alma de Jesus de Nazaré como um novo Eu, um Eu Superior. Até então o outro eu, o eu do grande iniciado, havia atingido um desenvolvimento tal que se tornara apto para este acontecimento.

E quem deveria nascer na entidade de Jesus de Nazaré?

Ontem já indicamos o seguinte: o Deus que existia desde o princípio, que havia permanecido no mundo espiritual, deixando entretanto a humanidade entregue ao seu desenvolvimento, devia agora descer e encarnar-se em Jesus de Nazaré. Como nos dá a entender isso o autor do Evangelho de João? A esse respeito, basta levarmos a sério as palavras do Evangelho. Com esse intuito, leiamos o início do Antigo Testamento:

No princípio Deus criou o Céu e a Terra. E a Terra era desolada e vazia; e havia caos e trevas sobre o abismo. E o Espírito divino pairava sobre as águas.

Imaginemos a situação: – O Espírito de Deus pairava sobre as águas. Embaixo está a Terra com seus reinos, como continuadores do Espírito divino. Em seu meio, uma individualidade se desenvolve de tal forma que pode receber esse Espírito que pairava

sobre as águas. Que diz o autor do Evangelho de João? Ele nos diz que João Batista reconheceu nele a presença do ser anunciado no Antigo Testamento. Ele diz: “Eu vi o Espírito descer dos Céus como uma pomba e pairar sobre ele.” João sabia que, ao descer o Espírito sobre alguém, tratar-se-ia daquele que estava para vir: o Cristo. Temos então o princípio da evolução terrestre, o Espírito pairando sobre as águas; temos João batizando com a água e com o Espírito que no princípio pairava sobre as águas e, agora, adentra a individualidade de Jesus de Nazaré. Seria impossível exprimir com palavras mais grandiosas do que as do escritor do Evangelho de João a ligação entre o acontecimento da Palestina e aquele outro acontecimento relatado no princípio do mesmo documento ao qual se anexa o Evangelho.

Mas também de outra maneira o autor do Evangelho de João se liga a esse documento. Ele o faz justamente por meio das palavras com as quais expressa o fato de estar unido a Jesus de Nazaré o mesmo a quem, desde o início, a Terra deve sua criação e evolução. Já conhecemos as primeiras palavras do Evangelho de João: “No princípio era o Verbo (ou *Logos*), e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”

O que é o *Logos*, e como estava ele com Deus? Tomemos o início do Antigo Testamento, onde defrontamos esse Espírito, do qual se diz: “E o Espírito Divino pairava sobre as águas. E o Espírito Divino clamou: Faça-se a luz! E fez-se a luz.”

Fixemos bem isto, e expressemo-lo agora em outras palavras. Escutemos o apelo do Espírito Divino, cujo Verbo criador soou através do mundo. O que é o Verbo? No princípio era o *Logos*, e o Espírito Divino clamou, e o que ele clamou aconteceu. Isto significa: no Verbo estava a Vida – pois caso a Vida não estivesse nele, nada poderia ter ocorrido. E o que ocorreu? É narrado o seguinte: “E Deus disse: Faça-se a luz! e houve a luz.”

Retomemos agora o Evangelho de João. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”

Agora o Verbo havia fluído para a matéria, tornando-se simultaneamente a figura exterior da Divindade. “Nele estava a Vida, e a Vida era a luz dos homens.”

Assim se liga o escritor do Evangelho de João diretamente ao mais antigo documento, o *Gênesis*. Com palavras um pouco diversas, ele indica o mesmo Espírito Divino. Então nos faz ver claramente ter sido o Espírito Divino o que surgiu em Jesus de Nazaré. O escritor do Evangelho de João é unívoco com os demais evangelistas quanto ao fato de, com o batismo de Jesus de Nazaré, haver nascido nele o Cristo, após longo preparo de seu receptor. E devemos ter bem claro que todo relato da vida anterior de Jesus de Nazaré refere-se a nada mais senão uma soma de vivências que nos demonstram sua ascensão aos mundos superiores em prévias encarnações, e como ele se havia preparado cada vez mais em seus corpos astral, etérico e físico, para finalmente poder receber o Cristo.

Aquele que escreveu o Evangelho de Lucas diz, em palavras algo paradigmáticas, que Jesus de Nazaré se preparou sob todos os aspectos para o grande acontecimento do nascimento do Cristo nele. Sobre essas experiências, que o elevaram à vivência do Cristo, falaremos na próxima palestra. Hoje queremos indicar como o escritor do Evangelho de Lucas diz, em algumas palavras, que o receptor do Cristo se preparou longamente nos anos anteriores. Em seu corpo astral ele se tornou tão virtuoso, nobre e sábio quanto deveria tornar-se para que nele pudesse nascer o Cristo. E também tornou seu corpo etérico tão maduro e seu corpo físico tão suave e belo que o Cristo pôde estar nele.

Basta entendermos corretamente o Evangelho. Tomemos, no segundo capítulo do Evangelho de Lucas, o versículo 52. Da maneira livre como aparece nas Bíblias comuns, esse versículo não dirá o que acabo de afirmar. Diz esse trecho: “E Jesus cresceu em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens.”

Há algum significado no fato de um homem como autor do Evangelho de Lucas dizer de Jesus de Nazaré que este cresceu em sabedoria. Se, porém, ele relata como um acontecimento importante haver Jesus crescido em ‘idade’, isto não é tão compreensível, pois tal fato não é necessário ressaltar. Sua menção indica estar aqui implícito um outro fato. Tomemos esse versículo no texto original:

Καί Ἰησοῦς προέκοπ τενένή σοφία καὶ ἡλικία καὶ χάριτιπαρά θεῷ καὶ ἀνθρώποις

[*kái Iesous proékopten én té sofía kái helikía kái kháritipará theó kái anthrópois.*]

Isto significa, na realidade, o seguinte: ‘Ele cresceu em sabedoria’, isto é, ele desenvolveu seu *corpo astral*. Quem conhece o significado da palavra grega *helikía* pode dizer-lhes que nela se subentende aquele desenvolvimento percorrido pelo *corpo etérico* a fim de levar gradualmente a sabedoria à plenitude. Os Senhores sabem que o corpo astral plasma as qualidades disponíveis em ocasiões únicas, ou seja: entende-se algo de uma vez para sempre. O corpo etérico plasma aquilo que desenvolve como hábitos, inclinações e habilidades. É isto o que ocorre em repetições contínuas. O que é sabedoria se torna hábito. É levada à prática por haver passado para a carne e o sangue. É isto o que significa, pois, esse crescer em ‘maturidade’. Assim como o corpo astral cresce em sabedoria, o corpo etérico cresce em hábitos nobres, em hábitos visando o bom, o nobre e o belo. E o terceiro elemento no qual cresceu Jesus – *kháris*– significa, na realidade, aquilo que se manifesta e torna visível como beleza. Quaisquer outras versões são incorretas. Devemos traduzir que ele cresceu em ‘graciosa beleza’, e que, portanto, plasmou de forma bela e nobre também seu corpo *físico*.

E Jesus cresceu em sabedoria [em seu corpo astral], em vocações maduras [em seu corpo etérico] e em graciosa beleza [em seu corpo físico], de forma visível a Deus e aos homens.

A descrição de Lucas nos mostra como ele sabia que o futuro receptor do Cristo devia desenvolver à plenitude os três envoltórios – os corpos físico, etérico e astral.

É desta forma que compreenderemos o fato de se poder reencontrar nos Evangelhos o que a Ciência Espiritual diz, independentemente dos mesmos. Por isso a Ciência Espiritual é justamente uma corrente cultural que reconquista para nós as tradições religiosas; e essa reconquista não será apenas um acontecimento do saber e do conhecimento humanos, mas uma conquista da mente e do intelecto, em sentimento e emoção. E é especialmente de tal compreensão que necessitaremos se quisermos captar esse acontecimento – a intervenção do Cristo na evolução da humanidade.

3 26 de junho de 1909

A Vida e a Luz emanadas do Logos

Aqueles, dentre os ouvintes, que repetidas vezes ouviram meus ciclos de conferências ou principalmente aquelas sobre assuntos da Ciência Espiritual, já assimilaram dos mais variados pontos de vista alguns fatos dos mundos superiores. Esta ou aquela entidade, este ou aquele fato de diversos âmbitos foram enfocados de maneiras diferentes. Nesse caso pode ocorrer – e hoje eu gostaria de enfatizar isso, a fim de evitar mal-entendidos – de aparentemente, por uma observação superficial, surgirem contradições entre esses diversos enfoques de entidades e fatos. Observando

corretamente, porém, os Senhores concluirão que por meio de tal focalização múltipla os complicados fatos dos mundos espirituais só poderão clarear-se. Eu necessitava dizê-lo porque hoje precisarei focalizar sob outro aspecto certos fatos já conhecidos de uma certa perspectiva pela grande maioria dos ouvintes. Justamente ao tomarmos o mais profundo documento do Novo Testamento, conhecido pelo nome de Evangelho Segundo João, e lermos as significativas palavras com as quais encerramos nossas considerações de ontem, logo se nos fica claro que infinitos mistérios do devir cósmico e humano estão contidos nessas palavras iniciais desse evangelho. No decorrer de nossas observações, talvez tenhamos oportunidade de mostrar por que muitas vezes os grandes narradores dos acontecimentos espirituais exprimem justamente as verdades grandiosas e abrangentes de forma breve e paradigmática, como ocorre nos primeiros versículos do Evangelho de João. Hoje retrocederemos, diferentemente de ontem, a certos fatos conhecidos da Ciência Espiritual, e veremos como estes nos se nos deparam novamente no Evangelho de João. Partiremos dos fatos relativamente mais simples.

Do homem tal como se nos apresenta na vida cotidiana sabemos que ele é constituído de quatro membros: o corpo físico, o corpo etérico ou vital, o corpo astral e o eu. Sabemos que a vida diária do homem se alterna, de forma que do acordar matutino até o adormecer noturno esses quatro membros de sua entidade se entrelaçam organicamente. Sabemos que durante a noite, quando ele dorme, o corpo físico e o corpo etérico permanecem no leito, deles desligando-se o corpo astral e o portador do eu, ou simplesmente o eu.

Devemos agora ter bem claro algo em especial. Quando defrontamos um homem no atual estado evolutivo, essa quaternidade – corpo físico, corpo etérico, corpo astral e eu – se nos apresenta como uma necessidade interligada. Se o vemos à noite deitado no leito, onde há apenas o corpo físico e o corpo etérico, de certa forma esse homem tem o valor de uma planta. Ora, a planta, tal como se nos apresenta no mundo exterior, constitui-se justamente dos corpos físico e etérico, não possuindo corpo astral nem um eu. Por isso ela se distingue do animal e do homem. O animal tem sobretudo um corpo astral, e o homem tem sobretudo um eu dentro de si. Podemos, pois, dizer que da noite até a manhã ficam no leito os corpos físico e etérico do homem; então seu ser se assemelha à planta, não sendo, no entanto, como uma planta. Devemos compreender bem isto.

Se hoje existe uma entidade livre e autônoma que não possua um corpo astral e um eu, consistindo apenas dos corpos físico e etérico, deve parecer uma planta – deve ser uma planta. O homem, porém, enquanto deitado no leito, ultrapassou o valor da planta por haver, no decorrer da evolução, acrescentado aos seus corpos físico e etérico o corpo astral – o portador do prazer e do sofrimento, da alegria e da dor, dos impulsos, instintos e paixões – e o portador do eu. A cada vez, porém, que um membro superior é acrescentado a uma entidade, tudo se modifica em seus membros inferiores. Se à planta, tal como esta se nos apresenta hoje na natureza, acrescentássemos um corpo astral que não apenas a orlasse, mas a permeasse, a substância vegetal que a constitui se transformaria em carne animal. E de maneira semelhante, seria a planta transformada caso abrigasse um eu no mundo físico. Podemos, pois, também concluir o seguinte: quando um ser como o homem possui em sua natureza não somente o corpo físico, mas membros invisíveis, superiores, supra-sensíveis, estes membros superiores se expressam nos inferiores. Assim como nossas particularidades anímicas são superficialmente exprimidas em nossas feições, em nossa fisionomia, nosso corpo físico também é uma expressão da ação do corpo astral e do eu. E o corpo físico não representa apenas a si próprio, mas também os membros fisicamente invisíveis do homem.

Assim, o sistema glandular humano e tudo o que lhe é afim é uma expressão do corpo etérico no homem. Todo o conjunto do sistema nervoso é uma expressão do corpo astral, e todo o sistema circulatório é uma expressão do portador do eu. Portanto, no próprio corpo físico temos de distinguir novamente uma quaternidade, e só quem cultua uma cosmovisão grosseira pode considerar as diversas substâncias do corpo físico humano como equivalentes. O sangue que pulsa em nós tornou-se tal substância pelo fato de no homem residir um eu. O sistema nervoso é plasmado de tal forma e de uma tal substância por haver no homem um corpo astral. E o sistema glandular veio a existir por haver no homem um corpo etérico. Observando isto, os Senhores compreenderão facilmente que no fundo o ser humano, desde a noite, ao adormecer, até a manhã, ao acordar, é um ser contraditório em si mesmo. Pode-se dizer que deveria ser uma planta mas não é, pois a planta não possui, em sua substância física, a expressão do corpo astral – o sistema nervoso – nem tampouco a expressão do eu – o sistema circulatório. Uma entidade física tal como é o homem, com os sistemas metabólico, nervoso e circulatório, só pode existir contendo um corpo etérico, um corpo astral e um eu.

Ora, como seres humanos relativamente ao nosso corpo astral e ao nosso eu, à noite abandonamos nossos corpos físico e etérico. Fazemos isso, por assim dizer, sem escrúpulos, tornando-os um ser contraditório em si mesmo. Se aqui nada ocorresse de espiritual entre o nosso adormecer e o nosso acordar, e simplesmente retirássemos nosso corpo astral e nosso eu dos corpos físico e etérico, de manhã encontraríamos nossos sistemas nervoso e circulatório destruídos, pois estes não podem existir sem conter um corpo astral e um eu. Ocorre portanto, o seguinte, perceptível à consciência clarividente:

À medida que o eu e o corpo astral se retiram, o clarividente vê como um eu e um corpo astral divinos adentram o ser humano. De fato, também à noite, do adormecer ao acordar do homem, há um corpo astral e um eu (ou ao menos um substituto para eles) nos corpos físico e etérico. Quando o elemento astral se retira do homem, um elemento astral superior penetra nele a fim de preservá-lo até o acordar, e da mesma forma um substituto para o eu. Disto se pode ver que no domínio da nossa vida se encontram em ação outras entidades além das que se manifestam no mundo físico. Neste se manifestam os minerais, as plantas, os animais, os homens. Os homens são as entidades supremas dentro da nossa esfera física. Só eles possuem um corpo físico, um corpo etérico, um corpo astral e um eu. Pelo fato de à noite o corpo astral e o eu se retirarem dos corpos físico e etérico, os Senhores podem concluir que o corpo astral e o eu têm ainda hoje uma certa autonomia, podendo, por assim dizer, desligar-se e viver, por algum tempo da vida cotidiana, separados dos suportes físico e etérico.

À noite, pois, evidencia-se o seguinte: da mesma forma como os corpos físico e etérico humanos são, durante o dia, portadores do eu e do corpo astral humanos – portanto, justamente dos membros mais íntimos do homem –, à noite os mesmos se tornam portadores ou templos de entidades superiores correspondentes ao corpo astral e ao eu. Agora é diferente o que repousa no leito, pois em seu interior existem também um elemento astral e um eu, porém divino-espirituais. De certa forma, podemos dizer o seguinte: enquanto o homem dorme em relação ao seu corpo astral e ao seu eu, nele estão vigilantes, preservando a estrutura de seu organismo, essas entidades pertencentes ao âmbito de nossa vida e que entram em nossos corpos físico e etérico quando os abandonamos. Tal fato pode ensinar-nos muita coisa; e especialmente quando conjugado a certas observações do clarividente, pode fornecer-nos muita elucidação sobre a evolução do homem. Procuraremos relacionar justamente esse fato da diferença entre acordar e adormecer com os grandes fatos espirituais da evolução.

É certo que o corpo astral e o eu do homem parecem ser os supremos e mais íntimos membros da natureza humana; de forma alguma, porém, mostram-se como os mais perfeitos. Mais perfeito que o corpo astral já parece, a uma observação superficial, o corpo físico. Já aponte aqui, há dois anos⁹, como o corpo físico do homem nos parece maravilhoso, quanto à sua organização global, à medida que nos aprofundamos em sua observação. Com essa maravilhosa estrutura do coração e do cérebro humanos, não só o intelecto satisfaz suas necessidades cognitivas ao pesquisá-los anatomicamente; quem os aborda com a alma sente elevar-se seu sentimento estético e moral ao constatar as elevadas e sábias disposições existentes nesse corpo físico.

O corpo astral ainda não está, hoje, tão avançado. E ele o portador da alegria e do sofrimento, dos impulsos, instintos e apetites e assim por diante; e devemos constatar que o homem, com relação a seus instintos, apreende do mundo todo tipo de coisas que em nada servem para incentivar as sábias e artísticas disposições do coração ou do cérebro. Por sua sensualidade ele procura criar satisfação mediante coisas que, como o café, são venenos para o coração ou são algo do gênero. Com isto, prova que o corpo astral anseia por prazeres que, por exemplo, são prejudiciais à sábia organização do coração humano: durante décadas o coração resiste a tais venenos que homem ingere para satisfazer os apetites de seu corpo astral. Disto os Senhores podem concluir que o corpo físico é mais perfeito que o corpo astral. Embora no futuro o corpo astral venha a ser incomparavelmente mais perfeito, hoje o corpo físico é o mais perfeito em sua evolução. Isto se deve ao fato de o corpo físico ser, realmente, o mais antigo dos membros da natureza humana, provando haver sido elaborado muito tempo antes do surgimento da Terra.

Aquilo que a cosmogonia atual declara com base em idéias materialistas não passa de fantasia, seja a teoria de Kant-Laplace ou qualquer outra mais recente com este ou aquele nome. Para se compreender a organização exterior do nosso sistema cósmico, essas teorias materialistas são certamente úteis; mas não têm serventia ao quisermos compreender aquilo que transcende a imagem ótica exterior.

A pesquisa espiritual nos mostra que, da mesma forma como o homem passa de uma encarnação a outra, também um corpo celeste como a Terra passou, em épocas remotas, por outras formas e outros estados planetários. Antes de vir a ser a Terra atual, ela passou por outro estado planetário. Foi o que na pesquisa espiritual se denomina ‘antiga Lua’. Não se trata da Lua atual, mas de um precursor da Terra como entidade planetária. E do mesmo modo como o homem se desenvolveu de uma encarnação anterior para a atual, a Terra se desenvolveu da antiga Lua para a Terra. Por sua vez, uma encarnação anterior da antiga Lua é o Sol – não o Sol atual, mas novamente um precursor da Terra atual. E finalmente, um precursor desse antigo Sol é o antigo Saturno. Pelos seguintes estados anteriores passou, pois, a Terra: um estado saturnino, um estado solar e um estado lunar, tendo atingido agora seu estado terrestre.

O primeiro germe para o nosso corpo físico foi lançado no antigo Saturno. Podemos também dizer que nada do que circunda hoje o homem, nada do nosso atual reino animal ou vegetal, nada do nosso reino mineral existia nesse corpo cósmico ancestral que designamos como velho Saturno. Nele, porém, existia a primeira disposição para o atual corpo humano físico, embora muito diferente do que é hoje. Esse corpo físico existia num primeiro estado embrionário, desenvolvendo-se então durante a evolução saturnina. Finda esta, o antigo Saturno penetrou numa espécie de noite cósmica, tal como o homem

⁹ Num ciclo de catorze palestras proferidas em Kassel de 16 a 29 de junho de 1907, intitulado ‘Teosofia e Rosa-cruz’. Em *Menschheitsentwicklung und Christus-Erkenntnis*, GA-Nr. 100 (2ª ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1981). (N.E.)

penetra num *Devachan* a fim de vir para uma nova encarnação. Então Saturno se tornou Sol.

Tal como a planta surge do germe, assim ressurgiu no antigo Sol o corpo humano físico. Ele foi cada vez mais permeado por um corpo etérico ou vital, de forma que no Sol se deu a penetração do corpo etérico ou vital no germe do corpo físico. O homem não era uma planta, mas tinha o valor de uma planta. Era constituído dos corpos físico e etérico, e sua consciência era, naquela época, semelhante à consciência do sono ou à consciência que toda a vegetação do mundo físico ao nosso redor possui hoje. Então, a existência solar chegou ao fim; novamente veio uma noite cósmica, ou, se assim quisermos dizer, um *Devachan* cósmico. Após haver penetrado nesse *Devachan*, o Sol transformou-se na antiga Lua.

Então ressurgem as partes da entidade humana que já existiam em Saturno e no Sol: os corpos físico e etérico. Durante a evolução lunar lhe fora acrescentado o corpo astral. Agora o homem possuía corpo físico, corpo etérico e corpo astral. Disto se deduz que o corpo físico, após haver surgido em Saturno, percorreu na Lua seu terceiro estado. O corpo etérico, acrescentado no Sol, foi elevado agora a um segundo grau de perfeição. O corpo astral, acrescentado apenas então, estava na Lua em seu primeiro estágio.

Sucede agora na Lua algo que durante o estado de Saturno e do Sol não poderia ocorrer. Enquanto a evolução saturnina e solar preservou o homem como um ser relativamente uno, num determinado momento da evolução lunar ocorreu o seguinte: todo o corpo cósmico se dividiu em dois elementos – um Sol e um satélite deste, a Lua. Portanto, enquanto na evolução saturnina falamos, de certa forma, de *uma* evolução planetária, e o mesmo quanto à solar, na Lua falamos de *uma* evolução apenas quanto à primeira época desse estado. Isto se deve ao fato de inicialmente tudo o que constitui nossa Terra, nosso Sol e nossa Lua estarem conjugados num antigo corpo cósmico. Surgem então dois corpos. O que surge como Sol não é o atual nem tampouco o antigo, do qual já falamos. É um estado especial, desligado da antiga Lua como um estado solar, junto ao qual surge um planeta que o circunda exteriormente e que chamamos novamente de ‘antiga Lua’. Ora, qual é o sentido dessa separação do nosso precursor terrestre durante a antiga evolução lunar?

O sentido dessa separação reside no fato de, com a separação do Sol, entidades superiores e as mais sutis substâncias haverem surgido da grande massa, terem surgido como Sol. As substâncias mais grosseiras e as entidades inferiores permaneceram na antiga Lua. Assim, durante a antiga evolução lunar temos dois corpos em vez de um: um corpo solar, abrigando entidades superiores, e um corpo lunar, abrigando entidades inferiores. Caso se houvesse mantido a totalidade, não ocorrendo a separação, certas entidades que se desenvolveram na Lua separada não poderiam acompanhar o ritmo evolutivo dos seres solares. Não estavam maduras para tal, tendo, portanto, de segregar as substâncias mais grosseiras e construir para si um cenário separado. Mas tampouco as entidades superiores puderam permanecer unidas a essas substâncias grosseiras; isto teria tolhido seu progresso mais rápido. Também elas necessitavam de um cenário especial para a evolução, e esse lugar era o Sol.

Observemos agora as entidades que se encontram no antigo Sol e aquelas que residem na antiga Lua, após a separação. Sabemos que durante o estado saturnino o corpo humano físico teve seu início, que no Sol foi acrescentado o corpo etérico e na Lua o corpo astral. Ora, essas entidades humanas ou, se assim pudermos dizer, esses homens primordiais na Lua haviam, de fato, acompanhado a Lua em sua separação. Eram aquelas que não haviam podido acompanhar a rápida evolução dos seres solares, aquelas entidades que se haviam separado juntamente com o Sol e agora viviam em meio às substâncias e matérias solares mais sutis. Portanto, esses seres humanos também se

embruteciam durante a evolução lunar. Encontramos, pois, durante a evolução lunar, o homem num estado em que possuía corpo físico, etérico e astral. Ele estava, portanto, naquele grau evolutivo que hoje é próprio do animal. Também o animal possui corpo físico, etérico e astral. Não se deve, porém, imaginar que na antiga Lua o homem tenha sido realmente um animal. Na Lua sua figura tinha um aspecto muito diferente do atual animal terreno. Aos Senhores pareceria altamente fantástico se eu lhes quisesse mostrá-lo. Encontramos, portanto, nessa antiga Lua antepassados do homem atual possuidores de corpos físico, etérico e astral, e que após se haverem separado do Sol adensaram seus membros, tornando-se mais grosseiros do que ocorreria se houvessem permanecido no Sol.

Ora, os que se haviam separado com o Sol atravessaram também essa tripla evolução: saturnina, solar e lunar. Seguiam, no entanto, a direção do Sol, ao passo que os antepassados do homem seguiam a direção da Lua. Nessas entidades que acompanharam o Sol podemos distinguir igualmente uma natureza trimembrada, paralela à organização tríplice do homem. Também no Sol havia entidades que, por assim dizer, haviam chegado a possuir três membros constitutivos. Só que, ao invés de levados ao embrutecimento após a separação, esses três membros chegaram a um refinamento. Imaginemos o seguinte processo:

Após a separação, os antepassados humanos tornam-se entidades mais grosseiras do que eram antes, vindo a enrijecer-se. Em contrapartida, as correspondentes entidades no Sol se refinam. O fato de o homem haver recebido um corpo astral durante a evolução lunar leva-o, de certa forma, a descer ao estágio da natureza animal. As entidades que não o acompanham, elevando as mais finas substâncias em direção ao Sol, aperfeiçoam-se. Portanto, assim como o homem se enrijece na Lua, no Sol surgem entidades de alta espiritualidade. Na Ciência Espiritual se denomina essa espiritualidade como a contra-imagem daquilo que se desenvolveu na Lua.

Na Lua os homens se desenvolveram até o valor, por assim dizer, do animal, apesar de não o serem. Ora, sempre se distinguiu, com certa razão, entre vários graus de animais. Os homens-animais na Lua surgiram distinguindo-se essencialmente em três graus, designados na Ciência Espiritual por 'Touro', 'Leão' e 'Águia'. São eles iguais às figuras típicas do reino animal. Havia, portanto, na antiga Lua três diferentes agrupamentos: homens-Touro, homens-Leão e homens-Águia. Embora não devamos designar com tais nomes os atuais touros, leões e águias, de certa forma a natureza degenerada daqueles homens primordiais denominados homens-Leão na Lua expressa-se nas espécies felinas, a dos homens-Touro nos animais ungulados e assim por diante. Era esta a natureza embrutecida após uma tripla evolução. No Sol, porém, existiam as contra-imagens espirituais. Existiam aí também três grupos. Enquanto a evolução do elemento astral na Lua formou esses três diferentes homens-animais, no Sol surgiram os correspondentes homens espirituais, na verdade como entidades angélicas, espirituais, designadas também — desta vez, porém, como contra-imagens espirituais — por Leão, Águia e Touro. Observando, pois, o Sol, teremos entidades espirituais representativas das imagens primordiais plasmadas em beleza e sabedoria. E na antiga Lua teremos como que reproduções enrijecidas daquilo que existe no Sol. Aí subjaz, porém, outro mistério.

Essas imagens na Lua não deixam de relacionar-se com suas contra-imagens espirituais no Sol. Na antiga Lua há um grupo de homens primordiais, os homens-Touro, e no Sol um grupo de seres espirituais designados por espíritos-Touro, havendo uma relação espiritual entre o protótipo e a reprodução. É que a alma de grupo é o protótipo e, como tal, atua sobre as reproduções. As forças emanam da alma de grupo e dirigem a reprodução: o espírito-Leão dirige as entidades que constituem sua reprodução como homens-Leão, o espírito-Águia os homens-Águia e assim por diante. Se esses espíritos do

alto houvessem permanecido unidos a Terra, unidos às suas reproduções, tendo de residir nelas, não teriam podido ativar-se, exercitar as forças necessárias à salvação e ao desenvolvimento das reproduções. Preocupavam-se em, de maneira superior, zelar pelo que devia desenvolver-se na Lua. O espírito-Touro preocupava-se em zelar pelos homens-Touro. Sabia que na Lua não poderia encontrar condições para seu próprio progresso, devendo, pois, habitar no Sol e de lá enviar suas forças para os homens-Touro. O mesmo se dava com o espírito-Leão e com o espírito-Águia. É este o sentido da evolução. Certas entidades necessitavam de um cenário superior tal como as entidades que, por assim dizer, eram suas reproduções físicas. Estas precisavam de um cenário inferior, mais modesto. Para poder atuar, as entidades espirituais tiveram de destacar o Sol e enviar suas forças do exterior. Vemos, pois, como de um lado há uma evolução descendente e, de outro lado, uma evolução ascendente.

Ora, a evolução da antiga Lua prossegue. Pelo fato de atuarem de fora sobre suas reproduções, as entidades espirituais espiritualizam a Lua, de forma que esta possa mais tarde reunir-se ao Sol. Os protótipos retomam suas imagens, como que absorvendo-as. Configura-se novamente um *Devachan* cósmico, uma noite cósmica, chamada também de *Pralaya*, enquanto estados como Saturno, Sol e Lua são denominados *Manvantaras*. Após essa noite cósmica surge, da escuridão do seio cósmico, nosso estado terrestre, incumbido de levar o homem a poder acrescentar, aos corpos físicos, etérico e astral, ainda o eu ou o portador do eu.

Agora, porém, é necessário repetir ainda uma vez o que já se desenvolveu antes. Trata-se de uma lei cósmica: quando qualquer estado superior está para surgir, é necessário repetir o que já ocorreu antes. A Terra devia, pois, primeiro percorrer mais uma vez o estado do antigo Saturno. Mais uma vez evoluiu, como que do germe cósmico, o primeiro indício do corpo físico. Ocorre então uma repetição dos estados solar e lunar.

O Sol, a Terra e a Lua estão ainda unidos num só corpo. Há então uma repetição do que já ocorreu antes: o Sol se destaca novamente. Acompanham-no de novo aquelas entidades superiores que necessitam desse cenário superior para a evolução. Elas levam consigo as substâncias mais sutis, para com estas fundar aí seu cenário cósmico. Portanto, da Terra, que continha ainda em seu corpo a Lua, separa-se o Sol, levando consigo aquelas entidades capacitadas a encontrar nele seu progresso. Podemos imaginar que entre essas entidades se encontrassem sobretudo aquelas que haviam funcionado como protótipos. Todas essas entidades – que durante a antiga época lunar haviam alcançado a correta maturidade – progrediam, não podendo, conseqüentemente, habitar mais nas substâncias e entidades mais grosseiras contidas na Terra-mais-Lua. Tiveram de retirar-se, inaugurando no novo Sol, no Sol atual, uma nova existência.

Que entidades eram essas? Eram descendentes daquelas que já no Sol, durante o antigo estado lunar, haviam-se desenvolvido como espírito-Touro, espírito-Leão e espírito-Águia. E as mais elevadas, as mais avançadas dentre elas haviam reunido em si a natureza de águia, leão e touro numa harmoniosa unidade. São aquelas entidades que se podem denominar ‘protótipos do homem’, ‘homens do Espírito’ no verdadeiro sentido. Pensemos que entre aquelas entidades encontráveis durante a antiga época lunar como espírito-Touro, espírito-Águia e espírito-Leão houve aquelas que atingiram um grau superior da evolução. São os autênticos homens do Espírito, que agora preferem estabelecer sua morada no Sol. Trata-se, por assim dizer, de contra-imagens espirituais daquilo que se desenvolve lá embaixo, na Terra-mais-Lua isolada. Lá, no entanto, desenvolvem-se os descendentes daquelas figuras que estavam na antiga Lua. Ora, podemos imaginar que já na antiga Lua ocorrera, em certo sentido, uma condensação, um endurecimento dessas entidades; assim, os descendentes dessas entidades da antiga Lua tinham de mostrar a mesma tendência à condensação e ao endurecimento. De fato

se inicia, para a parte destacada composta então de Terra-mais-Lua, uma época triste e sombria. Acima, no Sol, um desenvolvimento sempre mais vigoroso e ativo, uma vida cada vez mais plena; embaixo, na Terra, tristeza, desolação e uma solidificação acelerada.

Surgiu agora algo que somente a evolução possibilitou: o que constitui a Lua atual separou-se do corpo cósmico comum Terra-mais-Lua, e o que é hoje a Terra permaneceu. Com a Lua retiraram-se as substâncias mais grosseiras que haviam impelido a Terra a um completo endurecimento, libertando-se esta daquilo que a havia levado à completa desolação.

No início, portanto, de nossa evolução terrestre, a Terra estava unida ao Sol e à Lua atuais. Houvesse a Terra permanecida junto ao Sol, o homem não poderia chegar à evolução atual; não teria podido acompanhar uma evolução como a necessitada pelos seres no Sol. Lá em cima não se desenvolvia o homem tal como vive na Terra; desenvolvia-se um protótipo espiritual do homem, do qual, no fundo, o homem atual, em sua forma física, é apenas uma imagem. Tivesse, por outro lado, a Lua permanecido na Terra, o homem se teria paulatinamente ressecado e mumificado, não encontrando qualquer possibilidade de evolução terrena. A Terra se teria tornado um corpo cósmico desolado e ressecado. Em vez de corpos humanos tais como existem hoje na Terra, haveria surgido algo como estátuas mortas, que teriam crescido do solo como seres humanos ressecados. Isto foi evitado à medida que a Lua se separou, partindo para o espaço cósmico. Com isto surgiu na Terra a possibilidade de acrescentar-se um eu aos corpos físico, etérico e astral dos descendentes das figuras da antiga Lua, de forma que o homem pôde conceber o eu justamente pelo fato de as forças do Sol e da Lua atuarem do exterior, mantendo aí o equilíbrio.

Na Terra o homem encontrou seu progresso. A herança da Lua representava, em certo sentido, uma evolução descendente, dirigida a um estado inferior. Agora, porém, ele recebia um novo ânimo, um novo impulso para o alto. Durante todo esse tempo desenvolveram-se cada vez mais as entidades espirituais que se haviam separado com o Sol.

Imaginem os Senhores que tivéssemos à nossa frente um bloco de duro ferro, e, digamos, fôssemos pessoas de força muscular mediana. Nós golpeamos, golpeamos tentando aplainá-lo, não conseguindo, porém, dar-lhe forma. Só conseguimos moldá-lo após amolecê-lo por fusão. Algo semelhante ocorreu com a Terra, após haverem as substâncias mais grosseiras acompanhado a separação da Lua. Agora, os seres terrenos podiam ser moldados. Agora interferiram novamente as entidades que tinham sua esfera no Sol e que, durante o antigo estado lunar, haviam interferido do Sol sobre a antiga Lua, como almas de grupo. Antes da separação da Lua, as substâncias eram muito densas. Agora essas entidades atuavam como forças que configuravam e moldavam cada vez mais o homem em sua forma atual.

Observemos isto um pouco mais exatamente. Imaginem os Senhores que houvessem podido estar nesse corpo cósmico constituído de Terra-mais-Lua. Caso se houvessem tornado clarividentes, teriam visto as entidades espirituais já descritas. Sobre a Terra teriam visto uma espécie de endurecimento, de desolação, concluindo não haver em redor nada além de deserto. Tudo pareceria morto na Terra, concluindo-se que a força do Sol não poderia ganhar influência sobre aquilo que se preparava para tornar-se um grande cemitério. Então os Senhores teriam vivenciado como a massa lunar se destacou da Terra. As substâncias terrestres tornaram-se suaves e plásticas, podendo-se dizer que as forças provenientes do Sol reencontravam a possibilidade de atuar. Os Senhores teriam visto como agora os espíritos-Touro recobravam a influência sobre os seres humanos – suas reproduções –, o mesmo se dando com os espíritos-Leão e os espíritos-

Águia. E teriam apontado a Lua no exterior, que havia obscurecido sua influência nefasta por seu afastamento, atuando então apenas à distância, e tendo capacitado a Terra a receber novamente a atuação das entidades espirituais.

Na próxima palestra veremos que quadro se apresenta ao clarividente quando este acompanha as imagens remanescentes da evolução passada na Crônica do Akasha.

Remontando ao antigo estado saturnino, dizemos que aí se plasmou a primeira disposição para o corpo físico do homem. A forma física atual formou-se inicialmente em Saturno como que a partir do caos cósmico. Veio então o estado solar. A primeira forma do corpo físico agregou-se o corpo etérico. Na antiga Lua acrescentou-se o elemento astral, tanto naquelas formas que prosseguiram na evolução na Lua separada como também nos espíritos do Sol isolado. Na Lua habitavam as reproduções no estado de valor animal, e no Sol viviam os protótipos espirituais. Na Terra, finalmente, formou-se paulatinamente um estado que capacitou o homem a acolher novamente o elemento astral desenvolvido no Sol durante a evolução lunar e que agora atuava nele como força. Acompanhemos agora esses quatro estados tal como nos são descritos no Evangelho de João.

Aquela elevada força que durante a evolução saturnina conduz o germe espiritual do caos cósmico para a forma humana física é denominada, pelo escritor do Evangelho de João, como o *Logos*. O que foi acrescentado no Sol ao elemento surgido em Saturno foi chamado por ele de ‘Vida’ – aquilo que chamamos correspondentemente de corpo etérico ou vital. O que foi acrescentado na Lua chama ele de ‘Luz’, por ser a Luz espiritual, a Luz astral. Essa Luz astral provoca na Lua separada um endurecimento, e no próprio Sol uma espiritualização. Aquilo que surgiu como elemento espiritualizado pôde progredir cada vez mais. E quando o Sol se afastou novamente da Terra, o que se havia desenvolvido no terceiro estado penetrou no homem. Este, porém não era ainda capaz de ver o que, fluindo do Sol, plasmava-o e atuava como força.

Expressemos agora com as palavras de João algo que compreendemos claramente como o essencial da evolução saturnina: “No princípio era o *Logos*”

Dirigindo-nos então ao Sol, expressemos o fato de aí haver continuado a desenvolver-se o que surgira em Saturno – acrescentando-se o corpo etérico: “E o *Logos* era a Vida.”

Na Lua foi acrescentada a entidade astral, tanto sob forma corpórea quanto sob forma espiritual: “No *Logos* vivificado fez-se a Luz.”

A Luz prosseguiu em seu desenvolvimento, de um lado para uma luz clarividente, quando o Sol se destacou da Terra, e de outro, com o homem, para a escuridão; pois quando devia receber a Luz, ele, que era a treva, não compreendeu a Luz.

Leiamos, pois, iluminando o Evangelho de João a partir da Crônica do Akasha, a evolução cósmica da seguinte forma:

No princípio, durante a evolução saturnina, tudo se originou do *Logos*. Durante a evolução solar, a Vida estava no *Logos*. E do *Logos* vivificado surgiu, durante a evolução lunar, a Luz. E do *Logos* vivificado e reluzente surgiu, durante a evolução no Sol, a Luz numa forma elevada, permanecendo porém os homens num estado de escuridão. E do Sol aquelas entidades que eram os evoluídos espíritos-Touro, Leão, Águia e Homem irradiavam qual luz para a Terra, em direção às formas humanas que se plasmavam. Estas, porém, eram a escuridão e não podiam compreender a Luz que irradiava em sua direção.

Não devemos imaginar aí a luz física, mas a Luz que conjugava as irradiações das entidades espirituais – dos espíritos-Touro, Leão, Águia e Homem – que constituíam uma continuidade da evolução espiritual da Lua.

O que irradiava para baixo era a Luz espiritual. Os homens não podiam recebê-la nem compreendê-la. Em toda a sua evolução eles eram incentivados por ela, sem, no entanto, ter consciência disso: “A Luz irradiava para as trevas, mas as trevas não podiam compreender a Luz.” É desta forma paradigmática que o escritor do Evangelho de João expõe essas grandes verdades. E aqueles que sabiam disso foram desde sempre denominados os ‘servos’ ou ‘sacerdotes do *Logos*, tal como era no princípio’. É um sacerdote ou servo do *Logos*, tal como era no princípio, quem fala deste modo. No Evangelho de Lucas encontramos, no fundo, exatamente a mesma coisa na introdução. Procurem ler com um entendimento correto o que diz o escritor do Evangelho de Lucas. Ele quer informar as coisas que aconteceram desde o início “tal como nos transmitiram aqueles que viram por si mesmos desde o início, e que foram servos do Verbo”.

Por isto acreditamos terem sido servos do Verbo ou do *Logos* os que escreveram esses documentos primordiais. Aprendemos a crer nisso ao ver, partindo da própria pesquisa espiritual, como tudo se passou, e como nossa evolução transcorreu através de Saturno, Sol e Lua. Vendo nas abrangentes palavras dos Evangelhos de João e de Lucas que podemos reencontrar essas verdades independentemente de tais documentos, aprendemos a revalorizá-los, concluindo: tais evangelhos constituem um documento pelo fato de terem sido escritos por pessoas capazes de ler no mundo espiritual; são também um elo de entendimento entre nós e os que viveram nos primórdios. Nós os olhamos, de certa forma, nos olhos dizendo “Nós vos conhecemos!” ao reencontrarmos na Ciência Espiritual aquilo que eles próprios conheceram.

4 27 de junho de 1909

A natureza solar do Cristo

As observações precedentes tiveram seu ponto de partida no fato de na vida cotidiana do homem ocorrer uma tal troca de estados que ele, durante a noite, do adormecer ao acordar, tem seus corpos físico e etérico ou vital em repouso no leito e, externamente a este, o que chamamos de corpo astral e eu. Ao mesmo tempo, porém, devemos ressaltar que os corpos físico e etérico pousados no leito não poderiam subsistir se neles não penetrasse um ser astral e um eu divino-espirituais. Em outras palavras, a alternância nesses estados da vida humana diária consiste no fato de o homem noturno, ao adormecer, abandonar com seu corpo astral e seu eu os seus corpos físico e etérico, os quais, por esse motivo, são adentrados por entidades astrais e eus divino-espirituais. No estado diurno, o próprio homem preenche seus corpos físicos e etérico com seu corpo astral e seu eu. Este foi um dos pontos culminantes de nossas considerações de ontem.

O outro ponto foi o que adquirimos mediante uma abrangente observação de toda a nossa evolução humana através das encarnações anteriores da Terra – Saturno, Sol, Lua. Descrevemos também particularidades dessa observação abrangente. Ficou-nos evidente que, com relação ao progresso do planeta terrestre, ocorreu uma separação desde a evolução lunar; que certas entidades, necessitando de substâncias, por assim dizer, inferiores, mais modestas para o prosseguimento da evolução, desprenderam-se com a antiga Lua; e que entidades superiores, de natureza mais espiritual, separaram-se como uma forma mais antiga da evolução solar.

Vimos então como posteriormente ambas as partes se reuniram, como perfizeram juntas um *Devachan* cósmico ou *Pralaya*, chegando depois à evolução terrestre. Esta última ocorreu de tal forma que houve uma repetição da separação solar, existindo por

longo tempo a Terra-mais-Lua como um corpo mais grosseiro e denso, e o Sol, com entidades mais elevadas e sublimes, como um corpo mais especial e mais sutil. Vimos que a Terra, se houvesse permanecido ligada à substância lunar, ter-se-ia desolado, endurecido, e toda vida sobre ela teria sido eliminada, ou, melhor dizendo, mumificada. Num determinado momento a Lua, com tudo o que hoje contém, teve de ser expelida da evolução terrestre. Com isso ocorreu, juntamente com o desenvolvimento da entidade humana, um processo de rejuvenescimento. Vimos como as sublimes entidades que procederam ao seu desenvolvimento no Sol não podiam intervir na substância humana antes da separação da Lua, podendo depois atuar de forma rejuvenescedora – de modo que a verdadeira evolução da humanidade só foi possível a partir do momento em que a Lua se desprende da Terra. Essa separação lunar significa algo de tremenda importância para toda a evolução, e queremos examiná-la hoje com maior exatidão. Antes, porém, queremos apenas chamar a atenção para a maneira como os dois pontos de partida de nossas considerações de ontem vêm, por assim dizer, a confluir.

Observando o homem tal como se nos apresenta durante o dia, vemos uma entidade constituída dos corpos físico, etérico, astral e de um eu. Vejamos agora o homem durante seu sono noturno, pousado no leito com seus corpos físico e etérico. A consciência clarividente vê como entidades superiores penetram nesses corpos físico e etérico. Quem são essas entidades? São justamente aquelas das quais dissemos que em geral têm como cenário o Sol. Isto não constitui qualquer impossibilidade. Só quem imagina todo elemento espiritual de um ponto de vista físico, necessitando aplicar sempre o aspecto físico às representações de entidades espirituais, é que poderia dizer: como podem seres solares, habitantes do Sol, adentrar à noite um corpo humano físico e etérico? Ora, para entidades situadas em tão elevada altura a ponto de habitar o Sol, não existem as mesmas condições espaciais existentes para os que estão no mundo físico. Tais entidades podem muito bem habitar o Sol e, no entanto, enviar durante a noite suas forças ao corpo físico do homem. Podemos, pois, dizer que durante o dia o homem está desperto, isto é, habita seus corpos físico e etérico. Os deuses ou outras entidades extraterrenas estão despertos com relação aos corpos físico e etérico do homem durante a noite. Embora esta seja uma maneira metafórica de falar, no entanto é adequada. Sabemos, portanto, de onde vêm as entidades que têm de adentrar nossos corpos físico e etérico durante a noite. E assim coincidem esses dois pontos de partida.

Veremos logo, porém, que essas entidades têm seu significado não apenas com relação à vida noturna, mas ganham cada vez mais importância também com relação à vida diurna. Mas antes de tudo devemos, a fim de compreender claramente todo o significado da retirada da Lua quanto à evolução terrestre, observar ainda outro aspecto. Hoje observaremos hoje também as outras entidades que nos circundam, segundo sua origem.

Remontando mais uma vez a Saturno, podemos constatar que este consistia apenas em seres humanos. Nele não havia ainda reino animal, vegetal ou mineral. Todo o globo saturnino era composto apenas dos primeiros germes humanos, tal como a amora se compõe de seus bagos. E o que lhe pertencia circundava-o, atuando da redondeza sobre ele. Perguntamos agora: de onde, pois, proveio aquilo que deu ao homem, no antigo Saturno, a primeira disposição para seu corpo físico? Em certo sentido, podemos dizer que proveio de dois lados. Entidades espirituais superiores verteram, inicialmente, sua própria substância. No antigo Saturno ocorreu uma grande oferenda, e as entidades que a realizaram são chamadas, no sentido do esoterismo cristão, de ‘Tronos’. O pensar humano, e mesmo a clarividência humana, mal pode atrever-se a penetrar naquela sublime evolução que os Tronos tiveram de percorrer antes de capacitar-se a oferecer o

primeiro indício para o copo físico humano. Tentemos entender um pouco o que significa tal sacrifício.

Observando hoje o ser que mais conhecem — o homem —, dirão os Senhores que ele exige e dá certas coisas ao mundo. Goethe resumiu isto lindamente nas palavras: “A vida humana decorre na metamorfose entre tomar e dar.” O homem deve tomar não somente a alimentação do mundo exterior; também seu intelecto deve alimentar-se desse mundo. Com isso ele cresce e recebe o que necessita para sua própria evolução, desenvolvendo, no entanto, também capacidades, a fim de retribuir com o que ele cultiva de idéias, sensações e, finalmente, de amor. Pelo fato de ele receber algo do mundo, retribuindo-o ao dar algo diferente à sua redondeza, suas faculdades se tornam sempre mais elevadas. Ele se torna um homem inteligente e intelectual, podendo desenvolver conceitos que pode oferecer à comunidade humana em geral. Desenvolve sentimentos e sensações que se transformam em amor e que, levados aos outros homens, vivifica-os. Basta-nos recordar como o amor pode atuar de forma vivificante sobre o próximo; como quem é realmente capaz de transmitir amor aos que o circundam pode, apenas por seu amor, vivificar, confortar e elevar. Nesse âmbito, o homem possui o dom de ofertar algo. Mas por mais que nos esforcemos quanto a essa capacidade de sacrifício, esta é mínima frente à dos Tronos. A evolução, no entanto, consiste no fato de um ser alcançar cada vez mais a capacidade de sacrifício, até ser finalmente capaz de, por assim dizer, ofertar a própria substância e essencialidade, sentindo como suprema bem-aventurança doar o que desenvolveu como matéria e substância.

Existem, de fato, essas elevadas entidades que ascendem a um grau superior da existência por sacrificarem sua substância. Uma mente materialista retrucará, naturalmente: “Se entidades estão tão avançadas a ponto de sacrificar sua própria substância, como podem então ascender a um grau superior? Se sacrificam a si próprias, nada mais existe delas!” E isto o que diz a mente materialista por não poder conceber uma existência espiritual, nem que um ser seja preservado ao ofertar o que pouco a pouco tomou para si. Os Tronos estavam, em Saturno, num tal estágio que podiam verter a substancialidade adquirida na evolução anterior. Por isso ascendem a um grau superior da evolução. E o que verteu dos Tronos, algo como a substância que a aranha expele para tecer sua teia, foi o fundamento para a formação do corpo humano físico. Veio então outro tipo de entidades, não tão elevadas quanto os Tronos, as quais denominamos ‘Espíritos da Personalidade’ ou ‘Forças Primordiais’ — ‘Arqueus’, no sentido do esoterismo cristão. Esses Espíritos da Personalidade trabalharam igualmente a substância emanada dos Tronos. E da colaboração entre ambas essas entidades surgiu o primeiro vestígio do corpo humano físico.

Durante um longo espaço de tempo foi elaborado esse germe do corpo humano. Adveio então, como citamos ontem, uma noite cósmica ou *Devachan* cósmico, surgindo depois a segunda encarnação da Terra, o estágio solar. Os homens surgiram novamente, e outras entidades se acrescentaram agora: eram os ‘Espíritos do Fogo’ ou ‘Arcanjos’, no sentido do esoterismo cristão, e os ‘Espíritos da Sabedoria’ ou *Kyriotetes*. Estes se encarregaram principalmente do prosseguimento da evolução do corpo humano físico ressurgido. E agora podiam os *Kyriotetes*, Dominações ou Espíritos da Sabedoria sacrificar sua substancialidade, fazendo fluir para o corpo físico o que chamamos de corpo etérico, trabalhado a seguir pelos Espíritos do Fogo ou Arcanjos juntamente com os Espíritos da Personalidade. Com isto, o homem se desenvolveu num ser com o valor da planta.

Podemos dizer que em Saturno o homem tinha o valor do nosso mineral. Nossos minerais possuem apenas um corpo físico. Em Saturno o homem também possuía apenas esse corpo físico, estando, portanto, ainda na existência mineral. No Sol ele tinha o valor de uma planta: possuía um corpo físico e um corpo etérico.

Surge agora algo de que nos devemos compenetrar como uma idéia de suma importância se quisermos compreender toda a evolução.

Gosto sempre de dizer, a esta altura, que um acontecimento como um que existe em nossa vida cotidiana, para a preocupação e também o dissabor dos pais – o fato de crianças não serem promovidas na escola, não havendo atingido a meta da classe e tendo de repetir de ano—, também ocorre no Cosmo. Certas entidades permanecem aquém da meta de um estágio cósmico. Assim, certos Espíritos da Personalidade, que em Saturno deveriam ter atingido uma meta, ficaram para trás. Não haviam realizado todo o necessário para dar ao homem o valor de um mineral, levando-o assim à sua plenitude nesse estágio. Tais entidades tiveram então, durante o estágio seguinte, de repetir o que omitiram antes. De que maneira podiam, pois, esses Espíritos da Personalidade retardatários atuar durante a existência saturnina? Não podiam criar uma entidade como deveria ser o homem no Sol – uma entidade com corpo físico e etérico. Para tal faziam-se necessários os Espíritos do Fogo. Os Espíritos da Personalidade só podiam criar, no Sol, o que haviam criado em Saturno: um germe físico com o valor do mineral. Com isto surgiram durante a época solar, sob sua influência, entidades situadas um grau abaixo, e que formaram um reino inferior ao reino humano: são os antepassados do atual reino animal. Ao passo que em Saturno nosso reino humano atual progrediu para o valor das plantas, o atual reino animal tinha aí uma essência mineral, possuindo apenas corpo físico. Assim o nosso reino animal foi acrescentado, em seus primórdios, ao reino humano.

Portanto, nós nos perguntamos: qual de todos os seres que nos circundam tem atrás de si a mais antiga evolução? Quem foi o primogênito de nossa criação? O homem! E as outras entidades surgiram pelo fato de as forças evolutivas ligadas à existência humana haverem retido aquilo que em outro estágio poderia ter-se tornado homem, fazendo-o tornar-se, num estágio mais tardio, um ser inferior. Se os Espíritos da Personalidade retardatários houvessem realizado em Saturno o trabalho realizado no Sol, não haveria surgido o reino animal.

Da mesma forma – necessito agora apenas ilustrar – surgiu, durante a fase lunar, o seguinte:

O homem progrediu à medida que recebeu, por intermédio tanto de certas entidades chamadas por nós de Anjos como de outros espíritos elevados, os ‘Espíritos do Movimento’ – *Dynameis*, na terminologia cristã –, o corpo astral. Com isto ele se tornou, durante a existência lunar, um ser com o valor do animal. Aquelas entidades, porém, que haviam surgido durante a existência solar como um segundo reino receberam agora na Lua, em sua maior parte, o valor de plantas. Foram elas os predecessores dos nossos animais. Então, novamente por intermédio de entidades espirituais retardatárias, como já indicamos, acrescentaram-se aqueles seres pertencentes hoje ao nosso reino vegetal. No Sol ainda não havia reino vegetal – apenas os reinos humano e animal, tendo aquele surgido somente na Lua. Um reino mineral, tal como é hoje o solo e o chão sobre o qual se encontra todo o restante, ainda não existia na Lua. Assim os reinos se desenvolveram paulatinamente. O mais elevado dos reinos, o humano, desenvolveu-se primeiro. Algo como que excluído desse reino humano, atrasado com relação a ele, é o reino animal. E ainda mais atrasado permaneceu o reino vegetal.

Completada a evolução lunar, iniciou-se a evolução terrestre. Desta já descrevemos como o Sol e a Lua se separaram da Terra. Durante essa época ressurgiram todos os germes dos reinos anteriores: os reinos animal e vegetal e, finalmente, estando a Lua ainda ligada à Terra, o reino mineral. Foi justamente pelo fato de o reino mineral se haver adicionado como a base sólida que ocorreu um endurecimento, um ressecamento, tornando a Terra tão desolada. Ora, o reino mineral que hoje nos circunda nada mais é

senão uma segregação dos reinos superiores. Já ressaltai anteriormente que basta os Senhores observarem com o pensamento o que a Ciência Espiritual moderna reconhece. Já poderão então imaginar como o reino mineral foi paulatinamente segregado. Pensem que o minério de carvão, um autêntico produto mineral, é extraído da terra. O que era, pois, o minério de carvão há muito, muito tempo atrás? Eram árvores que cresciam sobre a Terra, plantas que pereciam tornando-se massas pétreas, minerais. Aquilo que hoje desenterramos como minério de carvão eram outrora conglomerados vegetais. Trata-se, portanto, de um produto inicialmente segregado; originalmente, ao invés de minério de carvão, havia aí seres vegetais. Desta forma os Senhores poderão também imaginar que todo o restante que compõe o nosso solo e o nosso chão foi segregado dos reinos superiores. Pensem só como ainda hoje certos produtos minerais são segregações de entidades animais, como as conchas dos caracóis, dos moluscos, etc. Nada do que é mineral existia antes; foi segregado apenas no decorrer do tempo. O reino mineral só foi acrescentado a Terra e se formou porque nela ainda existiam e atuavam entidades como em Saturno. O reino mineral veio a existir principalmente pela atividade dos Espíritos da Personalidade, sendo que essas entidades estão ativas em todos os graus superiores. Se a evolução, no entanto, houvesse prosseguido dessa forma, teria havido tantas interferências minerais, tantos endurecimentos e densificações que toda a Terra se teria tornado cada vez mais deserta.

Chegamos agora a um importante ponto da nossa evolução terrestre. Imaginamos como o Sol já se separou, e como, com as mais finas substâncias, afastaram-se também as entidades que, no Sol, são entidades espirituais. Observamos como a Terra se torna deserta, como a interferência mineral a torna mais e mais densa, e como conseqüentemente também as formas humanas sobre ela se tornam cada vez mais ressecadas. Já naquela ocasião ocorria uma certa alternância entre os estados vitais da entidade humana. Quero demonstrar-lhes, na evolução vegetal, o que então ocorreu também ao homem.

Da invisível semente brota a planta na primavera, desenvolvendo-se em flor e fruto e murchando novamente durante o outono. Aquilo que alegra os olhos durante a primavera e o verão desaparece no outono, restando exterior e fisicamente apenas algo insignificante. Mas se os Senhores quisessem crer que durante o inverno nada da autêntica essência da planta estaria presente, ou se o procurassem apenas no germe físico, entenderiam erradamente a planta. Tal como é hoje, na verdade a planta consiste nos corpos físico e etérico; quando, porém, é observada de forma clarividente, sua parte superior tem também uma natureza astral, estando como que envolta por uma orla. E essa natureza astral é vivificada por uma força que flui do Sol para a Terra, do elemento espiritual do Sol. Para a consciência clarividente, cada flor está envolta como que por uma nuvem que respira a vida permutada entre o Sol e a Terra. Durante a primavera e o verão, enquanto as plantas brotam e florescem, algo do ser solar se aproxima e circunda a planta na superfície. Vem o outono e então o ser astral se retira, unindo-se à vida solar. Podemos dizer que a astralidade da planta busca, na primavera, seu corpo vegetal físico na Terra, embora não se incorporando nele próprio, mas junto dele. No outono dirige-se de volta para o Sol, deixando atrás de si apenas o germe, ao mesmo tempo em garantia de que se reencontrará em sua entidade física.

De maneira idêntica, havia uma espécie de intercâmbio entre as entidades humanas físicas e as entidades solares, embora a forma dos homens fosse ainda primitiva e simples. E houve épocas em que os espíritos solares atuaram de tal forma sobre a Terra que os corpos humanos eram envoltos por astralidade, tal como hoje a astralidade vegetal envolve as plantas da primavera ao outono. Dessa época podemos, pois, dizer que o ser astral do homem estava, em certo sentido, ligado ao corpo físico na Terra em

determinados períodos, retornando depois ao Sol e voltando novamente. No âmbito físico era deixado apenas o germe.

A Terra, porém, solidificava-se sempre mais. Ocorreu então algo de grande importância, para o que chamo especialmente a atenção. Antes, quando o Sol deixara pela primeira vez a Terra, ainda era possível que as entidades astrais se unissem ao corpo físico ao retornar após sua separação; no entanto, pela crescente influência lunar, esses corpos almejados por essas entidades foram tão solidificados que não podiam mais servir-lhes. Aqui os Senhores têm com mais exatidão o que lhes descrevi ontem de forma mais abstrata. Eu disse que as forças solares perderam a possibilidade de plasmar as substâncias na Terra. Exprimindo isso mais concretamente, pode-se dizer que as substâncias se ressecavam e as entidades não encontravam mais corpos apropriados. Isto provocou também a desolação da Terra, e as almas humanas que queriam descer concluíram, finalmente, que os corpos não lhes eram mais adequados. Elas tiveram de abandoná-los, e somente os corpos possuidores das mais fortes energias puderam resistir a essa época de desolação. Esse período atingiu seu auge quando a Lua, ainda dentro da Terra, estava prestes a sair. As almas que ainda queriam tornar-se humanas não eram mais capazes de habitar esses corpos. Poucos homens habitavam ainda a Terra. Essa desolação parecia ser um paulatino perecimento sobre ela. Descreveremos precisamente essas condições se dissermos que, ao afastar-se a Lua, restavam apenas muito poucos seres humanos decididos a realmente unir-se às formas existentes lá embaixo.

Devo agora descrever essas condições mais exatamente. Retrocedamos mais uma vez ao momento antecedente à evolução lunar, tendo a Terra ressurgido do seio cósmico. Ela não surgiu como o antigo Saturno; o que aí se desenvolveu continha os efeitos de todo o ocorrido antes. Nem só matéria física estava ligada a isso, mas também todas as entidades que já haviam atuado. O fato de os Tronos se haverem unido a Saturno significa que permaneceram ligados a toda a evolução, tendo ressurgido quando a Terra se reergueu da escuridão do seio cósmico. Da mesma forma ressurgiram os Espíritos da Personalidade, os Espíritos do Movimento e assim por diante, e também os germes humanos, animais e vegetais aí implícitos.

Nossa ciência física estabelece hipóteses que são puras fantasias. Na atual cosmogonia, existe a teoria de que houve outrora uma grande nuvem cósmica estendendo-se para além de Saturno. Tal nuvem de simples névoas ou vapores é uma idéia fantástica, pois nunca existiu. Observando-se apenas com olhos físicos o que então ocorreu, de fato se teria visto uma gigantesca massa nebulosa. Nesta, porém, havia algo que os olhos físicos não poderiam ver: todas as entidades ligadas a essa evolução! O fato de mais tarde tudo se haver articulado e plasmado não se deve a um simples movimento rotativo, mas às necessidades das entidades ligadas ao todo. Os Senhores só terão uma concepção razoável dessas coisas quando se despojarem completamente da atual concepção acadêmica imposta às nossas crianças desde o início na escola.

A elas se diz que os tempos antigos só possuíram concepções e idéias infantis: — Aqueles pobres antigos indianos acreditaram num Brahma, que preenchia todo o espaço cósmico! E o antigo persa acreditava em Ormuzd, o bom deus, e em seu adversário Árimã! E mesmo os antigos gregos, com toda a sua série de divindades — Zeus, Palas Athena e assim por diante! Hoje sabemos que todas são entidades criadas pela fantasia popular! E mesmo os deuses dos antigos germanos — Wotan, Thor — são figuras mitológicas que já superamos! Sabemos hoje que tais deuses nada tiveram a ver com a evolução do mundo. No início havia uma grande nuvem primordial no espaço cósmico, que começou a girar. Primeiramente ela expeliu uma bola de sua massa, continuando então a girar; com o tempo expeliu uma segunda bola, depois uma terceira, etc. — Mas estas idéias são apenas a forma assumida pela atual mitologia copernicano-fisicalista.

Tudo isso deriva, da mesma forma, de uma outra mitologia. Só que as antigas mitologias têm sobre as posteriores a vantagem de ser mais verdadeiras que estas, que só consideraram o elemento abstrato, o aspecto material totalmente exterior. Deve-se ter sempre em mente que é muito cômodo fazer ver às crianças como tal sistema cósmico se forma de maneira bela e plausível: toma-se uma gota de óleo, recorta-se de uma folha de cartolina um disco regular, espetando-lhe um alfinete no centro e colocando-o na água para boiar. Começa-se então a girá-la, “tal como outrora girou a nuvem cósmica”. De início se produz um aplainamento, e então uma gota se separa, e uma segunda, e uma terceira, permanecendo no centro uma gota maior: surgiu um pequeno sistema planetário! Pode-se agora tornar bem plausível o seguinte: o que se apresenta em miniatura ocorreu também em grandes proporções. Aqueles que fazem tal demonstração esquecem apenas a única coisa que pode, com acerto, ser esquecida em outras oportunidades: sua própria pessoa. Esquecem que eles próprios fazem o movimento giratório vindo de cima. Toda a comparação só seria válida se tal entusiasmado professor consentisse em dizer: “Da mesma forma como estou presente e faço girar o alfinete, lá fora há um professor gigante que se preocupa em manter o todo em rotação para que os planetas se separem, como concluímos no caso da gota de óleo.” Neste caso, seria aceitável.

Sabemos que nenhum professor gigante gira lá fora o alfinete, e sim que lá existem entidades de todos os níveis, atraindo para si as matérias correspondentes. As entidades que necessitavam de determinadas condições vitais atraíram a matéria ao partir para o Sol, tomando-a para si e formando um *habitat* pelo poder de suas forças espirituais; e novamente outras entidades extraíram para si a substância terrena. É o espírito que atua até na mínima partícula de matéria, até no átomo, se assim quisermos chamar. E é uma inverdade atribuir à simples matéria uma forma de atuação. Só se poderá entender o que ocorre na mínima partícula espacial ao se entender também que o espírito atua até na maior porção do espaço. E não se trata de espírito no sentido generalizado, do qual se diz “claro que existe espírito em geral, na matéria”, um ‘espírito genérico’ ou um ‘espírito primordial’. Com isto se pode abranger qualquer coisa, sem nada resolver. Temos de reconhecer os ‘espíritos’ em sua existência concreta, em suas particularidades e em suas diversas necessidades vitais.

E agora quero dizer-lhes algo como complementação ao que já abordamos ontem: ao fato de o Sol se haver separado da Terra-mais-Lua, tendo novamente a Lua abandonado a Terra. Num sentido geral isto está correto, mas essa imagem deve ser completada.

Antes de o Sol poder separar-se, já surgira, para certas entidades, a necessidade de isolar para si cenários especiais. O que retiraram figura hoje como os planetas exteriores Saturno, Júpiter e Marte. Podemos, portanto, dizer que a matéria geral na qual se situavam o Sol e a Lua abrangia também Saturno, Júpiter e assim por diante, tendo-se retirado inicialmente certas entidades com esses corpos cósmicos. Eram entidades com necessidades existenciais que podiam ser satisfeitas nesses planetas. Então o Sol se retirou com as entidades mais sublimes, restando a Terra-mais-Lua. Esta continuou a desenvolver-se até que a Lua foi expelida da forma descrita. Porém nem todas as entidades afastadas com o Sol eram capazes de acompanhar a evolução solar. Falando metaforicamente — é difícil encontrar palavras na linguagem prosaica, sendo, pois, muitas vezes necessário falar comparativamente —, podemos dizer que tão logo o Sol se separou, certas entidades acreditaram poder suportar a jornada solar. Na realidade só as mais elevadas o conseguiram, sendo que outras tiveram de retirar-se mais tarde. E foi pelo fato de essas entidades haverem criado *habitais* especiais que surgiram Vênus e Mercúrio. Assim, vemos o desligamento de Saturno, Júpiter e Marte antes da separação

entre o Sol e a Terra; depois separaram-se do Sol Vênus e Mercúrio, desligando-se então a Lua da Terra.

Tivemos, pois, oportunidade de observar essa evolução a partir do espírito. Chegamos a compreender de tal forma a evolução do nosso sistema solar que distinguimos as diversas entidades nos diversos corpos cósmicos. Se houvermos colocado isto diante da alma, poderemos agora responder à pergunta: o que aconteceu, enfim, às entidades astrais espirituais que queriam viver na Terra como homens, tendo encontrado aí só corpos solidificados nos quais não podiam habitar?

Nem todas puderam unir-se aos espíritos solares — não estavam maduras para tal. Ocorreu, pois, o seguinte: as entidades que tiveram de abandonar os corpos na Terra retornaram por algum tempo para Saturno, Júpiter e Marte. Enquanto lá embaixo a Terra se desolava, produzindo apenas corpos incapazes de acolher entidades anímicas humanas, temos o fato de que as almas se transferiam a esses mundos planetários, a fim de aí esperar a época de encontrar novamente corpos humanos para si.

Muito poucos — apenas os corpos humanos mais fortes — estavam capacitados a receber almas a fim de preservar a vida além da crise lunar. As demais almas transportaram-se para outros corpos cósmicos. A Lua foi então expelida da Terra. Com isto as forças solares puderam atuar novamente sobre as formas humanas. A figura humana recebeu um novo impulso, tornando-se novamente maleável, flexível e plástica; e nesses corpos humanos plasticamente formados puderam habitar novamente as almas que haviam aguardado em Saturno, Júpiter e assim por diante. Tendo necessitado deixar a Terra anteriormente, retornavam agora paulatinamente após a separação da Lua, povoando os corpos humanos que ressurgiam pela renovação. Assim, temos após a separação da Lua uma época durante a qual surgiam cada vez mais novos corpos. Durante a crise lunar temos apenas um número mínimo de seres humanos. Sempre houve descendentes humanos. Mas as almas, ao descer, não utilizavam as formas, deixando-as perecer. A raça humana desaparecia gradualmente. Quando, porém, ocorreu a revivificação, os descendentes daqueles seres humanos que haviam resistido à crise lunar estavam novamente aptos a receber as almas de Saturno, Júpiter e Marte. A Terra foi gradualmente povoada de almas. E agora os Senhores podem compreender que significativo e profundo acontecimento foi essa separação da Lua. Tudo se modificou verdadeiramente por sua causa.

Observemos ainda uma vez a evolução anterior à separação da Lua. Referimo-nos ao homem como o primogênito de nossa criação. Ele nasceu já durante a época de Saturno. No Sol foi acrescentado o reino animal e na Lua o reino vegetal, sendo que o reino mineral foi adicionado na Terra. Agora, porém, a partir da separação da Lua, tudo se altera. Se a Lua não se houvesse separado, tudo sobre a Terra teria perecido: primeiro os homens, depois os animais e por último as plantas. A Terra teria sido mumificada. Antes, porém, foi salva pelo desligamento da Lua. Tudo reviveu e experimentou uma renovação. Como ocorreu essa revivificação?

O mais inferior dos reinos, o reino mineral, era o que menos a necessitava. O reino vegetal se encontrava, de certa forma, ressecado, mas poderia rapidamente reviver. Também o reino animal pôde, num certo sentido, desenvolver-se pouco a pouco. As formas humanas foram as últimas a atingir seu vigor, a fim de ser assumidas pelas almas que lhes desciam das regiões supremas. Assim, toda a evolução se inverteu após a separação da Lua. Ao passo que antes surgira em primeiro lugar o reino humano, depois o reino animal, o reino vegetal e por fim o reino mineral, agora é este último o mais capaz de fazer vigorar as forças revivificantes. A seguir o reino vegetal se desenvolve até às formas mais elevadas, depois o reino animal, e só por fim pode o reino humano realizar o mesmo. Com essa inversão evolutiva após a separação da Lua, as entidades que, por

assim dizer, esperaram por mais tempo a união do elemento físico com seu ser espiritual são aquelas que, no supremo sentido da palavra, após a separação da Lua se elevaram a uma esfera espiritual. Aquelas que chegaram mais cedo ao término de sua evolução espiritual permaneceram num grau menos perfeito. Após a separação da Lua, surgem inicialmente os retardatários. A razão disto será facilmente compreendida.

Observemos qualquer alma humana ou qualquer ser anímico que, face à solidificação, não haja querido encarnar-se antes. Transposto para uma linguagem humana atual, seu raciocínio poderia ter sido o seguinte: devo agora encarnar-me ou esperar ainda mais? Suponhamos que a Lua se haja separado recentemente, estando as coisas, portanto, ainda muito sólidas. No entanto, o ser que deseja incorporar-se tem pressa, e desce apesar das condições, contentando-se com corpos ainda não tão desenvolvidos. Por isto tem de permanecer num grau inferior. Um outro ser prefere esperar mais e permanecer ainda algum tempo no espaço cósmico, até que a Terra haja refinado e suavizado sua natureza física. Tal entidade aguarda, pois, até um momento posterior, alcançando a possibilidade de moldar fisicamente a entidade em que se incorpora, tornando-a sua imagem. Desta forma, todas as entidades que se encarnam muito cedo têm de permanecer em graus subordinados. As que podem esperar atingem os graus superiores. Nossos animais superiores permaneceram, portanto, no estágio animal por não haverem podido aguardar após a separação da Lua. Contentaram-se com os corpos que puderam assumir. Os que desceram mais tarde puderam moldar apenas as espécies humanas inferiores, então já extintas ou em extinção. Chegou então um momento adequado à união das almas com os corpos, criando o ser realmente capaz de desenvolver-se de forma humana.

Vemos assim uma desolação da Terra até a expulsão da Lua, e depois um reflorescimento das condições terrestres após a saída lunar; subseqüentemente, houve uma descida daquelas entidades egressas da Terra por causa de suas condições nocivas. Agora já não se trata apenas das entidades que plasmam o ser humano superior, mas também daquelas que desceram para coisas completamente diversas, a fim de plasmar a redondeza do homem. Trata-se aí também de aguardar o momento adequado para tal ser habitar um corpo na Terra.

Retornemos à época indica. Havia então seres humanos num alto grau de evolução. Tal como as almas descendentes de Marte, Saturno e Júpiter buscavam seus corpos, entidades superiores buscavam corpos mais evoluídos para atuar no íntimo do homem. Tomemos os grandes mestres sagrados da Índia antiga, os *Rishis*: eles colocavam uma parte de sua natureza à disposição de certas entidades superiores, que nela vinham residir. Outras entidades superiores, porém, esperavam até que houvesse na Terra outros seres perfazendo sua própria evolução superior. Não precisavam descer, permanecendo no alto até que o homem houvesse amadurecido seu íntimo ainda mais; desceriam então, pois encontrariam o interior humano um pouco mais preparado para recebê-las.

Durante a cultura pérsica, certas entidades decidiram descer ao íntimo humano, na forma como este se desenvolvera até então. O mesmo se deu durante a época egípcia.

No entanto, a suprema entidade entre as solares esperava ainda. Do exterior enviava suas forças para os santos *Rishis*. Estes contemplavam aquele que dominavam *Vishva Karman*, do qual diziam situar-se além de sua esfera. Aguardando, *Vishva Karman* sabia que o íntimo humano não estava ainda preparado para sua chegada. Veio então a cultura pérsica, em que Zaratustra, voltando-se para o Sol, viu aí *Ahura Mazdao*. Mas essa elevada entidade ainda evitava descer à esfera terrestre. Chegou a cultura egípcia e a cultura daquele povo que mais havia esperado. E veio o homem que mais tempo aguardou, e que por muitas encarnações desenvolveu seu interior. O Ser Solar, inclinando seu olhar e vendo o íntimo do ser humano que residia em Jesus de Nazaré, decidiu

descer – como as entidades inferiores que haviam descido para moldar os corpos – para esse íntimo do homem que por mais tempo havia esperado.

É certo que, já antes, entidades superiores se haviam unido ao homem. Mas aquele que esperou por mais tempo recebeu em si o Cristo – aquele que por ocasião do batismo no Jordão estava tão avançado que o mesmo Espírito que até então se havia mantido na esfera do espaço cósmico desceu e pôde unir-se ao seu interior. A partir do batismo por João o Cristo esteve no corpo de Jesus de Nazaré, pois a individualidade elaborada nele através de repetidas encarnações havia alcançado a maturidade que possibilitava a esse elevado Espírito assumir um corpo tão espiritualizado.

Esse Espírito Crístico sempre existiu. Após a separação da Lua, porém, todas as entidades tiveram de amadurecer. Inicialmente manifestaram-se pouco a pouco as entidades inferiores – as quais, segundo sua porção espiritual, menos puderam esperar – e depois entidades cada vez mais elevadas. E quando o homem pôde desenvolver cada vez mais seu íntimo, chegando o tempo em que Jesus de Nazaré alcançara a maturidade para receber em si o Cristo, quem possuía a capacidade da visão superior pôde dizer: “Eu vi como o *Espírito* desceu sobre ele!” E o que podia dizer aquele sobre quem havia descido o Espírito, se quisesse expressar o que ocorria agora em seu íntimo? Tratava-se do mesmo ser conhecido dos santos *Rishis* por *Vishva Karman*. O que teria dito *Vishva Karman* se houvesse falado em lugar dos santos *Rishis*? Sendo o Espírito Solar que, como tal, atua na Luz, teria dito: “Eu sou a Luz do Universo!” E o que disse o mesmo Espírito, pelo fato de um homem se encontrar amadurecido para recebê-lo? Como se expressou agora, a partir de um homem, Aquele que antes se encontrava no espaço cósmico, no Sol? “Eu sou a Luz do Universo!”

5

28 de junho de 1909

Consangüinidade e individualidade

Considerando-se o homem em sua presente forma, composto dos corpos físico, etérico, astral e de um eu, evidencia-se à consciência clarividente sobretudo o fato importante de os corpos físico e etérico humanos – ao menos no que respeita à sua parte superior – serem aproximadamente do mesmo tamanho e forma. Especialmente a cabeça humana, tal qual se apresenta à visão física, coincide quase exatamente com sua parte etérica; só que esta transborda um pouco de todos os lados. No animal, isto não acontece de forma alguma. Já nos animais superiores existe uma diferença enorme entre a forma e o tamanho das partes etéricas e físicas da cabeça. Se, por exemplo, os Senhores observarem com consciência clarividente um cavalo, verão que sua cabeça etérica se estende muito além da cabeça física, divergindo consideravelmente dela em sua forma. Se eu lhes desenhasse a forma que um elefante tem sobre a cabeça, os Senhores ficariam muito surpresos com a natureza desse animal. O que a percepção física vê de tal animal é apenas a densa parte física central. Analisemos esse fato.

A perfeição do ser humano no plano corpóreo material deve-se, no fundo, ao fato de o corpo etérico coincidir fortemente com o corpo físico. Não foi sempre este o caso. Em nossa evolução houve períodos em que, em seu contorno, o corpo etérico humano não correspondia de forma alguma ao corpo físico, como ocorre hoje. Com efeito, o desenvolvimento progressivo do homem consiste no fato de o corpo etérico, que extravasava o corpo físico, ter-se inserido gradualmente, por assim dizer, vindo a coincidir com ele. É agora essencial ter em conta que a interpenetração dos corpos físico e etérico se deu necessariamente num determinado momento, para que a humanidade

percorresse acertadamente sua evolução. Tivesse o corpo etérico do homem coincido mais cedo com o corpo físico, ele teria alcançado um determinado grau da evolução demasiado cedo, tendo conseqüentemente de estagnar. Que ele haja conseguido uma determinada possibilidade de evolução deve-se ao fato de essa coincidência ter ocorrido num momento bem preciso. Assim, devemos considerar agora com mais exatidão a evolução que ontem e anteontem colocamos, em traços gerais, perante nosso olhar espiritual.

Pensemos novamente que, no princípio de seu desenvolvimento a Terra estava unida ao Sol e à Lua. Nessa altura o homem havia ressurgido de seu germe que continha os corpos físico, etérico e astral. Ele estava, por assim dizer, em sua primeira forma humana—a única possível enquanto a Terra ainda continha o Sol e a Lua. Esse período da evolução da Terra, que o homem viveu em conjunto com seu planeta, é normalmente chamado, na literatura da Ciência Espiritual, de ‘época polar’. Seria muito demorado explicar hoje por que este período se chama ‘polar’; simplesmente aceitemos esse nome. Então vem a época em que o Sol se prepara para deixar a Terra; em que os seres que não conseguem prosseguir vivendo nas substâncias grosseiras da Terra se separam desta com as substâncias mais finas do Sol. Chamamos este período de ‘hiperbóreo’. Depois vem um período em que a Terra ainda está unida à Lua, quando ocorre uma contínua deserção da vida terrestre. Vimos ontem como as almas humanas abandonaram a Terra, onde apenas formas humanas raquíticas permaneceram. Na literatura da Ciência Espiritual, esta é a chamada idade ‘lemúrica’. A Lua separa-se da Terra neste período, seguindo-se uma revivificação de todos os reinos fundados na Terra. O reino mineral necessita de revivificação menor; o reino vegetal, de algo mais; o reino animal ainda mais, e a raça humana necessita das mais significativas e enérgicas forças para o prosseguimento de sua evolução. Esta renovação se inicia com a saída da Lua. Temos aí, como dissemos ontem, apenas um pequeno número de seres humanos, e estes consistem nos três membros adquiridos nas evoluções saturnina, solar e lunar. A estes, juntou-se, na Terra, o primeiro indício do eu.

Por ocasião da separação da Lua, porém, o homem ainda não existia na substância carnal que veio a assumir mais tarde. Ele existia nas substâncias mais finas daquela época. No período lemúrico, era tal a situação da Terra que nossos atuais minerais ainda se encontravam num estado fluido e dissolvidos noutras substâncias, as quais, como a água, existem hoje num estado líquido separado. Era o tempo em que o ar estava permeado de vapores densos das mais variadas substâncias. Ar puro e água pura, no nosso sentido presente, não existiam nessa altura, ou ocorriam apenas em regiões mínimas da Terra. O ser humano formou seu tênue e delicado corpo com as substâncias mais puras de então. Tivesse ele usado substâncias mais grosseiras, seu corpo teria assumido um esboço mais preciso, com nítidos contornos. Esses contornos teriam sido legados a seus descendentes, e a raça humana teria estagnado. O homem não podia criar sua forma com estas matérias, pois devia providenciar que as substâncias de seu corpo se movimentassem segundo os impulsos da alma. As substâncias que então o formavam eram maleáveis a ponto de acompanhar o impulso de sua vontade em todas as direções. Hoje em dia os Senhores podem estender sua mão, mas não podem encompridá-la três metros por meio de sua vontade. Não podem subjugar a matéria à sua vontade, porque a presente forma é herdada tal qual existe hoje. Não era o caso naquela época. O homem podia assumir qualquer forma segundo queria sua alma. Era, por assim dizer, condição para seu futuro desenvolvimento que após a saída da Lua ele se encarnasse nas substâncias mais sutis, para que seu corpo permanecesse plástico e flexível e seguisse a alma em todos os sentidos.

Chegou então a época em que certas partes da matéria, hoje tão necessárias à nossa vida – a água e o ar – purificaram-se da substância mais densa que continham, quando da água, por assim dizer, se destacou o que antes estava dissolvido nela. Da mesma forma como substâncias dissolvidas em água resfriada caem no fundo, no solo da Terra se precipitava a matéria dissolvida. A água tornou-se livre e a matéria foi expulsa do ar; ar e água se formaram. O homem estava apto a usar essas substâncias refinadas para sua constituição.

Deste terceiro período os homens sobreviveram gradualmente para a época que chamamos de atlântica, porque a maior parte da raça humana vivia então num continente hoje submerso e que se estendia entre as atuais América, Europa e África – onde se situa agora o Oceano Atlântico. Passado um certo tempo durante a época da Lemúria, os homens continuaram seu desenvolvimento no continente atlântico. E aí aconteceu tudo o que tenho de descrever-lhes agora, assim como muitas das coisas que já mencionamos ontem.

No momento em que a Lua deixou a Terra, nesta se achava presente a minoria das almas humanas que mais tarde vieram a encarnar-se. E isto porque as almas humanas estavam distribuídas pelos vários planetas. Durante o final do período lemúrico e o início do período atlântico, essas almas desceram. Poucos homens, disse-lhes eu, puderam vivenciar a crise durante a época lemúrica, pois apenas os mais fortes, aqueles que podiam habitar antes da partida da Lua essa matéria solidificada e ainda não abrandada novamente, manifestaram-se sobre a Terra por toda a crise lunar. Tão logo, porém, se abrandou tudo o que se havia solidificado durante a crise lunar, formando-se descendentes que não eram comprimidos em rígidos contornos pelas condições hereditárias, sendo, na verdade, flexíveis, as almas retornaram pouco a pouco dos diversos planetas e habitaram esses corpos. No entanto, as formas que muito cedo se tornaram físicas após a separação da Lua mantiveram a figura rígida, pela hereditariedade, não podendo tomar almas humanas mesmo após a retirada lunar. Podemos imaginar o processo de tal forma que essas almas tenham necessidade de retornar à Terra. Lá surgem as diversificadas formas, descendentes das figuras restantes após a separação da Lua, sendo que abaixo delas existem os diversos graus de solidificação. Aquelas almas humanas, sobretudo as entidades anímicas que em certo sentido estavam menos compelidas a unir-se à matéria, escolheram para si as mais maleáveis dessas figuras, abandonando-as pouco depois. Em contrapartida, os outros seres anímicos que já se uniam às formas mais enrijecidas prenderam-se a essas formas, ficando, conseqüentemente, para trás na evolução. Justamente os animais mais próximos do homem surgiram porque certas almas descidas do espaço cósmico não puderam esperar. Elas buscaram muito cedo os corpos, tornando-os figuras rigidamente delineadas antes que esses corpos pudessem ser permeados totalmente pelo corpo etérico. A forma humana permaneceu plástica até poder adaptar-se totalmente ao corpo etérico. Assim surgiu aquela coincidência de que falei, completada no último terço da época atlântica. Antes disso, a parte da alma humana que descia mantinha o corpo fluido, cuidando para que o corpo etérico não coincidissem completamente com parte alguma do corpo físico. Essa confluência dos corpos etérico e físico ocorreu num momento bem determinado. Foi só durante a época atlântica que o corpo físico humano assumiu uma configuração definida, começando a endurecer.

Caso nada mais houvesse ocorrido nesse momento da evolução atlântica, a evolução teria decorrido diferentemente do que foi na realidade. Então o homem teria passado muito rapidamente de um estado anterior de consciência para um posterior. Antes de estar completamente unificado com relação às suas partes física e anímica, o homem era um ser clarividente, embora essa clarividência fosse nebulosa, semiconsciente. Ele tinha

a possibilidade de ver no mundo espiritual, não podendo, porém, dizer ‘eu’ de si mesmo nem distinguir-se do mundo circundante. Faltava-lhe autoconsciência, que só surgiu no ponto da evolução em que se uniram os corpos físico e etérico. E se nada diferente houvesse ocorrido, em tempo relativamente curto teria havido o seguinte:

Antes desse momento, o homem possuía uma consciência do mundo espiritual. Não podia ver claramente os animais, plantas e assim por diante, porém via muito bem um elemento espiritual que os envolvia. Ele não teria, por exemplo, visto nitidamente a figura do elefante, mas teria visto, isto sim, o elemento etérico que ultrapassa o corpo físico desse animal. Essa consciência do homem teria gradualmente desaparecido; o eu ter-se-ia estruturado na coincidência dos corpos físico e etérico, e o homem teria visto como que de outro lado o mundo à sua volta. Ao passo que antes ele havia visto imagens clarividentes, desse momento em diante teria percebido um mundo exterior, mas simultaneamente as entidades e forças espirituais que fundamentam esse mundo. Não teria visto a imagem física da planta tal como a vê hoje, mas teria percebido, juntamente com essa imagem, seu ser espiritual. Por que, no decorrer da evolução, a consciência clarividente nebulosa não foi simplesmente substituída por uma consciência dos objetos materiais que simultaneamente fizesse os homens perceber e conhecer o espiritual?

Isto não aconteceu porque justamente durante a crise lunar, quando o homem reviveu, atuaram sobre ele entidades que se podem descrever como retardatárias, porém superiores ao homem. Já conhecemos diversas dessas entidades. Sabemos existirem aquelas que ascenderam ao Sol e outras emigradas para outros planetas. Mas havia também entidades espirituais que não cumpriram o programa que deviam executar na Lua. Essas entidades, inferiores aos deuses e superiores ao homem, designamo-las, segundo seu guia – a suprema e mais potente dentre elas: Lúcifer — como as entidades luciféricas.

Na época da crise lunar, o homem se havia desenvolvido a ponto de possuir um corpo físico, um corpo etérico, um corpo astral e um eu. Ele devia seu eu à influência dos ‘Espíritos da Forma’, tanto quanto seu corpo astral aos ‘Espíritos do Movimento’, seu corpo etérico aos ‘Espíritos da Sabedoria’ e o seu corpo físico aos ‘Tronos’. Os Espíritos da Forma – *Exusiai* ou ‘Potestades’, no esoterismo cristão—foram aqueles que tornaram possível o acréscimo do germe do eu aos outros membros. Ora, se o homem tivesse seguido uma evolução normal, tendo todas as entidades à sua volta cumprido suas tarefas correspondentes, certas entidades teriam atuado sobre seu corpo físico, outras sobre seu corpo etérico, outras sobre seu corpo astral e outras ainda sobre seu eu da forma adequada, cada espécie sobre o membro correspondente. Agora, porém, havia as entidades estacionadas na fase lunar, ou seja, luciféricas. Se houvessem podido continuar a atuar corretamente, elas teriam sido chamadas a influenciar o eu. Na Lua, porém, haviam aprendido somente a atuar sobre o corpo astral, e este fato trouxe uma consequência significativa. Se esses espíritos luciféricos não estivessem presentes, o homem teria recebido seu embrião para o eu e ter-se-ia desenvolvido até o último terço da época atlântica a ponto de trocar a consciência clarividente nebulosa pela consciência dos objetos materiais. No entanto, em seu corpo astral penetraram, como um raiar de forças, os efeitos dos espíritos luciféricos. Em que consistiam esses efeitos?

O corpo astral é o portador dos impulsos, desejos, paixões, instintos, etc. O homem teria estruturado diferentemente seu corpo astral se os espíritos luciféricos não o houvessem abordado. Ele só poderia ter desenvolvido impulsos que o conduziram com segurança e o levariam apenas adiante. Os espíritos o teriam conduzido à visão do mundo em objetos atrás dos quais as entidades espirituais se haveriam tornado visíveis. Faltar-lhe-iam, porém, liberdade, entusiasmo, sentimento de autonomia e paixão por esse

mundo superior. O homem teria perdido a antiga consciência clarividente, vendo a magnificência do mundo como uma espécie de deus, pois ter-se-ia tornado um membro da Divindade. E essa visão do mundo teria criado em seu intelecto sua imagem reflexa com grande perfeição. Mas em sua perfeição ele se teria tornado apenas como que um grande espelho do Universo.

Ora, antes desse momento os espíritos luciféricos moldaram, no corpo astral, paixões, impulsos, desejos que se uniram ao que o homem absorvera em seu caminho evolutivo. Com isto ele não só pôde ver as estrelas, mas ao mesmo tempo inflamar-se por elas, suscitar entusiasmo e paixão; e não apenas seguir os impulsos divinizados do corpo astral, mas desenvolver impulsos próprios a partir de sua liberdade. Isto lhe foi inculcado pelos espíritos luciféricos em seu corpo astral. Mas com isto eles lhe propiciaram algo diverso: a possibilidade para o mal, para a culpa. Ele não os possuía caso tivesse sido conduzido, passo a passo, pelos deuses sublimes. Os espíritos luciféricos tornaram o homem livre, inculcaram-lhe entusiasmo, dando-lhe, porém, simultaneamente a possibilidade dos desejos inferiores. O homem teria, num processo evolutivo normal, uma ligação normal, por assim dizer, com qualquer coisa. Desta forma, porém, as coisas do mundo sensorial puderam agradar-lhe mais do que deveriam, e ele pôde ficar agarrado a elas com seu interesse. E a conseqüência foi o fato de ter entrado nesse endurecimento físico mais cedo do que normalmente teria ocorrido.

O homem chegou, pois, a uma forma rígida mais cedo do que fora previsto pelas entidades divino-espirituais. Na verdade, ele deveria ter descido de uma forma fluida para uma forma sólida no último terço da época atlântica. No entanto desceu antes dessa época e tornou-se um ser rígido. É isto o que nos descreve a Bíblia como o pecado original. Porém temos também, nas épocas que já consideramos, elevadas entidades que atuam sobre o eu presenteado ao homem. Elas fazem fluir as forças que levam o homem adiante em sua trilha no Cosmo à medida que esses seres humanos descem e unem-se aos corpos; elas mantêm sua mão protetora sobre ele. De outro lado, porém, há aquelas entidades que não se elevaram para atuar sobre o eu: atuam sobre o corpo astral do homem, desenvolvendo nele impulsos bem definidos.

Quando observamos a vida humana física durante essa época, uma imagem dessas duas potências antagônicas se nos apresenta: as potências divino-espirituais, que atuam sobre o eu, e as entidades luciféricas. Seguindo um pouco o lado espiritual do processo, podemos concluir que enquanto a Terra estava desolada, as almas humanas emigraram para os diversos corpos cósmicos pertencentes ao nosso sistema solar. Agora essas almas retornam à medida que encontram corpos na linha hereditária física. Pensando que justamente por ocasião da separação da Lua a Terra estava povoada ao mínimo, os Senhores poderão imaginar que a raça humana se ramificava a partir de poucos homens. Isto aumenta pouco a pouco, e cada vez mais almas descem e povoam os corpos existentes sobre a Terra. Durante muito tempo ocorreu haverem surgido descendentes dos poucos homens existentes à época da separação da Lua. Sobre estes atuavam as próprias forças solares elevadas. Esses homens haviam-se mantido fortes o suficiente para propiciar às forças solares um ensejo mesmo durante a crise lunar. Todos esses homens e seus descendentes sentiam-se, por assim dizer, como 'homens solares'. Esclareçamos isto. Para simplificar, imaginem os Senhores que durante a crise lunar houvesse apenas *um* casal humano. Não quero decidir se realmente foi assim. Esse casal humano tem descendentes; estes também o têm, e assim por diante. Assim se ramificou a raça humana. A medida que, em sentido estrito, havia uma simples descendência dos antigos homens solares, havia também em todos esses homens, possibilitado por sua antiga clarividência, ainda um estado de consciência bem específico. O homem tinha, naquela época, não apenas uma memória para aquilo que ele próprio vivenciava a partir

de seu nascimento – ou, como é hoje o caso, desde um momento posterior ao nascimento –, mas lembrava-se de tudo o que o pai, o avô e assim por diante haviam vivenciado. A memória remontava aos antepassados, a todos de quem ele era consanguíneo. Isto ocorria porque, em certo sentido, as forças solares protegiam todos os que tinham parentesco entre si e cuja ascendência alcançava os homens sobreviventes da crise lunar. Elas haviam suscitado a consciência do eu, mantendo-a por toda a linhagem sangüínea. Agora aumentava a raça humana, e as almas egressas para o espaço cósmico retornavam à Terra. Aquelas almas, porém, em que as forças solares eram suficientemente fortes, sentiam ainda constantemente essas forças, embora houvessem descido e fossem afins com esferas totalmente diferentes do Sol.

Chegaram no entanto épocas em que as almas, sendo descendentes posteriores, perderam a ligação e, conseqüentemente, a memória em comum com seus antepassados. E quanto mais se multiplicava a raça humana, mais se perdia essa consciência viva ligada à herança sangüínea. E isso se deu pelo fato de aquelas potências que conduziam o homem adiante e lhe implantaram o eu se haverem confrontado com as potências luciféricas que atuavam sobre o corpo astral. Estas atuavam contra tudo o que congregasse os homens, pois queriam outorgar-lhes liberdade e autoconsciência. Dessa forma, os mais antigos homens sobreviventes à crise lunar não só diziam ‘eu’ a respeito do que eles próprios vivenciavam, mas também a respeito do que haviam vivenciado seus antepassados. Sentiam o ser solar que atuava no sangue. E mesmo após isto ter desaparecido, aqueles que, por exemplo, haviam chegado de Marte sentiam o laço que os unia ao espírito protetor de Marte. Seus descendentes, justamente por serem recrutados entre as almas de Marte, sentiam a influência protetora que emanava do espírito de Marte.

Contra esse sentimento de grupo onde reinava o amor é que os espíritos luciféricos dirigiam seus ataques. Eles sabiam cultivar, em contraste com o eu comum implantado em tais grupos, o eu individual do homem.

Remontando aos tempos antigos, encontramos, e cada vez mais à proporção que retrocedemos, uma consciência comunitária ligada ao parentesco sangüíneo. Quanto mais avançamos para o presente, mais desaparece essa consciência, e quanto mais o homem se sente independente, sente também que deve desenvolver um eu individual em contraposição ao eu comum. Atuam, assim, dois reinos no homem: o reino dos espíritos luciféricos e o das entidades divino-espirituais. Estas últimas conduzem o homem ao homem, porém pelos laços sangüíneos. As entidades luciféricas tentam separar, tentam apartar um homem de outro. Ambas as forças atuam durante a época atlântica, perdurando ainda quando o continente atlântico submerge pelo efeito de grandes catástrofes e a Europa, a Ásia, a África e, do outro lado, a América recebem sua forma atual. Continuam a atuar na quinta época terrestre, até o nosso tempo.

Descrevemos, assim, cinco épocas terrestres:

- a época polar, quando a Terra ainda estava unida ao Sol;
- a época hiperbórea, quando a Lua ainda estava ligada à Terra;
- a época lemúrica;
- a época atlântica;
- e, finalmente, a pós-atlântica – a nossa própria época.

Vimos como os espíritos luciféricos interferiram e como atuaram contra as potências divino-espirituais que haviam congregado os homens. Devemos dizer que algo totalmente diferente teria ocorrido caso os espíritos luciféricos não houvessem interferido na evolução humana. No último terço da época atlântica, a antiga consciência clarividente

teria sido permutada por uma consciência dos objetos, porém permeada de espírito. Antes, no entanto, os espíritos luciféricos conduziram o homem a um corpo físico enrijecido, fazendo-o olhar para o mundo físico mais cedo do que teria sido possível de outra forma. Como consequência o homem entrou, no último terço da época atlântica, num estado totalmente diferente do que teria se apenas as potências divino-espirituais o houvessem conduzido.

Enquanto de outra forma o homem teria visto um mundo exterior como que transiluminado e transespiritualizado por entidades superiores, ele agora via apenas um mundo físico, tendo-se esquivado dele o mundo divino. Ao seu corpo astral haviam-se mesclado os espíritos luciféricos. Pelo fato de o homem se haver ligado ao mundo sensorial, imiscuíam-se em sua concepção exterior, na relação e na distinção entre o eu e o mundo exterior, os espíritos arimânicos de Zaratustra, os quais podem ser chamados também de espíritos mefistofélicos. O homem não tem em si seus corpos físico, etérico e astral como deveria se apenas houvessem atuado os deuses mais elevados. Ele recebeu, em seu corpo astral, entidades que denominamos luciféricas, e que o levaram para fora do Paraíso antes que ele devesse sair. E a consequência da atuação dos espíritos luciféricos é o fato de em sua concepção se haverem imiscuído os espíritos arimânicos, mefistofélicos, que agora lhe mostram o mundo exterior na simples forma sensorial, e não como é na verdade. Por isso o mundo hebraico denomina esses espíritos que iludem o homem como *mephiz-topel* – *mephiz*, o corruptor, e *topei*, o mentiroso. ‘Mefistófeles’ deriva, pois, daí. Trata-se do mesmo espírito que Árimã. Ora, o que Árimã provocou no homem, em oposição a Lúcifer?

Lúcifer fez com que as forças do corpo astral se tornassem piores do que deveriam, e que o homem adensasse precocemente sua matéria física. No entanto, com isto o homem alcançou também sua *liberdade*, à qual do contrário não teria chegado. Os espíritos mefistofélicos fizeram com que o homem visse o fundamento espiritual do mundo, mas que lhe fosse simulada uma *ilusão* do mundo. Mefistófeles conferiu ao homem a opinião de que o mundo exterior é apenas uma existência material, não havendo dentro e por trás do elemento material um aspecto espiritual. Em toda a humanidade sempre se passou a cena que Goethe descreve tão maravilhosamente em seu *Fausto*. Aí vemos, de um lado, Fausto buscando o caminho para o mundo espiritual e, de outro lado, Mefistófeles descrevendo o mundo espiritual como um Nada, pois seu interesse é apresentar-lhe o mundo sensorial como o Tudo. Fausto replica-lhe com o que qualquer pesquisador espiritual diria neste caso: “Em teu Nada espero encontrar o Tudo!” Somente quando se sabe como há espírito em cada mínima parte da matéria e como a representação da matéria é mentira, só ao se reconhecer que Mefistófeles é o espírito que corrompe as idéias do mundo, é que o mundo exterior alcança uma representação correta.

O que era necessário à humanidade para levá-la novamente adiante, para não deixá-la sucumbir ao destino preparado por Lúcifer e Árimã?

Já durante a época atlântica, foi necessária uma atuação para que a influência das entidades luciféricas não se tornasse muito grande. Já nos antigos tempos atlânticos, havia homens que trabalhavam de tal forma em si mesmos que a influência luciférica em seu corpo astral não podia tornar-se muito grande; eles estavam atentos ao que provinha de Lúcifer, procurando na própria alma as paixões, impulsos e desejos emanados dele. O que ocorreu pelo fato de haverem exterminado as particularidades provenientes de Lúcifer? Com isto, eles recriaram a possibilidade de ver, em sua forma pura, aquilo que o homem teria contemplado caso não houvesse sofrido a influência dos espíritos luciféricos, e mais tarde dos arimânicos. Mediante uma maneira pura de viver e cuidadoso autoconhecimento, certos homens da época atlântica procuravam expulsar de

si essa influência de Lúcifer. Por isso lhes foi possível, naquela época, quando ainda existiam resquícios da antiga clarividência, olhar dentro do mundo espiritual e ver algo superior ao que viam os demais, que se haviam endurecido na matéria física pela influência luciférica. Tais homens, que por um autoconhecimento pleno de caráter expulsaram a influência luciférica, tornaram-se os guias da época atlântica, ou, como podemos também dizer, os iniciados atlânticos. O que, afinal, fez Lúcifer realmente?

Lúcifer dirigiu seu ataque preferencialmente àquilo que congregava os homens e que, no amor, estava ligado ao sangue. Tendo conseguido ver espiritualmente essa ligação, podiam eles dizer que não só na divisão, não só na separação está o que leva os homens adiante, mas naquilo que une os homens. Assim, esses homens procuraram ao mesmo tempo recuperar o estado primordial existente antes de o mundo espiritual haver sido prejudicado pelo poder de Lúcifer. Estavam empenhados em eliminar o elemento pessoal: “Matai aquilo que vos confere um eu pessoal e olhai para aqueles antigos tempos em que o parentesco sangüíneo falava ainda tão eloqüentemente que o descendente sentia seu eu até os primeiros antepassados, entre os quais o primeiro patriarca, morto havia longo tempo, era tido por santo!” Aquela época da comunidade humana primordial é que os guias da época atlântica queriam conduzir os homens. Por toda a evolução houve tais guias, que sempre ressurgiam dizendo: “Procurai não sucumbir às influências que querem induzi-los ao eu pessoal; procurai reconhecer aquilo que congregou os homens nos tempos antigos, e então encontrareis o caminho para o Espírito Divino!”

No fundo, essa convicção foi conservada em sua mais pura forma entre aqueles que conhecemos como o antigo povo hebraico. Tentem compreender corretamente as prédicas daqueles que eram os guias desse antigo povo hebraico. Eles se punham à frente de seu povo dizendo: “Chegastes ao ponto em que cada qual acentua seu eu pessoal, buscando seu ser apenas em si próprio. Contudo promoveréis a evolução se matardes o eu pessoal e empregardes todas aquelas forças que vos conduzirão à consciência de descenderdes todos de Abraão, estando ligados até ele e sendo membros do grande organismo que até ele se estende. Quando vos for dito: ‘Eu e o Pai Abraão somos Um!’, e o acolherdes em vós com exclusão de qualquer elemento pessoal, tereis então a consciência acertada que vos conduzirá ao Divino, pois para além do primeiro antepassado segue o caminho para o Divino.” Foi o povo hebraico que por mais tempo conservou o fundamento para a condução dos que combateram a influência luciférica.

Aos homens, porém, havia sido confiada a missão de não eliminar o eu, e sim estruturá-lo e cultivá-lo. Os antigos iniciados nada podiam fazer contra o desenvolvimento do eu pessoal, a não ser dizer que se deveria ascender até além dos antepassados, em direção aos antigos deuses.

Chegado à Terra o grande impulso caracterizado ontem – o impulso do Cristo –, pela primeira vez ressoou clara e nitidamente uma nova linguagem. E esta pôde ser tão clara e nitidamente acolhida no seio do povo hebraico pelo fato de esse povo haver preservado, até a época mais tardia, o que podemos apresentar como o eco dos antigos iniciados atlânticos.

Cristo transformou aquela linguagem dos antigos iniciados dizendo o seguinte: existe uma possibilidade de o homem cultivar sua própria personalidade, de não apenas seguir os laços físicos da consangüinidade, mas olhar para seu eu buscando e encontrando aí o Divino! Naquilo que caracterizamos como o impulso do Cristo está a força que, ao nos unirmos a ela, possibilita-nos fundar, apesar da individualidade do eu, um laço fraterno espiritual de homem para homem. Assim, a força do Cristo era diferente daquela reinante no círculo aonde ele fora introduzido. Dizia-se aí: “Eu e o Pai Abraão somos Um! Tenho de saber disso se quiser reencontrar o caminho para o Divino.”

O Cristo, porém, dizia: “Existe um outro Pai, por meio do qual o eu encontrará o caminho para o Divino; pois o eu ou Eu-Sou e o Divino são Um! Existe um aspecto eterno que poderás encontrar se permaneceres em ti.” Assim pôde o Cristo descrever a força que ele queria comunicar aos homens com as palavras do Evangelho de João: “Pois antes de existir Abraão, existia o Eu-Sou!”. E o Eu-Sou nada é senão o nome que o próprio Cristo se atribuía. E no homem se acende esta consciência: “Em mim vive algo que existia muito antes de Abraão; não preciso ir até Abraão, pois em mim encontro o Espírito-Pai divino!” – e então ele pode transformar em bem aquilo que foi trazido por Lúcifer para o cultivo e o desenvolvimento do eu e levou ao atraso da humanidade. Eis o feito do Cristo: ter transformado em bem a influência de Lúcifer.

Suponhamos que apenas as entidades divino-espirituais hajam atuado – aquelas que ligaram o amor somente aos laços sangüíneos, exigindo sempre do homem apenas o seguinte: “Deves ascender por toda a linhagem sangüínea se quiseres encontrar o caminho para os deuses!” E então os homens, sem a presença de uma consciência plena, teriam sido agregados numa comunidade humana, nunca tendo alcançado uma completa consciência de sua liberdade e autonomia. Foi isto o que os espíritos luciféricos inculcaram em seu corpo astral antes do aparecimento do Cristo. Eles separaram os homens, querendo colocar cada qual sobre seus próprios pés. O Cristo, porém, transformou em bem o que teria sido necessário advir se a influência luciférica houvesse chegado ao extremo – caso em que os homens teriam caído em desamor. Lúcifer trouxe aos homens liberdade e autonomia; Cristo transformou essa liberdade em amor. E pelo laço Crístico os homens são conduzidos ao amor espiritual.

Deste ponto de vista, recai uma outra luz sobre o que os espíritos luciféricos realizaram. Será que podemos continuar a descrever como negligência e indolência o fato de outrora eles se haverem ‘retardado’? Não! Eles se retardaram a fim de completar determinada missão durante a época terrestre: evitar que os homens fossem fundidos como que num simples mingau só por laços naturais. Eles deviam ainda preparar o caminho para o Cristo. E como se na Lua houvessem dito: “Queremos renunciar aos nossos objetivos na Lua, a fim de poder atuar na Terra no sentido da continuidade da evolução!” Este é um dos exemplos de como um mal aparente, um aparente erro é transformado no melhor no contexto total do Universo. Para que o Cristo pudesse interferir oportunamente na evolução terrestre, certos espíritos lunares tinham de sacrificar sua missão lunar e preparar o Cristo. Vemos, assim, que podemos conceber o atraso de Lúcifer na Lua também como um sacrifício.

Com isto nos aproximaremos cada vez mais de uma verdade que o homem deve inscrever na alma como uma elevada moral: “Quando vires no mundo algo mau, não digas ‘eis algo mau, e portanto, imperfeito’, mas pergunta: ‘Como posso evoluir para o conhecimento de que, num contexto superior da sabedoria existente no Cosmo, esse algo mau será transformado em algo bom? Como chegarei a dizer que o fato de eu ver aqui algo imperfeito ocorre por eu não estar ainda avançado a ponto de ver também a perfeição desse algo imperfeito?’”. ‘Ao ver algo mau, o homem deve contemplar sua própria alma e perguntar-se: “Como é que não estou tão avançado para, ao me defrontar com algo mau, reconhecer nele algo bom?”’.

6

29 de junho de 1909

Renovação pelo amor Crístico

Dissemos ontem que a humanidade possuía grandes guias mesmo na época que denominamos período atlântico da evolução humana. Sabemos, das considerações de ontem, que esse período decorreu numa região terrestre que denominamos a Velha Atlântida, situada entre as atuais Europa e África, de um lado, e a América, de outro. Mencionamos também como era diferente a vida humana de então, especialmente com relação ao estado da consciência humana. Pudemos deduzir dessas observações que a consciência atual do homem só se desenvolveu gradualmente, tendo ele saído de uma espécie de clarividência nebulosa. Sabemos também que os homens, na época atlântica, possuíam um corpo constituído de uma substância essencialmente mais macia, flexível e plástica do que a do corpo humano atual. E sabemos, ainda, que a consciência clarividente nos ensina que o homem de então ainda não estava apto a perceber, por exemplo, os objetos sólidos com seus contornos tão precisos, tal como hoje nossos olhos os vêem. É claro que o atlante já podia perceber os objetos do mundo exterior – os reinos mineral, vegetal e animal –, porém de uma maneira indistinta e vaga. Assim como hoje vemos, numa noite de nevoeiro invernal, as luzes da rua com uma auréola colorida, o homem percebia em redor dos objetos algo como molduras cromáticas ou ‘auras’, como se diz. Eram os indícios das entidades espirituais pertencentes às coisas. Em certas ocasiões do dia, a percepção dessas entidades espirituais era muito imprecisa, mas em outros momentos, especialmente nos estados intermediários entre o acordar e o adormecer, era bem clara.

Se quisermos imaginar bem vivamente a consciência de um antigo atlante, deveremos ter presente que ele não chegou a ver, por exemplo, uma rosa com nítidos contornos tal qual hoje. Tudo se confundia na nebulosidade e era envolto por molduras coloridas. Já durante o dia tudo era indistinto, tornando-se, porém, ainda mais impreciso e vago no interlúdio entre o acordar e o adormecer. Com isso, no entanto, o homem percebia muito claramente aquilo a que nos devemos referir como o espírito da rosa, a alma da rosa.

O progresso da evolução consistiu no fato de se haverem tornado cada vez mais nítidos os objetos exteriores e cada vez mais indistintas as entidades espirituais pertencentes às coisas. Por isso, no entanto, o homem aprimorava progressivamente sua autoconsciência, aprendendo a sentir cada vez mais a si próprio.

Descrevemos ontem o momento em que se evidenciou uma clara sensação do eu. Dissemos que o corpo etérico chegou a coincidir com o corpo físico ao aproximar-se o último terço da época atlântica. Os Senhores podem imaginar que também a maneira de conduzir os homens era outrora muito diferente. Tal entendimento de homem para homem, no qual se apela ao parecer do outro, não existia em absoluto nos tempos atlânticos. Nessa época da clarividência nebulosa, o entendimento consistia na passagem de uma influência subconsciente de pessoa para pessoa. Existia em alto grau sobretudo aquilo que hoje conhecemos apenas nos últimos vestígios, divulgado de várias formas e mal interpretado: uma sugestão, uma influência subconsciente de homem para homem, que pouco recorria à colaboração da outra alma. Quando retrocedemos à antiga época dos atlantes, vemos que então se exercia uma forte atuação sobre a outra alma tão logo despontasse qualquer imagem ou sensação na alma do homem e ele dirigisse sua vontade para o outro. Todas as influências eram vigorosas, e também a vontade era forte para receber tais influências. Disso existem hoje apenas resíduos.

Imaginem um homem daquela época passando pelo outro e fazendo aí certos movimentos. Vendo-o, o outro precisaria ser apenas um pouco mais fraco, e já estaria exercido o efeito para que ele quisesse imitar todos os movimentos. Disso nos restou hoje, como um vestígio herdado, a tendência a bocejar ao se ver outra pessoa bocejando. Existia um laço mais íntimo entre os homens. Isto se devia ao fato de o

homem viver numa atmosfera muito diferente da atual. Hoje vivemos num ar permeado de água somente quando chove forte. Naquela época, o ar era continuamente repleto de densos vapores d'água. E nos primeiros tempos da Atlântida o homem não possuía qualquer substância mais densa do que a de certos animais gelatinosos que vivem hoje no mar e mal se distinguem da água à sua volta. Assim era o homem, e só gradualmente se adensou. Mas já sabemos que esse homem sempre estava exposto a influências não só das entidades espirituais superiores que verdadeiramente o conduziam, habitantes do Sol ou distribuídas entre os diversos planetas do nosso sistema solar, mas também a espíritos luciféricos que influenciavam seu corpo astral. E caracterizamos também em que direção vigoravam essas influências. Dissemos também, no entanto, que os dirigentes do povo atlântico tinham de combater essas influências luciféricas em seu próprio corpo astral. Pelo fato de ser ainda – e sobretudo – espiritual e clarividente na consciência, o homem também percebia tudo o que vivia nele como influência espiritual.

Hoje, um homem que nada saiba da Ciência Espiritual rirá se lhe for dito: “Em teu corpo astral estão assentados os efeitos dos espíritos luciféricos.” De fato, ele não sabe que essas entidades têm sobre ele uma influência muito maior do que teriam se ele as observasse:

Nunca ao diabo atenta o povinho,
nem se ele os tem pelo colarinho.

Esta é uma sentença muito profunda no *Fausto* de Goethe. E muitas influências materialistas não existiriam hoje se os homens soubessem que as influências luciféricas ainda não se excluíram todas do homem.

Naquela época, entre os guias e seus discípulos era mantida rigorosa atenção a tudo o que suscitasse paixões, impulsos e desejos que levassem o homem a um interesse mais profundo por sua redondeza físico-sensorial do que seria bom para o prosseguimento de sua evolução no Universo. Assim, quem quisesse tornar-se guia devia principalmente exercitar esse autoconhecimento, nitidamente alerta a tudo o que pudesse provir da influência luciférica. Ele tinha de estudar com precisão essas entidades espirituais de Lúcifer em seu próprio corpo astral. Com isso, podia mantê-las afastadas do corpo, podendo também ver as outras entidades divino-espirituais superiores e condutoras, sobretudo aquelas que haviam transferido seu próprio cenário da Terra para o Sol ou para os outros planetas. Com efeito – conforme sua origem, os homens viam este ou aquele domínio. Havia almas humanas, por exemplo, advindas de Marte. Quando se submeteram à evolução, combatendo as influências luciféricas em seu próprio corpo astral, foram conduzidas a um grau mais alto de clarividência – uma boa e pura clarividência – e viram as entidades espirituais superiores da região de onde haviam descido: de Marte. As almas advindas da região de Saturno tornaram-se capazes de ver as entidades de Saturno. As almas de Júpiter ou Vênus viam as entidades jupiterianas e venusianas. Cada ser humano via sua região correspondente.

Mas as entidades mais elevadas entre os homens, aquelas que transpuseram a crise lunar, podiam gradualmente preparar-se para ver não somente o ser espiritual de Marte, Júpiter ou Vênus, mas as do próprio Sol, os elevados seres solares. Pelo fato de os seres que foram iniciados serem originários dos vários planetas, os mundos desses planetas se lhes tornaram visíveis quanto à sua espiritualidade. Os Senhores compreenderão, portanto, que houvesse na antiga Atlântida instituições ou estabelecimentos em que, por exemplo, eram recebidos os oriundos de Marte caso estivessem maduros para estudar os segredos marcianos. Outros locais havia em que os advindos de Vênus aprendiam os mistérios venusianos. Se os chamarmos pelo nome posterior de ‘oráculos’, temos então na Atlântida um oráculo de Marte, onde eram pesquisados os segredos marcianos, um

oráculo de Saturno, um oráculo de Júpiter, um oráculo de Vênus e assim por diante. O mais elevado era o oráculo do Sol. E o mais elevado dos iniciados era o supremo iniciado do oráculo do Sol.

Pelo fato de o homem estar naquela época sujeito a efeitos sugestivos, sendo exercidas influências sobre a vontade, todo o ensino era também diferente. Tentemos fazer uma idéia de como o mestre e o discípulo se entendiam. Suponhamos que existissem instrutores espirituais aos quais a iniciação houvesse sido atribuída como que por uma graça. Como chegavam os sucessores, os discípulos, à iniciação na época atlântica?

Devemos imaginar que os já iniciados, sobretudo por toda a sua conduta e sua mera existência, exercessem uma poderosa influência sobre aqueles predestinados a tornar-se seus discípulos. Nenhum iniciado atlântico podia mostrar-se sem que o candidato a discípulo sentisse vibrar dentro de si as cordas da alma que lhe propiciassem a possibilidade para tal disciplina. Eram as influências subtraídas à consciência diurna objetiva que, naquela época, passavam de pessoa para pessoa. E aquele tipo de aula tal como a conhecemos hoje não era necessária então. Todas as relações com o mestre, tudo o que este fazia atuava em conjunto com a capacidade imitativa dos homens. Muita coisa era transmitida de forma inconsciente do mestre para o discípulo. Por isso, o mais importante era que aqueles amadurecidos por suas condições anteriores de vida fossem inicialmente apenas introduzidos nos oráculos e vivessem nas redondezas do mestre. E vendo o que faziam os mestres, bem como pela atuação dos sentimentos e sensações, eles eram preparados – preparados, aliás, por um longo, longo tempo. Vinha então a época em que havia uma harmonia tão significativa entre a alma do mestre e a alma do discípulo que todos os segredos superiores possuídos pelo mestre se transmitiam ao discípulo. Assim era nos tempos antigos. Como era, então, após se haver formado a conjunção dos corpos físico e etérico?

Embora na época atlântica os corpos físico e etérico houvessem chegado a coincidir, sua ligação ainda não era muito forte, bastando apenas um esforço volitivo de parte do mestre para que o corpo etérico fosse, de certa forma, retirado novamente. Na verdade não era mais possível, embora chegado o momento correto, transferir-se para o discípulo, como que por si, o que estava no mestre; mas este podia facilmente elevar o corpo etérico do discípulo, de forma que este visse a mesma coisa vista pelo mestre. Era possível, pois, pela ligeira ou frouxa ligação entre os corpos físico e etérico, elevar o corpo etérico do discípulo, transferindo-se então para este a sabedoria e a observação clarividente do mestre.

Veio então a grande catástrofe que varreu o continente atlântico. Poderosos processos no âmbito do ar e da água e violentos abalos ocorreram na Terra, de maneira que pouco a pouco toda a face da Terra se alterou. A Europa, a Ásia e a África, das quais apenas partes mínimas constituíam terra firme, elevaram-se da água, assim como a América. A Atlântida desapareceu. Os homens peregrinaram para o Leste e o Oeste, surgindo as mais variadas colônias.

Entretanto, após essas violentas catástrofes a humanidade havia avançado novamente. Na relação entre os corpos físico e astral havia novamente ocorrido uma mudança. Agora, na época pós-atlântica, essa relação era muito mais firme. Não era mais possível, por um impulso volitivo do mestre, elevar o corpo etérico nem transferir cada observação. Por isso a iniciação, que conduzia a uma visão do mundo espiritual, teve de assumir uma outra forma, que se pode descrever da seguinte maneira:

No lugar daquela instrução, apoiada mais na influência anímica direta do mestre sobre o discípulo, pouco a pouco teve de surgir um ensino que vagarosamente se aproximou daquilo que hoje entendemos como tal. E quanto mais avançava a época pós-

atlântica, mais se assemelhava esse ensino do atual. Assim como na época atlântica havia os oráculos, agora foram fundados, pelos grandes dirigentes da humanidade, institutos que recebiam os ecos dos oráculos atlânticos. Mistérios e locais de iniciação surgiram na época pós-atlântica, e tal como na época atlântica as pessoas adequadas eram admitidas nos oráculos, elas o eram agora nos mistérios. Aí os discípulos tinham de ser esmeradamente preparados por uma instrução rígida, por não mais se poder atuar sobre eles como antes.

Encontramos, pois, tais mistérios em todas as civilizações por longos períodos. Se os Senhores remontarem à civilização que conhecemos como a primeira pós-atlântica, decorrida na antiga Índia, ou se forem até à cultura de Zaratustra, ou à dos egípcios, ou à dos caldeus, por toda parte encontrarão o fato de os discípulos terem sido introduzidos em mistérios, que constituíam algo entre igreja e escola. Aí eram eles inicialmente ensinados com rigor, a fim de aprender a pensar e sentir não só com relação ao mundo sensorial, mas também ao que se passava no mundo invisível, espiritual.

E o que era ensinado pode ser descrito hoje com exatidão: trata-se, em grande parte, do mesmo que conhecemos atualmente como Antroposofia. Era esse o objeto do ensino nos mistérios. Apenas era mais adequado aos costumes daquela época, e rigorosamente regulamentado – não como hoje, quando, de uma forma ao menos parcialmente livre, são transmitidos de maneira relativamente rápida, aos homens em certo sentido maduros para tal, os mistérios dos mundos superiores.

Naquela época, o ensino era rigidamente regulamentado. No primeiro estágio era transmitida, por exemplo, apenas uma certa quantidade de conhecimento, escondendo-se completamente todo o resto. Somente quando o discípulo a havia assimilado é que lhe era transmitido o conteúdo pertinente a um estágio superior. Pelo fato de ser preparado desta forma, o discípulo conservava implantados em seu corpo astral conceitos, idéias, sensações e sentimentos relacionados com o mundo espiritual. Com isto combatia também, de certa maneira, as influências de Lúcifer; pois tudo o que é transmitido em matéria de conceitos científico-espirituais relaciona-se com os mundos espirituais – não com o mundo para o qual Lúcifer quer interessar o homem, o mundo físico. Então, após o aluno haver sido preparado dessa maneira, chegava a época em que era conduzido à visão independente. Ele devia ver por si próprio o mundo espiritual. Para tal, era necessário que pudesse refletir no corpo etérico tudo o que havia assimilado em seu corpo astral. É que o homem só alcança a visão do mundo espiritual pelo fato de, mediante um certo sentimento e uma certa sensação, vivenciar tão intensamente o que assimilou em seu corpo astral com o aprendizado, que não apenas esse seu corpo astral, mas também o corpo etérico, mais denso, seja influenciado por isso. Para o aluno ascender do aprendizado à visão, o conteúdo já ensinado devia produzir efeitos. Por isso é que ao aprendizado durante as épocas indiana, persa, egípcia e grega estava associada uma certa cerimônia, consistindo no seguinte:

Inicialmente o discípulo era longamente preparado, não por aprendizado, mas por aquilo que chamamos de meditação e por outros exercícios que desenvolvessem coerência, calma e serenidade interiores. Era preparado para fazer de seu corpo astral um autêntico cidadão do mundo espiritual. E como desfecho desse desenvolvimento ele era levado, no momento correto, a um estado similar à morte por três dias e meio. Enquanto na época atlântica o corpo etérico ainda estava tão solto no corpo físico que podia facilmente ser retirado, agora o homem devia ser levado, nos mistérios, a um sono semelhante à morte: durante esse tempo, era colocado num caixão semelhante ao mortuário ou atado a uma espécie de cruz, ou algo similar. E aquele que se denomina iniciador, hierofante, possuía a faculdade de atuar sobre o corpo astral e especialmente sobre o corpo etérico, visto que durante esse tempo o corpo etérico atravessava esse

processo fora do corpo físico. Trata-se de algo diferente do sono. No sono permanecem no leito o corpo físico e o corpo etérico, estando fora o corpo astral e o eu. Agora, porém, na cerimônia da iniciação, permanece deitado o corpo físico e, ao menos da maior parte deste, o corpo etérico é simplesmente retirado – permanecem apenas as partes inferiores, sendo retiradas as partes superiores –, ficando o discípulo num estado similar à morte. Tudo o que anteriormente fora aprendido através da meditação e outros exercícios era agora, nesse estado, impresso no corpo etérico. Nesses três dias e meio o homem realmente percorria o mundo espiritual, onde se localizam as entidades superiores. E após esse período aquele que o havia iniciado chamava-o de volta, isto é, tinha o poder de fazê-lo acordar novamente. O discípulo em questão trazia então consigo o saber do mundo espiritual, em cujo interior agora era capaz de ver, podendo assim tornar-se um proclamador dos fatos espirituais aos seus contemporâneos ainda imaturos para tal visão.

Assim os antigos mestres da era pré-cristã haviam sido iniciados nas profundezas dos segredos dos mistérios. Aí haviam sido conduzidos pelo hierofante por três dias e meio, constituindo testemunhas vivas, por trás do mundo físico, da existência de uma vida espiritual e de um mundo espiritual ao qual o homem pertence com seus membros superiores e para dentro do qual deve crescer.

A evolução, no entanto, prosseguiu. A forma de iniciação que acabo de descrever-lhes estava em seu auge ainda nos primeiros tempos após a catástrofe atlântica. Entretanto, o vínculo entre os corpos físico e etérico tornava-se cada vez mais estreito, sendo por isso esse procedimento sempre mais perigoso, pois os homens se habituavam progressivamente, com toda a consciência, mais ao mundo sensorial físico. O sentido da evolução da humanidade consiste, aliás, em que os homens se hajam habituado a viver nesse mundo físico com todas as suas inclinações e simpatias. O grande progresso da humanidade reside no fato de os homens haverem realmente desenvolvido esse amor pelo mundo físico.

Na primeira época da cultura pós-atlântica, havia ainda uma viva memória da existência de um mundo espiritual. Os homens estavam cômnicos de que, tendo nascido mais tarde, podiam ainda ver no mundo espiritual de seus antepassados. Eles ainda possuíam sua consciência obscura e nebulosa. Sabiam onde está a verdade do mundo, onde fica seu berço. Diziam que a consciência diurna que nos rodeia é como um véu estendido sobre a verdade, a esconder-nos o mundo espiritual – é *maya* ou ilusão. Não se adaptavam igualmente ao que agora se podia ver, não podendo compreender facilmente que se devesse perder a consciência do antigo mundo espiritual. É este o aspecto característico da primeira cultura pós-atlântica. Por isso era também extremamente fácil conduzir os homens ao espiritual, pois estes ainda possuíam uma vivida tendência ao mundo superior. Obviamente não podia permanecer tudo assim, pois a missão terrestre consiste no fato de os homens se afeiçoarem às forças da Terra e conquistarem o plano físico.

Se os Senhores observassem a antiga Índia, encontrariam um espantoso nível de vida espiritual. Aquilo que os primeiros antigos mestres puderam anunciar aos homens só pode ser trazido ao entendimento moderno se a pessoa percorreu um estudo da Ciência Espiritual. Para qualquer outro, a doutrina dos grandes santos *Rishis* constitui absurdo e loucura, pois ele não pode conceber que haja algum sentido no que lhe é dito sobre os segredos do mundo espiritual. Obviamente tem razão, de seu ponto de vista, pois de seu ponto de vista todos têm sempre razão.

Era imensa a capacidade de contemplação espiritual, e no entanto não existia, naquela época, o manuseio dos mais simples utensílios. O homem se sustentava da maneira mais primitiva. Não existia qualquer ciência natural ou aquilo que hoje se

chama assim – pois em tudo o que se podia ver no plano físico via-se *maya*, a grande ilusão, e só na elevação ao grande Ser Solar ou entidades semelhantes se encontrava o real e o verdadeiro. Não se podia, porém, permanecer assim. Entre os homens pós-atlânticos devia haver aqueles que tivessem vontade de conquistar o reino terrestre, e o início disso se deu na época de Zaratustra. Há um enorme progresso quando encontramos a transição da antiga Índia para a Pérsia primeva. Para Zaratustra, o mundo exterior não era mais apenas *maya* ou ilusão. Ele mostrava aos homens que o mundo físico à nossa volta tem um valor, tendo porém um elemento espiritual por trás de si. Enquanto para a visão do indiano antigo a flor era *maya* e ele procurava o espírito por trás dela, dizia Zaratustra: “Isto é algo que se deve valorizar, pois é um membro no Espírito comum ao Todo. O elemento material brota do espiritual.” E a esse respeito já apontamos que Zaratustra indicava ser o Sol o cenário de entidades espirituais. A iniciação, porém, era difícil. E para aqueles que não só queriam ouvir dos iniciados que existe um mundo espiritual, mas olhar eles próprios para a grande Aura Solar, eram necessárias regras iniciáticas mais rigorosas.

Toda a vida humana também se modificou pouco a pouco. E na época seguinte, na cultura egípcio-caldaica, os homens conquistaram mais o mundo físico. O homem já não se baseava numa ciência espiritual pura que pesquisa o que é subjacente ao mundo físico; ele vê a rota das estrelas e procura reconhecer, nas posições e movimentos estelares, naquilo que é exteriormente visível, uma mensagem das entidades divino-espirituais. Ele reconhece a vontade dos deuses nos sinais existentes entre as coisas sensoriais. Assim, estuda as coisas em suas relações. No Egito vemos surgir uma geometria voltada para as coisas exteriores. É desta forma que o homem conquista para si o mundo exterior.

O homem grego progrediu ainda mais nessa direção. Na Grécia vemos surgir a união entre o que a alma vivência e a matéria exterior. Se Palas Athena ou Zeus estivessem à nossa frente, veríamos transmitido à matéria o que inicialmente viveu na alma humana. Aí está, fluindo do homem para o mundo sensorial, o que ele conquistou para si.

Mas assim como o homem se tornou cada vez mais e mais poderoso no mundo sensorial, preferindo-o sempre mais com sua alma, na época entre a morte e o novo nascimento ele também se foi afastando progressivamente do mundo espiritual. Quando a alma saía de um corpo indiano antigo, entrando no mundo espiritual para aí perfazer a evolução até um novo nascimento, o espiritual lhe era ainda muito vivido. É que durante toda a vida o homem ansiava por um mundo espiritual, e todas as suas sensações eram inflamadas pelo que ele ouvia em matéria de anunciações sobre a vida nos mundos espirituais, embora ele próprio não fosse iniciado. Por isso, ao chegar ao portal da morte, o mundo espiritual como que se encontrava aberto à sua frente, fazendo-se luz e claridade diante dele. Mas à medida que o homem adquiria simpatia pelo mundo físico e se lhe tornava mais afim, igualmente se lhe obscurecia a época entre a morte e um novo nascimento. E na época egípcia isto já se encontrava tão avançado que podemos constatar, com a consciência clarividente, que para a alma tudo se torna escuro e sombrio quando ela sai do corpo para entrar no mundo espiritual, sentindo-se só e como que isolada das outras almas; e vemos como um sentimento gélido lhe ocorre ao sentir-se sozinha e sem entendimento com as demais. E enquanto os gregos viviam numa época em que os homens haviam feito da Terra algo muito especial por meio de uma beleza exterior dominante na cultura, para as almas houve a maior escuridão, sombra e frieza na época entre a morte e o novo nascimento. E não se trata de lenda, mas corresponde à realidade, que, ao ser interrogado sobre sua estada no mundo inferior, o grego eminente respondeu: “É preferível ser um mendigo na superfície do que um rei no reino das sombras!”

Podemos dizer, pois, que com a progressiva cultura os homens foram cada vez mais alheados do mundo espiritual. Os iniciados, que viam as regiões superiores do mundo espiritual, foram rareando, pois o procedimento da iniciação tornou-se sempre mais perigoso. Era cada vez mais difícil induzir a um estado similar à morte por três dias e meio, fazendo separar-se o corpo etérico sem provocar a morte.

Então ocorreu uma renovação para toda a vida humana por meio daquele impulso do qual falamos nos últimos dias: o impulso do Cristo. Já caracterizamos que o Cristo, o elevado Espírito Solar, aproximou-se paulatinamente da Terra. Vimos como, nos tempos de Zaratustra, ele tinha de ser buscado no Sol como *Ahura Mazdao*, e como Moisés pôde vê-lo na sarça ardente do Sinai. Ele entrou gradualmente na esfera terrestre, que devia então tornar-se diferente. Era primordial para esse espírito que os homens aprendessem a reconhecê-lo aqui na Terra.

O que estava, pois, ligado a todos os antigos iniciados? O fato de o corpo etérico ter de ser retirado do corpo físico. E mesmo entre os iniciados pós-atlânticos o homem tinha de ser levado a um estado de sono semelhante à morte, isto é, estar inconsciente para a consciência física. Com isto, chegava ao domínio de um outro eu, e o processo sempre se ligava a isso. Ele estava com seu eu completamente sob o domínio de seu iniciador, o mestre. Então abandonava completamente seu corpo físico, não o habitando nem exercendo qualquer influência do eu sobre ele.

Entretanto, a grande meta do impulso do Cristo é que o homem deve perfazer uma evolução do eu absolutamente auto-sustentada, na qual ele não precise, para alcançar os mundos superiores, mergulhar num estado inferior ao do eu. Para tal foi necessário que inicialmente alguém se oferecesse em sacrifício para que o próprio Cristo assumisse um corpo humano. Indicamos também que um iniciado, tendo-se tornado maduro por meio de muitas e muitas encarnações, tornou-se capaz, a partir de certo momento de sua vida, de afastar de si seu próprio eu e acolher o Espírito do Cristo. Isto é apontado no Evangelho de João na passagem do batismo no Jordão. O que, realmente, deveria significar esse batismo?

Sabemos que esse batismo pelo precursor, o prenunciador do Cristo Jesus – João Batista –, foi praticado naqueles que ele preparou para receber o Cristo de maneira adequada. Só ao percebermos que João batizava para preparar convenientemente a vinda do Cristo é que compreenderemos o que consta no Evangelho de João sobre o batismo no Jordão. Se pensarem num batismo atual, que constitui apenas uma imitação do símbolo original, os Senhores não chegarão a um entendimento. Não era tão simples quanto aspergir a pessoa com água, mas consistia em submergir o batizando totalmente na água, de forma que ele vivesse um tempo – longo ou curto – submerso. Esclareçamos o significado disto a partir do mistério da entidade humana.

Recordemos que o homem consiste nos corpos físico, etérico, astral e num eu. No estado diurno de vigília, o homem tem esses quatro membros firmemente unidos entre si. Durante o sono permanecem no leito os corpos físico e etérico, estando ausentes o corpo astral e o eu. Na morte, o corpo físico resta como cadáver, o corpo etérico sai e, por um curto período, unem-se o eu, o corpo astral e o corpo etérico. E para os que ouviram ao menos algumas de minhas palestras, também já está claro que nesse momento se dá, em primeiro lugar, uma vivência muito especial: o homem tem diante de si sua vida pregressa qual um grandioso painel; como que espacialmente, todas as circunstâncias da vida se dispõem ao seu redor. O corpo etérico é também o portador da memória, e durante a vida apenas o corpo físico o impede de ver tudo à sua frente. Após a morte, o corpo físico é apartado, e na consciência pode entrar tudo que o homem vivenciou em sua última vida. Ora, citei ainda que tal retrospectiva ocorre também quando a pessoa sofre qualquer perigo de vida ou é atingida por violento susto ou

choque. De narrativas é sabido que, à proximidade de afogamento ou queda das alturas, a pessoa, não tendo perdido a consciência, vivência toda a sua vida até então como num grande painel. Essa vivência por força de um perigo como, por exemplo, quando a pessoa está perto de afogar-se, quase todos experimentavam no batismo por João. O batismo consistia em que a pessoa permanecesse na água tanto tempo que vivenciasse sua vida até esse momento. Essa vivência tinha, no entanto, a forma de imagem espiritual. E então se evidenciava que, nesse estado anormal, quem percebia o espírito ligava-se, de certa forma, ao restante do mundo espiritual; e, emergindo após o batismo por João, a pessoa sabia da existência de um mundo espiritual e do fato de, na verdade, ela possuir em si algo possível de existir sem o corpo. Após o batismo estava convencida da existência desse mundo, ao qual pertencia segundo seu espírito. O que João Batista havia, pois, provocado com esse batismo?

Os homens haviam conseguido afeiçoar-se cada vez mais ao mundo físico e aí reunir-se, acreditando sempre mais que o físico fosse verdadeiramente o real. Porém os que vinham ao Batista percebiam sua própria vida como algo espiritual. Ao ser batizados, ficavam cômicos de estarem transcendendo o que constituía seu corpo físico. A mente do homem havia-se desenvolvido gradualmente no sentido de conduzi-lo ao mundo físico. João provocou em seus batizados a seguinte consciência: “Existe um mundo espiritual ao qual pertencemos com uma parte superior de nós mesmos.” Substituindo, portanto, as palavras, temos a seguinte exortação: “Modificai a mente dirigida ao mundo físico!” Eles o faziam quando recebiam o batismo de forma realmente correta. Sabiam então que possuíam em si um elemento espiritual, um eu pertencente ao mundo superior. O ser humano havia adquirido essa convicção dentro do corpo físico. Não havia ocorrido qualquer procedimento especial como na iniciação: ele o vivenciara no corpo físico. E da mesma forma como foi recebida e uniu-se à alma toda a doutrina existente desde a anunciação de Moisés, toda a experiência do batismo por João recebeu um sentido especial.

Após o batismo, o homem não possuía apenas a consciência de ser uno com o mundo espiritual; ele também reconhecia qual mundo espiritual se aproximava da Terra. Tal homem sabia que o que se anunciara a Moisés como *ehjeh asher ehjeh* na sarça ardente e no fogo do Sinai permeava agora a Terra, e com as palavras ‘Javé’ ou ‘Jeová’, *ehjeh asher ehjeh* ou ‘Eu sou o Eu-Sou’ era expresso acertadamente esse mundo espiritual. Pelo batismo de João, portanto, o homem sabia não só que era uno com o mundo espiritual, mas também que nesse mundo vivia o Eu-Sou, do qual ele nascera em espírito. Assim João preparava as pessoas pelo batismo, despertando-lhes esse sentimento e essa sensação. Naturalmente isto só ocorreu a poucos, pois a maioria era imatura para ter tal vivência durante a imersão. Alguns, porém, reconheceram a aproximação do Espírito que mais tarde se chamou o Cristo.

Tentemos agora comparar o que dissemos hoje com o que foi dito ontem. O que os antigos seres espirituais haviam provocado era um amor fundado em laços sangüíneos e em comunhão física. Mas os espíritos luciféricos queriam situar cada qual em sua própria personalidade, em sua própria individualidade. Lúcifer e os seres espirituais elevados haviam atuado conjuntamente. Pouco a pouco os antigos laços sangüíneos foram afrouxados, e isto se pode comprovar historicamente. Observemos a miscigenação étnica no grande Império Romano, provocada pelo fato de os antigos laços de sangue haverem sido desatados e cada qual querer firmar-se pouco mais, pouco menos em sua personalidade. Com isto, no entanto, perdera-se a ligação com o mundo espiritual, e os homens haviam coalescido com o mundo físico, tornando-se afeiçoados a ele. A medida que por intermédio de Lúcifer aumentara a consciência do eu, o homem se unira ao mundo físico, tornando-se vazia sua vida entre a morte e o novo nascimento. Agora o

Batista preparava algo grandioso e significativo para o homem. Providenciava para que o homem pudesse permanecer em sua personalidade e, pela imersão na água, pudesse encontrar a mesma realidade que outrora vivenciara como ‘deuses’, na época em que ele próprio vivia na água e os vapores e neblinas permeavam a atmosfera. Essa experiência nos mundos divinos era agora repetida. Embora fosse um eu, o homem era preparado para ser reconduzido, como ser humano, aos outros seres humanos e para ser introduzido no amor, agora espiritualizado.

Com isto caracterizamos de outro lado o âmago do evento do Cristo. O Cristo representa a descida da força espiritual do amor para a Terra, força que hoje está apenas no início de sua atuação. Se acompanharmos este pensamento pela mão dos evangelhos de João e de Lucas, veremos como o amor espiritual é justamente o cerne do impulso Crístico, e como por isso os eus que foram separados serão progressivamente reunidos, porém no que diz respeito ao mais íntimo de suas almas. Desde o início, os homens só puderam pressentir o que o Cristo veio a ser para o mundo. E ainda hoje muito pouco foi realizado, pois o elemento separador, o efeito das potências luciféricas, está sempre presente, tendo o princípio do Cristo atuado apenas desde curto tempo. E quando hoje se procura um caminho conjunto em certos âmbitos exteriores da vida, não se supõe de todo, quanto às coisas mais íntimas e importantes – no máximo quanto ao pensamento, quanto ao intelecto, e isto é o que menos importa –, o que é harmonia e consonância entre almas. Na verdade, o cristianismo está apenas no início de sua atuação. Ele virá a penetrar cada vez mais nas almas e enobrecer gradualmente o eu. Justamente aquelas que são hoje jovens nações reconhecem-no. Percebem que devem reunir-se à força crística, permear-se dela, caso queiram progredir.

Um de nossos contemporâneos no Oriente, o testamenteiro do grande filósofo russo Soloviov, fez a seguinte afirmação: “O cristianismo deve unir-nos como povo; do contrário perderemos nosso eu e, com isso, principalmente a possibilidade de ser um povo!” Portentosas palavras, emitidas como que a partir de um intenso intelecto voltado para o cristianismo. Mas elas nos evidenciam também como é necessário o cristianismo penetrar nas profundezas das almas.

Tentemos examinar um caso pertencente aos mais radicais e comprobatório de que, justamente no tocante ao mais íntimo da vida anímica, mesmo os mais elevados e nobres ainda se situam longe daquilo que um dia compreenderão quando o cristianismo se houver derramado nos mais íntimos pensamentos, opiniões e sentimentos do homem. Pensem em Tolstoi e sua atuação nas últimas décadas procurando, à sua maneira, desvendar o autêntico sentido do cristianismo. Um enorme respeito terá de existir por tal pensador justamente no Ocidente, onde bibliotecas inteiras estão lotadas com longas discussões filosóficas sobre o mesmo tema que um Tolstoi aborda de maneira grandiosa no livro *Sobre a vida*. Em sua obra há páginas onde, de forma elementar, são expostos certos grandes conhecimentos de verdades teosóficas, aliás inacessíveis ao filósofo europeu ocidental, e sobre os quais este teria de escrever no mínimo uma extensa literatura, pois algo de muito grandioso é transmitido com o tema. Podemos dizer que em Tolstoi ressoa algo que podemos denominar o impulso do Cristo. Aprofundem-se em seu temário, e os Senhores verão que o impulso do Cristo o preenche. Tomemos agora seu grande contemporâneo, interessante já por haver-se elevado, a partir de uma abrangente cosmovisão filosófica, até os limites de uma vida tão veridicamente visionária que vê, por assim dizer, uma época de maneira prospectiva e apocalíptica. Embora justamente as visões sejam distorcidas pelo fato de a base ser incorreta, Soloviov se eleva até uma observação visionária do futuro. Ele estabelece tais perspectivas de futuro para o século XX, e se lhes dermos atenção encontraremos aspectos elevados e nobres, especialmente com relação ao cristianismo. Mas ele fala de

Tolstoi como de um inimigo do cristianismo, como do Anticristo! Assim, dois homens de hoje podem crer em seus mais profundos pensamentos, dar o melhor à sua época, atuar a partir da maior profundidade da alma, e, no entanto, defrontar-se sem entendimento, a ponto de um ser o 'anti' do outro! Não se cogita hoje que, para haver harmonia externa, vida imersa em amor, o impulso do Cristo deverá permear até as profundezas, de forma que o amor humano se diferencie totalmente do que hoje existe, mesmo entre os espíritos mais nobres. O impulso que inicialmente foi anunciado e depois penetrou no mundo está apenas no início de sua atuação, e deverá ser compreendido cada vez melhor. O que é que falta, pois, justamente em nossa época, a todos os que apregoam o cristianismo e declaram-no uma necessidade, não podendo, no entanto, invocá-lo para si? Falta-lhes Antroposofia, Ciência Espiritual, a maneira atual de compreender o Cristo! Pois o Cristo é tão grande que cada época tem de encontrar novos meios de reconhecê-lo. Em séculos anteriores, utilizaram-se outras maneiras e formas de buscar a sabedoria. Hoje é necessária a Antroposofia. E por muito tempo ainda será válido o que temos hoje na Antroposofia para compreender o Cristo — pois ele se evidenciará como algo que estimula as capacidades cognitivas humanas. O homem crescerá gradualmente para a compreensão do Cristo, e mesmo a apresentação antroposófica é transitória. Disto estamos conscientes, e também de que um assunto grandioso, compreendido em conceitos transitórios, deverá ser emoldurado por formas ainda mais elevadas de apresentação.

7 30 de junho de 1909

A antiga e a nova iniciação

Em nossas considerações de ontem, chegamos ao ponto de poder compreender o que realmente era o batismo por João, o precursor do Cristo Jesus. E hoje nos será relativamente fácil assimilar a diferença entre o que se pode chamar de batismo por Cristo e o próprio batismo por João. Toda a natureza da influência crística sobre o mundo se nos tornará clara e nítida ao explicarmos essa essência do batismo por Cristo, do impulso Crístico em sua distinção do batismo joanino.

Antes de mais nada, devemos apontar que, no fundo, o estado ao qual a pessoa devia chegar pelo batismo de João era realmente anormal diante do costumeiro estado de consciência do homem. Ouvimos que, por exemplo, a antiga iniciação consistia no fato de o corpo etérico do homem, que em situação normal está firmemente ligado ao corpo físico, ser em certo sentido retirado deste, o que possibilita ao corpo astral imprimir suas vivências no corpo etérico. Isto era válido para a antiga iniciação, e mesmo o batismo de João provocava um estado anormal. A pessoa era submersa na água, e com isto o corpo etérico era, em certo sentido, separado do corpo físico, de forma que a pessoa pudesse chegar a uma visão de sua vida e tornar-se consciente da ligação entre essa vida individual e os reinos do mundo divino-espiritual. Se quisermos ser mais claros, poderemos dizer que quem era retirado da água com êxito sabia, por esse processo, possuir em si um elemento espiritual, não sendo apenas um ser num corpo físico; e que esse elemento espiritual se relacionava com o Espírito subjacente a todas as outras coisas. Além disso, sabia que esse Espírito que lhe viera ao encontro era o mesmo que Moisés havia percebido no fogo da sarça ardente e no raio sobre o Sinai como Javé, 'Eu sou o Eu-Sou', *ehjeh asher ehjeh*. Tudo isto ele sabia pelo batismo de João.

Em que ponto tal consciência se diferenciava daquela de um antigo iniciado? Quando um antigo iniciado era conduzido a um estado anormal descrito por mim ontem, percebia as antigas entidades divino-espirituais que já eram ligadas à Terra antes de ligar-se a ela o que Zaratustra chamou de *Ahura Mazdao* e Moisés chamou de 'Javé'. Portanto, o antigo mundo espiritual onde surgiu o homem, onde ele ainda se encontrava na época atlântica e pelo qual ansiava o antigo povo indiano — enfim, os velhos deuses —, o homem os percebia pela sabedoria primordial. No entanto, o Deus que se mantivera afastado da Terra o tempo adequado para surgir de forma mais atuante, que a influenciou por longos períodos apenas do exterior, aproximando-se lentamente, e cuja aproximação Moisés pôde perceber, esse Deus os antigos iniciados ainda não conheciam. Apenas as pessoas que foram iniciadas no sentido do Antigo Testamento percebiam algo da unidade de todo o Divino.

Observemos o estado de espírito de um iniciado — não o dos mistérios persas ou egípcios, mas aquele que, além destes, haja vivenciado também o conteúdo da pesquisa oculta hebraica. Suponhamos que tal iniciado haja, por exemplo, atravessado a iniciação no antigo Sinai, digamos, numa encarnação durante o período hebraico inicial, tendo sido introduzido no conhecimento do antigo mundo divino do qual surgiu o homem. Encontrou-se então com a sabedoria primordial, com esse dom de observar o mundo divino, ancestral, na doutrina oculta hebraica. Aprendeu aí a dizer algo como o seguinte: “O que conheci outrora eram deuses ligados à Terra antes de unir-se a ela a divindade Javé-Cristo. Agora, porém, sei que o Supremo Espírito dentre eles, seu dirigente, é aquele que pouco a pouco se aproximou da Terra.” Assim, tal iniciado conhecia a identidade de seu mundo espiritual com aquele mundo onde reina o Cristo que se aproximava. Quem era submerso na água por João não precisava ser um iniciado; por esse meio, porém, conhecia a relação de sua individualidade, de sua existência pessoal, com o grande Espírito-Pai do Universo. É verdade que poucos podiam ter esse êxito. A maioria necessitava apenas receber esse batismo como um símbolo que servisse para convencê-los, pela confiança e pela fé, sob a influência significativa da doutrina de João Batista, da existência do Deus-Javé. Havia, porém, entre os batizados aqueles que já em encarnações anteriores haviam amadurecido para conhecer alguns fatos por observação própria. Era, no entanto, anormal o estado em que a pessoa era colocada pelo batismo de João.

João batizava com água, e o efeito disto era a separação, por curto período, entre o corpo etérico e o corpo físico. Mas João Batista queria ser o precursor daquele “que batiza com o fogo e com o espírito”. Este batismo veio à Terra por intermédio do Cristo Ora, qual é a diferença entre o batismo pela água, de João, e o batismo Crístico com o fogo e o espírito? Só pode entendê-lo quem aprende a adquirir tal entendimento a partir dos mais remotos primórdios — pois, com relação à compreensão do Cristo, estamos hoje realmente ainda no início. Essa compreensão será cada vez maior, mas hoje o homem pode captar apenas os primeiros rudimentos. Tenham a paciência de iniciar comigo, do Abe, o caminho para a compreensão do Cristo.

Inicialmente é necessário chamar a atenção para a existência real de processos espirituais por detrás de todos os processos físicos, mesmo de todos os processos físicos humanos. Para o homem da era moderna, isto fica muito difícil de crer. O mundo o aprenderá pouco a pouco, e só então chegará à plena compreensão do Cristo. Hoje, nem os que desejam falar do espírito crêem com seriedade no fato de tudo o que ocorre fisicamente no homem ser dirigido, em última instância, pelo espiritual. Inconscientemente — se é que podemos usar essa expressão — eles não podem crer nisso, mesmo querendo ser idealistas.

Existe, por exemplo, um americano que reúne cuidadosamente os casos em que o homem chega, num estado anormal, a elevar-se a um mundo espiritual, e procura com isso obter um certo fundamento para os diversos fatos. Esse americano, William James¹⁰, vai às mais minuciosas origens. Mas mesmo os melhores dentre os homens nada podem diante da poderosa atuação do Espírito da Época. Não querem ser materialistas, e, no entanto, o são. Essa filosofia de William James exerceu uma influência sobre alguns doutos europeus, sendo por isso oportuno indicar algumas de suas frases, que corroboram o que acaba de ser dito. Ele fez, por exemplo, a seguinte afirmação: o homem não chora por estar triste, e sim fica triste por chorar! Até agora as pessoas sempre estiveram convictas de que primeiro seria necessário estar triste, isto é, de que é preciso desenrolar-se um processo anímico-espiritual, para só então esse processo se imprimir no corpo humano físico. Se brota a lágrima, deve haver um processo anímico subjacente à secreção do líquido lacrimal.

Ainda hoje, quando por assim dizer todo aspecto espiritual está sepultado sob o véu do material, só podendo ser reencontrado pela cosmovisão espiritual, mesmo assim temos em nós processos que constituem fragmentos herdados de uma época remota, quando o espiritual era poderoso, e essa época nos pode mostrar como esse espiritual atua. A esse respeito eu costumo chamar a atenção para duas coisas: o sentimento de vergonha e o sentimento de medo ou susto. Seja logo frisado que será fácil enumerar-lhes aqui todas as tentativas hipotéticas de esclarecimento para essas duas formas de experiência. Isso, no entanto, não nos interessa aqui; e caso alguém queira objetar, só não deverá acreditar que o pesquisador espiritual não conheça também essas hipóteses.

Sobre o sentimento de vergonha, podemos dizer que quando alguém se envergonha é como se quisesse fazer com que as pessoas ao redor não vissem o que lhe acontece; é como querer esconder algo que ocorre no sentimento humano de pudor. E o que essa experiência anímica provoca fisicamente no homem? Faz corar o rosto, o sangue ascende à face. O que ocorre, pois, sob a impressão de um acontecimento anímico-espiritual como é o sentimento de vergonha? Uma transformação, uma diferente circulação do sangue! O sangue é impelido de dentro para a periferia, para o exterior. O sangue é modificado – isto é um fato físico – por um fato anímico-espiritual!

Quando o homem se assusta, pretende proteger-se de algo que considera ameaçador: fica pálido, o sangue se retrai da superfície. Temos novamente um processo exterior, provocado por um processo anímico-espiritual: o medo e o susto. Lembrem-se de que o sangue é a expressão do eu. O que desejará, então, o homem ao ver algo ameaçador aproximar-se? Ele irá justamente reunir suas forças e intensificá-las no centro de seu ser. O eu, no afã de concentrar-se, recolhe também o sangue para o centro do ser.

Aí temos processos físicos como resultado de processos anímico-espirituais. Assim, também verter lágrimas é um processo físico provocado pelo anímico-espiritual. Não se trata de influências físicas ocultas quaisquer confluírem e expelirem as lágrimas, e a pessoa, sentindo as lágrimas jorrar, ficar triste. Assim a visão materialista põe às avessas as coisas mais simples. Se nos aprofundássemos em muitas coisas que podem constituir males físicos para o homem e se relacionam com processos anímico-espirituais, poderíamos aumentar incrivelmente tais casos. Hoje, porém, trata-se de compreender que os processos físicos são efeitos de processos anímico-espirituais. E quando um processo físico se nos manifesta como se nada de anímico-espiritual lhe fosse

¹⁰ William James (1842-1910), filósofo americano que se destacou nos campos da psicologia, da teoria do conhecimento e da religião. (N.T.)

subjacente, devemos sempre estar cômicos de que ainda não reconhecemos aí esse aspecto anímico-espiritual.

De forma alguma o homem atual está inclinado a reconhecer imediatamente o anímico-espiritual. O pesquisador de hoje vê como o homem se desenvolve desde o primeiro momento da concepção, dos mais iniciais estados embrionários, primeiramente no ventre materno e depois fora do corpo da mãe. Ele vê crescer a forma física exterior do homem e, por observá-lo com os meios da pesquisa atual, conclui que ele surge inicialmente com a evolução da forma física tal como é observada por ocasião da concepção; não está absolutamente disposto a aceitar que por detrás dos processos físicos haja ainda processos espirituais. Ele não crê na existência de algo espiritual subjacente ao embrião físico humano, e que esse elemento espiritual esteja ligado ao físico, aprimorando aquilo que provém de uma encarnação anterior. Ora, baseando-se na teoria e não na prática da vida, alguém poderia dizer: “Bem, pode ser que para um conhecimento superior qualquer seja acessível o fato de o espiritual ser subjacente ao físico. Mas nós, homens, não reconhecemos o espiritual por detrás do físico!” Assim dizem uns. Outros dizem: “Não queremos fazer os esforços que nos são prescritos para chegarmos a esse conhecimento do divino-espiritual. Que diferença faz ao mundo se o reconhecemos ou não?” No entanto é uma má crença, e mesmo uma grave superstição, a opinião de que nada, na prática da vida, depende de tal conhecimento. E justamente esse fato – de muita coisa na vida prática depender desse conhecimento – que queremos agora tornar o mais explícito possível.

Consideremos alguém que nem suspeite da existência de um elemento anímico-espiritual por detrás de tudo o que é físico no homem; e não compreenda que, por exemplo, com o aumento de um fígado físico se expresse um aspecto espiritual. Um outro aceita voluntariamente, por estímulo da Ciência Espiritual, que adentrando o âmbito do espírito chega-se inicialmente a um pressentimento, depois a uma fé e finalmente a um conhecimento e uma observação do espiritual. Temos, pois, dois homens diante de nós: um deles recusa o espiritual, contentando-se com a observação sensorial das coisas; o outro admite o que se pode denominar a vontade para o conhecimento do espiritual. Quem não se dispõe a receber o conhecimento espiritual se torna cada vez mais fraco, pois não dando ao seu espírito o alimento necessário – e este é única e exclusivamente o conhecimento – leva-o a esfomear-se, minguar e perecer. Então o espírito se torna fraco, e aquilo que independe dele ganha supremacia e domina o homem. Este se torna débil diante do que ocorre em seus corpos físicos e etérico sem a sua atuação. O outro, porém, que tem vontade para o conhecimento, dá alimento ao seu espírito; este se torna forte, alcançando o domínio sobre o que ocorre independentemente dele em seus corpos físico e etérico. Isto é o essencial. Podemos aplicá-lo igualmente a um caso que desempenha um grande papel em nossa época:

Sabemos que o homem entra no mundo por dois lados. Seu corpo físico é herdado de seus antepassados – do pai e da mãe e seus antepassados. Ele herda de seus antepassados certas características boas ou más, inerentes à própria linha hereditária do sangue. Mas a cada vez que por tal hereditariedade certas particularidades surgem numa criança, unem-se a elas as forças que a criança traz consigo de suas encarnações precedentes. Ora, os Senhores sabem que hoje, ao surgir numa pessoa esta ou aquela enfermidade, fala-se muito de ‘disposição hereditária’. Que abuso se faz hoje da expressão – inteiramente justificada dentro de certos estreitos limites – ‘disposição hereditária’! Quando surge na pessoa qualquer coisa que se possa apontar como existente nas características dos antepassados, alude-se sempre à disposição hereditária. E, por nada se saber das forças espirituais advindas das encarnações anteriores e atuantes no homem, acredita-se que essas disposições hereditárias tenham

uma força dominante. Se as pessoas soubessem que da encarnação anterior advém um elemento espiritual, diriam: “Bem, nós acreditamos inteiramente nas disposições herdadas, mas sabemos também quais são as forças centrais da alma que se originam de uma vida precedente. Fortificando-as e revigorando-as, fazemo-las predominar sobre o material, isto é, sobre as disposições herdadas.” E aquela pessoa capaz de elevar-se a um conhecimento do espiritual diria ainda: “Por mais intensamente que atuem as disposições herdadas, quero dar alimento ao espiritual que existe em mim! Com isto serei vencedor sobre as disposições hereditárias.” Quem, no entanto, não trabalha no espiritual, naquilo que não é herdado, será sacrificado – justamente por essa descrença – às disposições hereditárias.

Com efeito – pelas superstições materialistas, as disposições hereditárias receberão cada vez mais poder sobre o homem. Os homens se atolarão nelas se não fortalecerem seu espírito e, conseqüentemente, não subjugarem sempre de novo, por meio de um espírito forte, o que é herdado. Naturalmente eles não devem ainda em nossa época, em que tanta coisa já ocorreu por força do materialismo, superestimar a força do espiritual. Não devem dizer: “Se fosse este o caso, todos os antropósofos deveriam ser gente profundamente saudável, pois eles crêem no espírito.” O homem, tal como existe no mundo, não é simplesmente um ser individual. Ele está inserido no todo do mundo, e também o espiritual deve crescer em forças. Se, no entanto, o espiritual se tornou fraco, por mais que as pessoas sejam antropósofas, por mais que se dê alimento ao espírito, este não atuará tão rapidamente a ponto de tornar-se vitorioso sobre as coisas emanadas da matéria; mas tanto mais acertadamente se expressará na próxima encarnação em sua saúde e força. Os homens se tornarão cada vez mais fracos se não acreditarem no espírito, pois estarão entregando-se às tendências hereditárias. Terão provocado, eles próprios, o enfraquecimento do espiritual. Tudo depende justamente de como o homem se posiciona frente ao espírito. Não se acredite, porém, que as relações aí em jogo sejam fáceis de abranger.

Quero exprimir-lhes *grosso modo* como o homem pode enganar-se ao formar juízos apenas de acordo com o aspecto exterior. Alguém pode dizer: “Havia um homem que era um bom adepto da cosmovisão antroposófica. Ora, justamente os antropósofos afirmam que a saúde é sempre aumentada pela cosmovisão antroposófica, e que por seu intermédio até mesmo a vida é prolongada. Bela doutrina! O homem morreu aos 43 anos!” Uma coisa as pessoas sabem: que o homem morreu aos 43 anos, pois foi o que viram. O que, no entanto, não sabem? Não sabem quando ele teria morrido se não fosse a Antroposofia! Talvez, sem a Antroposofia, ele tivesse chegado apenas aos quarenta anos. Se o tempo de vida de uma pessoa alcança o quadragésimo ano sem a Antroposofia, com a Antroposofia pode muito bem atingir os 43 anos. E pelo fato de a Antroposofia penetrar cada vez mais na existência, seus efeitos se mostrarão já em vida. Na verdade, se numa vida entre o nascimento e a morte o homem quer ver em tudo os efeitos, então não passa de um egoísta, querendo possuir tudo para suas próprias metas pessoais. Quando, porém, adquire a Antroposofia com vistas à humanidade, ele a possui também para todas as encarnações subseqüentes.

Vemos agora que se o homem, por influência de seu ser espiritual, se entrega ao que realmente provém do espírito, pode conferir a seu espírito ao menos forças novas, tornando-o forte e vigoroso. Eis o que devemos compreender: existe uma possibilidade de nos deixarmos influenciar pelo espírito e, com isto, de alcançarmos cada vez mais o domínio sobre nós mesmos. E agora procuramos no mundo o meio mais eficaz, na atual evolução, de nos deixarmos influenciar pelo espírito.

Havíamos indicado, em certo sentido, como a Ciência Espiritual fornece alimento ao nosso espírito por meio da pesquisa espiritual. Talvez possamos dizer que ainda é

mínimo o alimento espiritual recebido pelo homem, mas que vemos também a possibilidade de o mesmo crescer progressivamente nas encarnações seguintes. Porém, isto ocorrerá apenas mediante uma premissa, e para conhecê-la consideremos a própria cosmovisão antroposófica.

A cosmovisão antroposófica nos ensina de quais membros é constituído o homem em sua entidade. Ensina-nos o que é invisível num homem visível diante de nós. Mostra-nos então como o homem passa de vida em vida com o núcleo de seu ser; como ao físico-material, herdado de nossos antepassados, integra-se tudo o que de anímico-espiritual trazemos de nossa última vida. Mostra-nos, mais longe, como a humanidade se desenvolveu sobre a Terra, como percorreu a época atlântica, os períodos anteriores e posteriores a essa cultura. Mostra-nos ainda que a própria Terra passou por transformações, tendo cumprido uma encarnação anterior no antigo estado que chamamos de lunar, uma mais pregressa no antigo estado solar e uma no estado saturnino. Assim, a cosmovisão científico-espiritual nos conduz do apego a tudo o que está mais próximo – o que nossos olhos vêem, nossas mãos captam e a nossa ciência pesquisa – para os grandes fatos abrangentes do Universo e, sobretudo, para dentro do supra-sensível. Ela dá ao homem alimento espiritual à medida que o transporta para além do sensorial. Os que nos têm acompanhado nessa cosmovisão antroposófica sabem que há sete anos expomos com exatidão o processo evolutivo do homem e descrevemos rigorosamente as metamorfoses da Terra e a vida humana nos diversos graus de civilização. Hoje já podemos descrever com essa sutileza até os pormenores. E se nos for propiciada a possibilidade, penetraremos ainda mais exatamente nas coisas. Temos um painel de fatos supra-sensíveis diante de nossa alma. Mas esse painel possui ainda uma peculiaridade.

Mostramos também que em determinado momento o nosso Sol se retira, e a ele ascendem as entidades que aí devem prosseguir em sua evolução. O guia dessas entidades solares é o Cristo, que, como tal, acompanha o Sol em sua separação da Terra. Então ele envia inicialmente sua força do Sol para baixo, na Terra. Aproxima-se, porém, cada vez mais da Terra. Zaratustra tem de vê-lo ainda como *Ahura Mazda*; Moisés já o distingue nos elementos exteriores. E quando o Cristo surge na Terra na pessoa de Jesus de Nazaré, essa força crística faz então seu aparecimento num corpo humano. Assim o Ser Crístico se introduz, para a cosmovisão antroposófica, como um ponto central em todo o painel de reencarnações, da essência humana, da contemplação do Cosmo e assim por diante. E quem observa a cosmovisão antroposófica no correto sentido conclui: “Posso observar tudo, porém só poderei entendê-lo quando todo o quadro me apontar o grande ponto focal, o Cristo. Descrevi de diversas formas a doutrina da reencarnação, a doutrina das raças humanas, da evolução planetária e assim por diante, mas aqui retratei de um ponto de vista o ser do Cristo, e assim se derramou uma outra luz sobre tudo. Trata-se de um quadro que possui uma figura principal, com a qual todo o resto se relaciona – e só poderei compreender o significado e a expressão das outras figuras quando compreender a figura principal.”

Assim ocorre na cosmovisão antroposófica: esboçamos um grande panorama sobre os diversos fatos do mundo espiritual; então lançamos o olhar sobre a figura principal, a do Cristo, e só aí compreendemos todas as peculiaridades do quadro.

Os que acompanharam nosso desenvolvimento na Ciência Espiritual sentirão como se pode compreender tudo por seu intermédio. A própria Ciência Espiritual se tornará mais perfeita no futuro, e a atual compreensão do Cristo será substituída por um entendimento ainda mais elevado. Com isto a força da Antroposofia se tornará cada vez maior; mas também por esse meio se desenvolverá quem receber essa força da Antroposofia, e o domínio do espiritual existente nele sobre o material se fortalecerá

cada vez mais. Por possuir hoje apenas seu corpo herdado é que o homem só pode provocar processos como enrubescimento, palidez e manifestações como rir e chorar. Mas posteriormente ele ganhará cada vez mais poder sobre tais fenômenos, e a partir de sua alma espiritualizará as funções de seu corpo e assumirá no mundo a posição de um poderoso soberano anímico-espiritual. Será então a força do Cristo, o impulso do Cristo atuando na humanidade — o impulso que já hoje, se suficientemente fortalecido, pode conduzir aonde conduziu a antiga iniciação.

A antiga iniciação decorria da seguinte forma:

Inicialmente a pessoa aprendia, em plenas proporções, tudo o que hoje aprendemos na Antroposofia. Esta era a preparação. Então tudo era conduzido para um certo termo, provocado pelo fato de o candidato repousar por três dias e meio num sarcófago, como se estivesse morto. Quando era retirado seu corpo etérico e neste ele percorria o mundo espiritual, ele se tornava uma testemunha desse mundo espiritual. Para essa primeira iniciação no mundo espiritual, era necessário que o corpo etérico fosse retirado a fim de o homem chegar, dentro das forças do corpo etérico, à visão do mundo espiritual. Anteriormente, essas forças não estavam à disposição do homem no estado normal de consciência diurna; ele tinha de ser levado a um estado anormal de consciência. Também para a iniciação o Cristo trouxe à Terra essa força, pois hoje é possível ao homem tornar-se clarividente sem a saída do corpo etérico.

Quando o homem alcança a maturidade para receber do Cristo um impulso tão forte que, mesmo por curto tempo, possa influenciar sua circulação sanguínea, exprimindo-se essa influência crística numa circulação especial — enfim, influir até no físico —, então ele está apto a tornar-se iniciado dentro do corpo físico. Disso é capaz o impulso do Cristo. Quem pode realmente aprofundar-se nos fatos ocorridos outrora pelo evento da Palestina e pelo Mistério do Gólgota — tão intensamente a ponto de viver dentro deles e eles se lhe tornarem concretos, atuando como uma força que se comunica à sua circulação sanguínea —, esse alguém alcança, por essa vivência, o mesmo que antes era alcançado com a saída do corpo etérico.

Vemos, assim, que pelo impulso do Cristo veio ao mundo algo por meio do qual o homem pode interferir naquilo que faz seu sangue pulsar interiormente. Nenhum acontecimento anormal, nenhuma submersão na água, mas única e exclusivamente a poderosa influência da individualidade crística é o que age aqui. Não se trata de um batismo com qualquer matéria sensível, mas com influência espiritual, sem que a consciência cotidiana habitual sofra transformação. Pelo espírito emanado como impulso Crístico flui para dentro do corpo físico algo que, de outra forma, só pode ser provocado pela evolução físico-fisiológica: pelo fogo, fogo interior, expresso na circulação sanguínea. João ainda batizava pela imersão — então o corpo etérico se desprendia e o homem podia ver no mundo espiritual. Porém, se o homem deixar o impulso Crístico atuar, este o fará de tal forma que as vivências do corpo astral penetrarão no corpo etérico e o homem se tornará clarividente.

Esclarece-se aqui a expressão ‘batizar pelo espírito e pelo fogo’. E temos a distinção entre o batismo por João e o batismo por Cristo, correspondendo aos fatos aqui expostos. Assim se tornou possível uma classe de novos iniciados mediante o impulso do Cristo. Anteriormente havia entre os homens uns poucos discípulos dos grandes mestres, introduzidos nos mistérios. Seu corpo etérico era retirado, para que eles pudessem tornar-se testemunhas do espírito e dizer diante dos demais: “Existe um mundo espiritual! Nós próprios o vimos. Assim como vos defrontam as plantas e os animais, assim nós vimos o mundo espiritual!” Eram as ‘testemunhas oculares’. Os que podiam sair das profundezas dos mistérios proclamavam o Evangelho do Espírito — na verdade, a partir da sabedoria primordial. Enquanto reconduziam os homens a uma sabedoria da

qual proveio o ser humano, tais iniciados eram possíveis por intermédio do Cristo, podendo chegar à observação do mundo espiritual dentro do corpo físico, dentro da consciência cotidiana. Por esse impulso Crístico eles reconheciam o mesmo que se tornara claro aos antigos iniciados: o fato de existir um mundo espiritual. E agora podiam, por seu lado, anunciar novamente o Evangelho desse mundo espiritual. Portanto, para tornar-se um iniciado e anunciar o Evangelho do mundo espiritual num novo sentido, no sentido do Cristo, era necessário que a força existente no Cristo extravasasse como um impulso para o outro que se havia tornado discípulo e que viria a ser o proclamador dessa força. Quando surgiu pela primeira vez tal iniciado do Cristo?

No progresso da evolução, o antigo deve sempre estar ligado ao novo. Assim, também o Cristo teve de transformar lentamente a antiga iniciação em uma nova. Ele tinha, por assim dizer, de criar uma transição. Tinha de contar ainda com certos processos da antiga iniciação, mas de tal forma que todo o proveniente dos antigos deuses fosse inundado pela entidade crística. O Cristo procedeu a uma iniciação com aquele seu discípulo que deveria comunicar ao mundo o Evangelho do Cristo da forma mais profunda. Tal iniciação se oculta por detrás de uma narração do Evangelho de João – por detrás da história de Lázaro.

Muito foi escrito sobre essa história de Lázaro – incrivelmente muito. Mas sempre a compreenderam somente os que se inteiraram, pela disciplina esotérica e pela própria observação, do que aí se oculta. Quero citar-lhes inicialmente apenas uma frase característica da história de Lázaro. Quando ao Cristo foi comunicado que Lázaro jazia enfermo, ele replicou: “A enfermidade não é para a morte, mas para que Deus se torne manifesto nele!” A doença é para a manifestação do Deus existente nele. Foi apenas por uma incompreensão na tradução que a palavra *δόξα* [*doxa*], constante do texto grego, foi traduzida por ‘para a glória de Deus’. A doença não se efetuou para a glória de Deus, mas para que o Deus existente nele se tornasse perceptível, saindo da obscuridade! Este é o sentido correto dessa frase. Significa que o divino existente no Cristo deve extravasar para a individualidade de Lázaro – o divino no Cristo deve tornar-se visível *em* Lázaro e *através* de Lázaro.

Só quando compreendida desta forma é que a ressurreição de Lázaro se torna completamente clara. Não creiam, no entanto, que a comunicação de fatos da Ciência Espiritual possa ser efetuada tão abertamente que qualquer pessoa a compreenda de imediato. Aquilo que se esconde por detrás de tais fatos da Ciência Espiritual é comunicado sob inúmeras formas veladas e ocultas. Assim deve ser. Pois quem deseja chegar à compreensão de tal mistério deve primeiro enfrentar aparentes dificuldades, com as quais seu espírito se torne fortalecido e vigoroso. E é justamente por dar-se ao trabalho de pesquisar as palavras que essa pessoa alcança o espírito existente por detrás de tal assunto. Pensemos como, no trecho onde se fala da ‘vida’ que teria desaparecido de Lázaro e que as irmãs Marta e Maria queriam de volta, o Cristo Jesus replica: “Eu sou a Ressurreição e a Vida.” A *Vida* deve ressurgir em Lázaro! Tomemos tudo de forma literal, justamente nos Evangelhos! Veremos tudo o que se sobressai dessa interpretação literal. Não excogitemos a respeito de nada – tomemos literalmente a sentença: “Eu sou a Ressurreição e a Vida!” *O que traz* o Cristo, ao aparecer e ressuscitar Lázaro? O que é transmitido a Lázaro? O impulso Crístico, a força extravasada do Cristo! Conforme disse também, Cristo deu a Lázaro a vida: “A enfermidade não é para a morte, mas para que Deus se manifeste nele.” Tal como todos os antigos iniciados jaziam como mortos por três dias e meio, tornando-se Deus visível neles, assim também Lázaro jazeu por três dias e meio num estado similar à morte. Mas o Cristo sabia muito bem que com isto as antigas iniciações chegavam a um fim. Sabia que essa morte aparente conduzia a algo superior, a uma vida mais elevada, tendo, portanto, Lázaro, durante esse tempo,

percebido o mundo espiritual. E como o guia nesse mundo espiritual é o Cristo, Lázaro recebeu em si a força crística, a visão do Cristo.

Mais pormenores a respeito são encontrados em meu livro *O cristianismo como fato místico*, onde, num capítulo especial, procurei tornar compreensível justamente o milagre de Lázaro no sentido da Ciência Espiritual.

Cristo verteu sua força para Lázaro; Lázaro surge como um novo homem.

Há uma expressão notável no Evangelho de João. Na passagem do milagre de Lázaro, é dito que o Senhor o ‘amava’. A expressão é ainda usada com relação ao discípulo ‘que o Senhor amava’.

O que significa isto? Todos esses fatos nos são desvendados somente pela Crônica do Akasha.

Quem é Lázaro após haver ressuscitado? É o próprio escritor do Evangelho de João, o Lázaro iniciado pelo Cristo. O Cristo verteu para a entidade de Lázaro a mensagem de sua própria entidade, para que essa mensagem do quarto evangelho, o Evangelho de João, pudesse ressoar para o mundo como a descrição do ser do Cristo. Por isso é que antes da história de Lázaro, no Evangelho de João, nada é dito acerca do discípulo João. Leiam, porém, com rigor e não se deixem levar por aqueles singulares teólogos que encontraram, num certo trecho do Evangelho de João, especialmente no versículo 35 do primeiro capítulo, o nome João como uma referência ao discípulo do mesmo nome. Esse trecho reza: “No outro dia João estava novamente presente, com dois de seus discípulos.”

Nada, absolutamente nada indica, nesse trecho, que de alguma forma se esteja aludindo àquele mais tarde denominado o discípulo ‘que o Senhor amava’. Esse discípulo não aparece no Evangelho de João até a passagem em que Lázaro é ressuscitado. Qual é a razão disto? É o fato de aquele que se esconde por detrás do discípulo ‘que o Senhor amava’ ser o mesmo que o Senhor já amava antes. Ele o amava tanto por já havê-lo reconhecido de maneira invisível, em sua alma, como o discípulo que devia ser ressuscitado e divulgar no mundo a mensagem do Cristo. Por isso o discípulo, o apóstolo ‘que o Senhor amava’ só aparece a partir da ressurreição de Lázaro. Só então ele passou a sê-lo. A individualidade de Lázaro foi aí tão transformada que se tornou a individualidade de João no sentido do cristianismo. Assim, vemos realizar-se em Lázaro, no mais alto sentido, um batismo pelo próprio impulso do Cristo: Lázaro tornou-se iniciado no novo sentido da palavra, enquanto era mantido em letargia da antiga forma, tendo-se criado assim uma transição da antiga para a nova iniciação.

Conclui-se assim quão profundamente os Evangelhos reproduzem as verdades espirituais, que podem ser pesquisadas independentemente de quaisquer documentos. De tudo o que se encontra nos Evangelhos, o pesquisador espiritual deve saber que pode encontrá-lo previamente, à parte de qualquer documento. No entanto, se no Evangelho de João reencontra o que pesquisou espiritualmente antes, esse evangelho se lhe torna um documento legado por aquele que foi iniciado pelo próprio Cristo Jesus. Por isso o Evangelho de João é um texto tão profundo.

A respeito dos outros evangelistas salienta-se hoje que, em muitos trechos, eles divergem de João. Deve haver uma razão, que só encontraremos se penetrarmos no verdadeiro cerne dos outros evangelhos, tal como fizemos agora no caso do Evangelho de João. E se o fizermos, constataremos que a divergência só pôde ocorrer pelo fato de o escritor do Evangelho de João haver sido iniciado pelo próprio Cristo Jesus. Com isto se tornou possível descrever o impulso Crístico como o fez o escritor do Evangelho de João. E da mesma forma devemos pesquisar a relação dos outros evangelistas com o Cristo e constatar até que ponto eles receberam o batismo pelo fogo e pelo espírito. Só então

encontraremos a íntima relação do Evangelho de João com os outros evangelhos, penetrando assim cada vez mais profundamente no espírito do Novo Testamento.

8 1º de julho de 1909

As correntes iniciáticas dos Evangelhos

Ontem obtivemos, como resultados de nossas observações, o fato de o impulso do Cristo, após atuar sobre a pessoa de Jesus de Nazaré, haver-se unido à evolução da Terra. E de então em diante, esse constituiu um impulso tão forte dentro da evolução humana terrestre que hoje atua sobre o homem da mesma forma como outrora atuou aquele procedimento progressivamente perigoso para a vida humana: a retirada do corpo etérico, por três dias e meio, do corpo físico durante a iniciação. O impulso Crístico atua tão fortemente quanto atuava tal anormalidade sobre a consciência.

Ora, devemos imaginar que de fato tal mudança só pudesse introduzir-se lentamente na evolução humana, não podendo desde o início surgir com tal força e poder. Por isso era necessário que na ressurreição de Lázaro fosse criada uma espécie de transição. Lázaro ainda se encontrava, por três dias e meio, num estado similar à morte. Contudo, deve-se ter bem claro que tal estado era ainda algo diferente daquele percorrido pelos antigos iniciados. O estado de Lázaro não havia sido induzido artificialmente por um iniciador, como nos antigos tempos – quando, por processos que não posso descrever aqui, o corpo etérico era retirado do corpo físico; havia ocorrido, podemos dizer, de maneira natural. Os Senhores mesmos podem deduzir, do Evangelho, que o Cristo já se relacionara antes com Lázaro e as duas irmãs Marta e Maria, pois está escrito “o Senhor o amava”, isto é, o Cristo Jesus já vinha exercendo de longa data uma grande e poderosa influência sobre Lázaro, que se achava suficientemente preparado e maduro para tal. E por conseqüência não era necessário, em Lázaro, provocar artificialmente um transe por três dias e meio, pois este ocorreu por si sob a poderosa influência do impulso Crístico. Lázaro esteve, por assim dizer, morto para o mundo exterior por três dias e meio, embora durante esse tempo houvesse vivenciado o que havia de mais importante – de forma que apenas o último ato, a ressurreição, foi procedida pelo Cristo. E quem estiver informado sobre o que então ocorreu, reconhece ainda o eco do antigo processo iniciático nas palavras empregadas pelo Cristo Jesus: “Lázaro, vem para fora!”.

E Lázaro ressuscitado era, como vimos, João ou, melhor dizendo, o escritor do Evangelho de João – o mesmo, portanto, que como primeiro iniciado no sentido cristão pôde trazer ao mundo o Evangelho da entidade do Cristo.

Podemos, pois, supor de antemão que esse Evangelho de João, tão maltratado pela atual pesquisa puramente histórico-crítico-teológica e apontado apenas como um hino lírico, como uma expressão subjetiva desse autor, nos permitirá contemplar os mais profundos mistérios do impulso do Cristo. Para os pesquisadores materialistas da Bíblia, esse Evangelho de João constitui hoje um obstáculo quando comparado aos três outros, os assim chamados evangelhos sinópticos. A imagem que eles fazem do Cristo segundo os três primeiros evangelhos lisonjeia bastante os letrados senhores de nossa época. Já foi escrito – e isto aconteceu mesmo na área teológica – que deve tratar-se do ‘homem simples de Nazaré’. E repetidamente é frisado que se pode obter uma imagem do Cristo como talvez a do mais nobre homem que caminhou sobre a Terra, mas sempre e apenas a imagem de um *homem*. Existe mesmo a tendência a simplificar ao máximo possível

essa imagem, e nesse sentido se ouve dizer que também existiu um Platão, um Sócrates e ainda outros grandes homens. Diz-se também que há diferenças de grau entre eles.

Sem dúvida, muito diferente disso é a imagem do Cristo que nos é dada pelo Evangelho de João! Logo no início nos é dito que aquele que durante três anos viveu no corpo de Jesus de Nazaré era o *Logos*, o Verbo sempiterno ou – segundo a expressão que também consta aí – a sempiterna Sabedoria criadora. Não pode ser concebido, em nossa época, que um homem em seu trigésimo ano de vida esteja tão maduro a ponto de sacrificar seu próprio eu e acolher uma outra entidade, uma entidade simplesmente de natureza sobre-humana: o Cristo, ao qual Zaratustra se referiu como *Ahura Mazdao*. Por isso os tais pesquisadores teológicos críticos acreditam que o escritor do Evangelho de João só haja pretendido descrever, numa espécie de hino lírico, a maneira como ele próprio se relaciona com seu Cristo, e nada mais. De um lado está o Evangelho de João e de outro os três demais evangelhos, mas quando se quer obter uma imagem média do Cristo pode-se destacar o ‘homem simples’, embora com a grandeza histórica. Aos novos pesquisadores não agrada que deva haver uma entidade divina em Jesus de Nazaré.

Da Crônica do Akasha se evidencia que, em seu trigésimo ano, aquela personalidade referida como Jesus de Nazaré estava tão amadurecida, por tudo quanto atravessara em encarnações anteriores, que podia sacrificar o seu próprio eu. Pois foi o que ocorreu: ao ser batizado por João, esse Jesus de Nazaré pôde tomar a resolução – como um eu, como o quarto membro da entidade humana – de retirar-se dos corpos físico, etérico e astral. E agora restava uma nobre forma de invólucro, um nobre corpo físico, etérico e astral perpassado pelo mais puro e evoluído eu. Era como um puro vaso, que no batismo por João pôde receber o Cristo, o sempiterno *Logos*, a Sabedoria criadora. Assim nos diz a Crônica do Akasha. E basta querermos para reconhecermos isso na descrição do Evangelho de João.

Ora, não temos de confrontar-nos com aquilo em que acredita nossa era materialista? Talvez alguns dos Senhores se admirem por eu me referir a teólogos – portanto, a pessoas que falam do espírito – como pensadores materialistas. Mas não se trata daquilo em que alguém crê e pesquisa, mas *de como* ele pesquisa, não importando o conteúdo. Quem não quer saber do que aqui nos ocupa – de um mundo espiritual –, só considerando o que existe no mundo material sob forma de documentos, etc., pretendendo com isso formar uma imagem do mundo, é um materialista. O que importa é o meio de pesquisa. Mas ainda nos ocuparemos com isso.

Ao ler os Evangelhos, os Senhores verão que aí existem certas contradições. Já com respeito aos pontos principais, que podemos descrever como o essencial a partir da Crônica do Akasha, podemos dizer que coincidem de maneira evidente, em especial com relação ao próprio batismo por João. E de todos os quatro Evangelhos ressalta que seus escritores atribuem a esse batismo de Jesus de Nazaré por João o maior valor imaginável. Mais adiante coincidem também nos fatos da morte na cruz e da ressurreição. São, portanto, justamente aqueles fatos que para os atuais pensadores materialistas constituem os mais admiráveis. A esse respeito não há, pois, qualquer contradição. Mas como devemos lidar com as outras aparentes contradições?

Temos inicialmente dois evangelistas: Marcos e João. Ambos iniciam pelo batismo de João. Relatam os três últimos anos da atuação do Cristo Jesus, portanto apenas o que ocorreu após o Espírito do Cristo haver assumido o triplo envoltório de Jesus de Nazaré – seus corpos físico, etérico e astral. Temos depois os evangelhos segundo Mateus e segundo Lucas. De certa forma, prosseguem também a história anterior – o que em nosso sentido seria, na Crônica do Akasha, a história de Jesus de Nazaré antes de seu sacrifício pelo Cristo. E aqueles que farejam contradições constatam, logo no início, que Mateus comunica uma linha hereditária ascendente até Abraão, e que Lucas, por sua vez,

dá uma ascendência que alcança Adão e o Pai de Adão, o próprio Deus. Uma outra contradição surgiria do fato de, segundo Mateus, três sábios ou magos, guiados por uma estrela, acercarem-se para saudar o recém-nascido Jesus, enquanto Lucas relata a respeito da aparição presenciada pelos pastores, da adoração dos pastores, da apresentação no Templo, ao passo que Mateus se refere à perseguição por Herodes, à fuga para o Egito e ao regresso. Isto é muito mais poderia ser tomado por contradição. Poderemos esclarecer isto se penetrarmos um pouco mais nos fatos que nos são transmitidos, independentemente dos Evangelhos, pela leitura na Crônica do Akasha.

A Crônica do Akasha nos diz que na época aproximada à relatada na Bíblia — a diferença de alguns anos não importa — nasceu Jesus de Nazaré; que em seu corpo vivia uma individualidade que em encarnações anteriores alcançara um alto grau de iniciação, obtendo uma elevada visão do mundo espiritual. Bem, a Crônica do Akasha nos diz ainda algo mais, e por ora quero apenas avançar nos traços exteriores do que ela nos diz. A Crônica do Akasha, que proporciona a única história verdadeira, diz-nos que aquele ser surgido em Jesus de Nazaré havia passado, em suas encarnações anteriores, pelas mais diversas iniciações nos mais diversos lugares. E retrocedendo ainda mais, constatamos que esse posterior portador do nome ‘Jesus de Nazaré’ havia alcançado originalmente, dentro da cultura persa, um elevado e significativo grau iniciático e uma elevada e importante atuação. Assim, a Crônica do Akasha nos mostra como essa individualidade que estava no corpo de Jesus de Nazaré já havia atuado dentro do mundo espiritual da antiga Pérsia, como havia elevado seu olhar para o Sol e se havia referido ao grande Espírito Solar como *Ahura Mazdao*.

Devemos agora ter bem claro que foi nos corpos dessa mesma individualidade, a qual percorrera tais encarnações, que penetrou o Cristo. O que significa o fato de o Cristo haver penetrado nos corpos dessa individualidade? Não significa outra coisa senão que o Cristo se utilizou, para sua atuação, desses três corpos: o astral, o etérico e o físico de Jesus de Nazaré. Tudo o que pensamos, tudo o que exprimimos em palavras e tudo o que sentimos depende de nosso corpo astral. Este é o portador de tudo. Por trinta anos Jesus de Nazaré havia vivido como um eu nesse corpo astral, tendo-lhe transmitido tudo o que, em encarnações anteriores, havia vivenciado e recebido. Em que sentido esse corpo astral devia formar seus pensamentos? Devia formá-los de modo a adaptar-se e integrar-se à individualidade que nele vivera por trinta anos. Quando Zaratustra, na antiga Pérsia, elevava o olhar para o Sol e falara de *Ahura Mazdao*, isso se havia impregnado no corpo astral. Nesse corpo astral penetrou o Cristo. Não era, pois, totalmente natural que o Cristo, ao necessitar de imagens mentais ou expressões sentimentais, pudesse vesti-las somente com o que seu corpo astral lhe oferecia, e que elas fossem como sempre haviam sido? Pois se os Senhores usam um traje cinza, mostram-se ao mundo exterior num traje cinza! O Cristo se mostrava ao mundo exterior no corpo de Jesus de Nazaré — em seus corpos físico, etérico e astral —, de forma que seus pensamentos e sensações eram coloridos pelas imagens mentais e sentimentais existentes no corpo de Jesus de Nazaré. Não é de admirar, portanto, que muita coisa em suas declarações nos ressoem das antigas expressões persas, e que no Evangelho de João muita coisa nos ressoe das expressões utilizadas já na antiga iniciação da Pérsia! Ora, o impulso existente no Cristo transmitia-se ao discípulo, ao Lázaro ressurreto. Assim nos fala igualmente o corpo astral de Jesus de Nazaré através de João em seu Evangelho. E não é de causar admiração que ouçamos aí ressoar muito da atmosfera persa, e que se utilizem expressões inspiradas pela antiga iniciação persa e suas formas de pensamento. Ora, na Pérsia os espíritos reunidos no Sol não eram relacionados apenas com *Ahura Mazdao*; empregava-se para elas a expressão *Vohumanu*, ou seja, ‘o Verbo Criador’ ou ‘o Espírito Criador’ O *Logos*, no sentido da força criadora, foi utilizado pela primeira vez

na iniciação persa. E isto nos é manifestado novamente logo no primeiro versículo do Evangelho de João. Poderemos entender muitas outras coisas no Evangelho de João se soubermos que o próprio Cristo falava através de um corpo astral utilizado durante trinta anos por Jesus de Nazaré, e que essa individualidade era a reencarnação de um antigo iniciado persa. E assim eu poderia mostrar-lhes muita coisa no Evangelho de João, e os Senhores veriam o quanto se torna claro como justamente o mais íntimo dos Evangelhos, onde se utilizam palavras pertencentes aos mistérios iniciáticos, ressoa em expressões persas, como se as houvesse transplantado para as épocas posteriores.

Ora, qual é a relação com os outros evangelistas? Se quisermos entendê-la, deveremos recordar algo já examinado nas considerações precedentes.

Já ouvimos que elevadas entidades haviam estabelecido sua morada no Sol após este se haver separado da Terra. Salientamos que a figura astral exterior dessas elevadas entidades emigradas para o Sol eram, de certa forma, as contra-imagens de certas figuras animais aqui na Terra. Lá havia inicialmente a forma do espírito-Touro, a contra-imagem espiritual daquelas naturezas animais que, como elemento essencial de sua evolução, possuíam o que se poderia chamar de organização alimentar e digestiva. A contra-imagem espiritual é, naturalmente, algo espiritualmente elevado, por mais baixa que a imagem terrena possa parecer. Temos, pois, elevadas entidades espirituais que de seu cenário solar atuavam sobre a esfera terrestre, manifestando-se como espíritos-Touro. Outras manifestavam-se como espíritos-Leão, possuindo sua contra-imagem naquelas naturezas animais que haviam elaborado principalmente os órgãos do coração e da circulação sangüínea. Temos depois as entidades espirituais que constituem as contra-imagens daquilo que no reino animal se manifesta na natureza da águia – os espíritos-Águia. E finalmente temos aquelas entidades espirituais que reúnem harmoniosamente as outras naturezas como numa grande síntese, os espíritos-Homem. Eram estes, em certo sentido, os mais avançados.

Dirijamo-nos daí à antiga iniciação. Esta propiciou aos homens a possibilidade de ver frente a frente às entidades espirituais elevadas que os precediam. Mas após haverem descido de Marte, Júpiter, Saturno e Vênus, os antigos homens, em conformidade com os antigos tempos, tinham de ser iniciados de outra maneira. Por isso havia também na Atlântida os mais diversos oráculos. Havia oráculos cuja visão espiritual era adaptada para ver os espíritos que caracterizamos como os espíritos-Águia, enquanto outros viam os espíritos-Leão, outros os espíritos-Touro e outros ainda os espíritos-Homem. Isto correspondia à particularidade específica desses candidatos à iniciação. Essa diversidade era uma das peculiaridades da época atlântica, e seus ecos sempre persistiram até nossa época pós-atlântica. Assim, os Senhores poderiam encontrar, na Ásia Menor e no Egito, locais de mistérios onde, pela iniciação, os iniciados viam as elevadas entidades espirituais como espíritos-Touro ou espíritos-Águia.

A cultura exterior extravasou, então, dos mistérios. Os que viram as entidades espirituais sob forma de leão criaram também nos corpos leoninos uma espécie de reprodução do que haviam visto. Disseram então: “Esses espíritos participaram da evolução do homem, dando portanto ao corpo do leão uma cabeça humana.” Daí surgiu mais tarde a esfinge. Os que viram as contra-imagens espirituais como espíritos-Touro exprimiram-no proclamando seu testemunho do mundo espiritual ao introduzir o culto do Touro, o que levou ao culto do Touro-Ápis no Egito e, por outro lado, ao culto do Touro-Mitras na Pérsia. Enfim – o que encontramos como costumes rituais exteriores nos diversos povos extravasou dos ritos iniciáticos.

Assim, por toda parte havia iniciados que, em sua visão espiritual, estavam mais orientados para os espíritos-Touro, outros para os espíritos-Águia e assim por diante. Podemos, de certa maneira, indicar também a diferença entre as diversas formas de

iniciação. Por exemplo, os homens iniciados de forma que as entidades espirituais lhe apareciam como espíritos-Touro eram instruídos principalmente a respeito daquelas condições da natureza humana que continham os segredos relacionados com o sistema glandular, com o etérico. E eram iniciados ainda em outro âmbito da natureza humana: naquilo que, no homem, depende estreitamente da Terra, que está mesclado a Terra. Viam-no todos os que eram iniciados nos mistérios do Touro.

Tentemos colocar-nos no estado de espírito de tais iniciados. Eles haviam recebido de seus mestres mais ou menos o seguinte ensinamento: – O homem desceu das alturas divinas. Os primeiros homens eram descendentes de entidades divino-espirituais. Por isso elas reconduziram o primeiro homem de volta ao seu Deus-Pai. Assim o homem desceu a Terra, percorrendo sucessivas formas terrenas. O que estava ligado a Terra interessou sobremaneira a esses homens, que tinham interesse por tudo o que os seres humanos haviam vivenciado outrora ao relatar a seus pais sobre as entidades anímico-espirituais. – Assim ocorria entre os iniciados de Touro.

Diferente era o caso dos iniciados de Águia. Estes viam as entidades espirituais que se relacionavam de forma totalmente peculiar com o homem. Para a compreensão disso, porém, temos de proferir ao menos algumas palavras sobre a forma espiritual da natureza dos pássaros.

Nos animais, que por suas funções inferiores estão situados abaixo do homem, vemos aquelas entidades que, por assim dizer, adensaram-se muito cedo, não mantendo macia e maleável sua substância corpórea até o momento em que teriam podido adquirir a forma humana. Na natureza dos pássaros, porém, temos as entidades que não receberam as funções inferiores, e sim ultrapassaram o ponto na direção ascendente. Ao mesmo tempo não desceram o suficiente, tendo-se conservado em substâncias muito macias, enquanto os outros viveram em substâncias demasiado densas. E, à medida que a evolução progredia, elas tiveram, por força das condições exteriores, de tornar-se enrijecidas. Assim, adensaram-se de uma maneira correspondente a uma natureza muito macia e pouco chegada à Terra. Na verdade, estamos expressando isto de forma rude e corriqueira, mas correspondente aos fatos. A essas naturezas de pássaro correspondem, como imagens prototípicas, aquelas entidades espirituais que também ultrapassaram o ponto no sentido ascendente, mantendo-se numa substância espiritual macia e conseqüentemente sobrevoando, em seu progresso, o que poderiam ter-se tornado em determinado momento. Elas se desviam para cima, ao passo que as demais desviam-se para baixo. De certa forma, permanecem no meio os espíritos-Leão e os harmoniosos espíritos que se manifestaram justamente no momento acertado: os espíritos-Homem.

Agora já se nos tornou claro como os que haviam conservado algo da antiga iniciação receberam o evento do Cristo. Eles já haviam podido ver antes no mundo espiritual, e realmente da forma como podia ocorrer segundo sua iniciação específica. Os que haviam conservado a iniciação de Touro – digamos, os iniciados de uma grande parte do Egito – sabiam: “Podemos elevar o olhar ao mundo espiritual; por isso também se nos manifestam as elevadas entidades nas contra-imagens da natureza taurina no homem. Mas agora”, assim diziam os que se haviam aproximado do impulso do Cristo, “se nos manifestou sob verdadeira forma aquele que é o soberano no reino espiritual. O que sempre vimos antes, o que obtivemos pelo grau de nossa iniciação, apresentou-nos uma forma preliminar do Cristo. É o Cristo que devemos inserir no que vimos antes. Lembrando-nos de tudo o que vimos, o que progressivamente nos descerrou o mundo espiritual, aonde teríamos sido conduzidos se, já naquela época, estivéssemos na altura adequada? Teríamos sido conduzidos ao Cristo!” Tal iniciado descrevia o acesso ao mundo espiritual no sentido da iniciação de Touro. Mas dizia depois: “O Verdadeiro que

aí existe é o Cristo.” E da mesma forma falava um iniciado de Leão, um iniciado de Águia.

Todos esses mistérios iniciáticos tinham suas prescrições bem definidas quanto à forma de conduzir o candidato ao mundo espiritual. Os rituais se diferenciavam segundo a maneira como se devia adentrar o mundo espiritual. E especialmente na Ásia Menor e no Egito existiam os diversos matizes dos mistérios, onde era costumeiro conduzir os iniciados de forma que estes chegassem à natureza de Touro, ou havia iniciações que atingiam a visão dos espíritos-Leão, e assim por diante.

Consideremos agora, deste ponto de vista, aqueles que, após anteriores iniciações das mais diversas naturezas, tornaram-se maduros para sentir o impulso do Cristo, para compreender o Cristo de forma correta. Observemos um iniciado que haja percorrido os graus que o conduziram à visão do espírito-Homem. Tal iniciado podia pensar: “O verdadeiro Soberano no mundo espiritual se manifestou a mim; é o Cristo, aquele que viveu em Jesus de Nazaré! O que me conduziu a isso? Minha antiga iniciação!” Ele conhecia o acesso à visão do espírito-Homem. Assim, descreve o que o homem vivência para chegar à iniciação e principalmente poder reconhecer a natureza do Cristo. Ele conhecia a iniciação tal como era prescrita nos mistérios que conduziam à iniciação do Homem. Por isso lhe aparecia também, nas imagens dos mistérios que ele havia percorrido e conhecido, o elevado iniciado que estava no corpo de Jesus de Nazaré; e ele o descrevia tal qual ele próprio o vislumbrava. É esse o caso na descrição segundo Mateus. Daí haver uma antiga tradição acertado ao ligar o escritor do Evangelho de Mateus àquele, dentre os quatro símbolos que aqui se apresentam nos capitéis das colunas à direita e à esquerda, que designamos como o símbolo do Homem. Uma antiga tradição reúne o escritor do Evangelho de Mateus ao espírito-Homem. Isto se deve ao fato de o escritor do Evangelho de Mateus haver conhecido, por assim dizer, como seu próprio ponto de partida a iniciação no mistério do Homem – pois nos tempos da escrita dos Evangelhos não era costume escrever biografias tal como se faz hoje. Naquela época, parecia sumamente essencial às pessoas um alto iniciado haver recebido em si o Cristo. Como tornar-se um iniciado, o que é necessário percorrer como iniciado – eis o mais importante para elas. Por isso elas omitiam os acontecimentos exteriores do dia-a-dia, que hoje parecem tão importantes aos biógrafos.

O que não faz hoje um biógrafo para conseguir material suficiente! Certa vez Friedrich Theodor Vischer, o ‘Vischer suábio’¹¹, usou uma ótima imagem a respeito de um senhor letrado enquanto ironizava a maneira como hoje são escritas as biografias. Ele contou o seguinte: – Certa vez um jovem letrado dispôs-se a escrever uma tese de doutorado, justamente sobre Goethe. Inicialmente lançou-se aos trabalhos preparatórios e reuniu tudo o que pudesse precisar. Como não estivesse satisfeito, foi a todos os sótãos em todas as cidades onde viveu Goethe, revolveu tudo em volta e procurou também em todos os outros aposentos. Levantou poeira de todos os cantos, virou latas de lixo malcheirosas, para encontrar tudo o que ainda pudesse ser encontrado, para enfim escrever uma tese ‘Sobre a relação das frieiras da senhora Christiane von Goethe com as figuras mitológico-alegórico-simbólicas na segunda parte do *Fausto*!’ – Isto é muito exagerado, mas traduz o espírito dos biógrafos da atualidade. Os escritores que querem escrever sobre Goethe procuram em todas as imundícies possíveis para escrever suas biografias. Já não conhecem hoje a palavra discríção.

Diferentemente, no entanto, narraram aqueles que descreveram Jesus de Nazaré em seus Evangelhos. Todos os acontecimentos exteriores lhes desapareciam diante das

¹¹ Esteta e escritor nascido na região da Suábia (Alemanha) em 1807 e falecido em 1887. (N.T.)

etapas que Jesus de Nazaré tinha de percorrer como iniciado. Eles o descreviam cada qual segundo a forma que lhe era conhecida.

Mateus descreve-o à maneira dos iniciados no espírito-Homem. Essa iniciação estava próxima da sabedoria egípcia.

E agora podemos também compreender como aquele que escreveu o Evangelho de Lucas chegou à sua peculiar narração. Em suas encarnações anteriores, ele havia alcançado iniciações que conduziam ao espírito-Touro. Podia descrever o correspondente a tal iniciação, dizendo: “Essas etapas tinham de ser necessariamente percorridas por um grande iniciado!” E descrevia-o à sua maneira. Ele pertencia aos que anteriormente haviam vivido sobretudo no âmbito dos mistérios egípcios. Por isso não admira que nos lance, por assim dizer, aquele sopro mais representativo do caráter egípcio da iniciação. Tomemos o escritor do Evangelho de Lucas de acordo com o que concluímos agora deste ponto de vista. Ele cogita: “Naquela individualidade que residia no corpo de Jesus de Nazaré vivia um alto iniciado. Eu aprendi como alcançar, pelos mistérios egípcios, a iniciação de Touro. Isso eu sei.” Essa forma de iniciação estava especialmente presente nele. Então ele dizia: “Aquele que se tornou um tão alto iniciado como Jesus de Nazaré percorreu, além de todas as outras iniciações, também uma iniciação egípcia.” Temos, pois, em Jesus de Nazaré um iniciado que passou pela iniciação egípcia. Isto era sabido também pelos demais evangelistas, os quais, no entanto, não o consideravam de especial importância por não conhecerem tão bem a iniciação por esse lado. Por isso não lhes sobressaiu esse traço especial em Jesus de Nazaré.

Já nas primeiras conferências eu disse: se um homem percorreu anteriormente uma iniciação, acontece-lhe algo especial ao renascer. Surgem acontecimentos bem definidos que se apresentam como uma repetição, no mundo exterior, daquilo que foi experimentado antes. Suponhamos que um homem haja passado por uma iniciação na antiga Irlanda, e agora tenha de recordar, por uma lembrança exterior na vida, essa antiga iniciação irlandesa. Isto se manifestaria, por exemplo, no fato de ele ser impelido, por acontecimentos exteriores, a fazer uma viagem à Irlanda. Àquele que conhece bem a iniciação irlandesa ressaltará que a pessoa em questão viaje justamente à Irlanda. Quem não a conhece não considerará isso um fato especial.

A individualidade que vivia em Jesus de Nazaré havia sido também iniciada nos mistérios egípcios. Daí também a viagem ao Egito. Quem em especial notaria, pois, essa ‘fuga para o Egito’? Aquele que a conhecia de sua própria vida, e que portanto descreveu também essa viagem especial por saber seu significado. Ela é descrita no Evangelho de Mateus porque o escritor sabia, de sua própria iniciação, o que significava para muitos iniciados, nos antigos tempos, uma viagem ao Egito. E se agora os Senhores sabem que no escritor do Evangelho de Lucas temos um homem que conhecia em especial a iniciação dos mistérios egípcios, os quais conduziam ao culto do Touro, não acharão infundado o fato de uma antiga tradição associar o escritor do Evangelho de Lucas ao símbolo do Touro. É por boas razões – cuja explicação aqui carece de tempo – que ele não descreve a viagem ao Egito. Contudo menciona acontecimentos típicos, cujo julgamento de valor era confiado preferencialmente a quem estivesse próximo da iniciação egípcia. O escritor do Evangelho de Mateus fornece as relações de Jesus de Nazaré com o Egito mais exteriormente, através da viagem a esse país. O escritor do Evangelho de Lucas vê todos os acontecimentos que descreve dentro do espírito propiciado por uma iniciação egípcia.

Observemos agora o escritor do Evangelho de Marcos. Ele despreza qualquer história preliminar, descrevendo especialmente a atuação do Cristo no corpo de Jesus de Nazaré por três anos. A este respeito, o Evangelho de Marcos coincide totalmente com o Evangelho de João. O escritor do Evangelho de Marcos passou por uma iniciação muito

semelhante às da Ásia Menor e mesmo às iniciações gregas, ou, se quisermos dizer, às iniciações euro-ásio-pagãs, as mais modernas de então. Todas elas se refletem no mundo exterior, de forma que uma elevada personalidade — um iniciado, em certo sentido — deve sua origem não somente a um acontecimento natural, mas a um acontecimento sobrenatural. Pensem que os veneradores de Platão, querendo representá-lo de forma correta, não possuíam qualquer interesse especial em saber quem era seu pai corporal. A espiritualidade de Platão ofuscava-lhes todo o resto. Por isso diziam: “O que viveu no corpo de Platão como sua alma nasceu, para nós, como uma elevada entidade espiritual, que fecunda a humanidade inferior.” E por isso atribuem o nascimento daquele Platão que lhes era tão caro, do Platão desperto, ao deus Apoio. Para eles Platão era um filho de Apoio. Justamente nesses mistérios era costumeiro não se atentar para a vida pregressa da pessoa em questão, mas ter em mira o momento em que ela se tornara algo tão freqüentemente mencionado nos Evangelhos: um filho dos deuses, um filho de Deus. Platão, um filho de Deus! Assim o descreveram seus mais nobres veneradores e conhecedores.

A esse respeito, devemos ter bem claro que significado tinha tal descrição para a vida humana de tais filhos dos deuses na Terra. Justamente no quarto período ocorreu o fato de os homens se adaptarem ao máximo no mundo físico-sensível, afeiçoando-se a esta Terra. Os antigos deuses lhes eram queridos, pois podiam mostrar-lhes como justamente os filhos da Terra dirigentes eram filhos dos deuses. Aquilo que se passava na Terra devia ser apresentado dessa forma.

Um deles era o escritor do Evangelho de Marcos. Ele descreve, portanto, somente o que ocorreu após o batismo por João. Uma iniciação como a percorrida pelo escritor do Evangelho de Marcos conduzia ao conhecimento do mundo superior e à imagem do espírito-Leão. Por isso uma antiga tradição relaciona esse evangelista com o símbolo do Leão. E agora reconsideremos o que já referimos hoje — o Evangelho de João.

Nós dissemos que o escritor do Evangelho de João foi iniciado pelo próprio Cristo Jesus. Por isso ele pôde propiciar algo que contém, por assim dizer, não só o germe para a presente atuação do impulso Crístico, mas para sua atuação até um futuro longínquo. Ele anuncia algo que terá validade ainda num remoto porvir. E um dos iniciados de Águia, aqueles que ultrapassaram o ponto normal. O normal para aquela época é dado pelo escritor Marcos. Aquilo que transpõe essa época, mostrando-nos como o Cristo atua no mais remoto futuro, é encontrado em João. Por isso a tradição relaciona João com o símbolo da Águia.

Vemos, assim, que essa antiga tradição, associando os evangelistas com aquilo que, por assim dizer, constituiu a essência de sua própria iniciação, não se baseia de forma alguma numa simples fantasia, mas nasceu dos mais profundos fundamentos da evolução cristã. É com tal profundidade que se deve olhar para as coisas, e então se compreenderá que as maiores e mais sobressalentes ocorrências na vida do Cristo são descritas da mesma maneira, mas que cada um dos evangelistas descreve Jesus conforme o compreende segundo a forma de sua iniciação. Já apontei isto em meu livro *O cristianismo como fato místico*, porém da maneira como se pode fazê-lo a um público ainda não preparado, pois foi escrito no início de nossa evolução científico-espiritual. Aí é levada em consideração a falta de compreensão de nossa época diante dos autênticos fatos ocultos.

Assim, compreendemos que o Cristo nos é iluminado de quatro lados — por cada qual dos evangelistas do lado que lhe é mais conhecido. Que o Cristo possui muitos lados os Senhores acreditarão muito bem, de acordo com o poderoso impulso dado por ele. Eu disse, porém, que uma coisa se encontra em todos os Evangelhos: a descida da própria entidade crística das alturas divino-espirituais por ocasião do batismo por João — o fato

de essa entidade haver residido no corpo de Jesus de Nazaré, de haver passado pela morte na cruz e triunfado sobre essa morte. Teremos de aprofundar-nos ainda mais justamente neste mistério. Compreendamos hoje essa morte na cruz de forma a indagar inicialmente: como se caracteriza essa morte na cruz para essa entidade crística? Devemos responder: caracteriza-se por ser um acontecimento que não diferencia entre a vida anterior e a vida posterior à sua ocorrência. O essencial da morte do Cristo é o fato de ele não se haver modificado pela morte, mantendo-se o mesmo, e também de ter demonstrado a morte em sua insignificância – de forma que os que podiam conhecer a essência da morte do Cristo se ativessem ao Cristo vivo.

O que significa, pois, deste ponto de vista o evento de Damasco, quando aquele que era Saulo se tornou Paulo? Do que aprendera antes, Paulo sabia que pouco a pouco se aproximava da Terra o Espírito buscado inicialmente no Sol por Zaratustra como *Ahura Mazdao* e vislumbrado por Moisés já na sarça ardente e no fogo do Sinai. E sabia também que esse Espírito devia vir para um corpo humano. Porém Paulo, chamando-se ainda Saulo, não pudera compreender que esse homem destinado a trazer em si o Cristo deveria experimentar a mais ignóbil morte na cruz! Ele só podia pensar que o Cristo, ao chegar, deveria triunfar, permanecendo em tudo o que a Terra possui após haver-se aproximado dela. Não podia pensar naquele que pendera da cruz como sendo o portador do Cristo. Isto é o essencial na visão de Saulo, antes de tornar-se Paulo. E a morte na cruz, a ignóbil morte na cruz com tudo o que acarreta, foi o que inicialmente impediu Paulo de reconhecer que realmente o Cristo já havia estado sobre a Terra. O que devia, pois, ocorrer? Devia acontecer algo a Paulo, de forma que em certo momento ele pudesse convencer-se do seguinte: a individualidade que no corpo de Jesus de Nazaré pendera da cruz era o Cristo – o Cristo estivera na Terra! Paulo tornou-se clarividente pelo evento de Damasco, e pôde então convencer-se.

Quando um clarividente olhava para o mundo espiritual, este se mostrava modificado após o evento do Gólgota. Anteriormente ele encontrava o Cristo no mundo espiritual. A partir do acontecimento do Gólgota, podia-se encontrar o Cristo na aura da Terra, o que não era possível ocorrer antes. Eis a diferença. E Saulo pensou: “Sou clarividente, portanto posso convencer-me de que naquele ser pendente da cruz, que viveu como Jesus de Nazaré, estava o Cristo, presente agora na aura terrestre.” E ele viu na aura da Terra o mesmo que Zaratustra vira primeiramente como *Ahura Mazdao* no Sol. Agora sabia: Aquele que estivera na cruz ressuscitara. Por isso podia dizer então: “Cristo ressuscitou, tendo-me aparecido como apareceu a Cefas, aos outros irmãos e aos quinhentos de uma só vez!” E agora tornava-se o anunciador do Cristo *vivente*, para o qual a morte não possui o mesmo significado que para os outros homens.

Quando houver dúvida sobre a morte na cruz, sobre a morte do Cristo justamente neste sentido, quem estiver informado desse acontecimento concordará com um outro suábio que em seu *Urchristentum* [Cristianismo Primordial] reuniu, com toda a precisão histórica possível, aquilo que mais seguramente confirma o que já sabemos a respeito. Gfrörer – chama-se ele – acentuou aí, com razão, justamente a morte na cruz. E de certa forma se pode concordar com esse autor quando ele se exprime, à sua maneira um tanto sarcástica, dizendo que a quem o contradissesse ele olharia criticamente no rosto e perguntaria se não haveria algo de errado debaixo do seu chapéu!

Eis o que pertence aos mais seguros fatos do cristianismo: essa morte na cruz e o que amanhã descreveremos como a Ressurreição e como efeito das palavras: “Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo!” E foi isto que provocou a proclamação de Paulo, que pôde então dizer: “Se o Cristo não ressuscitou, será vã nossa pregação e vã nossa fé!” Paulo associa o cristianismo à Ressurreição. É em nossa época que pela primeira vez se principia a meditar um pouco sobre essas coisas no âmbito em que tal

assunto não é considerado uma questão teológica, mas uma questão vital para o cristianismo. O grande filósofo Soloviov se coloca portanto, no fundo, no mesmo ponto de vista de Paulo ao salientar: tudo no cristianismo depende da idéia da Ressurreição, e será impossível um cristianismo do futuro se essa idéia da Ressurreição não for aceita e compreendida. E, à sua maneira, ele repete a afirmação de Paulo: “Se o Cristo não ressuscitou, será vã nossa pregação e vã nossa fé!” Então o impulso Crístico será impossível. Não haveria cristianismo sem o Cristo ressurreto e *vivente!*

É característico, e portanto pode ser realçado, que profundas mentes isoladas tenham chegado a reconhecer, somente por força de sua própria filosofia, sem nenhum ocultismo, o quanto está correta esta afirmação de Paulo. E ocupando-nos um pouco com tais espíritos, vemos que em nossa época já começam a surgir pessoas que formam conceitos sobre o que deverá ser uma convicção e uma cosmovisão humanas futuras, e o que justamente deve trazer a Ciência Espiritual. Mas todos os que carecem da Ciência Espiritual não alcançarão senão um recipiente vazio de idéias. Assim ocorre também com o profundo pensador Soloviov. Que recipientes de idéias são os sistemas de sua filosofia! E para dentro deles deve ser vertido aquilo pelo qual eles já anseiam, para cuja forma já estão moldados, mas que ainda não possuem, e que pode advir única e exclusivamente da corrente antroposófica. Esta verterá para esses recipientes aquela água vivida, as comunicações sobre os fatos do mundo espiritual, o oculto. Eis o que levará essa cosmovisão científico-espiritual às melhores mentes que já hoje demonstram necessitá-la, e cujo lado trágico reside no fato de não terem podido recebê-la. Sobre esses espíritos podemos dizer, com certeza, que estão sequiosos por Antroposofia e não a puderam encontrar. Por intermédio do movimento antroposófico deve ser vertido para os recipientes por eles preparados aquilo que pode formar idéias claras, nítidas e verdadeiras sobre os mais importantes acontecimentos—sobre aqueles acontecimentos como o evento do Cristo e o mistério do Gólgota. A esse respeito, somente a Antroposofia ou pesquisa espiritual pode esclarecer-nos com suas revelações sobre as regiões dos mundos espirituais. Sim: o mistério do Gólgota pode ser compreendido, em nossa época moderna, *somente* por meio da Antroposofia, por meio da pesquisa espiritual!

9 2 de julho de 1909

A seqüência dos sete milagres

Nossas explanações de ontem terminaram com a recomendação de observarmos o mais importante no âmbito do impulso do Cristo: a morte e seu próprio significado. Antes, porém, de chegarmos à narração da morte do Cristo e, com isso, ao ápice de nossas considerações neste ciclo, será necessário falar hoje alguma coisa sobre o verdadeiro sentido e o significado de muitos trechos do próprio Evangelho de João, e das relações entre o que aí é relatado e os outros evangelhos.

Nos últimos dias tentamos compreender o impulso do Cristo a partir de fontes totalmente diferentes — a partir da observação clarividente da Crônica do Akasha —, situando-o como um acontecimento real na evolução da humanidade. E de certa forma só nos referimos ao que, nos Evangelhos, se apresenta como confirmação do que podia ser previamente declarado verdadeiro pela pesquisa clarividente. Hoje, porém, visando ao prosseguimento de nossas considerações, enfocaremos o próprio Evangelho de João e caracterizaremos, de um lado, esse importante documento da humanidade por seu

próprio teor. Esse Evangelho de João – do qual dissemos ontem que a pesquisa teológica da atualidade, enquanto estiver impregnada de materialismo, não poderá posicionar-se corretamente a seu respeito, não atingindo a compreensão da realidade histórica –, esse evangelho se nos evidenciará, se o observarmos com visão científico-espiritual, como um dos mais maravilhosos documentos que a humanidade possui. Pode-se dizer que o Evangelho de João pertence não só aos maiores documentos religiosos, mas aos maiores – usemos a palavra profana – documentos literários universais. Examinemos mais de perto, deste lado, o conteúdo desse documento.

Esse Evangelho de João é, no que respeita à sua composição já nos capítulos iniciais – quando bem compreendido, sabendo-se o que realmente subjaz às palavras –, um dos mais estilísticos e completos documentos que existem no mundo. Obviamente isto não pode ser captado por uma observação superficial. À primeira vista se evidencia que o escritor do Evangelho de João – já o conhecemos agora –, com relação ao relato dos milagres até o próprio evento de Lázaro, enumera exatamente sete desses milagres. (No significado do número sete nos aprofundaremos mais nos próximos dias.) Quais são esses sete milagres ou prodígios?

- 1) o milagre das bodas de Cana, na Galiléia;
- 2) o milagre da cura do filho do oficial;
- 3) o da cura, junto ao lago Bethesda, daquele que fora doente por 38 anos;
- 4) a alimentação dos cinco mil homens;
- 5) o milagre da visão da caminhada do Cristo sobre o mar;
- 6) o milagre da cura do cego de nascença; e finalmente
- 7) o maior milagre, a iniciação de Lázaro – a transformação de Lázaro no próprio escritor do Evangelho de João.

Estes são sete dos milagres. Na verdade, devemos perguntar agora: que significado acompanha esses prodígios, esses milagres?

Se ouvirem atentamente o que lhes foi dito nos últimos dias das mais diversas maneiras, os Senhores recordarão que no decorrer de toda a nossa evolução humana o estado consciente do homem se modificou. Nós retrocedemos o olhar aos tempos primordiais. Vimos que os homens não saíram de um simples estado animal na evolução, mas de uma forma em que os homens ainda possuíam o dom da clarividência como uma capacidade natural. Outrora os homens eram clarividentes, embora sua forma de consciência não lhes permitisse dizer “eu sou”. A capacidade da autoconsciência teria de ser conquistada pouco a pouco por eles; mas isto exigiu em troca a antiga clarividência. No futuro retornará um tempo em que todos os homens serão clarividentes, apesar de haverem conservado o ‘eu sou’, a autoconsciência. Estes são os três estágios que a humanidade percorreu em parte, e em parte terá ainda de percorrer. Na Atlântida os homens ainda viviam numa espécie de consciência onírica, porém clarividente. Então veio a época em que conquistaram gradualmente a autoconsciência, a consciência exterior dos objetos, em troca do antigo dom clarividente nebuloso. E finalmente o homem terá, no futuro, uma consciência clarividente ligada à autoconsciência. Assim caminha ele de uma antiga clarividência obscura, através de uma consciência não-clarividente, para reascender a uma clarividência autoconsciente.

Mas além da consciência, também todo o resto se alterou no homem. É realmente sinal de curta visão acreditar que as coisas sempre se passaram como se passam hoje. Tudo evoluiu. Não foi sempre assim, e tampouco a relação de homem para homem foi sempre como é hoje.

Já pudemos deduzir, das indicações dos últimos dias, que nas antigas épocas, até o período em que o impulso do Cristo interferiu na evolução humana, existia uma

influência muito maior de uma alma sobre outra. Os homens estavam predispostos a isso. A pessoa não apenas ouvia o que o interlocutor lhe dizia com palavras exteriormente audíveis; quando o outro sentia ou pensava algo de forma vivida, ela podia de certa maneira senti-lo e sabê-lo. O amor, nas antigas épocas em que era mais ligado ao parentesco sanguíneo, era muito diferente do que é hoje. Hoje ele recebeu um caráter mais anímico, mas tornou-se mais fraco. Só retomará sua força quando o impulso do Cristo se introduzir em todos os corações humanos. Quando atuou nas antigas épocas, esse amor tinha ao mesmo tempo como que uma força curativa e balsâmica em relação à outra alma. Com a evolução do intelecto e da inteligência, que só pouco a pouco se formaram, desapareceram essas antigas influências de alma para alma.

Atuar na alma do outro, deixar extravasar a força contida na própria alma, era um dom peculiar aos povos das antigas épocas. Por isso devemos também pensar num poder muito maior que naquele tempo uma alma podia receber de outra, e numa muito maior influência exercida mutuamente. Embora nenhum documento histórico exterior mencione algo a respeito, embora as pedras e monumentos nada digam, a observação clarividente da Crônica do Akasha mostra-nos que nesses antigos tempos, por exemplo, podiam ocorrer curas de doentes em amplo sentido pela influência psíquica de um homem sobre os outros. E muitas outras coisas podia a alma realizar então. Aquilo que ao homem de hoje soa como um conto de fadas – o fato de a vontade humana ter, por exemplo, quando aspirava a isso e para tal era treinada, o poder de atuar de maneira a regular o crescimento das plantas, ativando-o ou retardando-o – era real naquela época. Hoje restam de tudo isso apenas escassos resíduos.

Portanto, a vida do homem era então completamente diferente. Ninguém se teria admirado, nos tempos antigos, que ao haver uma acertada relação de homem para homem se transmitisse tal influência anímica de uma para outra personalidade. Aliás, devemos insistir: era sempre necessário haver duas ou mais pessoas presentes para que tal influência anímica pudesse ser exercida. Em nossa época também se poderia conceber que um homem com a força do Cristo surgisse entre os homens. Seriam, porém, escassos aqueles cuja fé nele fosse muito forte, e ele não poderia realizar o que pode ser exercido pela influência anímica de alma para alma. Para tal não é apenas necessário atuar, mas haver alguém maduro para receber tal atuação. Se nos antigos tempos eram abundantes as pessoas capazes de receber essa atuação, não nos admirará se for dito que naquela época existiam, para as curas de doentes, justamente os meios pelos quais se atuava mediante influência psíquica, tendo ocorrido, no entanto, também outras interferências psíquicas que hoje só seriam possíveis por meios mecânicos.

Em que época, pois, o evento do Cristo incidiu na evolução humana? Numa época bem determinada, e isto deve ser fixado. Dessas correntes anímicas de uma pessoa a outra havia apenas os últimos vestígios, como uma herança da época atlântica. A humanidade se dispunha justamente a penetrar cada vez mais no âmbito material e a ter cada vez menos a possibilidade de deixar atuar essas correntes anímicas. Aí teve de incidir o impulso do Cristo, o qual, justamente através de sua entidade, podia atuar infinitamente naqueles que ainda eram receptivos.

Quem realmente conhece a evolução da humanidade achará natural que, após haver penetrado no corpo de Jesus de Nazaré por volta de seu trigésimo ano de vida, a entidade crística pudesse atuar de forma muito especial nesse corpo, nesse envoltório. Pois esse envoltório havia amadurecido desde épocas remotas. Ontem mencionamos que a individualidade de Jesus de Nazaré já se havia encarnado, numa vida anterior, na antiga Pérsia, tendo passado por repetidas encarnações, nas quais se elevava sempre mais em sua evolução espiritual. A isso se deveu o fato de o Cristo haver podido habitar tal corpo, que lhe pôde ser oferecido em sacrifício. Isto era muito bem sabido dos

evangelistas. Por isso eles relataram tudo de forma a torná-lo compreensível à visão do pesquisador espiritual.

Só que precisamos tomar tudo literalmente nos Evangelhos, isto é, aprender primeiramente a lê-los. Por que, por exemplo, é especialmente frisado justamente no primeiro dos milagres (como foi dito, ainda conheceremos o mais profundo significado dos milagres), na narração das bodas de Cana, na Galiléia, que isto aconteceu “em Canaã, na Galiléia”? Não existe – os Senhores poderão pesquisar, se o quiserem – na antiga Palestina, nas regiões provavelmente conhecidas, nenhuma segunda Cana. Será necessário, para lugares de existência única, uma menção adicional? Por que, não obstante, ao falar desse milagre o evangelista diz que aconteceu “em Canaã, na Galiléia”? Porque se trata de acentuar que na Galiléia ocorreu algo determinado a ocorrer aí. Isto significa que o Cristo não teria encontrado em lugar algum, a não ser na Galiléia, as pessoas necessárias para tal. Eu já disse que para uma atuação importa não só quem atua, mas também os outros, adequados para recebê-la. O Cristo não teria podido efetuar sua primeira aparição dentro da comunidade judaica, mas sim na Galiléia, naqueles lugares onde se haviam mesclado as mais diversas estirpes e os mais diversos grupos étnicos. Justamente pelo fato de haverem confluído para um mesmo lugar os mais diversos povos das mais diversas partes da Terra é que na Galiléia não existia mais o mesmo parentesco sangüíneo e, sobretudo, a fé nesse parentesco como na Judéia, no seio do estrito povo hebraico. Na Galiléia os homens estavam miscigenados. Mas para onde o Cristo se sentiu chamado, em razão de seu impulso?

Já dissemos que um de seus mais importantes pronunciamentos foi: “Antes de existir Abraão existia o Eu-Sou”. E ainda: “Eu e o Pai somos Um.” Com isto queria dizer: entre aqueles que pertenciam às antigas instituições, o eu só está abrigado dentro de um parentesco sangüíneo. Aquele que era um adepto do Antigo Testamento sentia algo de muito especial nas palavras: “Eu e o Pai Abraão somos Um” – algo que ao homem de hoje é difícil de sentir também. O que o homem denomina seu próprio *self*, encerrado entre o nascimento e a morte, é visto por ele como transitório. Mas quem professava corretamente o Antigo Testamento e era afetado pelas doutrinas que naquela época fluíram pela humanidade dizia – e não simplesmente como uma afirmação alegórica, mas como um fato –: “Para mim eu sou único, contudo sou um membro num grande organismo, num grande contexto vital que ascende ao Pai Abraão. Tal como o dedo só pode existir como membro vivo enquanto está em meu corpo, eu também só possuo um sentido enquanto me sinto um membro no grande organismo étnico que ascende ao Pai Abraão. Eu dependo tanto do grande organismo étnico quanto o dedo de meu corpo. Separando-se o dedo do corpo, logo não será mais um dedo; ele só está protegido quando ligado à minha mão, a mão ao meu braço e o braço ao meu corpo: não terá mais sentido se separado da mão. Da mesma forma, só tenho um sentido ao me perceber como um membro de todas as gerações através das quais flui o sangue do Pai Abraão. Então me sinto protegido! Passageiro e provisório é meu eu individual, mas não o é esse grande organismo étnico ascendente ao Pai Abraão. Quando me sinto totalmente dentro dele, sobrepujo meu eu temporal; torno-me então protegido num grande Eu, no Eu do Povo, que através do sangue das gerações flui do Pai Abraão até mim!” Assim pensava o adepto do Velho Testamento.

Pela força dessa vivência interior que reside nas palavras “Eu e o Pai Abraão somos Um”, acontecia tudo o que de supremo, de manifestação maravilhosa ocorreu dentro do Antigo Testamento. No entanto, por haver chegado o tempo em que os homens não mais deveriam ser chamados a possuir tal estado de consciência, isso se perdeu pouco a pouco. O Cristo não devia, pois, ir até aqueles que, de um lado, haviam perdido a capacidade de atuar através daquela força mágica existente nas ligações de sangue e, de

outro, ainda possuíam a crença na comunhão com o Pai Abraão; pois entre eles não podia encontrar a fé necessária à atuação do que podia jorrar de sua alma para as demais. Então ele teve de dirigir-se aos que, por sua miscigenação sangüínea, não possuíam mais aquela fé: os galileus. Aqui devia iniciar sua missão. Embora no geral o antigo estado de consciência estivesse em desaparecimento, neles ele encontrou justamente uma miscigenação étnica situada no início da mescla sangüínea. De todos os lados advinham tribos que, antes dessa confluência, ainda haviam estado sujeitas às forças dos antigos laços de sangue. Haviam chegado para encontrar a transição, mantendo o sentimento vivo de que seus pais ainda haviam vivido no antigo estado de consciência, possuindo ainda as mágicas forças que atuam de uma alma para outra. Neles o Cristo pôde atuar com sua nova missão, que consistia em dar ao homem uma consciência do eu não mais ligada ao parentesco sangüíneo – uma consciência que podia dizer: “Em mim mesmo eu encontro a ligação com o Pai espiritual, com o Pai que não faz correr seu sangue através das gerações, mas que envia sua força espiritual para cada alma individual. O eu que está em mim e tem uma relação direta com o Pai espiritual existia antes de Abraão existir. Por isso fui chamado a verter para o eu essa energia fortalecida pela consciência da ligação com o Pai-Força espiritual do mundo. ‘Eu e o Pai somos um’, e não ‘eu e o Pai Abraão’, isto é, um antepassado corpóreo, ‘somos um’.”

E o Cristo se dirigiu aos que acabavam de chegar ao ponto de compreender isto, necessitando encontrar não nos laços sangüíneos, rompidos justamente por sua miscigenação, mas na alma individual a vigorosa força que pode reconduzir o homem a exprimir cada vez mais o espiritual no físico. Não digam os Senhores: por que, então, não vemos hoje as coisas acontecer como aconteceram naquela época? Abstraindo-se o fato de poder vê-lo quem assim o quiser, deve-se considerar que os homens saíram desse estado de consciência, descendo ao mundo material, e que aquela época era justamente a linha divisória onde o Cristo mostrou, aos últimos exemplares da humanidade em evolução, o que o espírito exerce sobre o físico. Como um exemplo ou símbolo, como símbolo de fé, foram apresentados aqueles milagres então ocorridos quando ainda existia o antigo estado de consciência, embora em extinção.

Observemos agora essas bodas de Cana propriamente ditas. Se eu lhes desenvolvesse aqui literalmente todas as particularidades do Evangelho de João – seu verdadeiro conteúdo –, catorze conferências não bastariam, pois na verdade seriam necessários alguns anos. Mas esse desenvolvimento literal seria apenas uma confirmação do que posso apontar-lhes em breves explicações.

Inicialmente nos é dito, nesse primeiro milagre, que havia um casamento em Cana, na Galiléia. Ora, temos de estar conscientes de que no Evangelho de João nenhuma palavra existe sem um significado especial. Por que, pois, um ‘casamento’? Porque pelo casamento é exercida uma atuação que, pela missão do Cristo, efetua-se de forma eminente: pelo casamento as pessoas são unidas. E o casamento ‘na Galiléia’? Na Galiléia os laços sangüíneos estavam sendo rompidos, de forma que sangues estranhos se miscigenavam. A tarefa do Cristo prendia-se justamente à miscigenação sangüínea. Trata-se, pois, de uma ligação entre pessoas não mais vinculadas pelo sangue, com a finalidade de gerar descendentes. Ora, sem dúvida lhes parecerá admirável o que vou dizer-lhes agora. O que teriam sentido as pessoas em épocas muito antigas num caso como esse aí ocorrido – quando ainda existia o que, no sentido da Ciência Espiritual, se pode chamar de ‘casamento próximo’? Pois é totalmente inerente à evolução da humanidade o fato de o original ‘casamento próximo’ se haver transformado num ‘casamento distante’. E naquilo que eu disse até aqui já está contido expressamente o que é o casamento próximo. Em todos os povos os Senhores encontram, nas antigas épocas, o fato de ser contra uma lei do povo casar-se fora da tribo, fora do parentesco sangüíneo.

O casamento era efetuado dentro da estirpe, dentro da consangüinidade, e isso produzia o maravilhoso efeito, constatado toda vez pela pesquisa científico-espiritual, de que uma grande força mágica podia ser exercida. Os descendentes dentro de uma tribo consangüínea tinham, por esse casamento entre parentes, forças mágicas que atuavam de alma para alma. Se houvésemos sido chamados a um casamento em tempos remotos, o que teria ocorrido então? Suponhamos que a bebida usada para essa ocasião — portanto, o vinho — houvesse terminado. O que teria sucedido? Teria bastado apenas que, pelos laços da consangüinidade, existissem as condições adequadas entre os familiares presentes — e pelo mágico poder do amor sangüíneo se poderia ter assistido ao seguinte fato: o de que a água, por exemplo, servida em lugar do vinho num momento posterior da festa, por influência anímica dessas personalidades fosse saboreada pelos demais como se fora vinho. Esses outros teriam bebido vinho se aí houvesse existido a correta relação mágica entre um e outro. Não digam os Senhores que esse vinho teria sido água! Uma pessoa sensata deve concluir pela seguinte resposta: as coisas são, para o homem, tal qual se comunicam ao seu organismo, tal qual se tornam para ele, e não tal qual parecem. Eu acredito que ainda hoje muitos apreciadores de vinho teriam muito prazer se lhes fosse oferecida água e, apenas por uma influência qualquer, a água tivesse o sabor de vinho, exercendo sobre seu organismo o efeito do vinho. Nada mais é necessário senão a água parecer vinho aos homens. O que, pois, era preciso em tempos antigos para que ocorresse o milagre de a água contida nas talhas se transformar em vinho ao ser bebida? Era necessário o mágico poder exercido pelo parentesco sangüíneo. Mas a força anímica para sentir algo assim existia entre as pessoas presentes às bodas de Cana, na Galiléia. Só que uma transição devia ser provocada.

O Evangelho de João prossegue: “E a mãe de Jesus estava lá. Mas Jesus e seus discípulos foram também convidados às bodas.” E como faltasse vinho, a mãe de Jesus o percebeu e disse-lhe: “Eles não têm vinho.”

Uma transição, disse eu, tinha de ser provocada para que tal fato pudesse ocorrer. A força anímica tinha de apoiar-se em algo; em quê? Chegamos então às palavras que, da forma como são usualmente traduzidas, constituem uma verdadeira blasfêmia. Pois eu não creio que uma pessoa com sensibilidade refinada não sentisse desagrado ao dizer: “Eles não têm vinho!” e lhe fosse respondido: “Mulher, o que tenho eu a ver contigo? Minha hora ainda não chegou!” É absolutamente impossível que isso seja admitido em tal documento. Deve-se pensar no seguinte: como é que o ideal do Amor, tal qual nos é descrito nos Evangelhos — Jesus de Nazaré —, podia usar, nas relações com sua mãe, a expressão “Mulher, o que tenho eu a ver contigo!”? Nada mais é preciso dizer sobre isso, pois o resto se deve perceber. Contudo essas palavras não constam lá! Reparem nesse trecho do Evangelho de João. Basta abrirem o texto grego, e nada mais terão aí além das palavras ditas por Jesus de Nazaré enquanto apontava para algo: “Ó Mulher, isto passa de mim para ti!” É justamente a essa força sutilmente íntima de alma para alma, transferida dele para sua mãe, que ele se refere. E disso que necessita nesse momento. Não pode ainda provocar um tipo mais elevado de milagre; para isso seu tempo deve primeiro amadurecer. Por isso diz: “Meu tempo, em que atuarei simplesmente por meio de *minha* força, ainda não chegou!” Pois agora ainda é necessário o magnético laço anímico que da alma de Jesus de Nazaré se transfere para mãe. “Ó Mulher, isto passa de mim para ti!” Do contrário, como poderia a mãe, após as palavras “Mulher, o que tenho eu a ver contigo?”, dizer aos criados: “Fazei o que ele vos disser!” É necessário que ela esteja de posse das antigas forças, das quais hoje os homens não têm mais idéia alguma; e ela sabe que Jesus indica esse laço sangüíneo entre filho e mãe, prestes a transferir-se aos demais. Sabe que agora reina algo como uma força espiritual invisível, capaz de provocar alguma coisa. E agora peço-lhes que leiam realmente o Evangelho. Eu gostaria

de saber como o explicam os que acreditam que – ora, eu não sei o que realmente pensam ter acontecido –, acreditam que seis jarros comuns lá estavam, como dizem, ‘para a purificação judaica’; e como então, após essa visão tão corriqueira, sem qualquer outro detalhe – contido justamente no que acabo de dizer –, a água se teria transformado em vinho? Como poderia ter isto ocorrido apenas exteriormente?

O que foi isso? – e, da mesma forma: qual é a crença deste que aqui nos fala a respeito desse milagre? A de que qualquer um pode considerar milagre o fato de, neste caso, uma substância ter-se transformado em outra, para as pessoas? Só que com uma interpretação usual não se chega a uma explicação.

E preciso imaginar que os jarros lá existentes provavelmente não estivessem repletos de água. Não é dito, absolutamente, que houvessem sido esvaziados. Isto não consta. Se houvessem sido esvaziados e novamente enchidos—consta que foram enchidos –, dever-se-ia realmente acreditar que a água, por assim dizer, tivesse sido transformada em vinho como que por um passe de mágica: que também a água, aí existente antes, se houvesse transformado em vinho. Com isso, pois, não se chega a uma explicação. Nada faz sentido. E preciso ter bem claro que esses jarros estavam evidentemente vazios, pelo fato de que seu preenchimento tinha de significar algo especial.

“Fazei o que ele vos disser!” havia dito a mãe aos criados. Que espécie de água necessitava o Cristo? Necessitava água proveniente das próprias fontes da natureza. Por isso cumpre dizer que a água foi retirada naquele instante. Somente aquela água, que ainda não havia perdido as forças interiores pertencentes a qualquer elemento enquanto ainda ligado à natureza, era apropriada ao seu intento.

Como foi dito, nenhuma palavra consta no Evangelho de João sem profundo significado. Uma água recém-colhida tinha de ser utilizada, pois o Cristo é a entidade que se aproximou da Terra, que se tornou afim com as forças atuantes na própria Terra. À medida que as forças vivas da água atuam novamente em conjunto com o que flui ‘de mim para ti’, pode ocorrer o fato descrito no Evangelho: o responsável pela comida é chamado, ficando sob a impressão de haver acontecido algo especial – sem que ele o saiba, no entanto, pois é dito expressamente: ele não viu o que ocorreu, mas os criados sim –; e, assim impressionado, ele toma a água por vinho. Isto é dito clara e nitidamente, de forma que por meio da força anímica é realmente exercida uma atuação até num elemento exterior, isto é, até no elemento físico do corpo humano. O que terá ocorrido com a própria mãe de Jesus de Nazaré para que nesse momento sua crença pudesse ser suficientemente forte para provocar tal efeito? Ela devia ter algo que já possuía em si, isto é, a compreensão para o fato de aquele denominado seu Filho se haver tornado o Espírito da Terra. Então sua intensa fé pôde atuar tão poderosamente, em conjunto com a vigorosa força dele – aquilo que atuava dele para ela –, que ocorreu o fato descrito.

Assim, por toda a constelação das circunstâncias, mostramos no primeiro milagre como, a partir da concordância das almas, a partir do que ainda está ligado aos laços sangüíneos, há uma atuação no mundo físico. Foi o primeiro milagre ocorrido, no qual a força do Cristo é mostrada em sua menor proporção. Ela necessitava ainda do reforço por meio da inter-relação com as forças anímicas da mãe e por meio das forças da água ainda ligadas à natureza, ainda presentes tão logo se acaba de colher a água. É em mínimas proporções que se nos apresenta aqui a força atuante da entidade crística. Porém um valor especial é atribuído ao fato de a força crística se transmitir à outra alma, e esta, estando capacitada para tal, ser conclamada a produzir efeitos. O essencial é que a força crística possui justamente o poder de tornar a outra alma capaz a ponto de os efeitos se manifestarem. Ela havia tornado os convivas das bodas aptos a

experimentar a água como vinho. Mas tudo o que se constitui numa força real se intensifica em sua própria atuação. Quando o Cristo a exerceu pela segunda vez, essa força foi muito mais intensa. Tal como a mais simples força se revigora pelo exercício, uma força espiritual se intensifica especialmente quando aplicada com êxito.

O segundo milagre é, como os Senhores sabem do Evangelho de João, a cura do filho de um oficial. Por que meios é curado o filho do oficial? Também aqui os Senhores reconhecerão o certo se lerem corretamente o Evangelho de João, se focalizarem as palavras que no capítulo em questão constituem o mais importante. No versículo 50 do quarto capítulo consta, após o oficial se haver queixado de seu sofrimento a Jesus de Nazaré: “Disse-lhe Jesus: Vai, teu filho vive. O homem deu crédito às palavras que Jesus lhe disse, e partiu.”

Novamente havia duas almas concordantes: a alma do Cristo e a alma do pai do enfermo. E como atuam as palavras do Cristo: ‘Vai, teu filho vive’? Atuam de forma a acender na outra alma a força para crer nas palavras pronunciadas. Essas duas forças atuaram em conjunto. A palavra do Cristo possuía a força para acender-se de tal forma na outra alma que o oficial lhe deu crédito. Se não houvesse acreditado, seu filho não se teria curado. Assim atua uma força sobre a outra, e ambas são necessárias. Mas aqui já temos uma maior medida da força crística. Nas bodas de Cana ela necessitava ainda, para poder atuar, da intensificação pela força da mãe. Agora o tempo avançou o suficiente para que a força do Cristo possa transmitir à alma do oficial a palavra acesa. Uma intensificação da força crística se faz presente.

Passemos agora ao terceiro milagre – à cura, junto ao lago Bethesda, daquele que estava doente havia 38 anos. Aí devemos novamente ler o trecho mais importante, que ilumina todo o contexto. Esse trecho diz: “Jesus disse-lhe: Levanta, toma tua cama e anda!”

O doente havia dito previamente, ao falar de sua necessidade de permanecer deitado por não poder mover-se: “Senhor, não tenho ninguém que me ponha no lago quando a água se agita; e quando chego, um outro entra antes de mim.”

O Cristo, porém, dirige-lhe a palavra – e é novamente importante que seja um sábado, quando por toda parte há clima de festa, uma ocasião para o mais eminente amor humano –, revestindo-a com a seguinte expressão: “Levanta, toma tua cama e anda!” E devemos relacionar essas palavras com as outras que ele diz, igualmente importantes: “Eis que estás são; não peques mais, para que algo de pior não te venha a suceder.”

O que significa isto? Significa que a doença do homem durante 38 anos estava relacionada com seu pecado. Se esse pecado foi cometido nesta vida ou numa anterior, não discutiremos agora. Para nós trata-se do fato de o Cristo ter vertido à alma a força para atingir a natureza anímico-moral do outro. Aí temos novamente uma intensificação da força crística. Antes tratara-se apenas de provocar um efeito físico. Agora, porém, há uma enfermidade que o próprio Cristo diz relacionar-se com o pecado do enfermo. Nesse momento o Cristo sabe estar atuando até na própria alma do doente. No caso anterior ele necessitava ainda do pai; agora a força crística atua dentro da alma do enfermo – o que recebe um encanto especial por acontecer no sábado. O homem atual não tem mais noção exata de tais assuntos. Para um adepto do Antigo Testamento, porém, dizia alguma coisa o fato de isso haver ocorrido no sábado. Tratava-se de algo muito especial. Por isso também os judeus estavam indignados com o enfermo, pois ele carregava sua cama no sábado. Este é o ponto extraordinariamente importante. As pessoas deveriam aprender a pensar, ao ler os Evangelhos! Não deveriam tomar por óbvio o fato de o doente haver sido curado – o fato de ele, que por 38 anos não pudera andar, fazê-lo

agora; deveriam meditar sobre o seguinte trecho: “Então os judeus disseram ao que se curara: Hoje é sábado; não te é lícito carregar a cama.”

Não se deram conta de que ele se havia curado, e sim de que carregava sua cama num sábado! Portanto, da cura desse enfermo faz parte toda a situação de atuar justamente no dia santificado. No próprio Cristo existe o seguinte pensamento: se o sábado deve ser realmente santo para o Senhor, pela força de Deus as almas devem ter um vigor especial nesse dia. Por meio dessa força ele atua sobre aquele que está à sua frente, isto é, ela se transporta para a própria alma do enfermo. E enquanto antes o doente não encontrava em sua alma força alguma que sobrepujasse as conseqüências da culpa, agora ele possui essa força por intermédio da força crística. É novamente uma intensificação da força do Cristo.

E agora prossigamos. Como foi dito, sobre a própria natureza dos milagres falaremos mais tarde.

O quarto dos milagres é a alimentação dos cinco mil homens. Neste caso, devemos novamente focalizar as palavras mais importantes. E quais são?

Nestas coisas, precisamos ter sempre em mente que não se deve considerar tal acontecimento com a consciência de hoje. Se os que escreveram sobre o Cristo na época em que foi escrito o Evangelho de João houvessem acreditado no que acredita hoje nossa época materialista, teriam realmente escrito de outra forma; pois então teriam reparado em fatos diferentes dos que os motivaram.

As mais importantes palavras, porém — o resto não lhes chamou especialmente & atenção, nem mesmo o fato de cinco mil pessoas haverem sido alimentadas com o pouco que lá havia —, as palavras mais especialmente acentuadas, são estas:

Jesus, porém, tomou os pães, deu graças e deu-os aos discípulos, e estes por sua vez aos que haviam acampado; e igualmente os peixes, o quanto eles quisessem.

O que faz então o Cristo Jesus? Para realizar o que devia ocorrer, serve-se da alma dos discípulos — os que estavam com ele e pouco a pouco haviam amadurecido para sua grandeza. Eles fazem parte da cena. Estão à sua volta; neles ele pode despertar agora uma força anímica de benevolência. Sua energia flui para a dos discípulos. Sobre como pôde acontecer o que houve aqui, ainda falaremos. Contudo uma intensificação de sua força também é notada neste caso. Antes ele deixara transbordar sua força para a alma do que estivera enfermo por 38 anos. Agora, porém, sua força se transfere para a força das almas dos discípulos. Atua aqui aquela extensão das forças, indo a da alma do Senhor para as almas dos discípulos. A força se ampliou da alma de um para as almas dos outros. Tornou-se mais vigorosa. Nas almas dos discípulos já vive, portanto, também aquilo que vive na alma do Cristo.

Se as pessoas quisessem perguntar o que tal influência provoca, deveriam ater-se apenas à experiência. Deveriam tentar observar o que ocorreu quando realmente a vigorosa força existente no Cristo não atuou sozinha, mas acendeu a força nas almas dos outros homens, para que essa continuasse a atuar. Hoje não há pessoas que creiam tão vivamente — talvez creiam em teoria, porém não com a força suficiente —, mas só assim poderiam observar o que então ocorreu. A pesquisa espiritual sabe muito bem o que aconteceu então.

Temos assim um gradual fortalecimento da força crística.

Prosseguindo, temos o quinto milagre, relatado no mesmo capítulo e tendo por início:

Ao anoitecer os discípulos foram até o mar, entraram no barco e vieram pelo mar a Cafarnaum. E já havia escurecido, e Jesus não havia ido ter com eles. E o mar se agitava por causa de um forte vento.

E tendo eles remado cerca de vinte e cinco a trinta estádios, viram Jesus caminhando sobre o mar e aproximando-se do barco; e eles se atemorizaram.

Os que hoje publicam Evangelhos escrevem, por exemplo, o título superficial sobre esse trecho: “Jesus caminha sobre o mar”, como se isto contasse em algum lugar desse capítulo. Onde está “Jesus caminha sobre o mar”? O que consta é: “Os discípulos viram Jesus caminhando sobre o mar.” É isto. Devemos tomar os Evangelhos literalmente. A força crística intensificara-se de novo! Havia-se tornado tão forte, pela natural intensificação nos exercícios dos últimos fatos, que agora não apenas podia atuar sobre os demais a partir de sua alma, não apenas a alma crística podia comunicar-se por suas forças com as outras almas, mas o Cristo podia viver em sua própria forma diante da alma de outrem preparado para tal. O acontecimento, portanto, é este: alguém está num outro lugar, e sua força é tão vigorosa que atua sobre pessoas distantes, longe dali. A força do Cristo atua agora tão vigorosamente que não apenas ativa nos discípulos uma força como a que existira neles ao acampar com ele sobre o monte; aí a força havia apenas sido transmitida aos discípulos, a fim de se efetuar o milagre. Embora não pudessem ver com os olhos físicos onde se encontrava o Cristo, agora eles possuíam a força para vê-lo e contemplar a sua própria figura. O Cristo pôde tornar-se visível à distância a quem seu laço anímico já se havia ligado. Agora sua própria figura está tão evoluída que pode ser vista espiritualmente. No momento em que a possibilidade da visão física desaparece nos discípulos, surge-lhes a maior possibilidade da visão espiritual, e eles vêem o Cristo. A visão à distância ocorre de tal forma que a pessoa tem a imagem do objeto como se em sua proximidade imediata. Eis novamente uma intensificação da força do Cristo.

O próximo milagre é a cura do cego de nascença.

Essa cura, tal como está no Evangelho de João, é também bastante deturpada. Os Senhores talvez hajam lido freqüentemente a história no Evangelho:

E Jesus, passando por ali, viu um homem que nascera cego. E seus discípulos indagaram-no dizendo: Mestre, quem pecou – este ou os seus pais –, de forma que ele nascesse cego?

Jesus respondeu: Isso não ocorreu por ele haver pecado, nem seus pais, mas para que a obra de Deus se manifeste nele.

Então ele o cura. Basta perguntar: será sintoma de sensibilidade cristã interpretar que o homem não nascera cego por força de pecados de seus pais nem dele próprio, mas havia sido feito cego por Deus para que o Cristo viesse e pudesse realizar um milagre para a glória de Deus? Portanto, para ser atribuída uma atuação a Deus, o homem em questão teria primeiro de ser feito cego por Deus! Só que isso não está lido corretamente. Tampouco consta aí, em absoluto, “para que a obra de Deus se manifeste nele”.

Se quisermos compreender esse milagre, teremos de retroceder ao uso lingüístico da palavra ‘Deus’. Os Senhores o encontrarão mais facilmente se voltarem a um outro capítulo, em que o Cristo é justamente acusado por haver afirmado que ele próprio e Deus eram Um. O que responde ele? “Jesus respondeu-lhes: Não está escrito em vossa lei ‘Eu disse: vós sois deuses’?”

Isto significa que o Cristo responde o seguinte: – No mais íntimo da alma humana existe a disposição para um deus – para algo divino. Quantas vezes dissemos que o quarto membro da entidade humana é o indício do divino no homem! “Vós sois deuses”, isto é: um ser divino habita em vós! Esse ser divino é algo diferente do homem, da pessoa do homem do modo como ele vive aqui entre o nascimento e a morte; é também algo diferente daquilo que o homem herdou de seus pais. De onde vem esse ser divino,

essa individualidade do homem? Ela passa de encarnação em encarnação, através de repetidas vidas terrestres. É de uma vida terrestre anterior, de uma encarnação anterior que provém essa individualidade. Portanto: nem seus pais pecaram, nem tampouco sua personalidade, da qual se diz usualmente 'eu'. Mas numa vida anterior esse homem estabeleceu a causa para nascer cego nesta vida. Tornou-se cego para que a obra de Deus nele, de uma vida anterior, se mostre em sua cegueira. Carma, a lei de causa e efeito, é aqui clara e nitidamente indicada pelo Cristo Jesus. Sobre o quê, pois, deve ser exercida uma atuação para curar *essa* doença? Sobre o que vive não como um eu passageiro entre o nascimento e a morte, mas sobre o eu que passa de uma vida a outra – nele devem penetrar mais profundamente as forças. A força do Cristo intensificou-se novamente. Até agora vimo-la atuar apenas sobre o que está à sua frente. Agora atua sobre o que sobrevive à vida entre o nascimento e a morte, passando de uma vida a outra. O Cristo sente-se a si próprio como representante do Eu-Sou. A medida que verte sua força para o Eu-Sou, à medida que o elevado Deus do Cristo se transmite ao deus no homem, este recebe a força para curar a partir de seu íntimo. Agora o Cristo penetrou até no mais íntimo ser da alma. Sua força atuou dentro da eterna individualidade do enfermo, fortalecendo-a, portanto, para que a própria força do Cristo surja na individualidade do doente, estendendo assim sua atuação às conseqüências das encarnações anteriores.

Que intensificação ainda existe agora para a força crística? Única e exclusivamente aquela de o Cristo aproximar-se de um homem e despertar-lhe algo portador do próprio impulso Crístico, de forma que esse outro homem receba a força do Cristo a ponto de todo o seu ser impregnar-se dela e ele se tornar um ser humano permeado pelo Cristo. Isto ocorre na ressurreição de Lázaro! Aí temos novamente uma intensificação da força crística. A força do Cristo se intensifica passo a passo.

Onde os Senhores encontram, no mundo, um documento lírico composto de forma tão grandiosa? Nenhum outro escritor fez tal composição. Quem não se curvaria em reverência ante uma descrição tal dos acontecimentos que estes crescem passo a passo, e de forma tão maravilhosa! Observando o Evangelho de João apenas pelo lado da composição artística, já temos de curvar-nos em reverência perante ele. Aqui tudo cresce a cada passo, intensificando-se.

Resta-nos ainda mostrar um aspecto. Devemos perguntar-nos: escolhemos um elemento que nos mostra a intensificação dos prodígios, dos milagres; de entremeio há também muitos fatos; como isto se integra no todo?

Amanhã será nossa tarefa mostrar que no Evangelho de João reside, não apenas em seus milagres, uma admirável intensificação, sendo que todos os demais eventos intermediários se inserem com intuito especial; assim, é bem compreensível que isso não teria sido melhor desempenhado do que o fez o escritor desse Evangelho.

Observamos hoje o Evangelho de João artisticamente quanto à sua composição, e vimos que é verdadeiramente inconcebível uma obra de arte ser composta de forma mais perfeita e bela do que esta, até seu relato da ressurreição de Lázaro.

Mas somente quem é capaz de ler e sabe do que se trata percebe o grande e poderoso sentido do Evangelho de João. Hoje a Antroposofia é chamada a colocar esse grande sentido diante de nossa alma. Contudo algo mais reside ainda nesse evangelho. Às nossas explicações a seu respeito se seguirão esclarecimentos que conterão, por sua vez, uma sabedoria superior à nossa. Mas essa sabedoria servirá, por seu turno, para encontrarmos verdades mais novas, tal como nossa sabedoria nos serve há sete anos para encontrarmos o que não pode ser encontrado sem a Antroposofia.

A atuação superior do Cristo

Entre os fatos ocorridos na Palestina no início de nossa era, houve um acontecimento especial que repetidas vezes mencionamos e denominamos o batismo de Jesus de Nazaré por João. Também ressaltamos que, com relação a esse batismo joanino, os quatro Evangelhos concordam em todos os aspectos essenciais. Hoje se tratará, inicialmente, de apresentar mais uma vez diante da alma esse batismo por João de um certo ponto de vista.

Pela maneira como o batismo por João aparece nos Evangelhos, já pudemos verificar que esse acontecimento, bastante esclarecedor também na Crônica do Akasha, é indicado da forma mais importante; trata-se daquele acontecimento que caracterizamos dizendo que, por volta do trigésimo ano da vida de Jesus de Nazaré, em seus três envoltórios penetrou a entidade divina denominada Cristo.

Temos, portanto – e isto é um resultado da observação no Akasha – de distinguir duas partes na vida do fundador do cristianismo. Inicialmente devemos ver a vida do grande iniciado que descrevemos como Jesus de Nazaré. Nele vive um eu do qual dissemos que passou por muitas encarnações, tendo vivido repetidamente na Terra e, nessas vidas, ascendido cada vez mais, desenvolvendo-se gradualmente para a capacidade do grande sacrifício. Esse sacrifício consistiu no fato de, por volta do trigésimo ano, o eu de Jesus de Nazaré ter podido abandonar os corpos físico, etérico e astral até então refinados, purificados e enobrecidos por ele, de forma que um tríplice envoltório humano composto desses corpos lá ficou – o melhor e mais puro envoltório humano. Durante o batismo por João esses envoltórios receberam – quando, por seu lado, o eu de Jesus de Nazaré os deixou – aquela entidade que anteriormente não se encontrava na Terra, e da qual não podemos dizer que haja passado por encarnações precedentes. A entidade crística é aquela da qual dissemos que antes só podia ser encontrada no Universo exterior à Terra. Só nesse instante do batismo por João essa individualidade se uniu, para os três anos seguintes, a um corpo humano e caminhou sobre a Terra, para nesse período realizar o que aqui pretendemos caracterizar progressivamente.

O que acabo de dizer é resultado da observação clarividente. Os evangelistas revestem este fato descrevendo-o como o batismo por João. Com isto querem dizer que enquanto aos diversos homens que experimentavam o batismo joanino ocorria este ou aquele fato, com Jesus de Nazaré ocorreu que em seus três envoltórios penetrou o Cristo. E já na primeira conferência eu lhes disse que o Cristo é a mesma entidade da qual se diz no Velho Testamento: “E o Espírito de Deus pairava” – ou ‘cismava’ – “sobre as águas”. Esse mesmo Espírito, portanto o Espírito Divino do nosso sistema solar, dirigiu-se ao triplo envoltório de Jesus de Nazaré.

O que então aconteceu será esclarecido agora. E peço-lhes estarem cientes de antemão que é difícil compreender o que realmente ocorreu durante o batismo de João, por tratar-se do maior acontecimento da evolução terrestre. E quem não acreditaria que os pequenos acontecimentos da evolução terrestre são mais fáceis de compreender que os maiores? Quem não acreditaria que a compreensão dos maiores acontecimentos da evolução terrestre também oferece mais dificuldades? Por isso eu lhes direi agora muitas palavras que, em muitos aspectos, poderão chocar os que ainda estão despreparados. Mas também cada qual deles deveria pensar que a alma humana se encontra na Terra a fim de tornar-se cada vez mais perfeita, também com relação ao conhecimento, e o que de início parece chocante deve mostrar-se perfeitamente compreensível no decorrer do

tempo; pois do contrário deveríamos desesperar da possibilidade evolutiva da alma humana. Assim, podemos dizer-nos a cada dia: por mais que eu já tenha aprendido, minha alma poderá ser sempre aperfeiçoada, vindo a compreender cada vez melhor o assunto.

Temos, pois, um tríplice envoltório humano diante de nós – os corpos físico, etérico e astral, aos quais se dirige o Cristo. Isto é indicado pelas palavras que ressoam do Universo: “Este é o meu Filho preenchido por meu Amor, no qual Eu Mesmo me manifestei!” Pois é assim que as palavras devem ser traduzidas. Que no triplo envoltório de Jesus de Nazaré deviam ocorrer imensas transformações com a entrada de Deus nele, é algo inimaginável. Ora, os Senhores também já acharão compreensível que nas antigas iniciações hajam ocorrido grandes transformações no que respeita ao homem total.

Eu já lhes descrevi como era o último ato da antiga iniciação: após haver sido longamente preparado mediante aprendizado e exercícios, o discípulo iniciado nos mistérios divinos era levado por três dias e meio a um estado similar à morte, de forma que seu corpo etérico ficasse separado do corpo físico nesse período; então podiam exprimir-se no corpo etérico os frutos dos exercícios recebidos pelo corpo astral. Isto quer dizer que o iniciado ascende de ‘purificado’, como se diz, para ‘iluminado’, aquele que vê no mundo espiritual. Mas já em tempos antigos ele possuía – justamente quando tais iniciações ainda eram possíveis – um certo poder sobre toda a sua corporalidade. Regressando agora ao corpo físico, ele o dominava de forma imponente no que respeita a certos elementos mais sutis. Mas talvez os Senhores pudessem levantar aqui a seguinte questão: se alguém se aproximasse de tal iniciado, que havia alcançado um domínio muito especial sobre os diversos envoltórios, e mesmo sobre seu corpo físico, será que o notaria, veria isso nele? Sim, via-o quem tivesse adquirido a capacidade para tal visão. A outro ele parecia, via de regra, um homem normal, simples, e nada se notava de especial nele. Por que isto? Ora, simplesmente pelo fato de o corpo físico, tal qual é visto pelos olhos físicos, ser apenas uma expressão exterior para o que está atrás; e as transformações se relacionam com o espiritual situado por detrás do corpo físico.

Ora, todos os antigos iniciados haviam sido conduzidos, pelos procedimentos especiais realizados com eles, a um certo grau de domínio sobre o corpo físico. Havia apenas *uma* coisa que não pôde ser subjugada ao domínio do espírito do homem por qualquer iniciação. Atingimos aqui, de certa forma, a orla de um grande segredo ou mistério. Havia na natureza humana uma coisa à qual chegava o poder de uma iniciação pré-cristã: os sutis processos físico-químicos no sistema ósseo. Por mais estranho que isto lhes pareça, era o que ocorria.

Jamais houvera dentro da evolução terrestre, até o batismo do Cristo Jesus por João – entre iniciados e não-iniciados –, uma individualidade humana com poder sobre os processos físico-químicos do sistema ósseo. Pela introdução do Cristo no corpo de Jesus de Nazaré, a individualidade do Cristo tornou-se regente até do sistema ósseo. E isto teve por consequência o fato de ter vivido na Terra um corpo capaz de dominar suas forças a ponto de poder incorporar na evolução terrestre a forma do sistema ósseo, a forma espiritual desse sistema. Nada haveria restado do que o homem percorre na evolução terrestre se ele não pudesse incorporar nessa evolução a nobre forma do seu sistema ósseo, se ele não se tornasse pouco a pouco senhor das leis desse sistema.

A isto se liga algo – tal como, tão freqüentemente, antigas tradições se relacionam com o oculto – que os Senhores podem verificar de uma antiga superstição popular: certos círculos representam a morte com a imagem do esqueleto. É a forma para o fato de que, quando a Terra se encontrava no início da evolução, todas as leis relativas aos restantes sistemas do organismo humano estavam tão avançadas que no final da evolução terrestre estariam novamente presentes numa forma superior, transformadas. Mas nada

da evolução terrestre teria sido transmitido ao futuro sem a transmissão da forma do sistema ósseo. A forma do esqueleto vence a morte no sentido físico. Por isso quem quisesse vencer a morte na Terra deveria ter domínio sobre o sistema ósseo, e realmente da mesma maneira como eu lhes indiquei esse domínio sobre certas peculiaridades corporais, mesmo no que respeita a capacidades mínimas. O homem tem domínio sobre seu sistema circulatório apenas em pequena escala. No sentimento de vergonha, por exemplo, ele impele seu sangue de dentro para fora, isto é, a alma atua na circulação sanguínea. No susto, quando empalidece, o homem impele o sangue para seu centro, de volta para o interior. Quando o homem sente tristeza, saem-lhe as lágrimas. Todos estes são certos domínios da alma sobre o corporal. Muito mais domínio sobre o elemento corpóreo recebe quem, em certo grau, é iniciado: ele recebe a possibilidade de dominar, de certa maneira, os movimentos das partes de seu cérebro, e assim por diante.

Portanto, aquela entidade humana que constituía o envoltório de Jesus de Nazaré passou ao domínio do Cristo. E o arbítrio do Cristo, sua livre vontade, penetrou com seu domínio até no sistema ósseo, de forma a poder atuar aí pela primeira vez. O significado desse fato se explica da seguinte maneira: – O homem não conquistou, em encarnações anteriores do nosso planeta, a forma que possui hoje em seu sistema ósseo. Porém ele a perderia caso não houvesse advindo aquele poder espiritual que denominamos o Cristo. O homem nada levaria para o futuro como colheita e fruto da Terra caso não houvesse surgido aquele domínio do Cristo sobre o sistema ósseo. – Era, pois, algo de um imenso poder o que no momento do batismo por João penetrou até na medula óssea do tríplice envoltório de Jesus de Nazaré. Devemos retratar esse momento diante da alma, pois foi único.

Quando ocorre um nascimento comum, aquilo que provém das encarnações anteriores do homem une-se ao que ele alcança pela hereditariedade. Une-se a individualidade humana, existente em vidas anteriores, ao que ele recebe como envoltório etérico-carnal. Portanto, algo que provém do mundo espiritual une-se ao físico-sensível. Os ouvintes assíduos de minhas palestras sabem que, no referente à manifestação exterior no mundo espiritual, tão logo o adentramos tudo se mostra em imagem reflexa, invertida. Quando, pois, alguém se torna clarividente por métodos racionais, ao se lhe abrir a visão para o mundo espiritual ele deve aprender primeiro a situar-se nesse mundo, dado que aí tudo parece invertido. Ao se lhe defrontar um número, por exemplo o número 345, ele não deve lê-lo como no mundo físico – portanto não 345, mas 543, ou seja, ao contrário. Devemos assim aprender, de certa forma, a observar tudo na inversão – não só números, mas também todo o resto.

A quem abriu os olhos espirituais, o evento de o Cristo se haver unido ao envoltório exterior de Jesus de Nazaré se mostra, em sua manifestação exterior, também numa aparição invertida. Enquanto numa incorporação física um elemento espiritual desce dos mundos superiores e une-se ao elemento físico, o que neste caso foi sacrificado para o recebimento do Espírito Crístico aparece sobre a cabeça de Jesus de Nazaré sob forma de pomba branca. Um elemento espiritual aparece tal qual se desprende do físico! Essa é realmente uma observação clarividente. E é bem pouco correto dizer que isto tenha um sentido simplesmente alegórico ou simbólico. É um fato espiritual real, que para a capacidade clarividente existe verdadeiramente no plano astral. Assim, tal como um nascimento físico se caracteriza por atrair um elemento espiritual, esse nascimento era um sacrifício, uma entrega. Com isso se dava a possibilidade de o Espírito que ‘pairava sobre as águas’, no início de nossa evolução terrestre, unir-se ao triplo envoltório de Jesus de Nazaré, revigorando-o e incandescendo-o conforme foi descrito.

Agora os Senhores compreenderão que, no momento deste episódio, não só teve participação o pequeno espaço onde se desenrolou o batismo por João. Seria uma curta

visão dos homens acreditar que algo ocorrido a qualquer entidade se confinasse aos limites vistos pelos olhos. Esta é a forte ilusão a que os homens podem entregar-se ao confiar apenas em seus sentidos exteriores. Onde, pois, está o limite humano para os sentidos exteriores? Falando superficialmente, veríamos esse limite em nossa pele. Aí termina o homem em todas as direções. Alguém poderia mesmo dizer: “Se eu cortar teu nariz, que te pertence, não serás mais um homem completo; nisto reconheço que tudo faz parte de tua entidade.” Mas esta é mesmo uma observação muito bitolada. Limitando-se à observação física, ninguém procura mais o que pertence ao ser humano uns poucos decímetros adiante de sua pele. Mas considerem que a cada lufada de respiração os Senhores aspiram ar de toda a atmosfera à sua volta. Se alguém lhes cortar o nariz, os Senhores não serão mais homens completos; mas se lhes suprimirem o ar, tampouco o serão! É apenas uma visão arbitrária representar o homem limitado à sua pele. Ao homem pertence tudo o que está ao seu redor, mesmo no sentido físico. Assim sendo, quando algo sucede a um homem num determinado lugar, não só o local ocupado pelo corpo humano participa do fato. Se os Senhores tentassem infestar o ar à distância de uma milha ao redor de um homem, de forma tão intensa que os vapores se estendessem até ele, logo perceberiam que todo o espaço no círculo de uma milha teria participado dos processos vitais desse homem. E toda a Terra participa de cada processo vital. Se já é o caso no processo vital físico, não lhes parecerá inconcebível que num acontecimento como o batismo de João o mundo espiritual participasse no mais amplo círculo, e que muita, muita coisa haja ocorrido para que isso pudesse suceder.

Se viciarmos o ar por uma milha em volta de um homem, de forma que seus processos vitais sejam influenciados por isso, e colocarmos um outro homem em sua proximidade, este último também sofrerá um efeito. Talvez este efeito seja diferente conforme esse outro esteja mais perto ou mais longe da área contida nessa milha. Se, por exemplo, ele estiver longe, esse efeito será também mais fraco, mas ainda assim será exercido um efeito. Por isso os Senhores não acharão mais estranho se hoje for questionado se não há ainda outros efeitos ligados ao batismo de João. E aqui tocamos a orla de outro profundo mistério, do qual só se pode falar hoje com timidez e veneração. É que apenas pouco a pouco a humanidade se tornará preparada para compreender tais coisas.

No mesmo momento em que o Espírito do Cristo penetrou no corpo de Jesus de Nazaré, processando-se uma transformação, tal como descrevemos, exerceu-se também um efeito sobre a mãe de Jesus de Nazaré. E esse efeito consiste em que, nesse momento do batismo por João, ela recebeu de volta sua virgindade, isto é, em seu organismo íntimo se tornou tal como é o organismo feminino antes da maturação virginal. No nascimento do Cristo, a mãe de Jesus de Nazaré tornou-se virgem.

Eis os dois significativos fatos, aqueles grandes e poderosos efeitos que o escritor do Evangelho de João nos indica, embora veladamente. Mas sendo capazes de ler corretamente o Evangelho de João encontramos, de certa forma, tudo isso lá. Para reconhecê-lo, devemos referir-nos novamente a vários pontos aos quais já aludimos ontem sob diversos aspectos.

Dissemos que em tempos antigos os homens viviam sob a influência do ‘casamento próximo’. Isto significa que o casamento se realizava dentro da consangüinidade, dentro da mesma estirpe. Só com o avanço do tempo é que se principiou a casar fora da tribo, com outro sangue tribal. Quanto mais recuarmos nas épocas mais antigas, mais encontraremos os homens sob a influência dessa consangüinidade. A circunstância de o sangue tribal fluir nas veias dos homens possibilitava, nos antigos tempos, aquelas forças mágicas intensificadas. Um homem que vivesse nessa época e pudesse olhar longamente para sua linhagem de antepassados, sempre apenas dentro da consangüinidade, possuía

em seu sangue mágicas forças atuando de forma a possibilitar efeitos de uma alma para outra, como lhes foi descrito ontem. Antigamente, as pessoas mais simples sabiam disto. Ora, seria absolutamente errôneo concluir daí que, se hoje fossem contraídas núpcias consangüíneas, ocorreriam estados similares e forças mágicas viriam a aparecer. Então os Senhores incidiriam no mesmo erro em que cairia o lírio do campo se dissesse: “Não quero mais florescer em maio; de agora em diante florescerei em outubro!” Ele não pode florescer em outubro, pois aí não existem as condições necessárias ao lírio. O mesmo acontece com as forças mágicas. Estas não podem desenvolver-se numa época onde as condições para tal não mais existem. Atualmente elas têm de desenvolver-se de outra maneira. O que foi descrito só é válido para os tempos antigos. Naturalmente, o letrado grosseiramente naturalista não pode compreender que as leis da evolução tenham sido alteradas; ele crê que o que ele experimenta em seu laboratório físico haja ocorrido sempre assim. Isto, porém, é um absurdo, pois as leis se alteram. E as pessoas que extraem suas crenças da mais moderna ciência natural considerariam espantadamente o que ocorreu na Palestina e referido no Evangelho de João como algo peculiar. Mas os que viveram na época de Jesus Cristo quando ainda existiam as tradições vivas dos tempos – e tais coisas faziam parte das possibilidades – não estavam absolutamente admirados. Por isso pude ontem já indicar que os homens não se admiraram do que ocorreu nas bodas de Cana como milagre. E por que deviam eles admirar-se? Exteriormente foi uma repetição de algo que, conforme sabiam, muitas vezes fora observado. Leiam no Segundo Livro dos Reis, no quarto capítulo, os versículos 42-44:

Mas eis que veio um homem de Baal-Salisa e trouxe ao homem de Deus pão das primícias, vinte pães de cevada e espigas novas em suas vestes. Então ele disse: Dá ao povo, para que coma!

Seu criado retrucou: Como posso dar isto a cem homens? Ele, porém, disse: Dá ao povo, para que coma! Pois assim diz o Senhor: Comerão, e não sobrá!

E ele os pôs à sua frente para que comessem; e ainda sobrou, cumprindo a palavra do Senhor.

Aqui têm os Senhores, relatada no Antigo Testamento para as épocas antigas, a situação da alimentação dos cinco mil homens. Como poderiam admirar-se de tal prodígio aqueles em cujas escrituras constatava que isso não ocorria pela primeira vez? É essencial que compreendamos isto.

O que ocorria, pois, com aquele que era iniciado no antigo sentido? Era-lhe permitido entrar no mundo espiritual, eram-lhe abertos os olhos para as forças espirituais ativas, isto é, ele via por dentro a relação entre o sangue e forças espirituais ativas. Os demais possuíam uma obscura idéia disso. Quem, no entanto, era iniciado via, em sentido ascendente, até o primeiro dos antepassados consangüíneos. Ele podia dizer a si próprio: “Assim corre o sangue pelas gerações, e nele se exprime todo um Eu do Povo, tal como no sangue individual se exprime o eu individual.” Assim via tal iniciado até o início da corrente sangüínea que fluía através das gerações, sentindo-se, juntamente com sua alma, idêntico ao espírito étnico, cuja fisionomia se encontrava no sangue da raça. Quem se sentia uno com o sangue de seu povo era, em certo sentido, iniciado, sendo também senhor de certas forças mágicas no sentido antigo.

Agora devemos considerar ainda outro aspecto. O masculino e o feminino atuam juntos na propagação da humanidade de uma forma que podemos caracterizar sucintamente da seguinte maneira:

Se o elemento feminino tivesse o predomínio, os homens se desenvolveriam de forma a aparecerem repetidamente caracteres idênticos. A criança seria sempre semelhante aos pais, aos avós, etc. Todas as forças que provocam a semelhança dizem

respeito ao elemento feminino. Tudo o que modifica a semelhança, criando diferença, está ligado ao elemento masculino. Se dentro de uma comunidade étnica há uma quantidade de fisionomias semelhantes, isso se deve ao elemento feminino. Mas nessas fisionomias existem certas diferenças, de forma a podermos distinguir as pessoas individualmente. É a influência do elemento masculino. Se apenas o elemento feminino tivesse influência, não se poderia distinguir os indivíduos um do outro. E se, por sua vez, atuasse somente o elemento masculino, nunca se poderia reconhecer um grupo de pessoas a não ser como pertencente a uma estirpe. Assim atuam em conjunto os elementos masculino e feminino, de forma que podemos dizer o seguinte: o elemento masculino atua individualizando, especializando, separando; o feminino, do contrário, atua generalizando. Em que forças reside principalmente, pois, aquilo que pertence ao povo todo? Antes de tudo, no elemento feminino. Podemos também dizer que pela força da mulher é levado de geração em geração o que, expresso de outra forma, constitui a seqüência sangüínea de uma geração a outra. Quem quisesse caracterizar ainda mais de perto a que se devem as forças mágicas existentes nos laços sangüíneos, deveria dizer que elas se devem ao elemento feminino, que percorre todo o povo e está vivo em todos os seus membros. O que, pois, era essencial num homem que, tendo-se elevado pela iniciação, podia manipular as forças impregnadas pelo elemento étnico feminino no sangue que corria através das gerações?

Na antiga iniciação se distinguiam – se quisermos empregar expressões da iniciação persa – certos graus na ascensão às alturas espirituais. Esses graus são designados com certos nomes, dentre os quais um nos interessará especialmente. O primeiro grau da iniciação persa era designado pela expressão ‘Corvo’, o segundo pela expressão ‘Oculto’, o terceiro por ‘Lutador’ e o quarto por ‘Leão’. O quinto grau era denominado em cada povo com o nome desse povo, de forma que se dizia de um persa, ao atingir o quinto grau iniciático, que ele era um ‘Persa’.

Inicialmente um iniciado se tornava um Corvo. Isto significa que podia dirigir sua observação ao mundo exterior, e, sendo um servidor dos que se encontravam no mundo espiritual, levava-lhes as notícias do mundo físico. Daí o símbolo do Corvo como mediador entre os mundos físico e espiritual, desde os Corvos de Elias até os Corvos de Barbarossa.¹² Quem alcançou o segundo grau já se encontra dentro do mundo espiritual. O iniciado de terceiro grau ultrapassou o segundo, e por isso recebe a missão de defender as verdades do ocultismo: torna-se um Lutador. A um iniciado do segundo grau não era permitido lutar pelas verdades do mundo espiritual. O quarto grau da iniciação é aquele em que já surgiu um certo estreitamento do homem com as verdades do mundo espiritual. E o quinto grau é aquele em que, como eu já disse, o homem aprendia a utilizar tudo o que fluía através do sangue das gerações para as forças que, com o elemento feminino da reprodução, eram transmitidas no sangue. Como se deveria chamar, portanto, um iniciado que houvesse experimentado sua iniciação dentro do povo israelita? Seria chamado ‘Israelita’, tal como na Pérsia seria chamado ‘Persa’. E agora observem o seguinte:

Um dos primeiros levados até o Cristo no sentido do Evangelho de João foi Natanael. Os outros, que já eram adeptos do Cristo Jesus, disseram-lhe: “Nós encontramos o Mestre, Aquele que habita em Jesus de Nazaré!”, ao que lhes respondeu Natanael: “O que de bom pode vir de Nazaré?” Mas quando é levado até o Cristo, este lhe diz: “Eis um verdadeiro Israelita, em quem não há dolo!”

¹² Frederico Barbarossa ou Barba-roxa (Frederico I), imperador da Alemanha de 1152 a 1190. Conta uma lenda que ele se tornou imortal, vivendo na caverna de Kyffhäuser, onde, sentado junto a uma mesa, é servido por corvos – tal como o teria sido o profeta Elias após ser arrebatado aos céus. (N.T.)

Um verdadeiro Israelita, em quem reside a verdade! Ele diz isso por saber em que grau Natanael é iniciado. E então Natanael reconhece estar lidando com alguém que sabe tanto quanto ele, e que até mesmo o sobrepuja, sabendo mais do que ele. E o Cristo lhe diz, ainda para indicar tratar-se realmente de uma iniciação: “Eu te vi não quando te aproximaste, mas antes de Filipe te chamar, quando estavas debaixo da figueira!”

E a palavra ‘figueira’ é utilizada aqui no mesmo sentido da história do Buda: a figueira é a árvore do Buda. Este é o sinal para a iniciação. O Cristo disse-lhe: “Eu te reconheço como um dos iniciados no quinto grau.” Disso se vê como o escritor do Evangelho de João indica que o Cristo sobrepuja aquele que foi iniciado até o quinto grau. É muito gradativamente que nos conduz o escritor do Evangelho de João, mostrando habitar no corpo de Jesus de Nazaré alguém que sobrepuja o iniciado no quinto grau.

Prossigamos. Acabamos de ver que o iniciado no quinto grau domina as forças mágico-ocultas que correm pelo sangue das gerações. Ele se tornou uno com a Alma do Povo. E antes vimos que essa Alma do Povo se exprime nas forças da mulher. Assim, o iniciado em quinto grau tem a ver – de forma antiga – com as forças da mulher. Temos de imaginar tudo isso sob um aspecto espiritual.

Mas o Cristo tem a ver com a mulher de uma forma inteiramente nova. Ele tem a ver com aquela mulher que, pelo batismo de João, tornou-se novamente virgem, possui novamente as verdejantes forças da virgindade. Este era o novo aspecto que o escritor do Evangelho de João queria indicar ao dizer que uma certa corrente passa do filho à mãe. O fato de o filho, estando iniciado apenas no quinto grau, ter a possibilidade de transformar magicamente as forças étnicas expressas no elemento racial da mãe era familiar a todos os que, naquela época, possuíam um saber oculto. O Cristo, porém, mostrou de forma espiritualmente mais elevada as forças da mulher que se tornou novamente virgem.

Vemos, assim, como é preparado o casamento em Canaã. Vemos que o que lá ocorreu teve de ser realizado por um iniciado que ultrapassava o quinto grau. É-nos mostrado que da mesma forma isto tem algo a ver com as forças étnicas dependentes da personalidade feminina. O escritor do Evangelho de João prepara maravilhosamente o que é mostrado. (Como já foi dito, ainda entraremos de maneira diferente no conceito de milagre.)

Agora os Senhores podem facilmente imaginar que água recém-colhida seja diferente de água parada por algum tempo, tal como a planta que se acaba de colher difere daquela que murchou por três dias. Tais diferenças não são, naturalmente, feitas por uma visão materialista. A água ainda ligada às forças da terra é diferente daquela que só é utilizada mais tarde. Em ligação com as forças ainda encontráveis na água recém-colhida é que pode atuar o iniciado mediante as forças agora ligadas a uma relação espiritual como a do Cristo com a mãe, que acabava de tornar-se virgem. Ele continua o que a Terra pode fazer. A Terra pode transformar, na videira, água em vinho. O Cristo, que se aproximou da Terra, tornando-se seu Espírito, é o elemento espiritual que atua em todo o corpo terrestre. Sendo o Cristo, ele é capaz de fazer o mesmo que a Terra ao transformar, na videira, a água em vinho.

Assim, o primeiro milagre realizado pelo Cristo Jesus no sentido do Evangelho de João é, por assim dizer, ligado ao que nas épocas antigas – como vimos no Livro dos Reis – pôde ser realizado por um iniciado que dominou forças estendidas através dos laços sangüíneos das gerações.

Mas agora prossigue o fortalecimento das forças que o Cristo desenvolve no corpo de Jesus de Nazaré, e não das que o Cristo possui! Não perguntem se, afinal, o Cristo

precisa desenvolver-se primeiro – é claro que não. Mas o que devia ser desenvolvido por meio do Cristo era, embora já purificado e enobrecido, o corpo de Jesus de Nazaré. Ele tinha de conduzi-lo de grau em grau. Para esse corpo deviam verter as forças que vigorariam nos tempos seguintes.

O milagre seguinte é a cura do filho do oficial, e em seqüência a cura do doente por 38 anos junto ao lago Bethesda. Qual foi a intensificação das forças mediante as quais o Cristo atuava aqui na Terra? Foi o fato de agora o Cristo não apenas ser capaz de atuar nas pessoas à sua volta, corporalmente presentes. Nas pessoas presentes às bodas de Cana ele atuou de tal forma que, ao beberem água, esta era vinho. Aí ele atuou, pois, no corpo etérico das pessoas em redor; pois pelo fato de ele haver deixado fluir sua força para o corpo etérico dessas pessoas é que, por essa atuação, a água se tornou vinho na boca dos que bebiam, isto é, a água foi bebida como vinho. Ora, o efeito não devia passar apenas ao corpo, mas ao mais profundo da alma. Só assim ele podia, pela intermediação do pai, atuar sobre o filho do oficial. E só assim pôde atuar na alma pecadora do que estava doente havia 38 anos. Se houvesse simplesmente deixado fluir as forças para o corpo etérico, isso não teria sido suficiente. Era preciso atuar sobre o corpo astral, pois o pecado é cometido pelo corpo astral. Pela atuação no corpo etérico pode-se converter água em vinho, mas é necessário atingir as profundezas quando se quer atuar mais longe na outra personalidade. Para tal, era necessário que o Cristo desenvolvesse ainda mais o tríptico envoltório de Jesus de Nazaré.

Notem bem: o Cristo não se modifica, e no entanto atua no tríptico envoltório de Jesus de Nazaré. E na fase seguinte atua de tal forma que o corpo etérico pode tornar-se mais livre do corpo físico do que era antes.

Chegou, portanto, um tempo em que o tríptico envoltório de Jesus de Nazaré se tornou mais livre, mais solto em relação ao corpo físico. Com isso, porém, recebeu um maior domínio sobre o corpo físico. Podia, por assim dizer, executar nesse corpo físico obras ainda mais fortes do que antes, isto é, podia realmente utilizar vigorosas forças até no corpo físico. A disposição para isso havia sido dada com o batismo por João. Agora essa disposição devia ser ainda mais especialmente desenvolvida. Mas tudo isso tinha de suceder a partir do espiritual. O corpo astral devia atuar no tríptico envoltório de Jesus de Nazaré tão intensamente que o corpo etérico recebesse tal poder sobre o corpo físico.

Como pode agora o corpo astral atuar tão intensamente? Pelo fato de adquirir e dedicar-se a sentimentos corretos a respeito do que ocorre ao nosso redor; pelo fato de, acima de tudo, colocar-se em acertada relação com o egoísmo humano. Acaso o Cristo agiu assim com o corpo de Jesus de Nazaré? Terá ele agido de forma a colocar-se numa acertada relação com qualquer egoísmo na redondeza, de forma que o traço egoísta das almas viesse à luz? Sim, assim fez o Cristo. O escritor do Evangelho de João nos relata como ele, diante dos que cultivam o egoísmo e profanam o Templo, vendendo aí tudo o que é possível, surge como o purificador do Templo. Com isto adquire a possibilidade de dizer que agora havia tornado seu corpo astral tão poderoso que, caso o corpo físico se arruinasse, estava apto a reconstruí-lo em três dias. O escritor do Evangelho de João nos indica também o seguinte:

Jesus disse-lhes: Destruí este templo, e em três dias eu o reconstruirei.

Então os judeus disseram: Este Templo foi construído em quarenta e seis anos; queres erguê-lo em três dias?

Ele, porém, falava do templo de seu corpo.

Isto indica que agora esse envoltório que lhe foi sacrificado tem o poder de dirigir esse corpo físico de forma a ser seu senhor. Mas então também esse corpo, que se tornou tão livre, pode movimentar-se por toda parte independentemente das leis do mundo

físico; pode também, não obstante as outras leis do mundo espacial, provocar e dirigir acontecimentos no mundo espiritual. Acaso ele o faz? Sim, e isso nos é indicado no capítulo que se segue à purificação do Templo.

Porém havia um homem entre os fariseus, de nome Nicodemos, um principal entre os judeus; ele veio ter com Jesus à noite e disse-lhe...

Por que consta aqui “à noite”? É naturalmente a explicação mais trivial dizer que o judeu apenas temeu vir até Jesus à luz do dia, e esgueirou-se pela janela durante a noite. Naturalmente qualquer um pode dar esta explicação. “À noite” nada mais quer dizer aqui senão que esse encontro entre o Cristo e Nicodemos ocorreu no mundo astral, no mundo espiritual, e não no ambiente em que se está usualmente com a consciência diurna. Isto significa que o Cristo podia agora comunicar-se com Nicodemos fora do corpo físico, ‘à noite’, quando o corpo físico não está presente, quando o corpo astral está fora dos corpos físico e etérico.

Assim, o tríplice envoltório de Jesus de Nazaré era preparado pelo Cristo, que nele residia, para os fatos seguintes, para a atuação dentro das almas. Então a alma no tríplice envoltório de Jesus de Nazaré devia ser tão livre que pudesse atuar sobre os outros corpos. Mas constitui algo ainda diferente, totalmente diferente atuar sobre uma outra alma do que atuar tal como vimos ontem. A próxima intensificação é a alimentação dos cinco mil homens e a caminhada sobre o mar. Outra coisa esteve ligada ao fato de o Cristo, sem estar aí presente, ter sido visto corporalmente, e na verdade não só pelos discípulos, mas – tão intensa era já a força no corpo de Jesus de Nazaré – também por outras pessoas. Novamente basta lermos o Evangelho de João de forma correta, pois alguém poderia dizer: “[Que foi visto] pelos discípulos posso até acreditar, mas não por outras pessoas.”

No outro dia a multidão situada aquém do mar viu que não havia outro barco além daquele onde haviam entrado seus discípulos, e que Jesus não havia entrado com eles no barco – seus discípulos haviam partido sozinhos.

Mas vieram outros barcos do Tiberíades para junto dos lugares onde eles haviam comido pão pela elevação dos pensamentos do Senhor a Deus.

Tendo visto que Jesus não estava lá, nem seus discípulos, a multidão entrava também nos barcos e vinha para Cafarnaum, e procurava Jesus.

Peço-lhes expressamente observar que a *multidão* procurava Jesus, sendo então dito: “E tendo-o encontrado do outro lado do mar, disseram-lhe: Rabi, quando vieste para cá?”

Isto significa o mesmo que no caso dos discípulos. Aí não consta que todos os olhos normais o viram, e sim os que *o procuraram* e o encontraram pela elevação de sua força anímica. Quando é dito que “alguém viu um outro”, isto é bem diferente do que se dizer “o outro estava lá como figura espacial, carnal, visível aos olhos”. O que se denomina usualmente na vida exterior ‘o Evangelho tomado literalmente’ é tudo menos o Evangelho tomado literalmente. E se os Senhores observarem que, no essencial, aqui se repete em tudo uma intensificação, acharão compreensível que outra coisa devesse precedê-la.

Novamente devia acontecer algo que nos mostrasse como o Cristo atuou no tríplice envoltório de Jesus de Nazaré, de forma que a força desse tríplice envoltório se tornasse cada vez mais poderosa. Ele atuou curando, isto é, poderia verter sua força para a outra alma. Isto só lhe era possível ao atuar da forma como ele próprio descreve na conversa com a Samaritana junto ao poço: “Eu sou a Água Viva!” Antes, nas bodas de Canaã, ele se apresentara como um iniciado no quinto grau, como alguém que tem domínio sobre os elementos. Agora se apresenta como alguém que está, ele próprio, dentro desses

elementos, vivendo neles. E Prosseguindo, mostra que perfaz uma unidade com as forças atuantes sobre a Terra, que é uno com as forças atuantes em todo o Universo. Isto ocorre no capítulo sobre “Jesus, aquele que tem poder sobre a vida e a morte” – sobre a vida e a morte, à medida que pode dominar as forças que vivem no corpo físico. Esse capítulo precede, por isso, aquele milagre em que a força tem de ser ainda mais intensificada.

E vemos então como a força prossegue em sua intensificação. Ontem apontamos como mais tarde, no milagre caracterizado como a cura do cego de nascença, o Cristo não somente interfere no que se situa entre o nascimento e a morte, mas na individualidade da alma humana que vai de uma vida a outra. Foi pelo fato de a individualidade divina se haver manifestado em suas obras que ele nasceu cego; ele deverá ser capaz de ver quando o Cristo lhe verter uma força tal que seja anulado não o que ocorreu por intermédio da personalidade entre o nascimento e a morte, nem tampouco pela hereditariedade, mas o que ele provocou como individualidade.

Já expus várias vezes que a bela expressão de Goethe “O olho é formado na luz para a luz”, emanada de um profundo conhecimento da iniciação rosa-cruz, tem um fundamento profundamente oculto. A esse respeito apontei que Schopenhauer está certo ao dizer que sem o olho não há luz. Mas de onde vêm os olhos? Goethe diz muito acertadamente: se não houvesse luz alguma, nunca teria surgido um órgão sensível à luz, um olho. O olho foi criado pela luz. Isto se vê por um exemplo: se animais dotados de olhos penetram em cavernas escuras, pela falta de luz logo perdem a capacidade de ver. A luz formou os olhos.

Se o Cristo verte para a individualidade do homem uma força que pode tornar o olho um órgão sensível à luz – o que não era antes –, então no Cristo deve haver a força espiritual que está na luz. Isto é o que nos tem de ser apontado no Evangelho de João. A cura do cego de nascença é aí precedida pelo capítulo que diz:

“Então Jesus se dirigiu novamente a eles, dizendo: Eu sou a Luz do mundo.”

Não é mencionada a cura do cego de nascença antes de ser dito: “Eu sou a Luz do mundo!” Observem agora o último capítulo antes da ressurreição de Lázaro, e procurem focalizar algumas palavras. Basta o trecho onde reza:

Meu Pai me ama porque eu deixo minha vida e volto a tomá-la. Ninguém a toma de mim; pelo contrário, eu a deixo espontaneamente. Eu tenho poder para deixá-la [...].

Se eu não fizer as obras de meu Pai, não me acreditareis [...].

Tudo o que aí se refere ao ‘bom pastor’ deve indicar que o Cristo sente: “Eu e o Pai somos Um!”; que ele, dizendo ‘eu’ de si mesmo, nada mais quer significar do que haver recebido em si a força do Pai. Se antes disse “Eu sou a Luz do mundo”, ele diz agora: “Eu entrego a força de meu Eu à medida que recebo em mim o Pai, para que o Pai atue em mim, de forma que o Princípio Primordial flua para mim e possa transbordar para um outro homem. Eu deixo minha vida para recebê-la novamente.”

Isto é o que precede a ressurreição de Lázaro.

E agora, após todas estas observações, procurem compreender o Evangelho de João no que respeita à sua composição. Notem como até a ressurreição de Lázaro não somente uma maravilhosa intensificação é apontada na evolução das forças no corpo de Jesus de Nazaré, mas como nos é explicado expressamente, antes de cada intensificação, o *que* atua aí com relação a esse corpo. Sim, tudo no Evangelho de João está tão firmemente ligado que, se o compreendemos, não poderemos excluir qualquer frase deles. E sua maravilhosa composição se deve ao fato de ter sido escrito por aquele que, como dissemos, foi iniciado pelo próprio Cristo.

Hoje partimos da seguinte pergunta: o que ocorreu durante o batismo por João? E vimos como a disposição para a superação da morte veio ao mundo com a descida do Cristo ao tríplice envoltório de Jesus de Nazaré. Vimos como a mãe de Jesus de Nazaré se tornou diferente com a descida do Cristo; como o efeito exercido sobre ela por ocasião do batismo joanino tornou-a novamente virgem. Portanto são, de fato, verdadeiras as palavras deduzidas do conhecimento do Evangelho de João: quando, pelo batismo de João, o Cristo nasceu no corpo de Jesus de Nazaré, a mãe de Jesus se tornou virgem!

Aí temos o ponto de partida do Evangelho de João. E se o compreendermos incluindo a poderosa ação cósmica desenrolada outrora junto ao Jordão, compreenderemos também que tal processo só pôde ser descrito primeira e objetivamente por quem havia sido iniciado pelo próprio Cristo, o Lázaro ressurrecto, aquele ‘que o Senhor amava’, sempre designado a partir de então como ‘o discípulo que o Senhor amava’. O Lázaro ressuscitado nos transmitiu o Evangelho, e só ele estava apto a reunir tão estreitamente aquelas passagens, por haver recebido o maior impulso do maior iniciador, o Cristo. Ele só podia indicar o que, de certa forma, Paulo compreendeu por sua própria iniciação: que outrora foi recebido na evolução terrestre o germe para a superação da morte. Daí a significativa expressão a respeito daquele que pendia da cruz: “Não lhe quebrareis nenhum dos ossos!” Por que não? Porque não deviam interferir na forma [óssea] sobre a qual o Cristo devia manter o poder. Se houvessem quebrado os ossos, uma força humana inferior teria interferido na força que o Cristo devia exercer até nos ossos de Jesus de Nazaré. Ninguém devia interferir nessa forma – pois ela devia submeter-se inteiramente ao domínio do Cristo!

É deste ponto que poderemos partir amanhã para a consideração da morte do Cristo.

11 4 de julho de 1909

A velha e a nova sabedoria

Das conferências proferidas até agora neste ciclo, deve ter-lhes sido suficientemente ressaltado que, pela pesquisa científico-espiritual, o evento do Cristo deve ser considerado o mais essencial em toda a evolução da humanidade, e que nele devemos ver o portador de um impacto inteiramente novo na evolução geral. Desta forma, deveríamos dizer que pelo Mistério do Gólgota, pelo acontecimento da Palestina e tudo o que com ele se relaciona antes e depois, algo de muito novo surgiu na evolução da humanidade – evolução que teria decorrido de forma essencialmente diversa sem o evento Crístico. Se quisermos compreender o Mistério do Gólgota, teremos de considerar ainda as íntimas particularidades da evolução do Cristo.

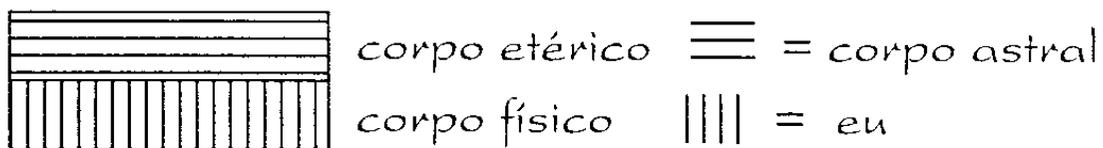
Naturalmente, em catorze conferências não é possível falar tudo sobre algo que abrangeria um mundo inteiro. É possível ver isto já na indicação do escritor do Evangelho de João: muito mais ainda teria de ser dito, mas o mundo não poderia produzir livros suficientes para isso. Assim, os Senhores tampouco poderão pretender que em catorze conferências seja dito tudo o que se relaciona com o evento Crístico e seu relato pelo Evangelho de João e pelos outros evangelhos.

Ontem e anteontem vimos como o fato de o espírito do Cristo, a individualidade crística habitar o tríplice envoltório de Jesus de Nazaré pôde provocar gradualmente os fatos descritos no Evangelho de João até, e inclusive, o capítulo sobre a ressurreição de Lázaro. Vimos assim que pouco a pouco o Cristo havia desenvolvido a tríplice

corporalidade – os corpos físico, etérico e astral – que lhe fora sacrificada pelo grande iniciado Jesus de Nazaré. Mas só poderemos compreender o que realmente o Cristo provocou no tríptico envoltório de Jesus de Nazaré se primeiramente considerarmos a conexão existente entre os membros isolados da entidade humana.

Até agora indicamos apenas em grandes linhas que, no estado diurno de vigília, o homem se mostra à consciência clarividente com o corpo físico, o corpo etérico ou vital, o corpo astral e o eu interpenetrados, formando um todo entremeado; que à noite permanecem no leito os corpos físico e etérico, retirando-se o corpo astral e o eu. Hoje deveremos perguntar, a fim de podermos descrever mais exatamente o Mistério do Gólgota: qual é, pois, a mais exata interpenetração dos quatro membros do ser humano no estado diurno de vigília? – ou seja, como o eu e o corpo astral se inserem nos corpos físico e etérico pela manhã? Será melhor esclarecê-lo através de um desenho esquemático.

Suponhamos, desenhando esquematicamente, que tivéssemos embaixo o corpo físico e em cima o corpo etérico. De manhã, quando, provenientes do mundo espiritual, o corpo astral e o eu penetram nesses dois corpos, ocorre que em substância – peço atribuir importância a esta expressão! – o corpo astral se insere no corpo etérico e o eu se insere no corpo físico. Sendo assim, no desenho as linhas horizontais significam os corpos etérico e astral, e as linhas verticais o eu e o corpo físico.



Eu disse ‘em substância’ porque naturalmente tudo se inter-penetra no homem, de forma que o eu está também no corpo etérico, e assim por diante. O que se quer dizer aqui é a incidência indireta no substancial. Se levarmos em conta a mais intensa interpenetração, fica válido o que lhes desenhei aqui esquematicamente.

Perguntemos agora: o que ocorreu realmente, durante o batismo por João? Conforme dissemos, o eu de Jesus de Nazaré retirou-se dos corpos físico, etérico e astral e legou esse tríptico envoltório à entidade crística. Assim, podemos desenhar esquematicamente o que então existia de Jesus de Nazaré como sendo os corpos físico, etérico e astral. O eu abandonou o corpo físico. Em lugar desse eu de Jesus de Nazaré, penetrou nesse tríptico envoltório – portanto, novamente em substância, e principalmente no corpo físico – o Ser Crístico.

Com isto tocamos, na verdade, a orla de um profundo mistério – pois se agora considerarmos o que realmente ocorreu, deveremos dizer que isso tange a todas as grandes circunstâncias humanas apontadas aqui nos últimos dias.

Nos últimos dias eu lhes indiquei que tudo o que no homem é geral, sendo, por assim dizer, equalizante dentro de um certo grupo, é inerente ao elemento feminino da hereditariedade. Eu lhes disse que por intermédio da mulher é reproduzido, no decorrer das gerações, aquilo que, exteriormente considerado, tornaria um semblante similar ao outro dentro de um mesmo povo. Por meio do elemento masculino é reproduzido de geração em geração aquilo que diferencia um homem de outro, aquilo que o torna uma entidade individual aqui na Terra e coloca seu eu num fundamento próprio. Os espíritos que estão em contato com o mundo espiritual sempre sentiram isso da maneira correta. E o homem só vem a conhecer e apreciar corretamente o que foi dito por grandes homens relacionados com o mundo espiritual quando penetra nessas profundezas dos fatos cósmicos.

Vejamos mais uma vez a primeira figura esquemática. O homem diz a si próprio: “Em mim vive um corpo etérico, e nele se encontra o corpo astral. O corpo astral é o portador das representações, das idéias, dos pensamentos, das sensações e dos sentimentos, ele vive no corpo etérico.” Ora, no entanto vimos que o corpo etérico é aquele que primeiramente molda em plenas proporções o corpo físico, por conter as forças plasmadoras deste último. Devemos, portanto, dizer que nesse corpo etérico, quando permeado pelo corpo astral, reside tudo o que configura um homem, imprimindo-lhe uma determinada forma como que a partir de dentro, a partir das partes espirituais. Aquilo que assemelha um homem a outro lhe é conferido por uma atuação oriunda de dentro, e não simplesmente exterior – não dependendo, portanto, do corpo físico, e sim do corpo etérico e do corpo astral. E que estes são os membros interiores, e por isso o homem que vê tais coisas sente haver recebido de seu elemento materno aquilo que permeia seus corpos etérico e astral. Porém o que confere a seu corpo físico essa forma determinada, impressa nele pelo eu, o homem deve dizer que é herança paterna.

“De meu pai tenho a estatura / e uma séria conduta na vida; de minha mãe a natureza alegre / e a vontade de fantasiar”, diz Göethe. E os Senhores vêem que isto é uma interpretação do que lhes desenhei como uma figura esquemática. “De meu pai tenho a estatura”, isto é, aquilo que resulta do eu. De minha mãe as representações, o dom de fantasiar – isto reside nos corpos etérico e astral. Os dizeres de grandes espíritos estão longe de ser compreendidos quando acreditamos havê-los assimilado mediante triviais concepções humanas.

Mas agora devemos aplicar ao evento do Cristo o que acabamos de ilustrar. Partindo deste ponto de vista, devemos formular a seguinte pergunta: o que teria ocorrido à humanidade caso não houvesse surgido o evento do Cristo?

Sem o evento Crístico, o curso da evolução humana teria prosseguido tal como a vimos começar com a época atlântica. Vimos que, nos tempos primordiais, a cultura humana se baseava naquele amor estreitamente ligado ao laço do parentesco e da consangüinidade. Amavam-se os que eram parentes consangüíneos. E vimos como no progresso da humanidade esse laço do sangue foi cada vez mais dilacerado. Passemos agora das mais antigas épocas da evolução humana ao tempo em que surgiu o Cristo Jesus.

Enquanto a partir das mais antigas épocas a união era efetuada por toda parte dentro da mesma tribo, na época do Império Romano – e esta é a época em que ocorreu o evento Crístico – os Senhores encontrarão uma crescente ruptura do casamento próximo, com os diversos povos miscigenando-se justamente por força das expedições

romanas e os casamentos distantes tomando notoriamente o lugar do casamento próximo. Os laços sangüíneos tiveram de ser cada vez mais rompidos na evolução da humanidade, porque os homens estavam destinados a estabelecer-se em seu próprio eu.

Suponhamos que o Cristo não houvesse vindo para verter uma nova força, para substituir o antigo amor sangüíneo por um amor novo, espiritual; o que teria ocorrido, então? Aquilo que congrega os homens — o amor — teria desaparecido cada vez mais da esfera terrestre; teria morrido na natureza humana o que une os homens em amor. Sem o Cristo, a raça humana teria chegado a ver o amor perecer gradualmente. Os homens seriam impulsionados para a individualidade isolada. Observando as coisas apenas com a ciência exterior, naturalmente não se vêem as profundas verdades aí subjacentes. Se os Senhores — não com meios químicos, mas com os meios que a pesquisa espiritual coloca à disposição — examinassem o sangue dos homens de hoje e os dos homens de alguns milênios antes do aparecimento do Cristo, constatariam que esse sangue se modificou até ao ponto de assumir um caráter que cada vez menos o faz portador do amor.

Como se apresentaria, pois, o caminho da evolução futura a um iniciado das antigas épocas, capaz de ver o decorrer da evolução humana e que soubesse dizer profeticamente como tudo deveria advir se houvesse perdurado a evolução desde os tempos remotos, sem o evento do Cristo? Que imagens traria ele diante da alma humana se quisesse indicar o que ocorreria no futuro se, à mesma medida que se perdia o amor sangüíneo, não surgisse em seu lugar o amor anímico, o amor Crístico? Ele devia dizer o seguinte: se os homens forem cada vez mais isolados uns dos outros, cada qual sempre mais enrijecido em seu próprio eu, se as linhas fronteiriças que separam as almas se tornarem cada vez mais rígidas, de forma que estas possam compreender-se cada vez menos, os homens entrarão, no mundo exterior, cada vez mais em conflitos e contendas, e o conflito de todos contra todos entrará na Terra em lugar do amor. Este teria sido o resultado se a evolução do sangue humano houvesse transcorrido *sem* o evento Crístico. Todos os homens teriam sido irremediavelmente expostos ao conflito de todos contra todos, o qual certamente há de vir, porém somente para aqueles que não se houverem permeado corretamente com o princípio do Cristo. Assim via tal vidente profético um final da evolução terrestre, o qual preenchia de espanto sua alma. Ele via que, por não se compreenderem mutuamente, as almas iriam enfurecer-se uma contra a outra!

Nos últimos dias eu lhes disse que só paulatinamente os homens poderão ser congregados pelo princípio do Cristo. Mostrei-lhes, num exemplo, como dois nobres espíritos se opunham tanto em suas opiniões que ambos — Tolstoi e Soloviov — acreditavam estar anunciando o verdadeiro Cristo, um vendo no outro o Anticristo. Pois assim Soloviov considerava Tolstoi. O que inicialmente é discutido entre almas, sob forma de opiniões, se expressaria gradativamente no mundo exterior, ou seja, haveria fúria de homem contra homem. Assim o exige a evolução do sangue.

Não se objete que, apesar do evento Crístico, hoje ainda vemos conflitos e contendas, estando-se longe de qualquer realização do amor cristão. Eu já lhes disse que estamos apenas no início da evolução cristã. Foi dado o grande impulso para que no prosseguimento da evolução terrestre o Cristo venha a viver nas almas humanas e possa congregá-las espiritualmente. O que hoje ainda existe de conflitos e contendas, conduzindo ainda aos maiores excessos, deve-se ao fato de a humanidade não se haver ainda permeado nem em mínima escala com o verdadeiro princípio Crístico. Continua a predominar o que existia em épocas antigas, e que somente pouco a pouco poderá ser superado. É devagar e paulatinamente que vemos o impulso Crístico fluir para dentro da humanidade.

Esta teria sido, portanto, a previsão de quem, na época pré-cristã, houvesse visto clarividemente o caminho da evolução humana. Ele teria afirmado: “Eu recebi os

últimos restos da antiga força clarividente. Os homens tiveram a possibilidade, em épocas remotas, de ver no mundo espiritual com uma clarividência obscura e nebulosa. Isto desapareceu pouco a pouco. Mas ainda existe, como herança daquelas antigas épocas, a possibilidade de – em estados espirituais anormais, como que oníricos – se ver o mundo espiritual. Então o homem ainda pode ver algo do que subjaz à superfície exterior das coisas.” Todas as antigas sagas, contos e mitos, contendo verdadeiramente uma sabedoria mais profunda do que a moderna ciência, relatam com que intensidade existia outrora o dom de se alcançarem estados especiais. Pode-se chamar isso de sonho, só que nesse sonho se anunciavam acontecimentos – mas não de forma que o homem fosse protegido suficientemente, pela antiga sabedoria, do conflito de todos contra todos. Isto era negado pelo antigo sábio, da maneira mais veemente possível. Ele dizia: “Nós recebemos uma sabedoria antiqüíssima. Outrora, na época atlântica, os homens a percebiam em estados anormais. Ainda hoje alguns homens isolados podem percebê-la, se colocados em condições anormais. Então se anuncia o que acontecerá no futuro próximo. Mas o que se anunciava em sonho não dava às pessoas certeza alguma: era ilusório, e o será cada vez mais.” Assim ensinava o mestre na era pré-cristã, e assim ele o apresentava ao povo.

Por isso é importante que, ao se compreender toda a precisão e força do impulso Crístico, seja alcançado o conhecimento de uma grande verdade. É preciso compreender que sem o impulso Crístico teria sido exteriormente provocada, pelo isolamento e separação dos homens, pelo confronto entre eles, como que uma luta pela existência – aquilo que hoje também é atribuído ao homem por uma teoria materialista-darwinista –, uma luta pela existência tal como vigora no reino animal, mas que não deveria vigorar no mundo humano. Poder-se-ia dizer grotescamente que no final dos dias terrenos a Terra oferecerá a imagem que certos materialistas darwinistas delineiam da humanidade, à medida que a extraem do reino animal! Hoje, porém, essa teoria é falsa quando aplicada à humanidade. Está correta quanto ao reino animal, pela razão de nesse âmbito não vigorar qualquer impulso que transforme o conflito em amor. Por seu feito o Cristo refutará, como força espiritual na humanidade, todo e qualquer darwinismo materialista!

Para se compreender isso, porém, é preciso ter bem claro que os homens só poderão abster-se do confronto exterior por causa de sua diversidade de opiniões, sentimentos e atos no mundo sensorial quando combaterem em si próprios, evitarem em si próprios aquilo que, do contrário, extravasaria para o mundo exterior. Não combaterá a outra opinião na outra alma quem primeiro combater em si próprio o que tiver de ser combatido, estabelecendo harmonia entre os diversos membros de sua entidade. Assim ele se defrontará com o mundo exterior não como um combatente, mas como um ser amoroso. Trata-se do desvio do conflito exterior para o íntimo do homem. As forças que vigoram na natureza humana devem combater-se interiormente. Devemos considerar duas opiniões opostas dizendo: esta é uma opinião que se pode ter; aquela é outra, também possível. Mas se eu reconheço apenas uma opinião como justa, só considerando justo o que desejo e combatendo a outra opinião, entro em conflito no plano físico. Defender apenas minha opinião significa ser egoísta. Considerar meu comportamento como o único justificado significa ser egoísta.

Suponhamos que eu acolha a opinião de outrem, tentando estabelecer harmonia em mim mesmo; assim me posicionarei de maneira bem diferente com relação ao outro. Só deste modo começarei a compreendê-lo. O desvio do conflito no mundo exterior para uma harmonização das forças interiores do homem – eis como poderíamos exprimir o progresso da evolução da humanidade. Por intermédio do Cristo o homem teve a oportunidade de tornar-se harmônico em si mesmo, de encontrar a possibilidade de harmonizar as forças opostas em seu íntimo. O Cristo dá ao homem a força para primeiro

extinguir o conflito em si próprio. Sem o Cristo, isto nunca seria possível. E os homens antigos, pré-cristãos, consideravam justificadamente como o mais temível, com relação aos conflitos exteriores, o conflito da criança com o pai e a mãe. E o crime considerado o mais temível e monstruoso, nas épocas em que se sabia como as coisas teriam evoluído sem o impulso do Cristo, era o parricídio. Isto foi dado claramente a conhecer pelos antigos sábios que previam a vinda do Cristo. Mas eles também sabiam como tudo seria conduzido no mundo exterior se a luta não fosse travada primeiramente no próprio íntimo.

Olhemos para o nosso próprio interior. Vimos que no íntimo do homem, onde os corpos etérico e astral se interpenetram, vigora a mãe, e que onde o corpo físico é penetrado pelo eu se expressa o pai. Isto significa que em nosso aspecto geral, em nossas características raciais, em nossa vida interior de sabedoria e idéias, predomina a mãe, o elemento feminino; naquilo que resulta da união entre o eu e o corpo físico, na figura exterior diferenciada, naquilo que faz do homem um 'eu', predomina o pai, o elemento masculino. Ora, o que deviam exigir do homem os antigos sábios que pensavam neste sentido? Deviam exigir que o homem chegasse, em si mesmo, à clareza sobre a relação do corpo físico e do eu com os corpos etérico e astral, ou seja, sobre os elementos materno e paterno existentes nele. É pelo fato de possuir em si o corpo etérico e o corpo astral que ele tem o elemento materno. Pode-se dizer que além da mãe exterior, situada no plano físico, ele possui também dentro de si o elemento materno, a mãe. E além do pai situado no plano físico, ele possui em si o elemento paterno, o pai. Estabelecer uma acertada relação entre o pai e a mãe dentro de si devia representar um ideal, um grande ideal. Não ocorrendo essa harmonia entre o pai e a mãe interiores, a desarmonia entre os elementos paterno e materno têm de ser disseminados pelo homem no plano físico e provocar aí devastações. Dizia, portanto, o antigo sábio: "O homem tem a tarefa de estabelecer dentro de si uma harmonia entre os elementos paterno e materno. Quando ele não o consegue, surge no mundo aquilo que nos parece o mais temível."

Como os antigos sábios apresentavam aos homens o que agora acabamos de dizer em palavras antroposóficas? Eles diziam: "Nós herdamos, em épocas remotas, uma antiqüíssima sabedoria. Ainda hoje o homem pode ser induzido a ela por processos anormais. Mas a possibilidade de chegar a esse estado será cada vez mais fraca, e nem mesmo a antiga iniciação pode conduzir o homem além de um certo ponto da evolução da humanidade." Observemos mais uma vez essa antiga iniciação, tal como a descrevemos nos últimos dias. O que ocorria nesse momento?

Durante tal iniciação eram retirados, desse conjunto constituído de corpo físico, corpo etérico, corpo astral e eu, os corpos etérico e astral, sendo que o eu permanecia. Por isso o homem não podia, durante os três dias e meio de iniciação, ter qualquer autoconsciência. Esta era dissolvida. O homem recebia uma consciência dos mundos espirituais superiores, inculcada nele pelo sacerdote iniciador que o conduzia totalmente; este colocava seu eu à disposição dele. O que ocorria realmente, com isso? Ocorria algo expresso por uma fórmula que lhes parecerá estranha. Mas se os Senhores a compreenderem, não a estranharão mais. Tratava-se do seguinte: — Quando alguém era iniciado no antigo sentido, o elemento materno se desprendia, ficando para trás apenas o elemento paterno. Isto significa que a pessoa matava em si o elemento paterno — e unia-se com sua mãe dentro de si — ou, em outras palavras: matava seu pai dentro de si e casava-se com sua mãe. Portanto, quando o antigo iniciado jazia em estado letárgico por três dias e meio, havia-se unido com a mãe e morto o pai dentro de si. Havia-se tornado órfão de pai. Isto devia ocorrer também, pois ele precisava renunciar à individualidade e viver num mundo espiritual superior. Ele se tornava uno com seu povo. Mas aquilo que vivia em seu povo pertencia justamente ao elemento materno. Ele se

tornava uno com todo o seu organismo étnico. Tornava-se o que Natanael era, e que sempre era denominado com o nome do povo correspondente – entre os judeus ‘Israelita’, entre os persas ‘Persa’.

No mundo pode haver apenas a sabedoria jorrada dos mistérios, e nenhuma outra. Aqueles que nos mistérios aprendem o conteúdo adequado tornam-se emissários para o mundo exterior, e este aprende o que é visto nos mistérios. No sentido da antiga sabedoria, porém, o que se conquistou foi aprendido como consequência da união com a mãe interior e a morte do pai interior. Mas essa sabedoria hereditária não pôde levar o homem além de um certo ponto da evolução. Em seu lugar devia surgir algo diferente, totalmente novo. Como já dissemos, se a humanidade continuasse a receber sempre essa antiga sabedoria adquirida dessa forma, seria impelida ao conflito de todos contra todos. Levantar-se-ia opinião contra opinião, sentimento contra sentimento, vontade contra vontade; e chegar-se-ia ao horrível quadro futuro de o homem se unir à mãe e matar o pai. Isto, porém, havia sido delineado em grandiosas imagens pelos antigos iniciados que possuíam a iniciação, mas esperavam pelo Cristo. E a marca dessa visão dos antigos sábios pré-cristãos os Senhores puderam observar nas sagas e mitos. Basta lembrarmos o nome de Édipo; aí podemos ligar a expressão dos antigos sábios ao que eles tinham a dizer nesse sentido. Assim diz aquela antiga lenda grega que os trágicos helênicos reproduzem de forma tão grandiosa e pujante: *Havia em Tebas um rei. Laios era seu nome. Jocasta era sua esposa. Por muito tempo eles não tiveram descendentes. Então Laios perguntou ao oráculo de Delfos se não poderia ter um filho. E o oráculo deu-lhe a resposta: “Se queres ter um filho, terás um que te matará, ele próprio!” E na embriaguez, isto é, em rebaixado estado de consciência, Laios realizou o meio para ter um filho. Nasceu Édipo. Laios sabia tratar-se do filho que iria matá-lo, e decidiu enjeitá-lo. E para que ele percesse, fez com que lhe furassem os pés, e então o enjeitou. Um pastor encontrou a criança e compadeceu-se dela. Levou-a para Corinto, onde Édipo foi educado no palácio real. Tendo crescido, ele ouviu do oráculo que mataria seu pai e se uniria à sua mãe. Isto não podia ser evitado. Ele teve de partir do lugar onde se encontrava, porque era tido aí como filho do rei. No caminho encontrou justamente seu pai verdadeiro, e, sem o reconhecer, matou-o. Chegou a Tebas. E por haver respondido à pergunta da Esfinge, resolvendo o enigma do terrível monstro que levava tantos à morte, a Esfinge teve de matar-se. Com isto ele se tornou logo um benfeitor de sua terra natal. Foi aclamado rei e recebeu a mão da rainha – a mão de sua mãe. Sem que o soubesse, havia morto seu pai e estava unido à sua mãe. Agora governava como rei. Mas por haver chegado dessa forma ao trono, e por esse fato terrível lhe estar vinculado, ele trouxe uma indescritível miséria ao seu país, a ponto de finalmente nos aparecer no drama de Sófocles como o cego que tirou a si mesmo a luz dos olhos.*

Esta é uma imagem extraída dos antigos santuários de sabedoria. Com ela devia ser dito que Édipo, no antigo sentido, pôde ainda entrar em relação com o mundo espiritual. Seu pai havia consultado o oráculo. Esses oráculos eram as últimas heranças da antiga clarividência, as quais, no entanto, não conseguiram estabelecer paz no mundo exterior. Elas não podiam dar ao homem o que tinha de ser alcançado: harmonia entre os elementos materno e paterno.

O fato de Édipo simbolizar aquele que, simplesmente pela hereditariedade, chegou a uma certa visão clarividente no antigo sentido, nos é indicado quando ele resolve o enigma da esfinge, ou seja, quando reconhece a natureza humana até o ponto em que os últimos restos da antiga sabedoria puderam proporcionar tal reconhecimento. Essa sabedoria jamais poderia deter na humanidade a fúria recíproca, estabelecida pelo parricídio e pela união com a mãe. Édipo, apesar de estar em conexão com a antiga

sabedoria, não pode, por seu intermédio, entrever as correlações. Essa antiga sabedoria já não proporciona a clarividência. Era isto o que queriam apresentar os antigos sábios. Se ela houvesse permitido a clarividência no antigo sentido sangüíneo, o sangue haveria falado ao defrontar-se Édipo com seu pai, e haveria falado ao encontrar ele sua mãe. O sangue já não falava! — Assim nos é claramente descrita a decadência da velha sabedoria.

O que deveria ocorrer para tornar possível, de uma vez para sempre, encontrar o harmônico equilíbrio entre o materno e o paterno, entre o próprio eu, contido no elemento paterno, e o elemento materno? Tinha de advir o impulso Crístico ! E agora vejamos ainda de outro ângulo, com certa profundidade, as bodas de Cana na Galiléia.

Diz o texto: “A mãe de Jesus estava lá. Mas Jesus e seus discípulos também foram convidados para as bodas.” Jesus — ou melhor, o Cristo — devia representar para a humanidade o grande exemplo de um ser que em si próprio encontrou a unificação entre o seu eu e o princípio materno. Ele apontou diante de sua mãe, nas bodas de Cana na Galiléia: “Algo passa de mim para ti.” Este era um novo ‘passar de mim para ti’. Não era mais no antigo sentido, pois significava uma renovação de todo o contexto. Era, de uma vez por todas, o grande ideal do equilíbrio em si mesmo, sem primeiramente matar o pai, isto é, sem primeiro sair do corpo físico para encontrar o equilíbrio com o princípio materno no eu. Era chegado o tempo em que o homem aprende a combater em si mesmo a grande força do egoísmo, do princípio do eu, aprendendo também a colocá-lo numa correta relação com o que vigora no corpo etérico e no corpo astral como princípio materno. Por isso uma bela imagem dessa relação do próprio eu — que é o princípio paterno — com o princípio materno teve de ser-nos apresentada nas bodas de Canaã como a harmonia interior, como o amor, que aí reina no mundo exterior entre o Cristo Jesus e sua mãe. Devia ser uma imagem do harmônico equilíbrio entre o eu e o elemento materno existente no íntimo. Isto não existia antes, tendo vindo a existir somente pelo feito do Cristo Jesus. Mas por ter ocorrido pelo feito do Cristo, trouxe consigo a única contestação possível — a contestação pelo ato — de tudo quanto poderia ter advindo sob a influência daquela antiga sabedoria herdada, que havia levado a matar o pai e à união com a mãe. O que, pois, é combatido pelo princípio Crístico?

Quando o antigo sábio que contemplava o Cristo comparava o antigo e o novo, podia dizer: “Se a união com a mãe for buscada no antigo sentido, jamais o bem poderá advir à humanidade. Se, no entanto, for buscada no novo sentido, como é mostrado pelas bodas de Cana, se o homem se unir dessa forma aos corpos astral e etérico nele presentes, no decorrer do tempo a salvação, a paz e a fraternidade surgirão entre os homens, e com isto será combatido o antigo princípio da morte do pai e da união com a mãe.” Qual era, pois, realmente o elemento hostil que o Cristo tinha de eliminar? Não era a antiga sabedoria, pois esta não precisava ser combatida. Ela perdia sua força, esgotando-se pouco a pouco por si mesma. E vemos como aqueles que, como Édipo, confiam nela, caem em desarmonia. Mas a desgraça não se esgotaria a si própria se o homem não quisesse desviar-se da nova sabedoria — isto é, da maneira como atua o impulso do Cristo —, fixando-se no antigo princípio. Foi considerado o maior progresso o fato de o homem não permanecer ligado às antigas linhas, mas reconhecer o que vem ao mundo por meio do Cristo. Será que também isto nos foi indicado? Sim! Lendas e mitos contêm a mais profunda sabedoria. Há uma lenda que não consta efetivamente no Evangelho, não sendo por isso menos cristã ou verdadeira. Diz ela:

Havia um casal que desde longo tempo ainda não tinha filhos. Então foi revelado à mãe, em sonho — prestem bem atenção! — que ela teria um filho, mas que esse filho primeiro mataria o pai, depois se uniria à mãe e finalmente traria uma terrível desgraça para todo o seu povo.

Novamente nos é apresentado um sonho, tal como na história de Édipo temos o oráculo – ou seja, verificamos aqui uma herança da clarividência primordial. A mãe foi revelado, no antigo sentido, o que aconteceria. Acaso bastaria isso para se vislumbrarem as correlações do mundo, para ela impedir a desgraça que lhe fora anunciada? Consultemos a saga, que prossegue contando-nos:

Sob a impressão dessa sabedoria que lhe fluíra do sonho, a mãe levou a criança recém-nascida para a ilha de Cariot. Aí ela foi abandonada, porém encontrou-a uma rainha das proximidades, que a levou e educou, pois o casal não tinha filhos. Tempos mais tarde esse casal teve um filho próprio, e o enjeitado, sentindo-se logo prejudicado, em conseqüência de seu temperamento passional matou o filho dos monarcas. Agora, porém, não podia mais permanecer lá; teve de fugir e chegou ao palácio do governador Pilatos. Tornou-se aí um inspetor do Governo. A certa altura entrou em conflito com seu vizinho, do qual só sabia que era seu vizinho. No conflito, acabou por matá-lo – sem saber que era seu próprio pai. E assim contraiu núpcias com a esposa desse vizinho – sua mãe! Esse enjeitado era Judas Iscariotes.¹³ E quando percebeu sua terrível situação, ele fugiu novamente. Nessa condição encontrou compaixão única e exclusivamente naquele que possuía compaixão por todos à sua volta, que não apenas se sentava à mesa com publicanos e pecadores, mas que, apesar de sua profunda visão, acolheu em sua proximidade esse grande pecador; pois era sua tarefa atuar não somente com relação aos bons, mas com relação a todos os homens, conduzindo-os do pecado à salvação.

Assim chegou Judas Iscariotes à companhia do Cristo Jesus. E agora trazia a desgraça prenunciada, que – segundo a frase de Schiller “A praga do ato pérfido é justamente ter de gerar sempre o mal” – devia efetuar-se dentro do círculo de Jesus Cristo. Ele tornou-se o traidor de Jesus Cristo. No fundo, o que se devia cumprir nele já fora cumprido com o parricídio e o casamento com a mãe. Mas ele permaneceu, por assim dizer, como um instrumento que devia ser, o instrumento pérfido que tinha de produzir o bem a fim de cometer ainda um ato que superasse o cumprimento já efetuado.

Aquele que nos é apresentado na história de Édipo perde a visão, como conseqüência da desgraça que trouxe, a partir do momento em que essa desgraça é percebida. Mas aquele que tem o mesmo destino por sua ligação com a antiga sabedoria herdada não fica cego, mas é escolhido para cumprir o destino e realizar algo que conduz ao Mistério do Gólgota, causando a morte física daquele que é a ‘Luz do mundo’ e produz a luz do mundo na cura do cego de nascença. Édipo teve de perder a visão; ao cego de nascença Cristo deu a luz dos olhos. Mas ele morreu por intermédio daquele que possuía o caráter de Édipo, cuja história nos mostra como a antiga sabedoria se extingue gradualmente na humanidade, não conseguindo mais trazer salvação, paz e amor aos homens. Para tal, era necessário o impulso do Cristo e o evento do Gólgota. Era necessário surgir primeiro a imagem exterior da relação do eu Crístico de Jesus com sua mãe, manifestada nas bodas de Canaã, na Galiléia. Era ainda necessário surgir também outra coisa, assim descrita pelo autor do Evangelho de João:

Junto à cruz estava a mãe e estava também o discípulo que ‘o Senhor amava’, o Lázaro-João que ele próprio iniciara, e por cujo intermédio a sabedoria do cristianismo deveria chegar à posteridade – aquele que deveria influenciar em tal medida o corpo astral do homem que nele pudesse viver o princípio Crístico. Dentro do corpo astral humano deveria viver o princípio do Cristo, vertido por João. Mas para tal esse princípio Crístico deveria ser ainda unido ao princípio etérico, à mãe. Por isso o Cristo pronunciou

¹³ No original, *Judas aus Kariat* (Judas de Cariot – ou *Kerioth*, na Judéia). (N.T.)

da cruz as seguintes palavras: “Desta hora em diante esta é a tua mãe, e este é o teu filho!” Isto significa que ele reúne sua sabedoria com o princípio materno!

Vemos assim quão profundos são não apenas os Evangelhos, mas todas as circunstâncias da essência dos mistérios. Sim, as antigas lendas estão em ligação com as proclamações e os Evangelhos da nova era, como profecia e cumprimento! Nas histórias de Édipo e de Judas, as antigas sagas nos mostram claramente o seguinte: — Houve outrora uma sabedoria divina e primordial, que, no entanto, se extinguiu. Uma nova sabedoria deverá advir. E essa nova sabedoria levará os homens aonde a antiga sabedoria jamais poderia ter levado. O que teria ocorrido sem o impulso Crístico nos é relatado na saga de Édipo; qual era a oposição a Cristo — o rígido apego à antiga sabedoria — nos é ensinado pela lenda de Judas. Mas o que já as antigas lendas explicavam não ser suficiente nos é contado sob nova luz pela nova anunciação, os Evangelhos. O Evangelho nos responde a respeito do que as antigas lendas expressaram como imagem da antiga sabedoria. Disseram elas: da antiga sabedoria jamais poderá advir o que a humanidade necessita para o futuro. Porém o Evangelho, como nova Verdade, nos diz: eu vos anuncio o que a humanidade necessita, e o que jamais poderia ter ocorrido sem a influência do princípio do Cristo, sem o evento do Gólgota.

12 5 de julho de 1909

A renovação do corpo etérico

Estamos agora num ponto importante de nossas considerações — de certa forma, em seu auge. Que em seu decurso tenhamos de transpor todo tipo de dificuldades, no esclarecimento dos Evangelhos, é algo bem natural. Por isso, antes de dar continuidade ao assunto de ontem, permito-me iniciar as explicações de hoje com uma sinopse, em breves linhas, do conteúdo principal dessa última conferência.

Sabemos que a evolução humana, em épocas remotas, possuía uma forma essencialmente diferente da atual. E sabemos que o que constitui o ‘homem’ nos mostra sempre uma forma diferente à medida que nos afastamos retrospectivamente para estados anteriores. Já mencionamos ser possível retrocedermos de nossa época, que podemos chamar de época cultural centro-européia, para a época greco-latina; podemos também retroceder à época egípcio-caldáica, e depois à época em que o povo protopersa foi conduzido por Zaratustra. Então atingimos, naquele passado remoto, a cultura indica, muito diferente da nossa, chegando assim a uma época cultural subsequente a uma grande e poderosa catástrofe. E essa catástrofe, que se efetuou em processos tempestuosos no ar e na água, provocou o desaparecimento daquele continente habitado pela humanidade antes da cultura indica — a Atlântida, situada entre a Europa, a África e a América. Em conseqüência, os homens emigraram para o Ocidente e o Oriente, estabelecendo-se por um lado na América e por outro nos continentes da Europa, da Ásia e da África, que gradualmente haviam assumido a forma atual. Esse período atlântico assistiu a uma humanidade que, no concernente à alma, especialmente nas épocas mais antigas, era muito diferente da humanidade atual. Por ora, o que nos interessa na evolução humana é o elemento anímico, pois sabemos que todo o contexto corpóreo é resultado da evolução anímico-espiritual. Ora, como se caracterizava a vida da alma na antiga época atlântica?

Sabemos que nessa época o homem possuía uma consciência totalmente diversa da que viria a ter mais tarde; que em certo sentido tinha uma antiga clarividência, porém

não possuindo ainda a capacidade de ter uma autoconsciência clara e explícita. E que o homem só conquista essa autoconsciência quando aprende a distinguir-se dos objetos exteriores. Mas naquela época ele não era capaz de diferenciar-se completamente desses objetos. Imaginemos como se desenrolariam as coisas em nossa época se o homem, nas condições atuais, não pudesse distinguir-se do ambiente.

O homem pergunta hoje – sintetizemos isto em nossa mente –: “Onde está o limite do meu ser?” – e diz, com razão, segundo seu ponto de vista moderno: “O limite da minha entidade humana se situa onde minha pele me separa do mundo exterior.” Ele acredita pertencer-lhe somente o que está contido em sua pele, e que todo o restante são objetos exteriores à sua frente, dos quais ele se distingue. Assim afirma pelo fato de saber que não mais será nem poderá ser um homem completo se lhe for tomado algum fragmento do que está delimitado por sua pele. Que ele não seja mais um homem completo se lhe for subtraído um pedaço do corpo é uma afirmação correta, de um certo ponto de vista. Mas sabemos também que o homem inala o ar a cada respiração. E se perguntarmos onde está esse ar, teremos de dizer que está à nossa volta, em toda parte onde nosso ambiente se limita conosco; aí está o ar que no próximo momento estará dentro de nós. Se os Senhores eliminarem ou afastarem esse ar, não poderão mais viver! Serão homens menos completos do que se lhes fosse cortada uma das mãos, situada dentro de sua pele!

Portanto, seria correto dizer o seguinte: não é verdade que nossos limites estão situados onde termina nossa pele! O ar que nos envolve pertence-nos, entrando e saindo continuamente, e não podemos absolutamente estabelecer o limite arbitrário representado por nossa pele. Se o homem quisesse esclarecer isto – ele deveria fazê-lo teoricamente, pois a percepção não lhe propicia essa observação –, teria então de ponderar a respeito daquilo que não lhe é incutido pelo próprio mundo exterior. No momento em que o homem visse cada corrente de ar inalada por ele, como esta se expande em seu interior, transformando-se e deixando-o novamente – se isto lhe fosse visível a cada instante, não lhe ocorreria de forma alguma dizer: “Esta mão me pertence mais do que a corrente de ar que penetra em mim.” Ele contaria com o ar dentro dele, considerando-se tendo alucinações se dissesse: “Eu sou uma entidade independente, que seria capaz de existir mesmo sem o mundo em redor.”

O atlante não podia dedicar-se a essa ilusão, pois sua observação lhe mostrava muito claramente algo diverso: ele não via os objetos à sua volta em nítidos contornos, mas sim envoltos por auras coloridas. Não via uma planta como a vemos, mas da mesma maneira como vemos as luzes da rua numa noite nebulosa de outono; tudo era visto por ele envolto por grande auréola multicolor. Isto ocorria porque por entre todas as coisas existentes no mundo está o espírito, estão entidades espirituais que ele ainda podia perceber com sua clarividência semiconsciente. Tal como a neblina está entre as luzes da rua, por toda parte no espaço estão as entidades espirituais. O atlante as via como os Senhores vêem a neblina. Por isso elas se lhe apresentavam como uma aura nebulosa sobreposta aos objetos exteriores. Esses objetos em si eram-lhe pouco nítidos, mas por ver o espírito ele via também tudo o que de espiritual fluía dele e para ele. Com isto sentia-se a si mesmo como um membro de todo o seu ambiente. Via por toda parte penetrar em seu corpo correntes que hoje não podemos ver. O ar é a mais grosseira delas; correntes muito mais sutis penetram no homem, que perdeu a faculdade de ver o espiritual por não possuir mais a antiga clarividência nebulosa. Na Atlântida o homem via as correntes espirituais entrando e saindo – tal como nosso dedo, caso fosse consciente, veria que o sangue flui para dentro e para fora, e que ele pereceria se o arrancássemos. Da mesma forma como se sentiria o dedo, sentia-se o atlante como membro de um organismo. Ele sentia o seguinte: “As correntes fluem através de meu olho, de minhas

orelhas e assim por diante. E se eu me afastar delas, não poderei mais ser um homem.” Ele se sentia derramado em todo o mundo exterior. Via o mundo espiritual, mas não podia distinguir-se dele, não possuindo o forte sentimento do eu, a autoconsciência no sentido atual. Foi-lhe possível desenvolvê-la pelo fato de se haver retirado de seu campo de observação aquilo que lhe havia evidenciado aos olhos espirituais a dependência de seu ambiente. Foi pelo fato de isto se haver tornado invisível que lhe surgiu a possibilidade de desenvolver autoconsciência, sensação do próprio eu.¹⁴

Desenvolver autoconsciência e ‘egoidade’ era a tarefa do homem na época pós-atlântica. Após as grandes catástrofes atlânticas, os povos da época pós-atlântica estavam organizados de uma forma tal que o mundo espiritual se retirou de sua consciência, e eles aprenderam gradualmente a ver o mundo físico-sensível de forma cada vez mais clara e nítida. Mas nada do que se desenvolve no mundo sucede de uma só vez, e sim pouco a pouco – lenta e gradualmente. Assim, também a antiga clarividência nebulosa foi lenta e gradualmente perdida. É bem verdade que ainda hoje existe em certas pessoas como herança, e em naturezas mediúnicas sob determinadas condições. Lenta e gradualmente se extingue o que, em certa época, atingiu seu ponto máximo.

Nas épocas mais antigas da era pós-atlântica, os homens comuns ainda tiveram muito, muito do dom da clarividência. E aquilo que viam no mundo espiritual era continuamente completado, ampliado e exortado pelos iniciados que, conforme já descrito, eram conduzidos ao mundo espiritual por métodos especiais e tornavam-se mensageiros daquilo que anteriormente todas as pessoas, de certa forma, haviam visto. As lendas, os mitos conservam para nós as verdades das antigas épocas melhor do que qualquer pesquisa histórica exterior, principalmente todas as lendas e mitos ligados aos oráculos. Aí certos homens, em estados anormais – ou, como se poderia dizer, em estado onírico, mediúnico –, eram induzidos a um estado de consciência mais nebuloso e obscuro do que o claro estado diurno habitual. Ficavam com consciência diminuída, com a qual não viam os objetos do mundo exterior, embora estivessem no meio deles. Este não era tampouco o antigo estado de clarividência, mas um estado intermediário, meio onírico, meio clarividente. Ora, se alguém quisesse saber algo sobre determinadas circunstâncias do mundo, ou como se devia comportar nesta ou aquela oportunidade, consultava então o oráculo, ou seja, o local onde existiam estados clarividentes como herança da forma antiga.

Ao homem no início de sua evolução foi dada, portanto, a sabedoria. A sabedoria fluía para dentro dele. No entanto, esgotava-se gradualmente. E mesmo os iniciados, em seu estado também anormal – pois tinham de ser conduzidos ao mundo espiritual mediante a retirada do corpo etérico –, pouco a pouco também só podiam chegar a observações imprecisas do mundo espiritual. Mas naqueles que eram iniciados não apenas no antigo sentido, mais progrediam com seu tempo, sendo ao mesmo tempo profetas para o futuro, isto provocou o reconhecimento de que era necessário um impulso mais novo na humanidade. Um antigo dom de sabedoria havia sido dado à humanidade quando esta descera das alturas divino-espirituais; mas tornara-se cada vez mais obscuro. Antes todos os homens o possuíam, depois apenas uns poucos, conduzidos nos oráculos a estados especiais, e por fim apenas os iniciados.

“Deverá chegar uma época” – assim diziam os iniciados que conheciam os sinais dos tempos – “em que esse antigo dom da sabedoria estará tão esgotado dentro da humanidade que não poderá mais guiar e conduzir os homens. Mas então o homem cairá em insegurança no mundo. Isto se expressaria em seu querer, em seu comportamento e em seu sentir. E enquanto a sabedoria perecesse pouco a pouco, os homens se

¹⁴ No original, *Ichheit* (‘egoidade’). (N.T.)

conduziriam a si próprios de maneira imprudente. Seu eu se evidenciaria cada vez mais, de forma que, tendo a sabedoria retrocedido, cada qual começasse a buscar a verdade em seu próprio eu, a desenvolver seus próprios sentimentos e seu querer, cada qual por si, e os homens se tornariam sempre mais separados, mais estranhos um ao outro, e cada vez menos pessoas se entenderiam. Por querer cada qual ter seus próprios pensamentos, não advindos da sabedoria universal, é que um não poderá compreender os pensamentos do outro. E pelo fato de seus sentimentos não serem guiados pela sabedoria universal, sucederá que esses sentimentos dos homens entrarão em conflito. E o mesmo ocorreria com suas atitudes. Os homens agiriam, pensariam e sentiriam todos eles de forma oposta, e finalmente a humanidade seria estilhaçada em indivíduos altamente conflitantes entre si.”

E qual foi o sinal físico exterior que nos apareceu como expressão desse desenvolvimento? Foi a transformação que a humanidade experimentou em seu sangue. Por todas as antigas épocas existiram os casamentos próximos, como sabemos. As pessoas casavam-se apenas dentro da mesma tribo consangüínea. Mas cada vez mais o casamento distante tomou o lugar do casamento próximo. Sangues estranhos se misturavam, daí resultando que a herança das antigas épocas se tornava sempre menor. Recordemos ainda uma vez as palavras de Göethe, citadas ontem:

De meu pai tenho a estatura e uma séria conduta na vida;
de minha mãe a natureza alegre e a vontade de fantasiar.

Disto concluímos ontem que do elemento materno, transmitido de geração em geração, provém aquilo que está no corpo etérico do homem, de forma que cada homem traz em seu próprio corpo etérico a herança do elemento materno, tal como tem em seu corpo físico a herança do elemento paterno. Enquanto existia parentesco sangüíneo, havia a hereditariedade em grandes proporções, transmitida de um corpo etérico a outro, e da qual dependia a antiga faculdade da clarividência. Os descendentes de casamentos próximos herdavam em seu corpo etérico, juntamente com o sangue aparentado, a antiga capacidade de sabedoria. À medida que o sangue se miscigenava cada vez mais e estirpes estranhas se misturavam nos casamentos distantes, também a possibilidade de herdar a antiga sabedoria se tornava cada vez menor. Pois como dissemos ontem, o sangue humano se modificava, vindo, pela miscigenação, a ser de tal forma que os homens obscureciam pouco a pouco a sabedoria antiga. Em outras palavras, o sangue, portador de particularidades maternas herdadas, tornou-se cada vez menos capaz de herdar o antigo dom da clarividência. O sangue se desenvolvia de maneira que os homens se tornavam cada vez menos capazes de olhar para o mundo espiritual. Fisicamente, portanto, devemos dizer que o sangue dos homens se desenvolvia de forma a tornar-se sempre menos capaz de portar a antiga sabedoria, segura condutora dos homens, incorrendo cada vez mais no outro extremo: o de ser o portador do egoísmo, isto é, daquilo que estabelece a oposição e a separação entre os eus humanos. E com isto também se tornou cada vez menos capaz de congregar os homens em amor.

Naturalmente, ainda estamos dentro desse processo de deterioração sangüínea do homem. Ora, esse processo, uma vez que essa deterioração provém de antigas épocas, segue lentamente seu caminho até o fim da época terrestre. Por isso devia advir à humanidade um impulso capaz de melhorar o que, pelo sangue, se havia tornado pior. No que respeita a seu parentesco sangüíneo, os homens seriam conduzidos ao erro e à miséria. Isto nos é dito pelos antigos sábios através de suas lendas e mitos. Os homens não podiam mais abandonar-se ao que lhes havia sido legado como herança da antiga sabedoria: “Se também te dirigires ao oráculo e perguntares o que deverá acontecer, o oráculo só dirá o que te conduzirá diretamente à mais selvagem contenda.” O oráculo

profetizou, por exemplo, que Laios e Jocasta teriam um filho que mataria o pai e se casaria com a mãe. Mas apesar de ainda existir essa herança da antiga sabedoria — a sabedoria dos oráculos —, nessa época não se podia mais evitar que o sangue incorresse cada vez mais em erro: Édipo mata de fato seu pai e casa-se com sua mãe, cometendo parricídio e incesto.

O velho sábio queria dizer: “Outrora os homens possuíam sabedoria. Mas mesmo se esta houvesse sido conservada, os homens deveriam ter prosseguido na evolução de seu eu, e o egoísmo se haveria desenvolvido a ponto de o sangue se enfurecer contra outro sangue. O sangue não é mais capaz de conduzir os homens a planos mais elevados, quando guiado apenas pela antiga sabedoria.” Desta forma aquele que, como iniciado clarividente, havia propiciado a imagem primordial da lenda de Édipo, queria apresentar aos homens uma imagem de advertência, dizendo: “Assim ocorreria entre vós caso nada diferente adviesse da antiga sabedoria dos oráculos!” E na lenda de Judas ainda nos é claramente conservado o que teria ocorrido a partir da antiga sabedoria dos oráculos. Também à mãe de Judas fora prenunciado que o filho mataria o pai e se casaria com a mãe, o que provocaria uma indescritível desgraça. E tudo se realizou! Isto significa que a antiqüíssima sabedoria herdada não era capaz de proteger o homem do abismo onde ele cairia se um novo impulso não se aproximasse da humanidade.

Indaguemos agora das exatas razões desse fato: por que a sabedoria primordial devia tornar-se cada vez mais inepta quanto ao domínio da humanidade? Poderemos receber uma resposta a essa pergunta se observarmos mais de perto a origem da sabedoria primordial com relação à humanidade.

Já lhes apontei que na antiga época atlântica havia, entre os corpos humanos físico e etérico, uma relação muito diferente da posterior. Hoje a realidade dos quatro membros da natureza humana é que o corpo físico e o corpo etérico são interligados a ponto de quase coincidirem, especialmente no caso da cabeça. Mas isto se refere apenas à época atual. Se remontarmos à época atlântica, teremos aí uma relação tal que o corpo etérico, no que respeita à região da cabeça, excedia amplamente em todas as direções. Nessa época o homem possuía seu corpo etérico, especialmente com relação à cabeça, bastante estendido para fora do corpo físico. Ora, a evolução atlântica se deu de forma que o corpo etérico veio cada vez mais a coincidir com o corpo físico, principalmente no que tange à cabeça. Ele vem penetrando sempre mais no corpo físico, modificando naturalmente também esse membro da entidade humana. Constitui, pois, o essencial com relação a esse lado da evolução humana o fato de a parte etérica da cabeça humana penetrar cada vez mais profundamente em sua parte física, vindo ambas a coincidir. Ora, o corpo etérico, enquanto estava fora da cabeça física, encontrava-se numa situação muito diversa da posterior. De todos os lados estava ligado a correntes, a outras entidades espirituais; e o que aí fluía e refluía propiciava a esse corpo etérico da época atlântica a capacidade da clarividência. Portanto, essa capacidade da clarividência consistia no fato de o corpo etérico ainda não estar totalmente dentro do corpo físico no tocante à cabeça, e também no fato de correntes providas de todos os lados adentrarem esta última, dando ao corpo etérico a faculdade clarividente.

Então chegou a época em que o corpo etérico se recolheu ao corpo físico, desligando-se, de certa forma — não totalmente — dessas correntes. Ele começou, portanto, a distanciar-se das afluências que lhe haviam propiciado a faculdade clarividente para a visão da sabedoria do mundo. Quando, pelo contrário, na antiga época alguém era iniciado e seu corpo etérico retirado, sua cabeça etérica era novamente engajada nas correntes circundantes, tornando-se clarividente de novo. Ora, se de um só golpe houvesse ocorrido, por volta de meados da época atlântica, o fato de o corpo etérico ser repentinamente afastado do contato com o mundo exterior, o homem

teria perdido mais depressa toda a antiga clarividência. Tampouco teria restado qualquer vestígio dessa clarividência na época pós-atlântica, e o homem teria chegado sem lembrança dela às épocas posteriores. O homem permaneceu, no entanto, ainda ligado às correntes exteriores, e outra coisa ainda ocorreu. Esse corpo físico do homem, afastado das correntes de sua redondeza, conservava em si vestígios da antiga capacidade clarividente. Agora notem bem: no final da época atlântica, após o homem haver acolhido em si seu corpo etérico, havia neste ainda um resto, um vestígio daquilo que ele possuía outrora lá fora – um ‘pecúlio’, se me é permitido dizer assim. É como um filho cujo pai ganha dinheiro, recebendo ele continuamente de seu pai isto ou aquilo de que necessita. Assim o homem recebia sabedoria, o quanto necessitasse, de sua redondeza até o desligamento de seu corpo etérico. Continuando com nossa comparação, suponhamos que o filho perca o pai, restando de seus bens apenas uma determinada parte, e o filho, nada ganhando, a certa altura tenha gasto tudo e nada mais possua. Era nesta situação que estava o homem. Ele se havia apartado de seu pai-sabedoria e nada havia acrescentado, vivendo daí até a época cristã. E até adentrar nossa época ele vive ainda daquilo que herdou, e não daquilo que adquiriu. Vive, por assim dizer, do capital. Nas antigas épocas da evolução pós-atlântica, o homem ainda possuía algo do capital, mesmo sem haver ele próprio feito algum esforço pela sabedoria; vivia, por assim dizer, dos juros, recebendo muitas vezes um complemento dos iniciados. Mas finalmente as moedas da antiga sabedoria se tornaram inacessíveis. E quando se pagou a Édipo com essas velhas moedas, estas já não valiam. Essa antiga sabedoria não o protegeu, nem a Judas, do mais terrível engano.

Era neste ponto que estava o curso da evolução humana. Por que motivo, realmente, o homem consumiu gradualmente seu capital de sabedoria? Foi por haver acolhido antes, em si, já duas espécies de entidades: inicialmente as entidades luciféricas e, subseqüentemente, as entidades arimânicas ou mefistofélicas. Elas o impediram de acrescentar algo à antiga sabedoria, pois atuavam em seu ser da seguinte maneira: as entidades luciféricas corrompendo mais as paixões e os sentimentos, e as arimânicas ou mefistofélicas corrompendo exteriormente nossa concepção do mundo, nossa observação. Se as entidades luciféricas não houvessem interferido na evolução terrestre, o homem não teria adquirido interesse pelo mundo físico, o que o faz descer de seu nível. Se conseqüentemente às entidades luciféricas não houvessem interferido as mefistofélicas, arimânicas ou satânicas, o homem saberia e estaria sempre cômico de que por trás de cada objeto sensível exterior há um elemento espiritual. E olharia através da superfície do mundo exterior sensível para o espiritual. Mas Árimã imiscuiu em sua visão algo como uma fumaça obscura, e assim ele não pode ver o espiritual. Por intermédio de Árimã o homem é envolvido em mentira, e conseqüentemente em *maya*, em ilusão. Essas duas espécies de seres impedem-no de acrescentar algo ao antigo bem da sabedoria recebido outrora. E assim esse bem se extinguiu, perdendo completamente sua utilidade. Em alguns outros aspectos, porém, a evolução prossegue seu caminho. Na época atlântica, o homem impregnou o corpo físico com o corpo etérico. Ao ser, em certo sentido, abandonado pelos deuses, foi, por assim dizer, sua infelicidade ter experimentado neste mundo, dentro do corpo físico, a influência de Lúcifer e Árimã. Foi sua fatalidade, cuja conseqüência consistiu no fato de o antigo bem da sabedoria tornar-se inútil pela influência do corpo físico, pela vida no corpo físico. Como ocorreu isto? Antes o homem não vivera num corpo físico. Então ele recebera a sabedoria, por assim dizer, do patrimônio de seu pai, dos antigos bens de sabedoria, isto é, possuía seu patrimônio fora de seu corpo físico, por viver justamente no exterior com seu corpo etérico. Esse patrimônio se esgotou gradualmente. O homem deveria ter possuído uma reserva em seu próprio corpo, a fim de aumentar seu cabedal de sabedoria. Contudo ele

não a possuía. E pelo fato de não possuir em seu corpo qualquer fonte para a renovação da sabedoria, acontecia que, a cada vez que ele saía de seu corpo após a morte, havia menos sabedoria em seu corpo etérico. A cada vez após a morte, após cada encarnação, havia menos sabedoria em seu corpo etérico. Este se tornava cada vez mais pobre em sabedoria.

Mas o caminho da evolução prossegue; e é justamente da mesma maneira como outrora, na época atlântica, o homem se desenvolveu a ponto de seu corpo etérico submergir em seu corpo físico, que gradualmente o homem se afasta desse mesmo corpo físico quando perscrutamos o futuro. Enquanto antes o corpo etérico penetrara e, até o aparecimento do Cristo, sempre o fizera um pouco mais, é chegada agora a época em que o caminho da evolução se modificou. No momento em que surgiu o Cristo, o corpo etérico começou a afastar-se, estando hoje menos ligado ao corpo físico do que na época da presença crística; de modo que esse corpo físico se tornou ainda mais denso.

O homem vai, portanto, ao encontro de um futuro em que cada vez mais seu corpo etérico se retirará, chegando gradualmente a um ponto em que estará tão estendido ao exterior quanto na época atlântica. Poderemos prosseguir ainda um pouco em nossa comparação.

Se o filho, que anteriormente viveu do patrimônio de seu pai, gastar tudo e nada adquirir, tudo lhe parecerá sempre mais triste. Mas quando ele também tiver um filho, este filho – portanto, o neto – não estará na mesma situação de seu pai. O pai herdou pelo menos alguma coisa, e ainda pôde continuar gastando. O neto já nada possui, e tampouco herdou alguma coisa: fica sem nada de início. Assim era, em certo sentido, o caminho da evolução humana. O corpo etérico, ao entrar e trazer consigo o cabedal divino de sabedoria oriunda do patrimônio da Divindade, trazia ainda sabedoria para seu corpo físico. Mas no corpo físico os espíritos arimânicos e luciféricos impediam que a sabedoria aumentasse e algo lhe fosse acrescentado. Afastando-se agora novamente, o corpo etérico nada leva do corpo físico. E se nada houvesse surgido, conseqüentemente o homem encontraria um futuro em que seu corpo etérico, apesar de pertencer-lhe, nada possuiria de sapiência ou conhecimento. E enquanto o corpo físico se ressecasse completamente, o corpo etérico tampouco possuiria alguma coisa, pois nada poderia receber do corpo físico ressecado. Portanto, para que o corpo físico não se resseque no futuro, é necessário dar força, força de sabedoria ao corpo etérico. Será preciso que esse corpo etérico, ao retirar-se do corpo físico, haja recebido no corpo físico a força da sabedoria. Aí dentro ele deverá ter recebido algo que leve consigo para o exterior. Estando fora e tendo recebido essa sabedoria, retroagirá sobre o corpo físico, dando-lhe vida e não o deixando ressecar.

Dois possibilidades se apresentam a essa evolução da humanidade. A primeira é a seguinte:

O homem se desenvolve sem o Cristo. Neste caso, o corpo etérico nada poderia trazer consigo do corpo físico, pois aí nada teria recebido, saindo vazio para o exterior. Mas, por nada possuir, tampouco poderia vivificar o corpo físico, protegê-lo de seu desgaste e ressecamento. O homem perderia gradualmente todos os frutos da vida física; estes nada lhe poderiam dar do corpo físico, tendo ele de abandonar este último. Ora, os homens se dirigiram justamente à Terra a fim de receber um corpo físico para as disposições iniciais. O indício do corpo físico chegou primeiro; mas sem a formação do corpo físico, o homem jamais alcançaria sua missão terrestre. Agora chegaram à Terra as influências de Lúcifer e Árimã. Se o homem nada obtiver em seu corpo físico, se seu corpo etérico sair novamente sem poder levar consigo algo novo, e tendo ele gasto o antigo bem de sabedoria, a missão terrestre estará perdida – perdida para o Universo. O

homem nada levará para o futuro. Levará vazio o crânio etérico que ele trouxe repleto para a evolução terrestre!

Suponhamos, porém, que na época acertada ocorresse algo que capacitasse o homem a dar alguma coisa a seu corpo etérico, a revivificá-lo, a permeá-lo novamente com sabedoria quando ele se afastasse novamente do corpo físico. Então o corpo etérico continuaria saindo no futuro, mas possuindo então nova vida, nova força que ele poderia aplicar à vivificação de seu corpo físico. Ele poderia agora retribuir ao corpo físico em força e vida. Teria, porém, de possuí-las primeiro, de tê-las recebido antes. Ao recebê-las, seu fruto terrestre estará salvo. Então o corpo físico não se decomporá simplesmente, mas ele, o perecível, assumirá a forma do corpo etérico, o impercível! E estará salva a ressurreição do homem com as aquisições no corpo físico.

À Terra, portanto, devia chegar um impulso pelo qual se renovasse o conteúdo consumido da antiga sabedoria e fosse implantada no corpo etérico uma nova vida, de forma que o físico, que do contrário estaria destinado à decomposição, pudesse vestir o impercível e preencher-se com um corpo etérico que o tornasse imorredouro, salvando-o da evolução terrestre. Isto, porém — essa vida inserida no corpo etérico —, foi trazido pelo Cristo. Relaciona-se, portanto, com o Cristo o fato de o corpo físico do homem, do contrário entregue à morte, ser transformado, ser protegido da deterioração, recebendo a faculdade de vestir o impercível. O impulso Crístico derramou vida no corpo etérico do homem, uma nova vida após a vida ter sido gasta! E ao perscrutar o futuro, o homem deve dizer: “Quando um dia meu corpo etérico estiver fora do corpo físico, deverei ter evoluído de forma que o corpo etérico esteja completamente permeado pelo Cristo. O Cristo deverá viver em mim. No decurso de minha evolução terrena, deverei impregnarme cada vez mais com o Cristo, no que tange ao meu corpo etérico!”

O que lhes descrevi agora são os mais profundos processos subtraídos ao olhar exterior. São o aspecto espiritual por detrás da evolução física do mundo. Mas qual deveria ser a forma exterior?

O que, pois, penetrou no corpo físico por intermédio das entidades luciféricas e arimânicas? Penetrou a disposição para o perecimento, para a dissolução — em outras palavras, a disposição para a morte. Chegara ao corpo físico o germe da morte, que só no final da evolução terrestre, com a vinda do Cristo, se exprimiria totalmente; pois aí o corpo etérico seria incapaz, por todo o futuro, de revivificar o homem. E ao término da evolução terrestre, tudo quanto houvesse surgido como corpo físico humano cairia em decomposição, e a própria missão terrestre redundaria em morte. A cada vez que hoje observamos a morte, esta morte atual é um símbolo do que seria a morte generalizada no final da evolução terrestre. Só devagar e gradualmente se extingue o que outrora foi dado à humanidade. O fato de o homem nascer sempre de novo, podendo passar de uma encarnação a outra, só se tornou possível por lhe haver sido dada uma reserva de vida. Para a vida puramente exterior em encarnações subseqüentes, só se extinguiriam as possibilidades no final da evolução terrestre. Mas cada vez mais se evidenciaria a extinção dos homens. Isto se realizaria demoradamente em cada parte, e o corpo físico se tornaria sempre mais ressecado. Se não houvesse chegado o impulso Crístico, o homem, no que tange a seus membros, se extinguiria no fim da evolução terrestre. Agora o impulso Crístico está apenas no início de seu desenvolvimento. Só pouco a pouco viverá dentro da humanidade, e apenas sinais futuros mostrarão plenamente o que o Cristo será para os homens — até o final da evolução terrestre.

Mas as diversas funções e assuntos do homem não foram atingidos da mesma forma pelo impulso do Cristo. Existem hoje muitas coisas que não foram de todo atingidas pelo impulso Crístico, e que só poderão sê-lo no futuro. Quero dar-lhes um exemplo marcante

de como existe em nossa época todo um âmbito da atividade humana não atingido pelo impulso do Cristo.

Ao final da era pré-cristã, por volta do sexto ao sétimo século antes do Cristo, entravam em decadência, no âmbito do saber humano, a sabedoria e a força primordiais. Com relação a outras manifestações vitais, elas possuíam uma força jovem e renovada, mas especialmente quanto ao saber estavam em declínio. Do oitavo, sétimo, sexto séculos antes da era cristã sobrava algo que se poderia designar como último resíduo. Se os Senhores ainda tivessem tido acesso à sabedoria egípcio-caldaica, ou à protopersa e à indica, teriam encontrado por toda parte essa sabedoria impregnada de visões espirituais reais, de resultados de clarividência antiqüíssima. Os que não eram muito clarividentes dispunham dos relatos do iniciado. Não havia ciência sem o fundamento da clarividência, nem nas épocas indica e persa nem nas posteriores. Tampouco na primeira fase da civilização grega houve ciência sem a base de uma pesquisa clarividente. Mas depois veio o tempo em que a pesquisa clarividente se extinguiu para a ciência humana. E agora vemos surgir pela primeira vez uma ciência humana que exclui a clarividência, ou que pelo menos a rejeita cada vez mais. Desaparecem a clarividência e a fé nas comunicações do clarividente, e na época do sexto, sétimo séculos antes do aparecimento do Cristo é fundada o que se pode chamar de ciência humana da qual são cada vez mais excluídos os resultados da pesquisa espiritual. E isto prossegue. Em Parmênides, Heráclito, Platão e até em Aristóteles, em toda parte os Senhores podem comprovar, nos escritos dos naturalistas e dos antigos médicos, que a chamada ciência era originalmente impregnada dos resultados da pesquisa espiritual. Mas a ciência espiritual se extinguiu, rareou sempre mais. Com relação à nossa capacidade anímica, ou seja, ao sentir e ao querer, continua existindo; no que tange ao pensar humano, esgota-se pouco a pouco.

Assim, quando o Cristo surgiu, a influência do corpo etérico sobre o corpo físico já começava a perder-se no que respeita ao pensar humano, ao pensar científico. Tudo acontece pouco a pouco, gradualmente. Então veio o Cristo e deu o impulso, Mas naturalmente nem todos receberam de igual modo o impulso Crístico, e especialmente em certos âmbitos ele não foi recebido. Embora acolhido em diversos círculos, justamente no âmbito científico foi rejeitado. Considerando mesmo a ciência do Império Romano, observemos Celso. Aí podemos encontrar todo tipo de disparates que ele escreveu sobre o Cristo. Esse Celso, um grande letrado, porém nada entendendo do pensar humano desde o impulso Crístico, relata:

Deve ter vivido certa vez na Palestina um casal de nome José e Maria, ao qual está ligada a seita dos cristãos; mas o que é contado a seu respeito não passa de superstição. A verdade é que essa esposa de José traiu certa vez seu marido com um oficial romano chamado Pantera. José, porém, não sabia quem era o pai de sua criança.

Isto fazia parte das mais conhecidas narrativas daquela época. Quem acompanha a literatura contemporânea sabe que certas pessoas da época atual ainda não ultrapassaram Celso. Certamente o impulso do Cristo se insere apenas lentamente em muitos círculos, mas ainda não pôde absolutamente penetrar nesse âmbito abordado hoje. Vemos aí que um dos membros resseca. Vemos que algo resseca no cérebro humano, ao passo que, influenciado pelo impulso Crístico, esse cérebro fará a ciência reviver numa forma totalmente diversa. Por mais estranho que isto pareça à nossa época do fanatismo científico, a verdade é esta: a parte do cérebro humano solicitada a pensar cientificamente incorre numa morte lenta. Por isso os Senhores vêem quão devagar e gradualmente as antigas heranças desaparecem do pensar científico. Vemos como Aristóteles ainda possui relativamente muito dela, mas como pouco a pouco a ciência é espoliada das antigas heranças, como através de observações recebidas posteriormente é

despojada de seu aspecto divino no que respeita ao pensar, e como nada mais possui da antiga reserva. E vemos como é possível, ao se vivenciar ainda tão fortemente o Cristo, não se encontrar mais relação alguma entre o impulso Crístico e as conquistas científicas da humanidade. Há provas exteriores disto.

Imaginemos que no século XIII houvesse um homem intensamente impregnado pelo impulso do Cristo, o qual teria dito: “Nós temos o impulso Crístico. Como um cabedal de poderosas revelações novas, ele nos jorra do Evangelho, e podemos impregnar-nos dele!” E suponhamos que esse homem se houvesse atribuído a tarefa de criar um vínculo entre a ciência e o cristianismo: já no século XIII ele nada encontraria para isso na ciência contemporânea! Teria de retroceder até Aristóteles, e com este – não com a ciência do século XIII –, somente com Aristóteles poderia interpretar o cristianismo. A ciência se tornara cada vez mais incapaz de coincidir com o princípio do Cristo. Por isso os homens do século XIII tiveram de retroceder ao velho Aristóteles, que ainda possuía algo da herança da sabedoria e podia transmitir os conceitos por cujo intermédio se pudesse reunir a ciência e o cristianismo. Então a ciência se empobreceu cada vez mais em conceitos, justamente à medida que se tornava sempre mais rica em observações. E então chegou a época em que todos os conceitos da antiga sabedoria desapareceram da ciência.

No que respeita à sua ciência, os maiores homens são, naturalmente, também crianças de sua época. Galileu não podia pensar a partir do Absoluto, mas apenas de acordo com seu tempo. E foi grande justamente por estabelecer o pensamento puramente ateu, puramente mecanicista. Uma grande reviravolta se nos apresenta justamente com Galileu. O fenômeno mais vulgar, tal como é hoje explicado na Física, antes de Galileu era descrito diferentemente do que em época posterior. Alguém lança, por exemplo, uma pedra. Hoje se diz que, pela inércia, a pedra mantém seu movimento até ser detida por influência de uma outra força. Antes de Galileu, pensava-se bem diferentemente; havia a convicção de que, para a pedra continuar adiante, alguém teria de prosseguir impulsionando-a. Algo de ativo existiria por trás da pedra volante. Galileu ensinou os homens a pensar de maneira completamente diversa, mas de forma a conceber o mundo como um mecanismo. E hoje se impõe como ideal explicar o mundo de forma mecanicista, expulsando qualquer espírito. Isto se deve ao fato de aquelas partes do cérebro humano, do instrumento do pensar, que são o órgão do pensar científico, estarem hoje tão ressecadas que não podem verter nova vida aos conceitos, e assim estes se tornam cada vez mais pobres.

Seria fácil comprovar que a ciência, apesar de acumular tantas particularidades, não enriqueceu a humanidade com um único conceito. Note-se bem: observações não são conceitos! Não digam os Senhores que uma coisa como o darwinismo e similares hajam enriquecido a humanidade com conceitos. Outros o fizeram – não os cientistas, mas pessoas que possuíam fontes totalmente diversas. Um desses homens foi Goethe. Este enriqueceu a humanidade com conceitos oriundos de fontes bem diferentes. Mas por isso é considerado pelos cientistas apenas um diletante.

O fato é que a ciência não foi enriquecida com conceitos. Conceitos os Senhores encontram muito, muito mais repletos de vida, mais elevados e grandiosos nas épocas primordiais. Espremidos como um limão – eis os conceitos que o darwinismo possui. Este só acumulou observações, ligando-as a conceitos pobremente elaborados. Essa direção científica é algo que nos mostra muito nitidamente o processo gradual de extinção. No cérebro do homem está um membro em ressecamento. É o membro que trabalha hoje na ciência. E a razão disto é o fato de a parte do corpo etérico que deveria vivificar esse cérebro ressecado ainda não ter alcançado hoje o impulso Crístico. Enquanto o impulso do Cristo não afluir também para essa parte do cérebro humano responsável pela

ciência, nenhuma vida chegará a essa ciência. Isto se fundamenta nas grandes leis universais. Se a ciência continuar assim, tornar-se-á cada vez mais pobre em conceitos, e estes se extinguirão cada vez mais. E na ciência serão sempre mais freqüentes os homens que colocam uma observação ao lado da outra – e têm um desesperado temor diante daquele que começa a pensar. Hoje é terrível para um professor quando um jovem lhe leva uma tese de doutorado contendo um mínimo sequer de pensamento.

Mas hoje já existe a Antroposofia! E essa Antroposofia tornará sempre mais compreensível à humanidade o impulso Crístico, trazendo conseqüentemente cada vez mais vida para o corpo etérico. E estará apta a trazer-lhe tanta vida que também ele levará à harmonia a parte ressecada do cérebro que produziu o pensamento científico de hoje. Este é um exemplo de como o impulso Crístico, à medida que se insere pouco a pouco na humanidade, revivifica os membros em vias de extinção. Para o futuro, a humanidade teria cada vez mais membros em extinção. Mas perante cada um deles o impulso do Cristo fluirá para a humanidade, e no final da evolução todos os membros, que de outra forma estariam em extinção, terão sido revivificados pelo impulso Crístico; este terá permeado totalmente o corpo etérico, unificando-o consigo. E o primeiro impulso para essa gradual revivificação da humanidade, o primeiro impulso para a ressurreição do homem, surgiu num momento descrito maravilhosamente pelo Evangelho de João.

Imaginemos que o Cristo haja entrado no mundo em caráter totalmente universal, realizando inicialmente sua grande atuação a partir de um corpo etérico plenamente cristificado. Pois isto realmente sucedeu, quando o Cristo fez com que o corpo etérico de Jesus de Nazaré pudesse vivificar também o corpo físico. No momento em que o corpo etérico de Jesus de Nazaré, habitado pelo Cristo, tornou-se um pleno vivificador do corpo físico, o corpo etérico do Cristo apareceu transfigurado! E o escritor do Evangelho de João nos descreve esse momento:

Pai, transfigura Teu Nome! – Veio então uma voz do céu: Já o transfigurei, mas quero transfigurá-lo novamente.

Então o povo que ali estava e ouvia disse: Está trovejando.

É dito que as pessoas presentes ouviram trovejar. Mas em ocasião alguma é dito que alguém não preparado para isso também tivesse ouvido.

Os outros, porém, disseram: Um anjo falava com ele. Jesus respondeu e disse: Essa voz não apareceu por minha causa, mas por causa de vós.

Por quê? Para que à sua volta fosse compreendido o que ocorrera. E o Cristo disse a respeito do ocorrido:

Agora virá o julgamento do mundo; então o príncipe deste mundo será expulso.

Nesse momento Lúcifer-Árimã é expulso do corpo físico do Cristo! Aí está o grande exemplo que no futuro se deverá realizar em toda a humanidade: pelo impulso do Cristo devem ser expulsos do corpo físico os obstáculos de Lúcifer-Árimã! E os corpos terrenos do homem devem ser tão vivificados pelo impulso Crístico que os frutos da missão terrestre sejam transportados aos tempos que se seguirão às eras da Terra.

Consideramos ontem o significado do Mistério do Gólgota para a evolução humana na Terra. No fundo, porém, cada acontecimento terreno está relacionado, por ligações quase infinitas, com a evolução de todo o Cosmo. E só poderemos entender completamente o Mistério do Gólgota em sua natureza se desvendarmos também o significado cósmico desse evento.

Já sabemos que a entidade que designamos por Cristo desceu à Terra oriunda de regiões supra-terrenas, tendo sido vista em sua aproximação: na antiga Pérsia, pelo dom clarividente de Zaratustra, foi vista no Sol; por Moisés, na sarça ardente e no fogo do Sinai; e finalmente, por aqueles que vivenciaram o evento Crístico, mediante a presença do Cristo no corpo de Jesus de Nazaré.

Sabemos que nossos acontecimentos terrestres, sobretudo a evolução da humanidade, relacionam-se com nosso sistema solar. Ora, já mostramos que essa evolução humana, tal como ocorreu, não poderia ter-se realizado se de um corpo cósmico, onde nosso Sol e nossa Lua atuais ainda estavam unidos à Terra, não se houvesse desligado outrora inicialmente o Sol e depois a Lua, tendo a Terra, conseqüentemente, permanecido como um ponto de equilíbrio entre ambos. Pelo fato de os homens não haverem podido acompanhar o acelerado ritmo evolutivo daqueles seres que buscavam morada no Sol, é que a Terra teve de separar-se deste. E como a humanidade teria sucumbido a um rápido enrijecimento e ossificação caso a Terra houvesse permanecido unida à Lua, é que esta, com suas substâncias e entidades, teve de afastar-se. Com isto foi possibilitada uma correta forma de evolução da humanidade. Vimos ontem, porém, que permaneceu um certo vestígio de tendência ao endurecimento, o qual conseguiria conduzir a humanidade, no final da nossa evolução terrestre, a uma espécie do estado de decomposição caso não houvesse chegado o impulso do Cristo. Isto nos possibilitará aprofundar-nos um pouco em toda a nossa evolução.

O outrora, portanto, o Sol, a Lua e a Terra eram *um* corpo cósmico. Veio então a época em que o Sol se separou, permanecendo unidas apenas a Terra e a Lua. Então separou-se a Lua atual, restando a Terra como o cenário da evolução da humanidade. Isto foi na antiga época lemúrica, que precedeu a chamada época atlântica, já mencionada de diversos pontos de vista. Então a Terra se desenvolveu de tal forma que as forças do Sol e da Lua passaram a atuar do exterior, desde a época atlântica até a atual.

Observemos agora o prosseguimento da evolução terrestre até a época em que chegou o impulso Crístico. Focalizemos um momento muito especial dessa evolução – o momento em que a cruz foi erguida no Gólgota, quando das chagas de Jesus jorrou o sangue. Fixemos este momento da nossa evolução terrestre.

Até esse momento, o que ocorrera à humanidade era conseqüência de haverem penetrado no íntimo da entidade humana os poderes conjuntos das entidades luciféricas e arimânicas. E vimos que, por essa interferência, o homem, com relação ao mundo exterior, vivia dentro de *maya* ou ilusão: Árimã fazia com que o mundo exterior não se manifestasse ao homem em sua verdadeira forma, mas como um mundo material ou substancial, como se por detrás de toda substância não houvesse o espiritual. Portanto, o homem se encontrou por longo tempo – e quanto a muitos membros da evolução terrestre encontra-se ainda hoje – num estado provocado pelo engano, por ver apenas impressões sensoriais e materiais ao seu redor, elaborando-as mediante suas representações. Por essa influência de Árimã ou Mefistófeles o homem vê, portanto, o mundo exterior numa falsa imagem, elaborando representações ilusórias e inverídicas sobre o mundo espiritual. Mas todo elemento espiritual está em relação com efeitos físicos, e vimos quais efeitos físicos coincidiram com essa imagem enganosa da visão

exterior. Vimos que justamente uma conseqüência da influência luciférica e arimânica foi o fato de o sangue do homem ter-se tornado cada vez menos apropriado para dar-lhe a capacidade de ver o correto no mundo exterior; dessa forma, à deterioração, à dissolução do sangue tal como ocorria nos tempos do antigo parentesco sangüíneo – a essa destruição, a essa extinção do sangue pela miscigenação sangüínea – estava ligado um contínuo crescimento da ilusão. O homem não podia consultar a antiga sabedoria, possuída antes como uma herança, e que lhe dizia: “O mundo exterior não é simplesmente substância; pois se te prenderes às tuas heranças de sabedoria, estas te dirão que por detrás do mundo físico há um mundo espiritual.” Mas essas heranças perderam-se cada vez mais. E assim o homem, com toda a sua vida anímica e o seu conhecimento, cada vez mais se dirigia ao mundo físico. Isto lhe transformava, pois, todas as impressões físicas em ilusão, em engano. Ora, se não houvesse surgido o impulso do Cristo, o homem teria chegado ao ponto de ter de perder todas as antigas heranças de sabedoria, de cada vez mais dirigir-se meramente ao mundo exterior dos sentidos e suas impressões. Teria esquecido que existe um mundo espiritual. Isto teria ocorrido, e o homem se teria tornado cego para o mundo espiritual.

Devemos agora considerar em toda a sua gravidade essa verdade de que o homem cairia cada vez mais em ilusão e engano a respeito do mundo exterior. Não é tão fácil aceitar em sua plena gravidade e amplitude essa verdade que acabamos de focalizar – o incorrer do homem em engano a respeito das impressões exteriores do mundo sensorial. Procurem compreender o que significa isto: “Devemos reconhecer como ilusão, engano todas as impressões exteriores dos sentidos que se nos apresentam no mundo físico-sensorial. Devemos aprender a dizer: tal como são e nos impressionam, os fatos e impressões do mundo sensorial são falsos, e devemos aprender a ver sua verdadeira forma por detrás dos aspectos exteriores”.

Vou mencionar-lhes um acontecimento ao qual, via de regra, é difícil para o homem aplicar a verdade, de maneira a dizer: “A forma que se me apresenta desse acontecimento no mundo exterior é inverídica, é uma ilusão, é *maya*.” E sabem os Senhores que acontecimento é esse? E a morte. Quando a morte se nos apresenta no mundo exterior, físico, falando ao nosso conhecimento – o qual, sob as influências já descritas, tornou-se capaz apenas de compreender acontecimentos físico-exteriores –, traz em si algo de particular; assumiu tal forma que os homens só podem ainda contemplá-la sob o aspecto do mundo físico exterior. Justamente com relação à morte, a humanidade teve de incorrer nas mais errôneas e funestas concepções. Devemos, pois, concluir que a forma em que nos é apresentada a morte não passa de *maya*, ilusão, um engano.

Os mais variados acontecimentos se nos apresentam no mundo físico exterior. Vemos as estrelas que pontilham o espaço cósmico; lá estão as montanhas, as plantas, os animais; lá está todo o mundo dos nossos minerais; lá está o homem e todo o restante, com os fatos que podemos captar pela observação dos sentidos. E se perguntarmos: de onde vêm esses fatos?, de onde vem esse mundo exterior físico-sensível que se nos apresenta como um mundo material?, teremos de responder: vêm do espiritual; o espiritual subjaz ao nosso mundo físico-sensível. E se retrocedêssemos à forma original do espírito, do qual se origina todo elemento físico-sensível, poderíamos chamá-la de Fundamento de Toda Existência – no esoterismo cristão, aquilo que se denomina na divindade o princípio do Pai. A tudo o que foi criado subjaz o princípio do Pai. O que, portanto, foi realmente encoberto ao homem enquanto tudo se lhe submergia em *maya* ou ilusão? O princípio divino do Pai! Em vez das imagens enganosas dos sentidos, ele deveria ver, em tudo à sua volta, o princípio divino do Pai, ao qual pertencem todas as coisas e ele próprio. Esse princípio divino do Pai não se manifesta, pois, em sua

verdadeira forma. Pelo fato de o homem haver sofrido uma diminuição de suas capacidades, conforme já dissemos, esse princípio do Pai se manifesta através da grande ilusão ou *maya*.

O que se entremeia à grande ilusão? Dentre todos os fatos que vemos, um deles é fundamental: a morte. Por isso o homem deveria dizer: “As coisas exteriores que se apresentam aos nossos sentidos são, na verdade, o princípio do Pai — exprimem o elemento paterno divino-espiritual. E estando entremeada a todo o mundo sensorial, a morte é, para nós, algo pertencente ao princípio divino-espiritual do Pai.” É pelo fato de o homem se haver desenvolvido de certa forma que o princípio do Pai lhe foi encoberto por vários envoltórios — e, finalmente, pelo envoltório da morte. O que o homem deve buscar? O Pai, o Pai cósmico! Tal como tem de aprender a dizer de cada coisa “Na verdade, isto é o Pai”, o homem também deve aprender a dizer “A morte é o Pai”. E por que a imagem do Pai se nos apresenta falsa no âmbito físico-sensível? Por que nos parece tão distorcida a ponto de se apresentar desfiguradamente como morte enganosa? Porque em toda a nossa vida está entremeado o princípio de Lúcifer-Árimã! O que deveria ocorrer, portanto, se o homem fosse conduzido de uma concepção errônea, enganosa, ilusória da morte para uma concepção correta?

É pelos fatos que o homem deveria ser esclarecido a respeito da morte! Deveria acontecer algo que lhe pudesse ensinar ser inverídico o que ele soube e sentiu com relação à morte, bem como tudo o que ele pôde fazer sob o impulso de suas idéias sobre a morte. Tinha de surgir um acontecimento que lhe evidenciasse a verdadeira forma da morte. A falsa figura da morte tinha de ser dissolvida, dando lugar a uma imagem verdadeira.

Esta era a missão do Cristo sobre a Terra: substituir, por meio de seu feito, a falsa figura da morte pela verdadeira.

A morte se tornou essa imagem errônea do Pai pelo fato de Lúcifer-Árimã se haver imiscuído na evolução da humanidade. A morte era a conseqüência, o efeito da influência de Lúcifer-Árimã. O que deveria, portanto, fazer aquele que queria expulsar do mundo essa falsa figura da morte?

Jamais a falsa forma da morte teria podido sair da vida humana se a causa — Lúcifer-Árimã — não fosse afastada. Mas isto nenhum ser terreno teria podido realizar. Um ser terreno pode muito bem eliminar da evolução terrestre as coisas acontecidas por intermédio dos próprios seres terrenos, mas não a influência luciférico-arimânica. Esta só poderia ser expulsa por um ser que ainda não se encontrava na Terra enquanto Lúcifer-Árimã atuava, estando ainda no espaço cósmico, e tendo vindo à Terra numa época em que Lúcifer-Árimã já havia adentrado completamente o corpo humano.

Agora esse ser chegou à Terra e, como vimos, justamente no momento acertado afastou Lúcifer-Árimã, expulsando a causa da morte no mundo. Este devia ser, portanto, um ente que nada tivesse a ver com qualquer causa de morte no seio da humanidade. Essa entidade não podia estar envolvida com nada que houvesse levado os homens à morte, com nada que houvesse sido provocado por Lúcifer e posteriormente por Árimã, ou realizado por homens isolados sob influência de Lúcifer-Árimã; em outras palavras, com nada que houvesse tornado os homens culpados, caídos no mal. Pois se um ser tivesse sofrido a morte ocorrida sob influência de todas essas causas, então essa morte teria tido uma razão. Uma morte sem razão, assumida sem culpa por um ser — somente tão inocente morte podia extinguir qualquer morte culposa.

Desse modo um inocente teve de padecer a morte, desposá-la, deixá-la abater-se sobre ele. E à medida que a suportou, ele trouxe a esta vida humana as forças que pouco a pouco criam para o homem o conhecimento da verdadeira forma da morte, isto é, o conhecimento de que a morte, tal como surge no mundo sensível, não possui verdade

alguma, devendo, ao contrário, surgir para a entrada da vida no mundo espiritual, sendo que com ela está criada justamente a base para a vida no espírito.

Assim, pela morte inocente no Gólgota foi fornecida a prova que os homens compreenderão cada vez mais: de que a morte é o Pai sempre vivente! E basta termos a correta concepção sobre a morte, tendo reconhecido, pelo acontecimento do Gólgota, que a morte exterior nada significa, e que no corpo de Jesus de Nazaré viveu o Cristo, com o qual podemos unir-nos; basta termos reconhecido que esse Cristo fez com que, apesar da imagem da morte oferecida na cruz, esta representa apenas um acontecimento exterior, e que a vida do Cristo no corpo etérico antes da morte é a mesma que depois dela – não podendo essa morte, portanto, prejudicar a vida; basta havermos compreendido que a morte diante de nós não extingue a vida, sendo vida ela própria, para então termos de uma vez por todas, por meio da imagem pendente da cruz, o símbolo de que na verdade a morte é a doadora da vida. Da mesma forma como a planta brota da semente, a vida brota da morte – que é uma semente da vida, e não um elemento destruidor. Ela foi semeada em nosso mundo físico-sensível para que este não se extravie da vida, mas possa ser alçado à vida. A contestação da morte tinha de ser levada a efeito na cruz pela morte contraditória, pela morte inocente. Mas o que foi realmente provocado com isto?

Sabemos, das conferências precedentes, que o homem possui um eu como quarto membro de sua entidade, e que, enquanto se desenvolve, esse eu possui no sangue seu instrumento exterior. O sangue é a expressão do eu. Por isso o eu caiu em erro, cada vez mais em *maya* ou ilusão, quando o sangue se tornou cada vez pior. Por isso o homem deve também a elevação da força de seu eu à circunstância de possuir seu sangue. Por outro lado, porém, ele deve esse eu, no sentido espiritual, à circunstância de haver aprendido a distinguir-se do mundo espiritual, de haver-se tornado uma individualidade. Isto não lhe poderia ter sido conferido por circunstâncias outras do que pelo fato de lhe haver sido cortada a visão do mundo espiritual. E o que lhe tirou essa visão foi justamente a morte. Se o homem tivesse sempre sabido que a morte é a semente da vida, não haveria chegado a uma individualidade independente, pois teria permanecido em ligação com o mundo espiritual. Mas veio a morte e deu-lhe a ilusão de que ele estava separado do mundo espiritual, fazendo dele uma individualidade independente.

Mas essa individualidade tornou-se cada vez mais autônoma, a ponto de exagerar e ultrapassar determinado ponto. Por outro lado, isto só podia ser compensado pelo fato de haver sido retirada dessa individualidade aquela força que havia ultrapassado esse ponto. Aquilo, pois, que no eu havia levado tão fortemente ao egoísmo, incentivando-o ao invés de incentivar simplesmente a individualidade, tinha de ser eliminado. Teve, porém, de sê-lo – de forma que no decorrer do futuro possa cada vez mais ser eliminado dos eus individuais – por ocasião da morte na cruz, quando o sangue jorrou das chagas.

No sangue jorrando das chagas do Cristo vemos, portanto, o símbolo real para o egoísmo excessivo no eu humano. Tal como o sangue é a expressão para o eu, o sangue jorrado no Gólgota é a expressão para o excesso no eu humano. Se o sangue não houvesse jorrado no Gólgota, o homem se haveria enrijecido espiritualmente no egoísmo, indo ao encontro do destino que descrevemos ontem. Com o sangue jorrado no Gólgota foi dado o impulso para que possa desaparecer gradualmente da humanidade aquilo que torna o eu egoísta.

Mas cada acontecimento físico tem, como contra-imagem, um acontecimento espiritual. À medida que o sangue jorrava das chagas no Gólgota, ocorria algo espiritual. Nesse momento ocorreu que pela primeira vez se projetaram da Terra, para o espaço cósmico, raios nunca projetados antes; imaginemos, pois, raios criados nesse momento, projetando-se para o espaço cósmico. A Terra se havia tornado cada vez mais escura com

o passar do tempo, até o evento do Gólgota. Agora o sangue jorra no Gólgota, e a Terra começa a luzir!

Se na época pré-cristã algum ser com poderes de clarividência houvesse podido olhar para a Terra, teria visto como a aura terrestre se apagava gradualmente, tornando-se extremamente escura na época precedente ao acontecimento do Gólgota. Depois teria visto como a aura terrestre se permeava de uma luz astral, que pouco a pouco se tornará luz etérica e depois luz física. Ora, cada ser na Terra prossegue em seu desenvolvimento. O que hoje é Sol foi inicialmente planeta. E tal como o antigo Saturno evoluiu em Sol, assim a Terra, que agora é planeta, evoluiu em Sol. O primeiro impulso para que a Terra se torne Sol foi dado outrora, quando o sangue jorrou das chagas do Redentor no Gólgota. Então a Terra começou inicialmente a luzir de forma astral e, portanto, visível apenas ao clarividente. Mas no futuro a luz astral se tornará física, e a Terra se transformará num corpo luzente, num corpo solar.

Eu já lhes disse com frequência que o corpo cósmico não surge pela conglomeração de matéria física, mas pelo fato de um ser espiritual criar um novo ponto central, um novo campo de ação. Do âmbito espiritual parte a formação de um corpo cósmico. Cada astro físico foi primeiramente espírito. O que a Terra virá a ser um dia é, por enquanto, a aura astral que começou a irradiar dela. Este é o primeiro indício para a futura Terra-Sol. Mas o que o homem teria visto com seus sentidos enganadores é uma ilusão. Não é absolutamente uma verdade, pois dissolve-se e deixa de existir. Quanto mais a Terra se torna Sol, mais essa *maya* se consome no fogo solar, desaparecendo nele.

Porém pelo fato de outrora a Terra haver sido transiluminada por uma nova força, por haver sido lançado o fundamento para sua transformação em Sol, foi dada a possibilidade de essa força transiluminar também os homens. Foi dado o primeiro impulso para o que mencionei ontem: a irradiação da força crística para o corpo etérico do homem. E, por força do que irradiou para dentro dele de forma astral, esse corpo etérico humano pôde começar a receber nova força vital, necessária a ele no futuro distante.

Assim, se os Senhores imaginarem uma certa época após o acontecimento do Gólgota – portanto, um estado futuro da humanidade –, comparando-a com a época em que houve esse evento, poderão dizer o seguinte : – Na época em que veio o Cristo, a Terra ainda se encontrava impossibilitada de irradiar por si mesma para os corpos etéricos dos homens. Após certo tempo, porém, os corpos etéricos daqueles homens que haviam encontrado uma relação com o impulso Crístico foram transiluminados; tendo compreendido o Cristo, eles acolheram em si o poder irradiante existente desde então na Terra – a nova força luzente da Terra. Receberam no corpo etérico a luz crística! A luz do Cristo flui para os corpos etéricos dos homens.

E o que ocorre agora, já que desde aquela época existe sempre uma parte do Cristo nos corpos etéricos dos homens? O que ocorre com aquela parte no corpo etérico do homem que acolheu a Luz do Cristo? O que lhe acontece após a morte? O que realmente penetrou pouco a pouco no corpo etérico do homem, como consequência do impulso Crístico?

A partir daquela época, foi dada ao corpo etérico do homem a possibilidade de entrar igualmente nele, como efeito da luz do Cristo, algo que respira vida, que é imortal e nunca pode sucumbir à morte. Mas se não sucumbe à morte, o homem, enquanto na Terra ainda estiver sujeito à ilusão da morte, estará salvo dela, não a acompanhará. Portanto, desde aquela época existe no corpo etérico do homem algo que não acompanha a morte, que não sucumbe às forças mortais da Terra. E esse algo que não acompanha a morte, que os homens conquistam pouco a pouco pela influência do impulso Crístico, refluí agora para o espaço cósmico, formando, conforme seja mais forte

ou mais fraco no homem, uma força que se derrama no Universo. E essa força formará uma esfera ao redor da Terra, que está a caminho de tornar-se Sol. Uma espécie de esfera do espírito forma-se em torno da Terra a partir dos corpos etéricos vivificados. Assim como a luz do Cristo irradia da Terra, temos à volta da Terra uma espécie de reflexão dessa luz. O que aqui é refletido como luz do Cristo, surgida como consequência do evento Crístico, é o que o Cristo denomina Espírito Santo. Tão verdadeiramente como a Terra inicia sua evolução para Sol por meio do evento do Gólgota, também é verdade que a partir desse acontecimento a Terra começa a tornar-se criativa e a criar à sua volta um anel espiritual, que mais tarde se tornará uma espécie de planeta ao seu redor.

Assim, a partir desse acontecimento do Gólgota passa-se no Cosmo algo de essencial. Outrora, quando a cruz se ergueu no Gólgota e o sangue jorrou das chagas de Jesus Cristo, foi criado um novo centro cósmico. Nós estávamos presentes quando esse novo centro cósmico foi criado! Estávamos presentes como homens, seja num corpo físico, seja fora da vida física entre o nascimento e a morte.

É assim que surgem novas criações de mundos! Mas devemos compreender que, ao observar o Cristo moribundo, estamos diante do ponto de partida de um novo Sol em formação.

O Cristo se une à morte, que na Terra se tornou a característica expressão do Espírito-Pai. O Cristo vai para o Pai e se une à sua expressão, a morte — e a imagem desta se torna inverídica, pois a morte se transforma em semente de um novo Sol no Universo. Se sentirmos esse acontecimento, se sentirmos essa inverdade da morte, se sentirmos que a morte se torna, na cruz, a semente da qual brota um novo Sol, então sentiremos também firmemente como a humanidade sobre a Terra deve tê-lo sentido e ansiado como o mais importante processo no âmbito da evolução humana.

Houve outrora uma época em que os homens ainda possuíam uma clarividência obscura e nebulosa. Eles viviam no espiritual, e viam retrospectivamente sua vida. Estando em seu trigésimo ano, viam em retrospecto o vigésimo, o décimo, etc., até seu nascimento, mas sabiam terem vindo para este nascimento das alturas divino-espirituais. Naquela época, o nascimento não era um início: como entidades espirituais, eles viam o nascimento e também a morte, e sabiam possuírem algo de espiritual, algo que não podia ser afetado por essa morte. Nascimento e morte no sentido atual ainda não existiam então; advieram depois, e receberam sua forma inverídica, ilusória na imagem exterior do Pai. Foi na imagem exterior do Pai que se transformou o aspecto característico da morte! E vendo a morte, os homens viram também como aparentemente ela destrói a vida. E a morte tornou-se cada vez mais uma imagem que representava o oposto da vida. Se a vida trazia toda espécie de sofrimentos, a morte representava o maior deles.

Como devia pensar sobre a morte aquele que via do exterior os acontecimentos terrestres — isto é, como esses acontecimentos se espelhavam na humanidade antes do surgimento do Cristo? Se descesse das alturas divino-espirituais como um ser superior, tendo uma visão diferente da visão dos homens, ele devia, ao contemplar a humanidade, falar tal qual o Buda.

Esse Buda havia saído de um palácio real, onde havia sido educado. Lá ele nada havia visto além daquilo que elevava a vida. Agora, porém, que saíra, viu um homem sofrendo, viu um homem doente, mas sobretudo viu um homem morto. Ao vivenciar isto, veio-lhe diante dos olhos a frase: “Doença é sofrimento! Velhice é sofrimento! Morte é sofrimento!” Assim o experimentara de fato a humanidade. E aquilo que toda a humanidade havia sentido extravasou da grande alma do Buda.

Então veio o Cristo. E após o Cristo, após passados seiscentos anos, tal como seiscentos anos haviam decorrido do Buda até o Cristo, havia pessoas que podiam dizer,

ao ver a cruz e seu Morto: “Esse que pende da cruz é o símbolo daquela semente da qual brota vida após vida!” Haviam aprendido a ter sentimentos verdadeiros a respeito da morte!

O Cristo Jesus desposou a morte, caminhou para ela, que se tornou a expressão característica do Pai – ele se uniu a essa morte. E da união do Cristo com a morte nasceu o começo de um Sol da Vida. E uma miragem, *maya* ou ilusão que a morte seja sinônimo de sofrimento. Se os homens aprenderem, no decorrer do futuro, a deixar a morte se lhes aproximar como se aproximou do Cristo, ela será na verdade o germe para a vida. E os homens contribuirão para um novo Sol e um novo sistema planetário à medida que, receptivos ao impulso Crístico, doarem algo de si próprios, tornando cada vez maior o Sol da Vida.

Alguém poderia objetar: “Isso é o que diz a Ciência Espiritual! Mas o que pretende você, com tal Cosmologia em contraposição aos Evangelhos?”.

O Cristo ensinou os que eram seus discípulos. E a fim de torná-los maduros para o que há de mais sublime, seguiu o método necessário para se aprender o sublime da maneira adequada: falou aos discípulos em metáforas – ou, como é traduzido em nossas Bíblias, em ‘parábolas’ – em analogias. Então chega o momento em que os discípulos se tornaram cada vez mais maduros, podendo sentir-se como tais para ouvir a verdade sem parábolas. E o Cristo Jesus faz chegar o momento em que deseja falar a seus apóstolos sem parábolas ou metáforas – pois os apóstolos querem ouvir o nome daquele por cuja razão ele viera ao mundo:

Até agora nada pedistes em meu nome. Rogai e recebereis, para que vossa alegria seja completa.

Estas coisas eu vos disse por meio de parábolas. Chegou, porém, o tempo em que não vos falarei mais por meio de parábolas, mas vos anunciarei abertamente a respeito de meu Pai.

Sintamos aproximar-se o momento em que ele quer falar a seus discípulos sobre o Pai!

No mesmo dia rogareis em meu nome. E não vos digo que quero rogar ao Pai por vós.

Pois Ele próprio, o Pai, ama-vos por me amardes e acreditardes que eu saí do Pai.

Eu saí do Pai.

Naturalmente ele saiu do Pai sob verdadeira forma, e não sob a forma enganosa do Pai.

Eu saí do Pai, e vim ao mundo; novamente deixo o mundo e vou para o Pai.

Agora se fez luz sobre os discípulos por terem eles amadurecido para o fato de o mundo à sua volta ser a expressão exterior do Pai, e o mais importante no mundo exterior – onde o mundo exterior é *maya* ou ilusão na maior parte – ser a expressão do Pai: o fato de a morte ser o nome para o Pai. Isto se abre aos discípulos. Basta lê-lo corretamente.

Dizem-lhe seus discípulos: Vê, agora falas abertamente, e não dizes parábola alguma.

Agora sabemos que sabes todas as coisas, e não necessitas que alguém te pergunte; por isso acreditamos que saíste de Deus. Jesus respondeu-lhes: Agora acreditais.

Vede, é chegada a hora em que vos dispersareis, cada qual para seu lado, e me deixareis sozinho. Mas eu não estou só; pois o Pai está comigo.

Eu vos disse estas coisas para que tenhais paz em mim.
Tendes medo do mundo; mas confiai: eu venci o mundo.

Sabiam os discípulos para onde ele iria agora? Sim, de agora em diante sabiam que iria para a morte, unindo-se a ela. E agora leiam o que ele lhes disse após haverem aprendido a compreender as palavras: “Eu saí da morte”, isto é, da morte em sua verdadeira forma, do Pai da Vida, “e vim ao mundo; novamente deixo o mundo e vou para o Pai”. Então dizem seus discípulos:

Agora sabemos que sabes todas as coisas, e não necessitas que alguém te pergunte; por isso acreditamos que saíste de Deus.

Agora os discípulos sabiam que a verdadeira forma da morte está fundada no Espírito divino do Pai; que a morte, tal como é vista e sentida pelos homens, é uma palavra ilusória, um engano. Assim o Cristo desvenda para seus discípulos o nome da morte, por trás da qual se esconde a fonte da mais sublime vida.

Jamais teria surgido o novo Sol da Vida se a morte não houvesse vindo ao mundo deixando-se vencer pelo Cristo. Assim a morte, vista em sua verdadeira forma, é o Pai. E o Cristo veio ao mundo porque um errôneo reflexo desse Pai surgiu na morte. E o Cristo veio ao mundo para criar a verdadeira forma, uma verdadeira imagem do Deus-Pai vivente. O Filho é o descendente do Pai, e revela sua verdadeira forma. Na verdade, o Pai enviou seu Filho ao mundo para que a verdadeira natureza do Pai fosse revelada, isto é, a vida eterna, oculta por detrás da morte temporal.

Isto não é simples Cosmologia da Ciência Espiritual. É o que se necessita para esgotar a plena profundidade do Evangelho de João. E aquele que o escreveu assentou aí simultaneamente sublimes verdades, podendo dizer: “Aí estão verdades das quais a humanidade poderá alimentar-se por todo o futuro. E à medida que aprender sempre mais a compreender e exercitar essas verdades, ela possuirá uma nova sabedoria e crescerá de nova forma no mundo espiritual.” Porém isto só acontecerá gradualmente. Por isso teve de ser propiciada pelos dirigentes da evolução cristã a possibilidade de, por assim dizer, criarem-se livros suplementares que se colocassem ao lado do Evangelho de João, livros não simplesmente dirigidos aos que compreendiam com a maior boa vontade, como no caso desse evangelho – um legado do Cristo para a eternidade –, mas livros suplementares para as épocas seguintes.

Inicialmente foi criado um livro do qual os primeiros séculos da evolução cristã, na medida de sua compreensão, puderam aprender o melhor do que necessitavam para o entendimento do evento Crístico. Sem dúvida havia poucos, com relação a toda a humanidade, que compreendiam esse livro e seu conteúdo. Esse primeiro livro, surgido não para os mais escolhidos, mas certamente para escolhidos, era o Evangelho de Marcos. Este possui justamente aquela disposição – e ainda voltaremos ao assunto – para, de certa forma, aproximar-se de uma certa compreensão daquela época.

Veio então um tempo em que se começou gradualmente a entender menos o Evangelho de Marcos, quando se orientava o entendimento humano para compreender da melhor forma toda a força do Cristo, em seu intrínseco valor para a alma humana, e ver com certo desdém o mundo físico exterior. Veio uma época em que se possuía a firme disposição para poder dizer: “Não têm valor os bens temporais exteriores; a verdadeira riqueza está no íntimo humano desenvolvido.” Era a época em que também Johannes Tauler, por exemplo, escreveu seu livro *Vom armen Leben Kristi* [Da vida pobre do Cristo]¹⁵, onde se compreendia especialmente o Evangelho de Lucas. Lucas, um discípulo de Paulo, é um dos que amoldaram o próprio Evangelho de Paulo à forma adequada a essa época, de maneira que antes de mais nada a Vida pobre’ de Jesus de Nazaré,

¹⁵ Johannes Tauler (cca. 1300-1361), místico alemão discípulo de Mestre Eckhart (cca. 1260-1328). (N.T.)

nascido num estábulo junto a pobres pastores, é enfatizada. Daí vemos a ‘vida pobre do Cristo’ de Johannes Tauler narrada no Evangelho de Lucas, um segundo livro suplementar para a evolução posterior da humanidade.

Em nossa época haverá novamente alguns homens que aprenderão da melhor forma aquilo de que são capazes, de acordo com a atualidade, a partir do Evangelho de Mateus. E ocorrerá que nossa época, apesar de talvez pouco escolher o nome ‘Mateus’, cada vez mais escolherá o que mais corresponda ao Evangelho de Mateus. Virá um tempo em que cada vez mais o homem afirmará nada poder compreender dos acontecimentos supra-sensíveis ocorridos por ocasião do batismo por João, tal como os descrevemos. Isto é algo que para muitos homens ainda reside no futuro. Vivemos no tempo em que aquele que em seu trigésimo ano de vida recebeu o Cristo será cada vez mais considerado – mesmo pelos pesquisadores da religião – como o ‘homem simples de Nazaré’. Os homens que assim desejam – para os quais o mais importante é o homem simples de Nazaré, pois atribuem ao Cristo um valor menor do que ao grande iniciado –, esses que preferem Jesus de Nazaré, acharão especialmente importante o Evangelho de Mateus, ao menos quanto ao sentido. Uma época de pensamento materialista pode dizer: – Investiguemos o Evangelho de Mateus, e aí encontraremos um registro hereditário, uma genealogia onde nos é mostrada a linha de antepassados de Jesus de Nazaré; ela desce de Abraão, através de três vezes catorze membros, até José. E tal como é dito “Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó” e assim por diante, assim segue até José e Jesus de Nazaré. E assim consta com o intuito de deixar bem claro que alinha física de ascendência e hereditariedade daquele corpo no qual nasceu Jesus de Nazaré em sua individualidade pode conduzir até Abraão. Se omitirmos José, essa árvore genealógica não terá o menor sentido. Se diante desse quadro genealógico falarmos de um nascimento supra-sensível, o quadro cessará de ter um sentido mínimo. Por que o escritor do Evangelho de Mateus se esforçaria por mostrar uma árvore genealógica através de três vezes catorze membros, se quisesse afinal dizer que Jesus de Nazaré não descende fisicamente, carnalmente de José? Só se pode entender o Evangelho de Mateus na ênfase de que a individualidade nascera num corpo realmente descendente de Abraão através de José. Era intenção dizer, com essa árvore genealógica: não, no sentido do Evangelho de Mateus, José não pode ser omitido! Por isso José não pode ser esquecido por aqueles incapazes de compreender o nascimento supra-sensível no sentido do batismo de João.

Mas o Evangelho de Mateus foi originalmente escrito dentro de uma comunidade onde não se atribuiu o principal valor ao Cristo, mas àquela individualidade surgida para o mundo na pessoa do iniciado Jesus de Nazaré. Ao Evangelho de Mateus subjaz o documento de iniciação conhecido pelos gnósticos ebionitas, e a tal escrito remonta esse Evangelho, tomando-o por modelo. Aí foi atribuído valor ao iniciado Jesus de Nazaré, e todo o restante se torna ainda mais nítido por constar no evangelho ebionita. Mas por esse motivo é que justamente no Evangelho de Mateus se dá aquela disposição que não é preciso exatamente ler – pois na verdade não consta aí –, mas que pode ser captada; pode-se ler o Evangelho de Mateus de forma a concluir que nele não se relata um nascimento sobrenatural. E novamente é propiciada a possibilidade de encontrar, naquilo que é descrito no Evangelho de Mateus, um símbolo para um deus, como é chamado, que na verdade não passa de um homem, embora Mateus não queira dizer isso. Mas aqueles que se referem hoje e cada vez mais a Mateus o interpretarão desse modo.

Para que a nenhum homem que queira aproximar-se do Cristo seja vedada a possibilidade de fazê-lo, existe também, tendo em vista os que não podem elevar-se de Jesus ao Cristo, o cuidado para que no Evangelho de Mateus encontrem os degraus que os façam evoluir até Jesus de Nazaré.

A pesquisa espiritual, no entanto, é chamada a elevar os homens à compreensão do Evangelho dos Evangelhos – ao Evangelho de João. Cada qual dos Evangelhos deve ser visto como uma contemplação do Evangelho de João. E os fundamentos para todos os outros evangelhos estão no Evangelho de João. Portanto, só compreendemos corretamente os demais evangelhos quando os observamos com base no Evangelho de João.

A contemplação do Evangelho de João conduzirá os homens a compreender no mais amplo sentido o que sucedeu no Gólgota – a compreender por qual mistério foi contestada, no âmbito da evolução da humanidade, a morte em sua forma inverídica. E os homens aprenderão a compreender como, pelo feito do Gólgota, não só é mostrado ao conhecimento que na verdade a morte é uma fonte de vida, mas como, por seu intermédio, foi possibilitado ao homem posicionar-se perante a morte, conduzindo-o a moldar seu próprio ser de forma cada vez mais vivida, até que afinal este se torne pleno de vida, isto é, possa ressuscitar de qualquer morte – até que tenha vencido a morte. Foi isto o que se desvendou a Paulo quando ele viu o Cristo vivo diante de Damasco, tendo-se então conscientizado: “O Cristo vive!” – quando, por seus olhos tornados clarividentes, olhou para as imediações da Terra, sabendo agora, como iniciado do Antigo Testamento: “Antes a Terra carecia de uma certa luz. Agora vejo nela essa luz. Portanto o Cristo, aquele que morreu na cruz, era o Cristo presente em Jesus de Nazaré!”

Assim, Paulo pôde compreender diante de Damasco o evento ocorrido no Gólgota.

14 7 de julho de 1909

A concepção cristã da vida

À pessoa despreparada, pode parecer um tanto estranho que ontem o nome do Espírito-Pai do mundo haja sido relacionado com o nome da morte. No entanto, os Senhores devem considerar o fato de haver sido simultaneamente dito que aquela forma oferecida pela morte ao homem, no mundo físico, não é verdadeira; portanto, à medida que o mundo físico nos parece vinculado à morte, por ser como é, não constitui uma verdadeira forma daquilo que o fundamenta, ou seja, da entidade divino-espiritual subjacente. No fundo, nada mais foi dito senão que o homem se entrega a uma ilusão, a um grande engano, a *maya* a respeito do que, no espaço à sua volta, é divulgado a seus sentidos e percebido por ele. Se ele reconhecesse a verdadeira forma, não teria a imagem sensorial, mas o espírito. Se reconhecesse a morte em sua verdadeira forma, veria nela aquela expressão que este mundo sensorial deve ter para exprimir o Espírito-Pai divino.

Para que a Terra pudesse surgir, um mundo anterior, supra-terreno teve de condensar-se até à matéria física, até à substância física no sentido terrestre. Com isto o mundo exterior pôde tornar-se a expressão de um mundo divino-espiritual, com criaturas junto e fora de si próprio. Todas as formas anteriores de nossa existência terrestre estavam mais ou menos inclusas na entidade divina. No antigo Saturno ainda não havia nosso ar, nem nossa água, nem nossa terra, isto é, nossos corpos densos. Todo o Saturno ainda era um corpo constituído de calor, um espaço térmico. E todas as entidades existentes em Saturno encontravam-se ainda no seio do Espírito-Pai. Assim também ocorria na antiga Lua. Somente na Terra a Criação saiu do seio da entidade divino-espiritual, tornando-se algo situado *ao lado* dela. A isto, porém, que se tornou também a

veste, o envoltório, a corporalidade física do homem, entremeou-se gradativamente, integrou-se aos poucos tudo o que existia de espíritos retardatários. Mas com isto esse algo não se tornou uma criatura, o que deveria ter-se tornado caso se houvesse transformado numa imagem da entidade divino-espiritual. Esta entidade, após haver trazido em seu seio todas as criaturas – nosso atual reino mineral, o reino vegetal, o reino animal e o reino humano –, como que os soltou a todos, estendendo-os qual um tapete à sua volta. E isto era agora uma imagem da entidade divino-espiritual. Assim deveria permanecer. Mas a isso se entremeou tudo o que havia ficado para trás, que havia sido expelido antes pela entidade divino-espiritual. Tudo isso se inseriu, e assim a Criação se tornou como que turva, menos digna do que, caso contrário, teria sido.

Essa turvação surgiu na época em que a Luz se separou da Terra, na época à qual nos referimos dizendo que, se nada houvesse advindo e a Lua não houvesse sido expelida, a Terra estaria para sempre deserta. Mas o homem tinha de ser cuidado de forma a poder alcançar sua autonomia. Ele tinha de encarnar-se numa matéria exterior, físico-terrestre. Tinha de ser conduzido, da época lemúrica através da época atlântica, de maneira a gradualmente encarnar-se numa substância físico-sensorial. Mas essa substância continha o que havia de entidades retardatárias. O homem nada mais podia fazer senão encarnar-se em envoltórios carnis contendo as entidades retardatárias.

Havia, na época atlântica, certas entidades que eram então companheiras dos homens. O próprio homem ainda era, nessa época, constituído de uma matéria sutil. O que hoje é a carne humana não tinha ainda a consistência atual. Vendo-se o homem na antiga Atlântida, quando o ar estava totalmente preenchido por densos e pesados vapores, sendo o homem um ser aquático, poder-se-ia dizer que ele era similar a alguns atuais animais marinhos gelatinosos, que mal podem ser distinguidos da água circundante. Assim era constituído o homem. Todos os órgãos já existiam embrionariamente, mas só pouco a pouco se adensaram, só gradualmente o homem recebeu os ossos e assim por diante. Portanto, estavam presentes sutis indícios materiais, que, no entanto, só se adensaram no decorrer do tempo.

Na primeira época da evolução atlântica ainda havia entidades que eram, por assim dizer, companheiras dos homens na medida em que o homem era então clarividente, podendo ver também as entidades que haviam realmente fixado sua morada no Sol e luziam para ele nos raios solares. É que não somente uma luz solar física vinha ao encontro do homem, mas com ela entidades visíveis a ele. E quando ele próprio se encontrava num estado comparável ao sono, podia dizer: “Agora estou fora de meu corpo e encontro-me na esfera onde vagueiam seres solares.”

Mas então chegou, por volta da metade e do último terço da era atlântica, a época em que a Terra se tornou cada vez mais densa em sua matéria física e o homem recebeu a disposição para desenvolver sua autoconsciência. Então essas entidades não eram mais visíveis, pois tiveram de retirar-se da Terra, da visão que o homem podia ter na Terra. Pela influência luciférica, o homem penetrou cada vez mais fortemente na matéria. Então se tornou possível a uma entidade, que deve ser referida como Lúcifer, instalar-se no corpo astral humano de forma que o homem descesse cada vez mais para um corpo físico denso. Porém as entidades que antes eram suas companheiras elevaram-se cada vez mais, naquela época. Diziam elas: “Nada queremos com as entidades retardatárias!” – e afastavam-se delas. No corpo astral humano penetraram as entidades luciféricas. As entidades superiores, no entanto, afastaram-se delas, impeliram-nas para baixo, dizendo: “Não deveis mais ascender conosco; vede como progredis na Terra!”.

Uma dessas entidades é representada por Micael¹⁶, aquele que lançou as entidades luciféricas no abismo para que se movimentassem no reino da Terra. E foi na entidade astral do homem que elas procuraram exercer sua atuação. O lugar dessas entidades não era mais o 'céu'. As entidades cujo cenário foi encontrado no céu lançaram-nas para a Terra. Tudo o que é mau, tudo o que é ruim tem, no entanto, seu lado bom, e está fundamentado na sabedoria do mundo. Essas entidades tinham de ser deixadas para trás no mundo a fim de submergir o homem na matéria física, somente dentro da qual ele podia aprender a dizer 'eu' de si mesmo, a desenvolver sua autoconsciência. Sem o envolvimento em *maya*, o homem não teria aprendido a dizer 'eu' de si próprio; mas teria sucumbido à ilusão caso esta e seus poderes – Lúcifer-Árimã – houvessem conseguido mantê-lo dentro dela.

Agora devo expressar algo que lhes peço – preciso dizer isto – ouvir com toda a prudência cognitiva. Pois só quando os Senhores meditarem sobre estes pensamentos, e até mesmo os tomarem literalmente – não no sentido em que uma visão materialista costuma fazer –, é que os compreenderão de modo correto.

O que tencionavam as entidades luciférico-arimânicas com o mundo físico? O que queriam elas com todas as entidades presentes agora no mundo, e sobre as quais podiam atuar após se haverem ligado à evolução terrestre na época atlântica?

Essas entidades – Lúcifer-Árimã – queriam nada menos do que manter todas as entidades existentes no mundo sob a forma como se entremearam à matéria física densa. Quando, por exemplo, uma planta cresce, brota de sua raiz, impelindo folha por folha para o alto até à flor, Lúcifer-Árimã tencionam então prolongar sempre mais esse brotar e crescer, isto é, fazer essa entidade que aí se desenvolve assemelhar-se à forma física, extirpando assim o céu da Terra. E também no caso dos animais, as entidades luciférico-arimânicas tendem a torná-los similares aos corpos em que se encontram, fazendo-os esquecer, dentro da matéria, sua origem divino-espiritual. Da mesma forma agiam eles com relação aos homens.

Para que isto não pudesse ocorrer, o Pai divino-espiritual veio e disse: “É verdade que os seres da Terra alcançaram em seu ápice – o homem – o conhecimento exterior no eu; mas não podemos entregar-lhes agora a vida! Pois a vida seria moldada de tal maneira que as entidades contidas nela seriam arrancadas de sua raiz divino-espiritual; o homem se integraria no corpo físico, esquecendo para sempre sua origem divino-espiritual.” O Espírito-Pai divino só podia salvar a lembrança da origem divino-espiritual propiciando a tudo o que aspira à matéria o benefício da morte. Assim se tornou possível que, ao crescer, a planta se projete para o alto até o momento da frutificação – e no mesmo momento murche a forma vegetal, surgindo uma nova forma a partir da semente. Mas ao entrar na semente a planta está por um momento no mundo divino-espiritual, sendo renovada por ele. E assim ocorre especialmente com relação aos homens. O homem seria exilado para a Terra e esqueceria sua origem divino-espiritual caso a morte não fosse disseminada sobre a Terra, caso o homem não recebesse sempre novas fontes de forças entre a morte e o novo nascimento, a fim de não esquecer sua origem divino-espiritual.

Ao provarmos a morte, onde se situa ela, na Terra? Questionemos isso com relação a um ser que, como a planta, nos alegra – um ser que regozija nossos olhos com magníficas flores e que em alguns meses não mais existirá. A morte lhe terá sobrevivido. Observemos um animal que nos seja fiel ou outro animal qualquer: em curto tempo ele não mais existirá. A morte lhe terá sobrevivido. Observemos um homem tal como está no mundo físico: após certo tempo a morte lhe sobrevirá. Ele não existirá mais, pois se

¹⁶ Ou, na terminologia cristã usual, Miguel Arcanjo. (N.T.)

continuasse esqueceria sua origem divino-espiritual. Observemos uma montanha. Virá um tempo em que a atividade vulcânica da Terra terá tragado a montanha: a morte terá passado sobre ela. Seja lá o que queiramos observar, nada existe ao qual não esteja entretecida a morte. Tudo na Terra está submerso na morte!

Assim, a morte é o benfeitor que arranca o homem de uma existência que o extraviaria totalmente do mundo divino-espiritual. Mas esse homem teve de vir ao mundo físico-sensível, pois somente aí lhe seria possível alcançar sua autoconsciência, sua individualidade humana. Se ele sempre passasse pela morte sem poder levar consigo algo do reino da morte, poderia certamente retornar ao mundo divino-espiritual, porém inconscientemente, sem individualidade. Ele deve adentrar o mundo divino-espiritual *com* sua individualidade. Deve, portanto, poder frutificar de tal forma o reino terreno – ao qual a morte está totalmente entretecida – que esta se torne semente para uma individualidade no eterno, no espiritual.

Mas essa possibilidade de a morte – que do contrário seria extermínio – se transformar em semente para a individualidade eterna foi dada pelo impulso Crístico. No Gólgota foi apresentada pela primeira vez a verdadeira forma da morte diante da humanidade. E pelo fato de o Cristo, a imagem do Espírito-Pai, seu Filho, haver desposado a morte é que a morte no Gólgota constitui um ponto de partida de uma nova vida e, como vimos ontem, de um novo Sol. E agora, após o homem haver conquistado um eu para a eternidade, tudo o que existia antes como seu tempo de aprendizado pode de fato desaparecer, e ele pode adentrar o futuro com sua individualidade salva, a qual será cada vez mais uma reprodução da individualidade crística.

Tomemos como exemplo do que acabamos de dizer um candelabro de sete velas acesas gradualmente, e observemos a primeira chama das sete como um símbolo para a primeira época da evolução humana, a evolução saturnina. Cada evolução decorre em sete pequenas subdivisões. Assim, temos na primeira chama do candelabro sétuplo um símbolo para as forças afluídas ao homem durante a época de Saturno. Dirigindo-nos à segunda chama, teremos aí um símbolo para as forças que afluíram ao homem a partir da evolução solar. Da mesma maneira, temos na terceira chama das sete um símbolo para as forças afluídas ao homem no decorrer da época lunar. E na quarta temos um símbolo para tudo o que afluíu ao homem a partir da evolução terrestre. Imaginemos que a luz do meio arda claramente e que as próximas queimem ainda em chamas brandas: o local da luz mediana é o momento em que o Cristo interferiu na evolução. Jamais as outras luzes poderiam ser acesas, jamais poderiam advir os tempos subseqüentes da evolução se o impulso Crístico não houvesse interferido na evolução da humanidade. Hoje esses tempos ainda são obscuros.

Se quiséssemos representar também simbolicamente a evolução futura, deveríamos, à medida que a próxima luz após a mediana se acendesse e se tornasse mais clara, deixar a primeira luz apagar-se. À medida que a seguinte se acendesse, deveríamos deixar a segunda apagar-se, e assim por diante; pois aqui está o começo de uma nova evolução solar! E quando as luzes tiverem sido acesas até à última, teremos podido apagar as primeiras, porque seus frutos terão fluído para as últimas luzes, transportando-se para o futuro.

Temos assim, no passado, uma evolução que recebeu suas forças do Espírito-Pai. Se o Espírito-Pai continuasse a atuar dessa forma, todas as luzes deveriam pouco a pouco apagar-se, porque Lúcifer-Árimã se imiscuiu. Mas, pelo fato de ter advindo o impulso do Cristo, agora brilha uma nova luz. Começa um novo Sol cósmico.

Sim, a morte devia entretecer-se a toda existência natural, pois aí se imiscuía Lúcifer-Árimã. E sem Lúcifer-Árimã a humanidade não haveria chegado à independência. Mas só com Lúcifer-Árimã a independência se teria tornado cada vez mais forte,

finalmente conduzindo ao esquecimento da origem divino-espiritual. Por isso nosso corpo teve de mesclar-se à morte. Não poderíamos levar conosco nossa individualidade para a eternidade se à expressão exterior do eu, situada no sangue, não se houvesse mesclado a morte.

Temos em nós um sangue da vida: a corrente arterial. E temos também um sangue da morte: o sangue venoso. A cada momento, para que nossa individualidade possa viver, a vida que flui no sangue arterial tem de ser morta no sangue venoso. Se não o fosse, o homem submergiria de tal forma na vida que esqueceria sua origem divino-espiritual. O esoterismo oriental possui um símbolo para essas duas espécies de sangue — duas colunas, uma vermelha e outra azul —: uma simbolizando uma vida que flui do Espírito-Pai divino, porém sob a forma em que se perderia a si própria; a outra, a exterminação da primeira. A morte é a mais forte, a mais vigorosa, provocando a eliminação daquilo que do contrário se perderia em si mesmo. Mas exterminar o que, do contrário, se perderia, significa chamar para a ressurreição!

Vemos assim como, mediante uma correta interpretação do Evangelho de João, adentramos o sentido de toda a vida. O que alcançamos ontem e hoje nada mais é, portanto, do que o seguinte fato: em nosso momento evolutivo iniciado com o número T da era cristã, surgiu algo altamente significativo para toda a evolução terrestre e, na medida em que a evolução cósmica se relaciona com a Terra, também para a evolução cósmica. Sim, com o evento do Gólgota foi criado um novo centro. Desde então, o Espírito do Cristo está unido à Terra. Ele se aproximou pouco a pouco, e desde essa época está presente na Terra. E cumpre aos homens aprender que o Espírito do Cristo está desde então na Terra, em cada produto da Terra; e que eles reconhecerão tudo do ponto de vista da morte se aí não avistarem implicitamente o Espírito do Cristo, mas reconhecerão tudo do ponto de vista da vida se o virem dentro do mundo.

Estamos apenas no início da evolução que é a evolução cristã. Seu futuro consistirá em vermos em toda a Terra o corpo do Cristo; pois desde aquela época o Cristo penetrou na Terra, criando nela um novo centro luminoso e permeando-a, luzindo para o Universo e estando eternamente entretecido à aura terrestre. Por isso, se hoje virmos a Terra sem o Espírito Crístico que lhe é subjacente, veremos o apodrecimento, a decomposição da Terra, seu cadáver se desfazendo. Onde quer que vejamos simplesmente matéria, veremos a inverdade.

Assim, não encontraremos a verdade se estudarmos os homens da Terra em seus cadáveres em decomposição. Se o fizerem, os Senhores só poderão, conseqüentemente, julgar os elementos terrestres, de maneira a dizer que “a Terra consiste em átomos de matéria”, não importando serem átomos estendidos espacialmente ou centros energéticos. Quando vemos átomos nos quais consistiria a Terra, vemos o cadáver terrestre, aquilo que continuamente se desfaz e que um dia não mais existirá quando a Terra não mais existir. E a Terra está-se dissolvendo.

Só reconheceremos a verdade quando em cada átomo virmos uma parte do Espírito do Cristo, que desde aquela época está aí presente. Em que consiste, pois, a Terra desde que o Espírito do Cristo a permeou? Até dentro do átomo a Terra consiste em vida, desde que o Cristo a permeou! Cada átomo possui, portanto, um valor e pode ser reconhecido pelo fato de vermos nele um envoltório que abriga um elemento espiritual. E esse elemento espiritual é uma parte do Cristo.

Tomemos algo da Terra. Quando é que o reconhecemos corretamente? Quando dizemos: “Eis uma parte do corpo do Cristo!” O que podia dizer o Cristo aos que o queriam reconhecer? Enquanto lhes partia o pão provindo da semente da Terra, ele pôde dizer: “Este é o meu corpo!” O que podia ele dizer-lhes enquanto lhes dava o sumo da videira, oriundo da seiva das plantas? “Este é o meu sangue!” Por haver-se tornado a

alma da Terra, ele pôde dizer ao que é sólido “Isto é a minha carne”, e à seiva vegetal “Este é o meu sangue!”, tal como os Senhores dizem à sua carne “Esta é a minha carne”, e ao seu sangue “Este é o meu sangue”. E os homens capazes de compreender o correto sentido destas palavras do Cristo formam imagens mentais que atraem para o pão e o sumo da videira o corpo e o sangue do Cristo, atraem para aí o Espírito do Cristo. E eles se unem ao Espírito do Cristo.

Surge assim uma realidade do símbolo da Última Ceia.

Sem o pensamento que liga ao Cristo o coração humano, nenhuma atração pelo Espírito do Cristo pode ser desenvolvida na eucaristia. Mediante essa forma de pensamento, porém, tal atração se desenvolve. E assim a comunhão será, para todos os que necessitam do símbolo exterior para consumir um ato espiritual, especialmente a união com o Cristo, o caminho até que sua força interior seja tão intensa, e eles estejam tão preenchidos pelo Cristo, que possam unir-se a ele sem a intermediação física exterior. O preparo para a união mística com o Cristo é a comunhão – apenas o preparo. É assim que devemos compreender essas coisas. E da mesma forma como tudo se desenvolve do físico para o espiritual sob a influência crística, em primeiro lugar devem desenvolver-se, sob a influência do Cristo, as coisas que inicialmente existiam como ponte: é do físico para o espiritual que deve desenvolver-se a comunhão, a fim de conduzir à verdadeira união com o Cristo.

Sobre estas coisas só se pode falar por alusões, pois apenas quando forem tomadas em sua plena dignidade sagrada é que elas serão entendidas em seu correto sentido.

Reconhecer que pelo evento do Gólgota o Cristo estava na Terra desde aquela época era uma tarefa para os homens. Estes deviam reconhecer isso gradualmente, deixando-se permear cada vez mais por seu reconhecimento.

Para tal, no entanto, era necessário o mediador. E um dos primeiros grandes mediadores foi aquele que de Saulo se tornou Paulo. O que podia Saulo saber, sendo ele uma espécie de iniciado judeu? Podemos exprimi-lo aproximadamente nas seguintes palavras:

Ele podia saber o que era propriedade da doutrina oculta hebraica. O que Zaratustra vira como *Ahura Mazdao*, o que Moisés vira na sarça ardente e nos raios e trovões sobre o Sinai como *ehjeh asher ehjeh*, como Javé ou Jeová – tudo isto, sabia ele, aproximara-se da Terra e estaria um dia num corpo humano, atuando nesse corpo para que a Terra experimentasse uma renovação. Agora, porém, ele se achava sob a impressão do julgamento de sua época e das leis judaicas. Ele acompanhara o evento do Gólgota; mas não podia concluir que aquele que morrera na cruz havia sido o portador do Cristo. Os acontecimentos por ele experimentados e vivenciados não podiam convencê-lo de que aquele que ele esperara segundo a iniciação judaica estivera encarnado em Jesus de Nazaré. O que devia ele, pois, vivenciar para convencer-se de que no Gólgota, no corpo agonizante de Jesus de Nazaré, estivera realmente o espírito imortal do Cristo?

De sua iniciação hebraica ele sabia: se o espírito Crístico esteve num corpo humano e se esse corpo estiver morto, o Cristo deve estar presente na aura terrestre. Então deve ser possível, a quem é capaz de ver a aura terrestre com olhos espirituais, ver aí o Cristo. Isto lhe era sabido; só que ele não era capaz, até então, de ver a aura terrestre. Na verdade ele era um iniciado na sabedoria, mas não um clarividente. Possuía, porém, uma predisposição para tornar-se um clarividente por via anormal, e ele próprio a menciona, descrevendo-a como uma graça que lhe fora concedida do Alto: diz de si mesmo que teve um nascimento prematuro, o que é usualmente traduzido por ‘um nascimento extemporâneo’. Ele não terminou seu tempo no ventre materno, tendo descido do mundo espiritual para o mundo físico quando ainda não havia submergido totalmente nos elementos da existência terrena. Veio ao mundo antes de desvincular-se

daquelas ligações pelas quais a pessoa ainda pertence inconscientemente aos poderes espirituais. O evento de Damasco foi possibilitado pelo fato de seus olhos espirituais lhe terem sido abertos como num nascimento ocorrido fora de tempo no mundo. Assim, seus olhos espirituais lhe foram abertos como num nascimento prematuro; ele viu a aura terrestre, e nela o Cristo. Portanto, o momento em que esse Cristo permeara um corpo humano já havia passado. A prova lhe havia sido fornecida pelo fato de o Cristo haver morrido na cruz – pois aquele de quem ele sabia que venceria a morte na Terra lhe aparecera espiritualmente vivo. Agora ele conhecia o evento do Gólgota em seu significado, sabendo: o Cristo ressuscitou! Pois aquele que ele havia visto não podia ser vislumbrado antes na aura terrestre. Agora ele compreendia as palavras: “Será difícil para ti lutar contra os espinhos.”

O que é o espinho? O próprio Paulo o expressou: “Morte, onde está o teu espinho? Em vão lutarás contra os espinhos. Pois se o fizesses, só conhecerias a morte. Mas agora não podes mais lutar contra a morte, pois viste aquele que venceu a morte.”

Com isto Paulo se tornou o anunciador do cristianismo, aquele que antes de tudo anunciou o Cristo espiritualmente vivo.

Por que razão era possível ver o Cristo na aura terrestre? Pelo fato de que no Cristo Jesus, como um primeiro impulso da evolução terrestre para dentro do futuro, novamente o corpo etérico foi o primeiro a ser totalmente permeado pelo Cristo. Naturalmente, o corpo etérico de Jesus de Nazaré estava totalmente permeado pelo Cristo. Por isso era um corpo etérico que tinha o corpo físico inteiramente sob seu domínio, e que pelo fato de dominá-lo podia restabelecê-lo após a morte, isto é, podia manifestar-se de tal forma que tudo o que estivesse presente no corpo físico surgisse novamente, porém a partir da força do corpo etérico. Quando, portanto, o Cristo foi visto depois da morte, tratava-se de seu corpo etérico. Mas para os que, pela força obtida dos acontecimentos, eram capazes de reconhecer não somente um corpo físico-sensível, mas também um corpo etérico com todas as manifestações do corpo físico, o Cristo ressuscitara como um ser corpóreo. E ele o era, na realidade.

Mas também no Evangelho nos é dito que o homem, quando avançado a ponto de o lado perecível desenvolver um lado imperecível, possui também uma visão superior. E ainda é dito que aqueles homens, já naquela época evoluídos para uma visão superior, podiam reconhecer o Cristo. Isto nos é dito de forma suficientemente clara; só que os homens não possuem a vontade para realmente ler o que está no Evangelho. Tomem, por exemplo, a primeira manifestação do Cristo após a morte. Aí consta:

Maria, porém, estava diante do túmulo, e chorava do lado de fora. Enquanto chorava olhou para o túmulo,

e viu dois anjos vestidos de branco, sentados um à cabeceira e outro aos pés do local onde eles haviam depositado o cadáver de Jesus.

E eles lhe disseram: Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Levaram o meu Senhor, e eu não sei onde o puseram.

E dizendo isto, ela se voltou e viu Jesus de pé, e não sabia que era Jesus.

Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela pensou que ele fosse o jardineiro, e disse-lhe: Senhor, tu o levaste? Dize-me, onde o puseste? Quero buscá-lo.

Disse-lhe Jesus: Maria! Então ela se voltou e disse-lhe: Rabino, isto é, Mestre.

Ora, imaginem os Senhores terem visto alguém há alguns dias, revendo-o dias depois. Acreditam que não o reconheceriam? Acreditam que lhe perguntassem se ele seria o jardineiro, e onde ele teria sido realmente colocado, se o estivessem vendo de fato? Mas temos de atribuir isso a Maria, ou a quem é descrito aqui como Maria, se

quisermos supor que quaisquer olhos físicos houvessem reconhecido e visto o Cristo da mesma forma como olhos físicos o haviam visto antes. Leiam o Evangelho segundo o espírito!

Inicialmente, o sagrado poder das palavras tinha de penetrar como força na mulher. Isto era necessário! Então lhe sobreveio o eco das palavras, reacendendo tudo o que ela havia visto antes. E isto tornou seus olhos espirituais capazes de ver o Ressurreto. Não é a mesma coisa o que nos diz também Paulo?

No caso de Paulo, os Senhores nunca duvidarão que mediante seus olhos espirituais ele haja vislumbrado o Cristo, quando novamente esse Cristo se encontrava apenas nas alturas espirituais, na aura terrestre. O que, no entanto, diz Paulo? E como uma prova para o fato de o Cristo estar vivo que ele indica sua aparição. E aponta, como aparições equivalentes,

[...] que ele foi visto por Cefas, e depois pelos Doze.

Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais muitos ainda vivem, tendo porém falecido alguns.

Depois foi visto por Jacó, depois por todos os apóstolos. Por último foi visto também por mim, como homem nascido prematuramente.

Pois eu sou o menor dentre os apóstolos, e como tal não mereço ser chamado apóstolo.

Ele situa as aparições recebidas pelos demais no mesmo nível da sua, que fora possibilitada aos olhos espirituais. Por isso diz Paulo literalmente: “Tal como eu vi o Cristo, assim o viram os demais.” Pelo que vivenciaram, diz Paulo, acendeu-se neles a força para ver o Cristo como um ressurreto.

Ora, compreendamos o que Paulo quer dizer. Sua visão é tal que pode ser reconhecida imediatamente como a antroposófico-espiritual, pois nos diz: — Existe um mundo espiritual. Se o observarmos com o impulso que nos foi dado pelo impulso Crístico, penetraremos nele de forma a encontrar aí também o próprio Cristo, aquele que passou pelo evento do Gólgota. — Era isto o que ele queria dizer. E o homem pode, especialmente pelo que se denomina a ‘iniciação cristã’, tornar-se pouco a pouco, com paciência e perseverança, por assim dizer um sucessor de Paulo, adquirindo gradualmente a capacidade de olhar para o mundo espiritual e ver o Cristo, numa visão espiritual face a face.

Em outras conferências eu aponteí freqüentemente os passos iniciais por cujo intermédio ascendemos à visão da própria entidade crística. Aí o discípulo deve reviver o que é descrito no Evangelho de João. Somente em mínimos esboços pode ser indicado, neste contexto, como o homem pode evoluir para o mundo espiritual — onde a Luz do Cristo se acendeu desde o evento do Gólgota —, quando ele decide percorrer uma certa escala de sentimentos.

O primeiro passo consiste em o homem dizer a si mesmo o seguinte:

“Observando a planta, vejo que ela cresce do solo terrestre mineral, vindo a florescer. Mas se a planta pudesse desenvolver consciência como o homem, teria de baixar o olhar para o reino das pedras, para o mundo mineral do qual ela cresce, e dizer: Tu, pedra, és um ser inferior a mim dentre os atuais seres da natureza, mas sem ti, reino inferior, eu não posso existir!”

“E da mesma forma, se o animal se aproximasse da planta e pudesse sentir como ela se situa na base de sua existência, deveria dizer: ‘Como animal, sou um ser superior a ti, planta, mas sem ti não posso existir!’ E em humildade o animal deveria curvar-se para a planta e dizer: ‘A ti, planta inferior, devo minha existência!’”

“E no reino humano deveria ser assim: cada qual que houvesse alcançado um grau mais elevado deveria descer o olhar, num sentido espiritual, para o que lhe é inferior e dizer: ‘Na verdade, pertenceis a um mundo inferior, mas tal como a planta deveria curvar-se à pedra e o animal à planta, o homem situado num grau superior deveria dizer: A ti, ser inferior, devo minha existência!’ “

Então se, durante semanas ou meses, talvez durante anos, sob a orientação de seu instrutor o homem se aprofundar totalmente em tais sentimentos de uma humildade universal, evoluirá a ponto de saber o que significa o ‘Lavapés’. Pois diante dele está uma visão espiritual direta daquilo que o Cristo fez ao ajoelhar-se diante de seus discípulos, sendo ele um ser superior, e lavar-lhes os pés. E todo o significado desse acontecimento se abre ao discípulo como uma visão, de forma que ele saiba ter ocorrido esse evento do Lavapés. O laço cognitivo leva-o a não mais necessitar de prova alguma disso, e sim a ver agora diretamente, no mundo espiritual, o Cristo na cena do Lavapés.

Então esse homem pode ser conduzido, pelo instrutor, a possuir a força para dizer: “Suportarei firmemente, sem queixar-me, todos os sofrimentos e dores que me possam sobrevir. Tornar-me-ei tão forte que tais sofrimentos e dores deixarão de sê-lo para mim, pois eu saberei: são necessidades do mundo!” Tendo-se tornado suficientemente firme na alma, brota-lhe dessa observação o sentimento anímico da ‘flagelação’, e o homem sente em si mesmo, espiritualmente, a ação do flagelo. Isto, porém, abre-lhe os olhos espirituais para que ele veja a própria flagelação tal qual está descrita no Evangelho de João.

Então o homem é levado a desenvolver aquela força superior em mais um grau, onde ele não apenas seja capaz de suportar sofrimentos e dores de todo o mundo, mas de dizer: “Eu possuo algo imensamente sagrado, pelo qual empenho toda a minha pessoa. Mesmo que o mundo me despeje escárnio e ironia, isso é para mim o mais sagrado. Escárnio e ironia de todos os lados não me deterão diante desse algo sublime, mesmo que eu fique só. Eu o defenderei!” Então o homem vivência em si, espiritualmente, a ‘Coroação de Espinhos’. E sem um documento histórico, seus olhos espirituais lhe transmitem a cena que no Evangelho de João é descrita como a Coroação de Espinhos.

E quando o homem, sob orientação adequada, consegue observar sua existência física de maneira totalmente diferente de antes, quando aprende a observar seu próprio corpo como algo que ele porta exteriormente – quando se lhe tornou um sentimento e uma sensação naturais dizer: “Eu carrego meu corpo como um instrumento exterior através do mundo!”, chegou então ao quarto grau da iniciação cristã, ao ato de ‘Carregar a Cruz’. Com isto ele não se tornou uma espécie de frágil asceta; pelo contrário, aprende então a lidar muito mais vigorosamente do que antes com aquilo que possui como instrumento físico. Quando aprendemos a considerar o corpo como algo que carregamos, chegamos ao quarto grau da iniciação cristã, o qual denominamos ‘Carregar a Cruz’. E então conquistamos o conhecimento para ver espiritualmente aquela cena do Cristo carregando sua cruz sobre as costas, tal qual aprendemos, por nossa força anímica elevada, a carregar nosso corpo como um lenho.

Então sucede algo que deve ser considerado o quinto grau da iniciação cristã, aquilo que se denomina a ‘Morte Mística’. Aí nos aparece, mediante nossa maturidade íntima, tudo o que está à nossa volta, todo o mundo físico-sensível, como que dissolvido. A escuridão nos rodeia. E surge um momento como se essa escuridão fosse rasgada ao meio qual uma cortina, e vemos por detrás deste mundo físico o mundo espiritual. Durante esse momento, porém, surge ainda algo mais. Já conhecemos tudo o que constitui a culpa e o mal em sua verdadeira forma, isto é, conhecemos, neste estágio, o que é a ‘Descida ao Inferno’.

E então aprendemos a considerar não só nosso corpo como algo estranho, mas a considerar todo o restante tão pertencente a nós quanto nosso corpo – a considerar tudo o que se encontra na Terra anexo a nós, tal como se fazia na antiga clarividência. E aprendemos também a considerar os sofrimentos das outras pessoas como pertencentes a um grande organismo, pertencentes a nós. Mas então estamos ligados a Terra na medida em que o reconhecemos. Vivenciamos o ‘estar confinado na terra’, o ‘Sepultamento’. E na medida em que estamos unidos à Terra, também ressuscitamos dela. Pois com isto experimentamos o que significa: A Terra está-se transformando num novo Sol!

Por meio do quarto, quinto e sexto graus da iniciação cristã alcançamos aquilo que nos capacita a ter uma visão própria do evento do Gólgota, a penetrar nele. Então não precisamos mais de documento algum. O documento serviu para guiar-nos pelos degraus acima.

Chega então o sétimo grau, chamado ‘Ascensão’ – em outras palavras, o reviver no mundo espiritual. É aquele grau do qual se diz, com razão, que não pode ser expresso com uma palavra tomada à nossa linguagem; que só pode ser imaginado por quem se tornou capaz de pensar sem o instrumento do cérebro. O milagre da Ascensão só pode ser pensado pelos que não mais são instruídos a pensar com o instrumento do cérebro físico.

Aqueles, que como fiéis, presenciaram a consumação do acontecimento do Gólgota e cujos olhos espirituais estavam abertos, tendo podido ver o que aí ocorreu, esses teriam sido capazes, como lhes descrevi, de ver o Cristo especialmente quando, dentro da aura terrestre, ele se comunicasse a seus olhos espirituais abertos. Assim eles teriam podido ver o Cristo – mesmo se ele, em certo sentido, conservasse sempre a mesma forma de antes –, se ele próprio, o Cristo, não houvesse alcançado, como entidade espiritual, algo pelo fato de haver vencido a morte! E agora chegamos a um conceito realmente difícil de compreender.

O homem está continuamente aprendendo enquanto se desenvolve de forma progressiva no grau em que se encontra. Mas não apenas o homem: todo o ser, do mais inferior ao mais supremo dos seres divinos, aprende enquanto se desenvolve continuamente. O que o Cristo fez como entidade divina no corpo de Jesus de Nazaré já foi descrito por nós, até agora, em seu efeito e seu fruto para a humanidade. Agora, porém, perguntamos: será que o Cristo vivenciou também em si próprio algo que o tenha conduzido a um grau superior? Sim, ele passou por isso. Também as entidades divino-espirituais vivenciam algo que as conduz a um grau superior. Porém o que ele experimentou – sua subida a um mundo superior àquele onde estivera antes – ele fez manifestar-se a seus companheiros na Terra como sua Ascensão. Por isso, também quem vive por meio do instrumento físico do cérebro como não-iniciado, como não-clarividente, pode entender, embora não vendo ele próprio, os seis primeiros graus da iniciação cristã. Porém o sétimo grau, a Ascensão, só pode ser compreendida pelo clarividente não mais ligado ao instrumento físico do cérebro, aquele que viu por si próprio o que significa pensar e ver sem o cérebro. É assim que essas coisas se relacionam.

Assim se desenvolveu o mundo na época que tivemos possibilidade de abordar nestas catorze conferências.

Já vimos a indicação do Cristo de que naquele cego de nascença curado por ele devia manifestar-se o que, numa vida anterior, o havia culpado. Portanto, o Cristo ensinava à humanidade, na medida do entendimento humano, a idéia da reencarnação. O carma, o aprofundamento nos motivos levados de uma encarnação a outra, eis o que ensinava ele. Ele o ensinava tal qual se faz ao ensinar para a vida prática. Ele queria dizer o seguinte: – Haverá um futuro em que todos os homens reconhecerão o carma, e

compreenderão que, se o homem faz algo ruim, não precisa ser castigado por um poder terreno externo; pois esse ato mau acarreta necessariamente uma compensação nessa ou em outra encarnação. Basta simplesmente inscrever seu ato no grande código da Crônica do Akasha, no mundo espiritual. Então não precisaremos julgá-lo, como homens; então poderemos colocar-nos, como homens, diante dele e entregar às leis espirituais o que ele fez, para que fique no mundo espiritual; podemos entregar o homem ao carma!

Jesus, porém, foi para o Monte das Oliveiras. E de manhã cedo voltou ao Templo, e todo o povo veio até ele; e ele sentou-se e os ensinou.

Mas os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério, colocaram-na no meio, e disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada em pleno ato de adultério. Moisés, porém, ordenou-nos em lei que a apedrejássemos; que dizes tu?

Eles o diziam para tentá-lo, para terem algo contra ele. Mas Jesus se abaixou e pôs-se a escrever com o dedo no chão.

O que escreveu ele? Ele inscreveu o pecado no mundo espiritual. E o pecado encontrará, a partir do mundo espiritual, sua compensação! Mas aos demais ele faz recordar se acaso não trazem culpa alguma na consciência. Pois só se nada tivessem para ajustar é que poderiam dizer não estarem relacionados com o pecado dessa mulher, podendo então julgá-la. No entanto, eles não sabem se por si próprios não teriam estabelecido, na vida anterior, a causa para o que sucede agora a ela; não podem saber se em vidas anteriores não levaram essa mulher a romper agora o casamento, se em vidas anteriores não cometeram esse pecado ou provocaram as causas para tal. Tudo está inscrito no carma. Jesus escreveu na terra, a qual eleja havia permeado com sua luz espiritual. Isto significa que confia à terra o que deveria ser o carma para a adúltera. Ele queria dizer: — Caminhai pela senda que agora vos prescrevo! Transformai-vos de maneira a dizer “nós não julgamos, e sim entregamos aquilo que está no homem ao ajuste cármico!”. Se os homens seguirem isto, chegarão ao carma. Não é necessário ensinar o carma como dogma. Nós o aprendemos por meio dos fatos. — Assim ensinava o Cristo.

Tais coisas, porém, só podiam na verdade ser escritas por aquele, dentre seus alunos e discípulos, que havia sido iniciado por ele próprio — o Lázaro-João. Também por isso, somente esse discípulo compreendia corretamente o que ocorrera quando um ser se havia aperfeiçoado desde o batismo por João para tornar-se, no corpo etérico, cada vez mais senhor do corpo físico, fazendo do corpo etérico um vivificador. Por isso também esse escritor do Evangelho de João compreendeu como é possível, àquilo que exteriormente ainda parece água, transformar-se de tal maneira que, ao ser bebido pelo homem, torna-se vinho para os órgãos humanos. Por isso ele compreende ser possível ter uma pequena quantidade de peixes e pães e, pela força do corpo etérico, atuar de maneira que as pessoas sejam saciadas. Mas isto o escritor do Evangelho de João nos disse; basta levar a sério o Evangelho. Acaso ele nos diz, em algum trecho, que os poucos pães e os poucos peixes hajam sido comidos como se costuma comer fisicamente? Em nenhum ponto ele o diz, mesmo que percorramos todo o Evangelho de João. Ele nos diz de forma clara e nítida — basta tomarmos cada palavra literalmente — que o Cristo partiu o pão, dirigindo porém ao Céu uma oração de graças:

Jesus porém tomou os pães, agradeceu e deu-os aos discípulos, e estes aos que haviam acampado; o mesmo com os peixes, o quanto quisessem.

Mas o sentido destas palavras, se as tomarmos no texto original — elas estão mal traduzidas para o nosso idioma —, é aproximadamente o seguinte: — Os discípulos passaram adiante os pães e os peixes, deixando cada qual fazer com eles o que quisesse;

ninguém, no entanto, pretendia com isso mais do que sentir, nesse momento, a força que emanava do poderoso corpo etérico do Cristo Jesus. Ninguém queria outra coisa. — E como ficaram eles saciados? No versículo 23 consta:

Vieram porém outros barcos do Tiberíades, aproximando-se do local onde eles haviam comido o pão mediante a ação de graças do Senhor.

Fora mediante a oração do Senhor que eles haviam comido o pão! Havia comido o pão sem realizar o ato físico. E por isso o Cristo Jesus pôde depois interpretar o ocorrido dizendo: “Eu sou o Pão da Vida!”

O que, portanto, eles haviam comido? A força do corpo do Cristo! O que poderia restar? Apenas a força do corpo do Cristo! Ela atuou com tal vigor que mais tarde ainda foi possível recolher as sobras.

Cada corpo, porém, consiste, segundo a visão oculta, em doze membros:

- ao membro superior se denomina o Carneiro,
- àquele que o segue, o Touro,
- ao membro onde estão ambas as mãos, os Gêmeos,
- ao peito se chama o Câncer,
- ao que está na região cardíaca do homem, o Leão,
- o que segue abaixo do tronco é a Virgem,
- depois as ancas, a Balança,
- segue abaixo o Escorpião,
- e depois: coxas, Sagitário, - joelhos, Capricórnio,
- pernas, Aquário,
- e os pés são os Peixes.

Em doze membros — e isso com boa razão — se divide o corpo humano. Ora, quando se recolhe o que sobra após haver utilizado a força do corpo do Cristo para a saciedade, é preciso fazê-lo em doze medidas!

Então eles recolheram as sobras, e encheram doze cestos com pedaços dos cinco pães de cevada restantes daqueles que haviam sido comidos.

Eles não haviam comido os pães de cevada. Havia comido a força emanada do Cristo. E haviam sido saciados por essa força mediante a ação de graças, enquanto o Cristo apelava às esferas das quais havia descido.

Assim devemos compreender a atuação do mundo espiritual no mundo físico. E assim podemos entender como os acontecimentos isolados se encaixam no acontecimento fundamental da transformação da Terra em Sol. Eles se inserem todos como poderosos eventos de forças nessa transformação. Por isso poderemos também compreender que o poderoso impulso outrora transmitido à Terra só poderia chegar aos homens lenta e gradualmente, devendo, portanto, lenta e gradualmente fluir para a humanidade. Como foi indicado ontem, o Evangelho de Marcos foi o primeiro apropriado a propiciar as grandes verdades aos homens. Isto foi nos primeiros séculos. Os homens deviam, por sua própria força, reconquistar aquilo de que se originaram. Tentemos compreender como o próprio homem desceu das alturas divino-espirituais até um ponto extremamente baixo, atingido na época em que o acontecimento do Gólgota provocou um novo anseio de elevação. Isto atuou como um poderoso impulso, impelindo novamente o homem para o alto. O homem havia descido de alturas divino-espirituais, baixando sempre mais. Então recebeu pelo impulso Crístico, depois de se haver

embebido com a luz espiritual recém-nascida, a força para reconquistar pouco a pouco tudo o que possuía antes, e da seguinte maneira:

Nas épocas imediatamente posteriores ao evento Crístico, o homem teve de recobrar o que havia perdido nos últimos séculos pré-cristãos; e só podia fazê-lo por intermédio do Evangelho de Marcos. O que ele havia perdido numa época ainda mais anterior teria de ser reconquistado nas épocas seguintes por meio de um evangelho que o orientasse mais para a interioridade. Este era o Evangelho de Lucas.

Mas dissemos também que, seiscentos anos antes do aparecimento do Cristo na Terra, tudo o que havia sido dado espiritualmente à humanidade e esta havia perdido fora gradualmente reunido pela grande entidade do Buda. Naquela época, seis séculos antes do Cristo, a entidade do Buda viveu e reuniu o que existia de sabedoria ancestral no mundo, aquilo que estava perdido para a humanidade e do qual o Buda se tornou um proclamador. Por isso nos é relatado que, quando o Buda vem ao mundo, seu nascimento é anunciado à sua mãe, Maya. Em seguida é narrado que alguém anuncia a criança: “Esta é a criança que se tornará o Buda, o Salvador, o guia para a imortalidade, a liberdade e a luz!” Em muitas lendas sobre o Buda é indicado que aos doze anos ele se perdeu, tendo sido reencontrado sob uma árvore, rodeado por trovadores e sábios da Antigüidade, aos quais ensinava. Em meu livro *O cristianismo como fato místico*, os Senhores poderão verificar como, seis séculos após o Buda, surgem no Evangelho de Lucas as mesmas lendas narradas a seu respeito, e como através desse evangelho ressurgem sob nova forma o que foi manifestado pelo Buda. No Evangelho de Lucas aparece, portanto, aquilo que já estava contido nas lendas do Buda. É até esse grau que coincidem as coisas quando as observamos à luz da pesquisa espiritual.

Adquirimos assim a convicção de que um documento como o Evangelho de João e os que lhe estão ligados contém uma infinita profundidade. Numa série de conferências, observamos essa profundidade. Se pudéssemos continuar estas conferências e duplicar sua duração, poderíamos extrair sempre novas profundezas dos Evangelhos. E poderíamos duplicar ainda esse tempo tão longo, e dobrá-lo ainda uma vez: poderíamos descobrir novas profundezas! E teríamos o pressentimento de que, no futuro do homem, poderão ser sempre extraídas novas profundidades do cerne desses documentos. Na verdade, os homens nunca terminam seu aprendizado na interpretação desses documentos. Nada há que precisemos acrescentar-lhes—devemos apenas preparar-nos para, mediante verdades ocultas, descobrir o que realmente está nos Evangelhos. Então se nos desvendará neles toda a conexão universal da humanidade e, por sua vez, a conexão desta com o Cosmo; aprendemos, assim, a olhar cada vez mais profundamente para o mundo espiritual.

No entanto, é pertinente a essa constatação dizermos, ao terminar de ouvir um ciclo de conferências como estas: nós não apenas adquirimos uma soma de conhecimentos, não apenas recebemos uma quantidade de verdades isoladas. Isto seria, apesar de indispensável, o menos necessário de tudo; só que não podemos receber a outra parte sem esta. Mas o que nos deve ressaltar de tais considerações como fruto especial é o seguinte: tudo o que recebemos com nosso espírito, se o mergulharmos em nosso coração, se transformará em sensibilidade para os fatos, em sensações, em impulsos volitivos. Se o que acolhemos pelo espírito se tornar calor cordial, dentro de nós se transformará em força, em força curativa para o espiritual, o anímico e o físico. Digamos então o seguinte: — Durante nossas considerações espirituais, estivemos mergulhados na vida do espírito. Adquirimos muitas coisas por intermédio dessa vida espiritual durante uma observação de catorze dias; mas não adquirimos apenas conceitos e idéias vazios, e sim verdades, conceitos e idéias capazes de brotar na alma para uma fortificação viva de nossos sentimentos e sensações. E esses sentimentos e sensações permanecerão — eles são imperdíveis para nós —, e com eles continuaremos a viver no

mundo. Nós não apenas aprendemos algo, mas tornamo-nos mais plenos de vida por meio do que aprendemos.

Deixemos este ciclo de conferências tendo acolhido esses sentimentos, e então a Ciência Espiritual se nos tornará conteúdo de vida; então a Ciência Espiritual será para nós não algo que nos suprimirá a vida exterior, mas algo como uma imagem do que de mais elevado nos foi descrito nestas conferências. Foi-nos caracterizado que, apesar de a morte ter de existir no mundo, a visão que temos da morte não é correta; o Cristo nos ensinou a correta visão da morte. Com isto a morte se tornou a semente para uma vida superior.

Lá fora, longe do âmbito destas conferências, brota a vida, flui a existência exterior em que vivem os homens. A pesquisa espiritual não reduzirá essa vida em qualquer átomo, nada tirará dessa vida. Mas a concepção que habitualmente se tem dessa vida antes de vê-la com o espírito é incorreta, e esse aspecto errôneo tem de parecer-nos a ilusão da vida. Devemos deixar morrer em nós essa ilusão da vida, e então da semente que ganharemos por meio de uma ilusão surgirá em nós uma vida superior. Isto, porém, só ocorrerá quando acolhermos a visão espiritual viva. Com isto não nos tornaremos ascetas, mas justamente por isso aprenderemos a reconhecer a vida em sua forma real e a exercer sobre ela um domínio correto, propiciando-lhe um acertado fruto. Por esse motivo, porém, cristificamos a vida à medida que vivemos de forma cristã a própria Ciência Espiritual, vivenciando uma imagem de como a morte se torna um retrato da vida. Na mesma proporção em que fazemos da Ciência Espiritual uma atitude moral nossa, não nos afastamos da vida, mas aprendemos a reconhecer o que está errado em nossas concepções a respeito dessa vida. E então prosseguimos fortificados por uma concepção acertada, prosseguimos como trabalhadores para a vida à qual não nos subtraímos após havemos ganho força e vigor dentro dessa contemplação que nos conduz ao mundo espiritual.

Se de alguma forma conseguimos estruturar estas conferências de forma a torná-las frutíferas na vida, de modo que contribuam com um pouco, um mínimo que seja, para que os Senhores aprendam a sentir o conhecimento do espírito como uma elevação da vida, como calor vital em seu sentir, pensar e querer, a luz que extraímos da cosmovisão antroposófica resplandecerá como o fogo do calor vital, como o fogo da vida. E se esse fogo for suficientemente intenso para poder manter-se e continuar a arder na vida, estará alcançado o que almejei ao decidir proferir estas conferências.

Com estas palavras, permito-me depositar em seus corações os sentimentos que acabo de exprimir como um assunto de meditação interior.